

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS**

ALESSANDRA REGINA GUERRA

**FUNÇÕES TEXTUAL-INTERATIVAS DOS MARCADORES
DISCURSIVOS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista,
Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título
de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de concentração:
Análise Lingüística).

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves

São José do Rio Preto – SP

2007

Guerra, Alessandra Regina.

Funções textual-interativas dos Marcadores Discursivos / Alessandra Regina Guerra. – São José do Rio Preto: [s.n.], 2007.
233 f. ; 30 cm.

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Lingüística. 2. Coesão (Lingüística) 3. Gramática textual-interativa. 4. Marcadores discursivos. 5. Conexão (Lingüística) 6. Tópico discursivo. I. Gonçalves, Sebastião Carlos Leite. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'1

COMISSÃO JULGADORA

Membros Titulares

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador
(IBILCE/UNESP/São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran
(IBILCE/UNESP/São José do Rio Preto)

Profa. Dra. Marli Quadros Leite
(FFLCH/USP/São Paulo)

Membros Suplentes

Profa. Dra. Maria Célia Lima Hernandez
(FFLCH/USP/São Paulo)

Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi
(IBILCE/UNESP/São José do Rio Preto)

AGRADECIMENTOS

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Pela enorme confiança.

Por me permitir ser teimosa (às vezes).

Pela orientação: em qualquer hora, em qualquer lugar.

Pela amizade.

Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran

Pela clareza, cuidado e organização na exposição dos tópicos em sua disciplina, que contribuiu de maneira decisiva para o desenvolvimento deste trabalho.

Pelos comentários, sempre, valiosíssimos.

Professores do Programa

Por contribuírem direta ou indiretamente para um maior amadurecimento intelectual.

FAPESP

Por viabilizar a realização deste trabalho (Proc.: 05/58011-1).

Eduardo Penhavel

Por despertar em mim o amor pelo meu objeto de estudo e por tentar, diariamente, me explicar em que ele consiste.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – INVESTIGAÇÃO TEÓRICA	13
1.1. Abordagens no estudo de Marcadores Discursivos.....	13
1.2. A Gramática Textual-Interativa.....	25
1.2.1. Princípios Teóricos.....	25
1.2.2. A unidade de análise da Gramática Textual-Interativa.....	28
1.2.3. Os Marcadores Discursivos na Gramática Textual-Interativa.....	30
1.3. Resumo.....	34
CAPÍTULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS	35
CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS	41
3.1. Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos.....	41
3.1.1. Funções predominantemente textuais.....	42
3.1.2. Funções predominantemente interacionais.....	60
3.1.3. Redefinição de Marcadores Discursivos.....	74
3.2. Correlação forma-função.....	78
3.3. Resumo.....	91
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figuras

Figura 1:	Matrizes-padrão dos Marcadores Discursivos	33
Figura 2:	Rearranjo da combinação de traços entre as variáveis <i>articulação de segmentos do discurso</i> e <i>orientação da interação</i>	66
Figura 3:	Rearranjo da variável <i>orientação da interação</i>	72
Figura 4:	Matrizes-padrão dos Marcadores Discursivos	74
Figura 5:	Matrizes-padrão dos MDs: recombinação de traços das variáveis 2 e 3 ..	75
Figura 6:	Matrizes-padrão dos MDs: eliminação dos <i>traços forma única e forma variante</i>	75
Figura 7:	Matrizes-padrão dos MDs – inclusão da combinação <i>seqüenciador tópico e seqüenciador da interação</i>	76

Gráfico

Gráfico 1:	Procedimentos de articulação tópica	57
-------------------	---	----

Quadros

Quadro 1:	Matrizes-padrão dos Marcadores Discursivos	32
Quadro 2:	Características do <i>corpus</i> de análise.....	37
Quadro 3:	Constituição formal dos MDs.....	79
Quadro 4:	Funções gerais dos MDs e subfunções predominantemente textuais e predominantemente interacionais.....	82

Tabelas

Tabela 1:	Correlação entre forma e função geral dos Marcadores Discursivos	82
Tabela 2:	Correlação entre forma e subfunção textual dos Marcadores Discursivos	84
Tabela 3:	Correlação entre forma e subfunção interacional dos Marcadores Discursivos	86

GUERRA, A. R. *Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos*. São José do Rio Preto, 2007, 233p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

RESUMO

FUNÇÕES TEXTUAL-INTERATIVAS DOS MARCADORES DISCURSIVOS

O objetivo deste trabalho é, a partir de uma análise comparativa entre as principais abordagens teóricas do estudo de Marcadores Discursivos (MDs) e da identificação de princípios elementares comuns a essas abordagens, especificar, e, assim, precisar, a definição de MDs da Gramática Textual-Interativa (GTI). Especificamente, o objetivo é levantar, no *corpus* selecionado, todas as unidades que preenchem os traços de um núcleo piloto definidor de MDs e, então: (i) definir funções específicas predominantemente textuais dessas unidades, como forma de especificação da variável *articulação de segmentos do discurso*; (ii) definir funções específicas predominantemente interacionais, como forma de especificação da variável *orientação da interação* (JUBRAN & KOCH, 2006); e (iii) identificar as diferentes formas morfosintáticas que funcionam como MDs e, então, possíveis correlações sistemáticas entre as formas e as (sub)funções dos MDs. A investigação teórica preliminar permitiu constatar que diferentes abordagens de MDs compartilham algum tipo de função conectiva. Com base nesse princípio da conectividade, foi especificada, e, em alguns aspectos, reformulada a definição de MDs da GTI. A parte da pesquisa referente à definição de subfunções predominantemente textuais evidenciou a necessidade de estabelecimento de critérios precisos de distinção entre *seqüenciamento tópico* e *seqüenciamento frasal*. A esse respeito, mostraram-se relevantes os seguintes critérios: (i) *grau de integração sintática e semântico-pragmática entre o segmento e seu antecedente*, (ii) *grau de integração prosódica entre o segmento e seu antecedente*, (iii) *grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do Segmento Tópico*. Essa parte da análise permitiu distinguir três subfunções predominantemente textuais: *Introdução*, *Seqüenciamento* e *Fechamento de Segmentos Tópicos*. A definição de subfunções predominantemente interacionais compreendeu um rearranjo da variável *orientação da interação*, a partir do princípio de conectividade, o que resultou na proposta de substituição dessa variável pela variável *seqüenciamento da interação*. Com base na análise de dados, foram definidas cinco subfunções predominantemente interacionais como especificação da função *seqüenciamento da interação*: *Checking*, *Feedback*, *Injuntivo*, *Iniciador* e *Interpelativo*. Na busca da correlação entre forma e função, corroborou-se o estatuto dos MDs como uma categoria multifuncional, sendo que essa multifuncionalidade pôde ser satisfatoriamente sistematizada em termos de tendências e frequências (Proc. FAPESP 05/58011-1).

Palavras-chave: marcadores discursivos, Gramática Textual-Interativa, conectividade, coesão, tópico discursivo.

GUERRA, A. R. *Discourse markers textual-interactive functions*. São José do Rio Preto, 2007, 233p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

ABSTRACT

DISCOURSE MARKERS TEXTUAL-INTERACTIVE FUNCTIONS

This study aims at refining Textual-Interactive Grammar (TIG) definition of Discourse Markers (DMs) based on both a comparative analysis among the main theoretical approaches on DMs and on the identification of common principles within such theories. The investigation aims particularly at searching the corpus for all the units which match the features of a defining pilot core and then (i) defining these units' predominantly textual functions as a way of specifying the *discourse segments articulation* variable; (ii) defining predominantly interactional functions as a way of specifying the *interaction orientation* variable (JUBRAN & KOCH, 2006); and (iii) identifying the different morfo-syntactic forms which function as DMs as well as possible systematic correlations between such forms and DMs (sub)functions. The preliminary theoretical investigation has shown that different approaches on DMs share some kind of connective function. TIG definition of DMs was stated and, in some aspects, reformulated according to this connective principle. The part of this investigation dealing with the definition of predominantly textual sub-functions evidenced the need to establishment accurate criteria in order to distinguish topical sequencing and clausal sequencing. As to this, the following criteria have proven to be relevant: (i) syntactic and semantic-pragmatic integration degree between the segment and its antecedent, (ii) prosodic integration degree between the segment and its antecedent, (iii) the textual-interactive relevance degree of the segment within the Topic Segment. This analysis showed the predominantly textual sub-functions: *Introduction*, *Sequencing* and *Topic Segment Closing*. The definition of predominantly/primarily interactional sub-functions implied a rearrangement of *interaction orientation* variable based on the connectivity principle what led to a proposal to substitute this variable with the interaction sequencing one. Data analysis has allowed the definition of five predominantly interactional sub-functions as a way of specifying the interaction sequencing function: *Checking*, *Feedback*, *Jussive*, *Starting*, *Interpellative*. On the search for the correlation between form and function, MDs have been proven a multifunctional category and such functionality could be satisfactorily systematized in terms of tendencies and frequencies (Proc. FAPESP 05/58011-1).

Key words: discourse markers, Textual-Interactive Grammar, connectivity, cohesion, discourse topic.

INTRODUÇÃO

Desde meados da década de 1980, vem sendo produzida, em Lingüística, uma extensa bibliografia sobre o que tem sido denominado *Marcadores Discursivos* (doravante MDs). Trata-se de uma ampla série de trabalhos que vem, cada vez mais, evidenciando a relevância dos elementos assim denominados na organização do discurso e que vem dando origem a diferentes tipos de abordagens, cada uma especializada em diferentes aspectos desses elementos.

No entanto, a maioria dos trabalhos recentes tem chamado a atenção para a diversidade de concepções de MDs e, principalmente, para a ausência de uma noção minimamente consensual sobre o que de fato sejam esses elementos. Diferentes autores compartilham a idéia de que os MDs operam na organização do discurso, mas divergem em relação ao aspecto da organização do discurso em que operam. Por exemplo, depreende-se do estudo de Schiffrin (1987) a focalização da função de estruturação textual dos MDs, enquanto Fraser (1999) centra-se nas relações pragmáticas desses marcadores. Rouchota (1996) também analisa MDs como elementos pragmáticos, porém defende que eles não sinalizam, primordialmente, relações pragmáticas entre segmentos textuais, mas entre um segmento e um contexto. Autores como Taboada (2006) consideram como MDs elementos que podem marcar relações de natureza retórica entre enunciados.

Eventualmente, MDs são, ainda, equiparados a *Marcadores Conversacionais*, como os estudados por Marcuschi (1989), os quais compreendem, sobretudo, mecanismos diretamente relacionados à organização conversacional do discurso. Por outro lado, autores como Risso *et al.* (2006) consideram, de forma mais integrada, a função dos MDs em diferentes aspectos da organização do discurso.

Pode-se verificar que esses diferentes trabalhos não chegam a adotar concepções

excludentes entre si, diametralmente opostas; antes se trata de conceitos inseridos em trabalhos com interesses particulares. Essa diversidade de tratamentos, natural no estudo de qualquer objeto, e obviamente produtiva e necessária para o avanço da pesquisa, parece ser o aspecto que dificulta o alcance de uma formulação teórica e operacional de definições criteriosas e minimamente consensuais do que sejam os MDs. Pons (1998, *apud* FREIXEIRO MATO, 2005) chega a catalogar setenta tipos diferentes de definições de MDs. Risso *et al.* (2002, p.22) observam que “se tem incluído sob a rubrica de ‘marcadores’ todos os recursos discursivos ‘com os quais não se sabe o que fazer. A sua lista não se fecha nunca e não se lhes dá uma definição integrante’”.

As imprecisões se tornam evidentes, por exemplo, quando são observados os diferentes constituintes arrolados como MDs na literatura sobre o assunto, que inclui conjunções, advérbios, formas verbais, sintagmas relativamente cristalizados, orações inteiras, sons não lexicalizados e procedimentos de natureza não-verbal. Não há, inclusive, em torno dos MDs, um consenso terminológico, aparecendo, para se referir a mecanismos que desempenham basicamente a mesma função, expressões como *articuladores textuais*, *marcadores conversacionais*, *conectivos discursivos*, *operadores discursivos*, *operadores argumentativos*, *marcadores de estruturação da conversação*, *apoios do discurso*, *sinais de estruturação* etc.

Além da falta de consenso entre diferentes abordagens, o que constitui o principal alvo de críticas às pesquisas sobre MDs, também podem ser observadas certas imprecisões no interior de cada abordagem em particular. No Brasil, a abordagem mais aprofundada no estudo de MDs atualmente é a desenvolvida pela *Gramática Textual-Interativa*, abordagem adotada neste trabalho, no desenvolvimento de seus objetivos específicos. Segundo o conceito desenvolvido por essa abordagem, para a identificação de MD, as funções que o elemento exerce são definidoras, sendo consideradas típicas as funções gerais de *seqüenciamento tópico*

e de *orientação da interação*. Não são definidas, porém, de forma sistemática, subfunções mais específicas dessas duas funções gerais, o que torna relativamente imprecisa uma análise mais detalhada de MDs. A ausência de uma maior especificação dessas funções leva à inclusão, no rol de MDs, de elementos de natureza e funcionamento muito diversos, e, por conseqüência, à formação de uma classe muito heterogênea. Além disso, a função de *orientação da interação*, em particular, parece, a princípio, distanciar-se um pouco do conceito de MDs desenvolvido por outras abordagens, o que requer uma maior precisão ou até mesmo uma certa reformulação dessa noção.

Enfim, o que pode ser observado, nas pesquisas sobre MDs, é a necessidade de trabalhos comparativos que explicitem e sistematizem concordâncias e divergências entre diferentes abordagens, bem como a necessidade de que cada trabalho individual procure nortear-se por esse quadro comparativo. Em outros termos, esse tipo de comparação permitiria que cada novo trabalho sobre MDs se contextualizasse, definisse o seu lugar e objetivo dentro do quadro geral de estudos sobre MDs, o que certamente contribuiria para um maior esclarecimento sobre essa temática; além disso, tal comparação permitiria que cada trabalho pudesse ser desenvolvido (ou não) com algum alinhamento aos demais trabalhos, contribuindo, assim, para o alcance de certo consenso sobre MDs.

Nesse sentido, o **objetivo** deste trabalho é, num primeiro momento, desenvolver uma investigação teórica geral sobre similaridades e diferenças teóricas e metodológicas entre diferentes abordagens no estudo de MDs, procurando identificar princípios elementares comuns entre as diferentes concepções de MDs.

Com base nos resultados dessa investigação teórica, o trabalho objetiva, num segundo momento, especificar, e, assim, precisar, a definição de MDs da Gramática Textual-Interativa (RISSO *et al.*, 2006) no que se refere às funções que exercem. Trata-se de, a partir de análise de dados:

- (i) definir subfunções predominantemente textuais dos MDs por meio da especificação da variável *articulação de segmentos do discurso* (RISSO *et al.*, 2006, p.406);
- (ii) definir subfunções predominantemente interacionais dos MDs por meio da especificação da variável *orientação da interação* (RISSO *et al.*, 2006, p.407);
- (iii) identificar as diferentes formas morfossintáticas que funcionam como MDs e, então, buscar possíveis correlações sistemáticas entre as formas e as (sub)funções dos MDs.

Norteados por esses propósitos, o trabalho procura aprofundar os estudos sobre MDs dentro de uma abordagem particular, mas adequando-se a princípios comuns compartilhados por outras abordagens, procurando, assim, contribuir para o alcance de um consenso em torno dessa temática de pesquisa.

Para tentar desenvolver esses objetivos, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: no capítulo 1, são apresentados (i) os resultados da investigação teórica sobre diferentes abordagens dos MDs e (ii) uma síntese, mais específica, da Gramática Textual-Interativa e de sua concepção de MDs; no capítulo 2, são apresentados os procedimentos metodológicos; no capítulo 3, são apresentados e discutidos os resultados da análise de dados: (i) as subfunções textual-interativas dos MDs, bem como a redefinição de MDs, e (ii) o cruzamento entre formas e (sub)funções; no capítulo final, são apresentadas as conclusões desta investigação.

CAPÍTULO I

INVESTIGAÇÃO TEÓRICA

1.1. Abordagens no estudo de MDs

A investigação bibliográfica da presente pesquisa evidenciou a necessidade de trabalhos comparativos entre as diversas abordagens de estudo de MDs, os quais explicitem e sistematizem similaridades e diferenças entre elas. Nesta seção, são sintetizados e discutidos os resultados da parte da pesquisa voltada para esse ponto, a qual compreendeu uma investigação (introdutória) de algumas das principais abordagens de estudo de MDs, visando à identificação de algum princípio teórico e metodológico elementar comum a essas abordagens, hipótese que, como será mostrado, se verificou positivamente.

Procurando equacionar a diversidade de trabalhos sobre MDs, Fraser (1999) distingue quatro abordagens principais: a abordagem representada por Schiffrin (1987), a representada por Fraser (1990, 1997), a da Teoria da Relevância (BLAKEMORE, 1987, 1992) e a da área de estudos da coerência do discurso (MANN; THOMPSON, 1987, 1988).

Schiffrin (1987) desenvolve um dos trabalhos mais extensos sobre MDs e que mais contribui para sua definição como uma categoria, inclusive para a fixação da denominação *marcadores discursivos*. A autora define MDs como “elementos seqüencialmente dependentes que delimitam unidades discursivas” (grifos acrescentados).¹ Ela analisa, detalhadamente, 11 MDs (*oh, well, and, but, or, so, because, now, then, I mean, y’know*), verificando como eles operam, em associação entre si, na formação de estruturas e, assim, na construção do discurso. Ela focaliza, dentre outros aspectos, como esses MDs são usados para distinguir as partes de figura e fundo, em segmentos narrativos, e de posição e suporte, em segmentos argumentativos.

¹ Cf. o original: *sequentially dependent elements which bracket units of talk* (SCHIFFRIN, 1987, p.31).

Em (1), por exemplo, *and* torna-se uma norma textual e *so* cria um contraste seqüencial com essa norma. Embora o segmento (a-h) seja uma narrativa, (i) faz uma transição da narrativa para a posição que o falante vinha desenvolvendo anteriormente, utilizando a narrativa como suporte para essa posição. Nesse caso, o falante contrasta *and* dentro da narrativa com *so* fora da narrativa. Esse contraste define o segmento todo (a-i) como uma estrutura na construção do discurso.

- (1) a. **And** I said, em, ‘Would you like t’have another baby?’
 b. He says, ‘now?!’
 c. I said, ‘Yeh:!’
 d. **And**, he says, ‘Well I don’t know.’
 e. **And** we did.
 f. We had JoAnn, and it was becau-
 g. **and** now, whenever she sees us, she says you have to thank me.
 h. That you have your daughter.
 i. **So**... yeh. They’re very good friends of ours. (SCHIFFRIN, 1987, p.132)

O principal interesse de Schiffrin (1987), como também constata Fraser (1999, p.934), é o de analisar o modo como os MDs contribuem para a coerência do discurso. A autora focaliza a “coerência local, isto é, a coerência que é construída por meio de relações entre unidades adjacentes no discurso” (SCHIFFRIN, 1987, p.24), e distingue cinco planos de organização do discurso, cada um com seu próprio tipo de coerência:

- (i) **Estrutura de Troca:** que reflete os mecanismos do intercâmbio conversacional e mostra os resultados do processo de troca de turnos conversacionais e como os turnos são relacionados entre si;
- (ii) **Estrutura de Ação:** que reflete a seqüência de atos de fala que ocorre dentro do discurso;
- (iii) **Estrutura Ideacional:** que reflete certas relações entre as idéias (proposições) encontradas no discurso, incluindo relações coesivas, relações tópicas e relações funcionais;
- (iv) **Esquema de Participação:** que reflete o modo como falantes e ouvintes podem se relacionar entre si e com o enunciado;
- (iv) **Estado da Informação:** que reflete a organização e o gerenciamento do conhecimento e do metac conhecimento envolvidos no processamento do discurso.

(SCHIFFRIN, 1987, p.25-29 *apud* FRASER, 1999, p.934)

Redeker (1990, 1991) faz uma revisão de alguns aspectos do trabalho de Schiffrin, dentre eles, dos planos de coerência do discurso. Defende essa autora que o Esquema de

Participação e o Estado da Informação não são independentes dos outros três e, portanto, devem ser incorporados a eles, o que resulta um modelo revisado de coerência do discurso, baseado em três componentes: Estrutura Ideacional, Estrutura Retórica e Estrutura Sequencial, que, grosso modo, correspondem, respectivamente, à Estrutura Ideacional, à Estrutura de Ação e à Estrutura de Troca, de Schiffrin (1987). Redeker (1990, 1991) enfatiza que todo enunciado sempre participa nesses três componentes, em geral participando, predominantemente, em um deles (REDEKER, 1990 *apud* FRASER, 1999, p.935).

Assim, a autora concentra o estudo de MDs na análise de sua função no processamento da coerência desses três componentes. Segundo ela, duas unidades estão relacionadas:

- **ideacionalmente**, quando pressupõem o comprometimento do falante com a existência da relação no mundo que o discurso descreve; por exemplo, seqüência temporal, elaboração, causa, consequência;
- **retoricamente**, quando a relação mais forte não é entre as proposições expressas nas duas unidades, mas entre as intenções ilocucionárias que elas veiculam; por exemplo, antítese, concessão, evidência, justificativa, conclusão;
- **seqüencialmente**, quando há relação paratática (transição entre partes ou tópicos) ou relação hipotática (que conduzem para dentro ou fora de um comentário, de uma correção, de uma paráfrase, de uma digressão ou de uma interrupção), entre sentenças discursivas adjacentes relacionadas entre si de forma frouxa (ou indiretamente relacionadas)

(REDEKER, 1990, p.369; 1991, p.1168 *apud* FRASER, 1999, p.936).

A segunda abordagem distinguida por Fraser (1999) é desenvolvida dentro da área da Pragmática e se refere, principalmente, ao conjunto de seus próprios trabalhos (FRASER, 1987, 1988, 1990, 1993, 1996, 1999 e, mais recentemente, 2005). Fraser (1988, 1990, 1993) caracteriza um MD como uma expressão lingüística que (i) tem um significado central que pode ser enriquecido pelo contexto; e (ii) sinaliza a relação, pretendida pelo falante, entre o enunciado que o MD introduz e o enunciado anterior (FRASER, 1999, p.936). Em (2)-(8) seguem exemplos do que o autor analisa como MDs.

- (2) Jack played tennis, **and** Mary read a book.
- (3) Jack played tennis. **And** Mary read a book.
- (4) A: Harry is quite tall. B: **In contrast**, George is quite short.
- (5) The picnic is ruined. The mayonnaise has turned rancid. There are ants in the chicken. **Furthermore**, the beer is warm.
- (6) Sue won't eat. **Consequently**, she will lose weight
- (7) Mary is angry with you **because** you ran over her cat with your car.
- (8) You should read **while** doing that (FRASER, 1999, p.939-940)

Os exemplos (2)-(8) ilustram pontos essenciais da concepção de Fraser: todos os exemplos explicitam MDs como expressões relacionais; o exemplo (5) mostra que MDs, segundo o autor, relacionam não apenas duas sentenças, mas podem relacionar uma sentença a um grupo maior de sentenças; (2) e (3), por exemplo, mostram, respectivamente, que tanto expressões intra- quanto intersentenciais são consideradas MDs; (2) e (7) mostram que são MDs tanto itens que operam parataxe quanto itens que operam hipotaxe; os exemplos mostram, ainda, as três categorias morfológicas que, segundo o autor, podem funcionar como MD, conjunções (subordinativas e coordenativas), advérbios e sintagmas preposicionais; e os exemplos mostram que são analisadas como MDs expressões com função de marcar uma relação semântico-pragmática entre dois segmentos de elaboração, como em (2), (3) e (5), de contraste, como em (4), de inferência, como em (6) e (7), ou de temporalidade, como em (8).

Fraser (1999, p.938) afirma que, independentemente de serem denominados *marcadores discursivos*, *conectivos discursivos*, *operadores discursivos* etc, os elementos em questão compartilham uma propriedade comum: impõem uma relação entre algum aspecto do segmento discursivo de que são parte (S2) e algum aspecto de um segmento discursivo anterior (S1). Ou seja, funcionam como uma relação de dois lugares, um argumento residindo em S2, e outro, em S1. O autor representa a forma canônica como $\langle S1.MD+S2 \rangle$. E, mais recentemente, Fraser (2005) propõe bases para uma teoria de MDs, definindo-os da seguinte forma:

- (9) Dada uma seqüência de segmentos discursivos S1 – S2, tal que cada um codifica uma mensagem completa, uma expressão lexical LE funciona como um marcador discursivo se, quando ocorre na posição inicial de S2 (S1 – LE + S2), LE sinaliza que uma dentre as seguintes relações semânticas se mantém entre S2 e S1: elaboração, contraste, inferência ou temporalidade (FRASER, 2005, p.5).²

A análise da abordagem de Schiffrin e da de Fraser já permite observar um princípio comum na análise de MDs: o de considerar como MDs elementos de natureza relacional, ou seqüencial, ou conectiva. No trabalho de Schiffrin, esse princípio se manifesta na consideração de MDs como “elementos seqüencialmente dependentes”, e, no de Fraser, na consideração de que MDs relacionam necessariamente dois segmentos (S1 e S2), dispostos seqüencialmente.

A terceira abordagem de MDs distinguida por Fraser (1999) é a desenvolvida no interior da Teoria da Relevância, uma teoria neogriceana, como observa Freixeiro Mato (2005, p.21). Nessa abordagem, os MDs são tratados como um tipo de implicatura convencional, com ênfase voltada para o modo como eles impõem restrições sobre implicaturas. Blakemore (1987, 1992) propõe que os MDs não têm um significado representacional, como as expressões lexicais, mas apenas um significado procedural, que consiste em instruções sobre como manipular a representação conceitual do enunciado (FRASER, 1999, p.936). Os exemplos (10) e (11) ilustram MDs sob essa abordagem.

- (10) The house is not beautiful. **Moreover**, it is too expensive.
 (11) He was terribly hungry **but** not a bite did he eat.

Em (10), o MD *moreover* indica que o segmento seguinte deve ser interpretado no contexto de uma adição (*elaboration*) ao enunciado anterior; em (11), *but* indica que, dentre as várias possibilidades de continuação do discurso após o enunciado *he was terribly hungry*,

² Cf. o original: For a sequence of discourse segments S1 – S2, each of which encodes a complete message, a lexical expression LE functions as a discourse marker if, when it occurs in S2-initial position (S1 – LE+S2), LE signals that a semantic relationship holds between S2 and S1 which is one of: elaboration, contrast, inference or temporality (FRASER 2005, p.5).

o discurso subsequente deve ser interpretado no contexto específico de um contraste com uma expectativa criada pelo enunciado anterior.

A quarta abordagem distinguida por Fraser (1999) envolve o campo da coerência do discurso, o qual inclui a Teoria da Estrutura Retórica proposta por Mann & Thompson (1987, 1988), entre outros trabalhos (KNOTT; DALE, 1994, TABOADA, 2006 etc.). Essa abordagem focaliza a natureza das relações entre as sentenças de um texto, tal que o conteúdo de uma sentença pode fornecer elaboração, circunstância ou explicação para o conteúdo de outra. Taboada (2006, p.2) refere-se aos MDs como sinais de que um segmento textual em processamento deve ser ligado a algum outro segmento de uma forma particular; os MDs são usados no reconhecimento de relações retóricas. Em (12) e (13), seguem exemplos dessa abordagem de MDs.

(12) Tom quit his job **because** he was tired of the long hours.

(13) Uh... August eighth at nine thirty would be, fine. **If**, that's okay with you as well.

Segundo essa abordagem, em (12), existe uma relação de coerência entre *Tom quit his job* e *he was tired of the long hours*, que permite que essas orações sejam colocadas lado a lado na construção do texto, isto é, em relação de causa-conseqüência, que é explicitada por recurso ao MD *because*. Similarmente, em (13), o MD *if* explicita que é uma relação de condição que sustenta o encadeamento de *August eighth at nine thirty would be, fine* e *that's okay with you as well* na construção do texto.

Nessas duas últimas abordagens, o princípio de conectividade também pode ser observado. Taboada (2006, p.12), ao analisar em sua pesquisa um tipo particular de *corpus*, define como MDs apenas conjunções coordenativas e subordinativas; ela exclui preenchedores de pausa e outros marcadores de hesitação (*I mean, you know*) por considerar que estes “realizam várias funções diferentes e nem sempre relacionam dois segmentos de fala tão fortemente quanto outros

marcadores”.³ Rouchota (1996) afirma que, na Teoria da Relevância, os MDs são vistos como ligando uma unidade do discurso e um contexto, que pode ser o discurso anterior, embora normalmente não o seja; nessa abordagem, inclusive, os MDs são denominados *conectivos discursivos* (*discourse connectives*).

A esse respeito, como também observa Penhavel (2007a), Rouchota (1996) identifica uma divergência entre a Teoria da Relevância e o que denomina *Teoria da Coerência* (que corresponde à quarta abordagem distinguida por Fraser, 1999). Segundo Rouchota (1996, p.199), a Teoria da Coerência considera que um texto constitui um conjunto de relações implícitas de coerência (relações de causa, seqüência, condição, evidência, elaboração etc.), sendo que a compreensão de um texto envolve “reconhecer” essas relações. Nesse sentido, os MDs são usados como uma forma de explicitá-las. Em (14), por exemplo, o MD *but* explicitaria uma relação de contradição existente entre a primeira e a segunda oração.

(14) He votes Tory **but** I trust him.

(ROUCHOTA, 1996, p.201)

Diferentemente da Teoria da Coerência, a Teoria da Relevância não considera que os MDs ligam o enunciado que introduzem a unidades anteriores, mas ligam esse enunciado a um contexto, isto é, restringem as possibilidades de implicações contextuais, especificando o contexto em que o enunciado introduzido pelo MD deve ser interpretado. Nesse sentido, dado um enunciado, como a primeira oração em (14), o ouvinte tem à disposição diferentes possibilidades de interpretação de um enunciado seguinte (evidência, explicação etc.), porém, o uso de *mas* exclui essas possibilidades e indica que a segunda oração em (14) é relevante como negação de uma expectativa criada pela primeira.

Pode-se observar que, embora apresente uma visão particular de conectividade, ainda

³ Cf. o original: ... *these markers realize many different functions and do not always relate two spans of talk as tightly as other markers do.*

assim essa propriedade está presente na Teoria da Relevância: os elementos analisados como MDs estão na fronteira entre dois enunciados, especificando o contexto em que o enunciado introduzido pelo MD deve ser interpretado em relação ao anterior e, assim, o modo como o segundo enunciado se relaciona ao primeiro.

Referindo-se à diversidade de trabalhos sobre MDs, Taboada sintetiza alguns trabalhos de forma interessante para a presente discussão, vindo a evidenciar o princípio de conectividade:

Fraser (1999) propõe que marcadores discursivos são conjunções, advérbios e sintagmas preposicionais que conectam duas sentenças ou orações. Redeker (1990, 1991) sugere que marcadores discursivos ligam não apenas sentenças contíguas, mas uma sentença ou um enunciado com seu contexto imediato. Schiffrin (1987, 2001), por outro lado, acredita que marcadores discursivos podem ter funções locais e globais (isto é, podem conectar significados proposicionais ou, na conversação, determinar a estrutura da troca de turnos). (...). Para Blakemore (1987, 1992, 2002), que trabalha com o modelo da Teoria da Relevância (SPERBER & WILSON, 1995), esses marcadores impõem restrições sobre as implicaturas que o ouvinte pode extrair do discurso: o discurso sem conectivos está aberto para mais de um tipo de implicatura. Louwerse and Michell (2003) consideram conectivos como mecanismos coesivos que sinalizam relações de coerência, marcando pontos de transição dentro de uma sentença, entre sentenças, ou entre turnos, no nível local e global da conversação e do discurso. A concepção desses autores de marcadores discursivos como mecanismos coesivos está em linha com a concepção de coesão de Halliday e Hasan (1976), pela qual conjunções sinalizam coesão por meio de relações aditivas, adversativas, causais e temporais (TABOADA, 2007, p. 7).⁴

No mesmo sentido, Pons (1998, *apud* FREIXEIRO MATO, 2005), discutindo a diversidade de trabalhos sobre MDs, identifica 70 tipos diferentes de definições de MDs; porém, propõe uma classificação em quatro grupos, que colocam em evidência o princípio de conectividade:

⁴ Fraser (1999) proposes that discourse markers are conjunctions, adverbs and prepositional phrases that connect two sentences or clauses together. Redeker (1990; 1991) suggests that discourse markers link not only contiguous sentences, but the current sentence or utterance with its immediate context. Schiffrin (1987; 2001), on the other hand, believes that discourse markers can have both local and global functions (i.e., they may connect propositional meaning or, in conversation, determine the structure of the exchange). Schiffrin also includes items that Fraser would probably not consider discourse markers: *oh, y'know, I mean*. For Blakemore (1987; 1992; 2002), who works within the framework of Relevance Theory (Sperber and Wilson, 1995), these markers impose constraints on the implicatures the hearer can draw from the discourse: discourse without connectives is open to more than one type of implicature. Louwerse and Mitchell (2003) consider connectives as cohesive devices that cue coherence relations, marking transition points within a sentence, between sentences, or between turns, both at the local and the global levels of conversation and discourse. Their consideration of discourse markers as cohesive devices is in line with Halliday and Hasan's (1976) account of cohesion, by which conjunctions signal cohesiveness by means of additive, adversative, causal and temporal relations (TABOADA, 2006, p.7).

(i) definições que implicam mais do que união (conexão); (ii) definições centradas na união (umas especificamente relativas à conexão, outras centradas na conexão textual, outras centradas na união de argumentos e outras centradas em usos específicos da união), (iii) definições relacionadas à união (expletivos e valor modalizante) e, por último, (iv) definições relacionadas à estrutura da informação (PONS, 1998, *apud* FREIXEIRO MATO, 2005, p.54).⁵

No Brasil, o estudo de MDs foi desenvolvido sobretudo na área de Lingüística Textual, principalmente como parte dos trabalhos de Koch (1984, 1989, 1997, 2002, 2004). A autora focaliza a função textual desses elementos, denominando-os, a propósito, *articuladores textuais*:

“o encadeamento de segmentos textuais, de qualquer extensão (períodos, parágrafos, subtópicos, seqüências textuais ou partes inteiras do texto), é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos lingüísticos que se denominam articuladores textuais” (KOCH, 2002, p.133).

Segundo a autora, tais articuladores (i) podem relacionar elementos de conteúdo, como em (15), (ii) podem estabelecer relações entre dois ou mais atos de fala, exercendo funções enunciativas ou discursivo-argumentativas, como em (16), e (iii) podem desempenhar funções de ordem meta-enunciativa, como em (17) (KOCH, 2002, p.133-141; 2004, p. 129-144). Como se pode observar, o traço de conectividade subjaz também ao conceito de *articuladores textuais*.

- (15) **A primeira vez que ele a encontrou**, foi à porta da loja Paulo Brito, no Rocio. Estava ali, viu uma mulher bonita e esperou, já alvoroçado, porque ele tinha em alto grau a paixão das mulheres. Marocas vinha andando, parando e olhando como quem procura alguma casa. **Defronte da loja**, deteve-se um instante; **depois**, envergonhada e a medo, estendeu um pedacinho de papel ao Andrade, e perguntou-lhe onde ficava o número ali escrito

(KOCH, 2002, p.133-134)

- (16) (...) Variola ou influenza, outro vírus disponível no paiol biológico – causador de uma pneumonia que progride driblando o sistema imunológico até matar – , são as duas possibilidades mais temidas. **Afinal**, um terrorista suicida precisa apenas contaminar-se e passar duas semanas viajando pelos aeroportos do globo para causar uma epidemia de proporções mundiais.

(KOCH, 2002, p.135)

⁵ i) definicións que implicán mais do que a unión, (ii) definicións (o) centradas na unión (unhas especificamente referidas á conexións, outras centradas na conexión textual, as centradas na unión de argumentos e as centradas en usos específicos da unión), (iii) definicións relacionadas coa unión (expletivos e valor modalizante) e, por último, (iv) definicións relacionadas coa estrutura da información (PONS, 1998, *apud* FREIXEIRO MATO, 2005, p.54).

(17) **Sinceramente...** não consigo entender o que você está querendo insinuar.

(KOCH, 2002, p.137)

Particularmente no âmbito da Gramática Textual-Interativa (JUBRAN, KOCH, 2006), foi desenvolvida, nos últimos anos, uma concepção aprofundada e detalhada sobre MDs, que pode ser considerada atualmente a principal abordagem brasileira no estudo desses elementos – é no interior dessa abordagem que são desenvolvidos os objetivos específicos da presente pesquisa. Sob essa abordagem, os MDs são concebidos como uma categoria gradiente, sendo definidos pelo contrabalanceamento de dez variáveis.⁶ Dessas variáveis, cinco são definidas como mais significativas, e, dentre estas, encontra-se a variável *articulação de segmentos do discurso*, o que evidencia, também nessa abordagem, a presença do traço de conectividade. O exemplo (18), extraído de Risso (2006, p. 461), ilustra um MD que manifesta esse traço, isto é, um MD predominantemente textual.

(18) L2 – Antonio Marinho ... ele morreu numa noite de São João
 L1 – é
 L2 –e quando ele tava morrendo procuravam a vela {"comadre cadê a vela? Sempre tinha uma comadre que tá ali ajudando o sujeito a morrer ... porque tudo se ajuda até morrer} ... **então...** procuraram a vela e não encontraram ... foram na fogueira tiraram um tição botaram o tição na mão do Antônio Marinho ele olhou e disse "morrendo e aprendendo"

No entanto, a definição de MDs dessa abordagem admite duas combinações de traços em que não se verifica o traço de conectividade, isto é, combinações em que, na variável em questão, ocorre o traço *não-sequenciador*. Trata-se de MDs predominantemente interacionais. Nesses casos, o que confere ao elemento o estatuto de MD, em termos de função, não é o fato de ser um articulador de segmentos, mas de ser um elemento basicamente orientador da interação. O exemplo em (19), de Urbano (2006, p. 500), ilustra esses casos.

⁶ O conceito de MDs nessa abordagem é apresentado detalhadamente nas próximas seções.

- (19) L1 – agora em dois dias da semana ... eu levo à faculdade também ... **não é?**
 (L2 - **ahn ahn**
 L1 – e:: depois volto para casa

O presente trabalho dedica uma análise e uma discussão especiais a esses casos (cf. seção 3.1.2.), uma vez que esses tipos de MDs, ao não apresentarem, a princípio, o traço de conectividade, parecem representar um desvio significativo da concepção de MDs da abordagem em questão em relação às demais abordagens. A esse respeito, o presente trabalho analisa se é possível identificar algum tipo de conectividade nesses tipos de MDs e, então, discute como a definição de MDs pode ser reformulada de modo a alinhar-se a esse princípio.

A comparação entre a concepção de MDs da Gramática Textual-Interativa e das demais abordagens permite obter esclarecimentos relevantes. Como observa Penhavel (2007a), quanto ao aspecto da conectividade, as abordagens apresentam particularidades fundamentais. Para a Pragmática e para a Teoria da Relevância, que, cada uma a seu modo, vêem MDs como mecanismos pragmáticos que guiam a interpretação do interlocutor, e para a Teoria da Coerência, segundo a qual os MDs marcam relações de coerência entre sentenças, o processo de coordenação e o processo realizado por MDs não são excludentes entre si. Para essas abordagens, a conjunção *mas*, em (20), funciona como MD; casos assim, aliás, são listados como exemplos típicos de MDs.

- (20) João caiu da bicicleta, **mas** não se machucou.

(PENHAVEL, 2007a, p.13)

Por outro lado, na abordagem de Schifffrin, são analisados como MDs mecanismos ligados à delimitação de unidades discursivas (blocos de sentenças, ou entidades correspondentes); e, na Gramática Textual-Interativa, para que um MD seja analisado como prototípico, tem de apresentar o traço de *seqüenciador tópico*, e não o de *seqüenciador frasal*, como é o caso de *mas*, em (20). Essas duas abordagens, ao contrário das outras três, parecem

analisar MDs com relação a sua função na estruturação do discurso, o que justificaria a distinção entre coordenadores, por um lado, como elementos de estruturação da sentença gramatical, e MDs, por outro, como elementos de estruturação de unidades discursivas mais amplas (PENHAVEL, 2007a).⁷

Em contextos como o de (20), a análise de *mas* como MD ou não, bem como de outras conjunções, constitui um dos pontos mais controversos na bibliografia sobre o assunto, um problema que, no entanto, poderia ser equacionado de forma satisfatória se contextualizado em quadros comparativos como o introduzido acima (PENHAVEL, 2007a). A comparação esboçada reforça a observação de que as abordagens em questão compartilham o traço de conectividade, mostrando, especificamente, o modo como cada uma mantém esse princípio.

Enfim, ainda que de forma apenas introdutória, o tipo de estudo comparativo entre diferentes abordagens como o aqui desenvolvido é imprescindível no atual estágio da pesquisa sobre MDs. Torna-se essencial que cada trabalho particular sobre MD realize inicialmente esse tipo de análise, para que a abordagem do fenômeno possa ser contextualizada num quadro geral de pesquisa, possibilitando tanto sua melhor delimitação e compreensão, quanto o direcionamento rumo a princípios gerais, contribuindo, dessa forma, para formação de um maior consenso em torno dessa temática. A esse respeito, no cotejo de diferentes abordagens, o presente trabalho pôde identificar o princípio elementar da conectividade, com vistas a especificar e reformular (em alguns aspectos), sob o filtro de tal princípio, a definição de MDs da Gramática Textual-Interativa.

⁷ Fraser considera MDs como elementos pragmáticos e analisa a conjunção *mas*, em (20), como um caso de MD; porém, ao contrário da Teoria da Relevância e da Teoria da Coerência, a própria definição de MDs de Fraser contempla também o fato de os segmentos relacionados pelo MD poderem constituir blocos de sentenças. Trata-se, assim, de uma abordagem mais integrativa relativamente à articulação textual do discurso (PENHAVEL, 2007a). Também a abordagem de Koch considera como MDs tanto elementos que fazem seqüenciamento frasal quanto os que fazem seqüenciamento tópico.

1.2. A Gramática Textual-Interativa

1.2.1. Princípios teóricos

A Perspectiva Textual-Interativa, ou Gramática Textual-Interativa (doravante GTI), tal como exposta em Jubran (2006), constitui uma abordagem de estudo do texto resultante da fusão de três disciplinas, a Lingüística Textual, a Pragmática e a Análise da Conversação. Trata-se de uma abordagem integradora dessas três disciplinas, uma vez que se forma a partir de seus princípios teóricos e metodológicos, e reestruturada, na medida em que não se constitui como uma simples junção dos pressupostos de cada uma delas, mas opera um rearranjo dos aspectos considerados.

A GTI concebe a linguagem como uma forma de ação exercida entre pelo menos dois interlocutores dentro de um contexto específico. A linguagem é assim a manifestação de uma competência comunicativa, que, por sua vez, não tem um caráter de exclusão ou de adição à competência lingüística (entendida como um sistema interno de regras). A competência comunicativa aciona esse saber lingüístico,

conjugando-o a operações instauradas por uma ordem específica de fatores que dão estatuto textual ao produto da interlocução verbal. Os textos, unidades que resultam da ação verbal, são, nesse sentido, “entidades comunicativas verbalmente realizadas e não entidades lingüísticas que adicionalmente possuem um caráter comunicativo” (JUBRAN, 2006, p.28-29).

Sob essa perspectiva, o lugar ocupado pela competência comunicativa é respaldado pela entrada da linha **Pragmática**, abordagem que se soma às outras duas para formação da GTI. A Pragmática orienta para que os dados lingüístico-textuais somente sejam descritos a partir de seu funcionamento em situações concretas de uso da linguagem, ou seja, a questão da linguagem é vista relativamente aos usuários situados no processo de interação verbal.

A entrada da **Lingüística Textual**, segundo Jubran (2006), é de fundamental

importância devido aos subsídios que oferece para o estudo do objeto de estudo da GTI, que é o texto. O ponto de vista adotado não é, no entanto, o da primeira fase da Linguística Textual, denominado “análise interfrástica”, que procurava estender a análise sintático-semântica da frase para o nível das relações textuais interfrásticas, mas o das duas últimas fases, denominadas “virada pragmática” e “virada cognitiva”, que enfatizam a análise do texto, respectivamente, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais dos falantes e como resultado de processos cognitivos e sócio-interacionais.⁸

A **Análise da Conversação** também compõe o quadro teórico e metodológico da GTI, como visto acima. Porém, não se trata da Análise da Conversação de tendência etnometodológica, característica dos trabalhos iniciais dessa área, mas da Análise da Conversação de orientação eminentemente lingüística, com base na qual a GTI procura explicar como os falantes interagem com os mais variados tipos de conhecimentos lingüísticos e não-lingüísticos em busca de objetivos bem definidos na formulação de textos cooperativos, denominando essa competência conversacional de *competência comunicativa*.

Em resumo, segundo Jubran (2006), a GTI está fundamentada teoricamente no tripé Pragmática / Linguística Textual / Análise da Conversação, tendo como preocupação essencial o funcionamento da língua em uso. Assim, o objeto de estudo da GTI é verificar como as condições comunicativas inscrevem-se na superfície textual de modo a permitir a observação de marcas concretas do processamento formulativo-interacional na materialidade lingüística do texto.

A GTI, portanto, “não dissocia as características estruturais da dinâmica dos processos formulativo-interacionais sistematicamente envolvidos em sua produção” (JUBRAN, 2006, p.31), entendendo-se por “sistematicamente” as regularidades na estruturação textual e nos princípios que norteiam o desempenho verbal.

⁸ Essas três fases da Linguística Textual são expostas mais detalhadamente por Koch (2004).

As regras que caracterizam a organização do texto e a sistematicidade da atividade discursiva não são, porém, simples projeções de regras que vigoram no nível da frase. O texto apresenta propriedades fundadas numa ordem própria de relações constitutivas e, por se tratar de textos falados, de natureza emergente, produção momentânea e dinâmica, em uma situação concreta de interlocução, essas relações ganham um formato ainda mais específico.

Essas regularidades textuais, na GTI, não devem ser buscadas em termos de princípios constitutivos de estruturas, como se observa nos sistemas fonológicos e morfossintáticos, mas como princípios de processamento de estruturas que revelam regularidades na construção do texto falado. Ou seja, toma-se o texto como objeto de estudos para dele deprender regularidades, pela recorrência em contextos definidos, das formas de processamento das estratégias de construção textual, dos mecanismos de estruturação textual (entre os quais se incluem os MDs) e de suas correspondentes funções textual-interativas.

As funções textual-interativas são definidas na GTI como a imbricação dos processos de formulação textual e de interação de maneira a não ser possível considerá-los separadamente, já que “os fatores interacionais são inerentes à expressão lingüística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo” (JUBRAN, 2006, p.29). O princípio de gradiência, fundamental na GTI, permite, no entanto, a dominância de uma ou outra contraparte quando um determinado procedimento de construção textual atua preponderantemente na organização informacional do texto ou focaliza de maneira mais acentuada a atividade enunciativa.

A GTI, ao apontar o caráter sistemático de procedimentos de construção textual, aponta, também, as marcas formais (dentre as quais se incluem os MDs) que caracterizam esses procedimentos. O quadro teórico da GTI, em que se rearranjam teorias conhecidas tradicionalmente pelo estudo de MDs e de seus contextos de usos, demonstra a possibilidade de um delineamento bastante satisfatório do objeto de estudo deste trabalho.

1.2.2. A unidade de análise da Gramática Textual-Interativa

Demarcado o perfil teórico, nas bases em que foi exposto, a questão da definição de uma unidade de análise de estatuto discursivo se torna imprescindível. Ao estudar a macroestrutura do texto falado, segundo Jubran (2006), a GTI considera a topicalidade um processo básico de construção textual.

A topicalidade, segundo a autora, diz respeito ao fato de que, num evento comunicativo, os interlocutores centram sua atenção em determinados temas, que se tornam o foco da interação verbal. O *tópico discursivo* é, então, estabelecido como a categoria analítica que opera recortes de segmentos textuais.

O tópico discursivo, como categoria abstrata e analítica, possui duas propriedades particularizadoras: *centração* e *organicidade*. A primeira propriedade diz respeito à forma como, na conversação, o tópico discursivo “manifesta-se mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (JUBRAN, 2006, p. 91-92).

A *centração* abrange os seguintes traços:

- (i) *concernência*: que diz respeito à interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual por meio da qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes;
- (ii) *relevância*: que trata da proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos; e
- (iii) *pontualização*: que se refere à localização desse conjunto tido como focal, em determinado momento do texto falado.

A segunda propriedade, *organicidade*, é vista nas relações de interdependência tópica que se estabelecem em dois planos simultaneamente:

- (i) *no plano hierárquico*, nas dependências de superordenação e subordenação entre tópicos

que se implicam pelo grau de abrangência do assunto, dando origem a quadros tópicos; e
(ii) *no plano linear*, nas articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso.

No plano hierárquico, o quadro tópico, como o tópico, constitui uma noção abstrata que só pode ser determinada pelo nível de hierarquia observado, uma vez que a formação de quadros tópicos ocorre em qualquer ponto da hierarquização, devido à possibilidade de subordinações contínuas de tópicos.

No plano linear, as relações entre tópicos caracterizam-se por dois fenômenos básicos: *continuidade e descontinuidade*. O primeiro relaciona-se com a organização seqüencial dos tópicos, com a relação de adjacência entre segmentos tópicos (esgotamento do tópico anterior e mudança para um novo tópico); o segundo decorre da perturbação da seqüencialidade linear pela suspensão definitiva de um tópico, pela cisão de um tópico em partes ou pela expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente. Observam-se ainda três outros procedimentos de passagem de um tópico a outro: a transição, a superposição e o movimento de tópicos.

Segundo Jubran (2006), ao conjugar os planos linear e hierárquico, o analista poderá perceber que os processos de continuidade e descontinuidade tópicos, que eram vistos segundo a apresentação dos tópicos na linearidade do discurso, podem assumir configurações diferentes ao ser considerados de acordo com os níveis de hierarquização dos tópicos. A descontinuidade será caracterizada pela inserção de tópicos constitutivos de um quadro tópico entre tópicos de outro quadro tópico. A continuidade, perturbada na distribuição dos tópicos na linha do discurso, tende a se restabelecer, à medida que se atenta para níveis hierárquicos mais elevados.

A noção de tópico discursivo, particularmente no que se refere ao plano linear de articulação tópica, constitui uma noção fundamental neste trabalho, na medida em que propriedades definicionais dos MDs estão diretamente ligadas ao conceito de tópico discursivo, como será

discutido ao longo do trabalho.

1.2.3. Os MDs na Gramática Textual-Interativa

Na GTI, os MDs são concebidos como uma categoria gradiente, em termos de prototipicidade, sendo definidos pelo contrabalanceamento de traços de dez variáveis:

Variável 1: padrão de recorrência

- 1 – de 1 a 3 vezes (baixa frequência)
- 2 – de 4 a 9 vezes (média frequência)
- 3 – de 10 vezes em diante (alta frequência)

Variável 2: Articulação de segmentos do discurso

- 1 – seqüenciador tópico
- 2 – seqüenciador frasal
- 0 – não-seqüenciador

Variável 3: Orientação da interação

- 1 – secundariamente orientador
- 2 – basicamente orientador
- 0 – fragilmente orientador

Variável 4: Relação com o conteúdo proposicional

- 1 – exterior ao conteúdo
- 0 – não-exterior ao conteúdo
- 2 – não se aplica

Variável 5: Transparência semântica

- 2 – totalmente transparente
- 1 – parcialmente transparente
- 0 – opaco
- 3 – não se aplica

Variável 6: Apresentação formal

- 1 – forma única
- 2 – forma variante

Variável 7: Relação sintática com a estrutura oracional

- 1 – sintaticamente independente
- 0 – sintaticamente dependente

Variável 8: Demarcação prosódica

- 1 – com pauta demarcativa
- 0 – sem pauta demarcativa

Variável 9: Autonomia Comunicativa

- 1 – comunicativamente autônomo
- 0 – comunicativamente não-autônomo

Variável 10: Massa fônica

- 1 – até três sílabas tônicas
- 2 – além de três sílabas tônicas

Dessas variáveis, cinco são definidas como mais decisivas na identificação de MDs, uma vez que apresentam os traços que, por serem os mais prototípicos de MDs, formam o denominado **núcleo piloto** de definição dos MDs. Trata-se das variáveis 2, 3, 4, 7 e 9. Os traços prototípicos das variáveis 4, 7 e 9, são, respectivamente: *exterioridade ao conteúdo proposicional* (traço 1), *independência sintática* (traço 1) e *não-autonomia comunicativa* (traço 0).

As variáveis 2 e 3 são concebidas em relação de mútua dependência, resultando três combinações definidas como prototípicas de MDs: *não-seqüenciador* e *basicamente orientador da interação* (combinação 0 2), *seqüenciador tópico* e *secundariamente orientador da interação* (combinação 1 1) e *seqüenciador tópico* e *fragilmente orientador da interação* (combinação 1 0).

A GTI define o contrabalanceamento entre essas duas variáveis como uma propriedade definidora dos MDs, assim sintetizada: “a) maior projeção da interação, quando o foco funcional não está no seqüenciamento de partes do texto; b) em contrapartida, maior projeção da articulação textual, quando o foco deixa de incidir no eixo da interação” (RISSO *et al.*, 2006, p.409). Por essa razão, combinações de traços como *seqüenciador tópico* e *basicamente orientador da interação* (combinação 1 2) não são admitidas como prototípicas de MDs, pois essa combinação envolve projeção da articulação textual e projeção alta da interação.

Quanto às outras cinco variáveis (que não comportam traços formadores do núcleo

piloto), como se pode observar no quadro 1, ambos os traços da variável 6, *forma única* (traço 1) e *forma variante* (traço 2), são definidos como prototípicos de MDs; o traço da variável 1 considerado prototípico é *alta freqüência* (traço 3); da variável 5, é o traço *transparência semântica parcial* (traço 1); da variável 8, é o traço *com pauta demarcativa* (traço 1); e, da variável 10, é o traço *até três sílabas tônicas* (traço 1). Assim, a GTI identifica seis matrizes-padrão, definidoras de **MDs prototípicos**:

Quadro 1: matrizes-padrão dos MDs

padrão	Variável 1	Variável 2 e 3		Variável 4	Variável 5	Variável 6	Variável 7	Variável 8	Variável 9	Variável 10
a	3	0	2	1	1	2	1	1	0	1
b	3	0	2	1	1	1	1	1	0	1
c	3	1	1	1	1	2	1	1	0	1
d	3	1	1	1	1	1	1	1	0	1
e	3	1	0	1	1	2	1	1	0	1
f	3	1	0	1	1	1	1	1	0	1

De forma simplificada, os seis padrões de MDs prototípicos descritos no quadro acima podem ser explicados da seguinte forma: para as variáveis 1, 4, 5, 7, 8, 9 e 10, os seis padrões são iguais, isto é:

- para a variável 1, ocorre apenas o traço *alta freqüência* (traço 3);
- para a variável 4, ocorre apenas o traço *exterior ao conteúdo proposicional* (traço 1);
- para a variável 5, ocorre apenas o traço *transparência semântica parcial* (traço 1);
- para a variável 7, ocorre apenas o traço *sintaticamente independente* (traço 1);
- para a variável 8, ocorre apenas o traço *com pauta demarcativa* (traço 1);
- para a variável 9, ocorre apenas o traço *comunicativamente não-autônomo* (traço 0); e,
- para a variável 10, ocorre apenas o traço *até três sílabas tônicas* (traço 1);

Assim, tem-se então apenas um padrão:

(3 _ _ 1 1_1 1 0 1);

dentro do qual as variáveis 2 e 3 formam três combinações diferentes: *não-seqüenciador e basicamente orientador da interação* (combinação 0 2), *seqüenciador tópico* e

secundariamente orientador da interação (combinação 1 1), *seqüenciador tópico* e *fragilmente orientador da interação* (combinação 1 0), perfazendo, assim, três padrões:

3 0 2 1 1 _ 1 1 0 1
 3 1 1 1 1 _ 1 1 0 1
 3 1 0 1 1 _ 1 1 0 1;

que, com a inclusão dos traços *forma única* (traço 1) e *forma variante* (traço 2) da variável 6, resultam, então, os seis padrões seguintes:

(a) 3 0 2 1 1 1 1 1 0 1
 (b) 3 0 2 1 1 2 1 1 0 1
 (c) 3 1 1 1 1 1 1 1 0 1
 (d) 3 1 1 1 1 2 1 1 0 1
 (e) 3 1 0 1 1 1 1 1 0 1
 (f) 3 1 0 1 1 2 1 1 0 1.

Essa combinatória de traços pode ser esquematizada da seguinte forma:

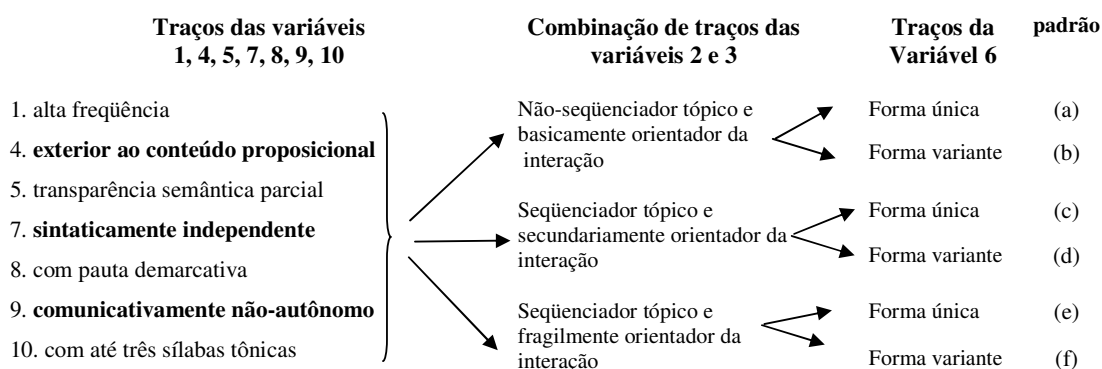


Figura 1: Matrizes-padrão dos MDs

Para a GTI, qualquer expressão que apresentar um desses seis padrões será analisada como um *MD prototípico*. Definem-se como *MDs não-prototípicas* expressões que manifestam um dos seis padrões acima com alguma variação, que, em geral, não afeta o núcleo piloto e não ultrapassa duas variáveis. Expressões que não manifestam quaisquer das possibilidades acima são definidas

como *unidades limítrofes* ou são excluídas da análise como MDs (RISSO *et al.*, 2006, p.421).

Como pode ser observado, um elemento pode ser analisado como MD mesmo que apresente variação no núcleo piloto. Nesse caso, é analisado como não-prototípico, e essa situação é considerada como incomum. No entanto, ao admitir variação no núcleo piloto, em particular nas variáveis relativas às funções dos MDs (variáveis 2 e 3), a definição de MDs passa a permitir a inclusão de elementos com funcionamento muito diverso entre si, tornando, assim, os MDs uma categoria muito heterogênea, e, principalmente, passa a permitir a inclusão de elementos que tendem a desviar do princípio de conectividade e dos modos como este é e pode ser incorporado no interior da GTI.

Uma proposta para equacionar essa questão seria considerar como MDs, prototípicos e não-prototípicos, apenas elementos que não se desviem do núcleo piloto. Trata-se de uma decisão que contribuiria para a definição de uma categoria vinculada ao princípio de conectividade, mais homogênea e uniforme, considerando que o caráter heterogêneo da categoria de MDs tem sido um dos principais alvos de inúmeras críticas. Nesse sentido, no presente trabalho, para identificação e definição de subfunções textual-interativas, foram levantados apenas MDs que não apresentam desvios no núcleo piloto (ver cap. 2).

1.3. Resumo

Este capítulo apresentou uma análise comparativa entre algumas das principais abordagens de MDs e identificou que essas abordagens compartilham o princípio teórico e metodológico comum de analisar como MDs elementos com algum tipo de função conectiva. Feita a comparação entre as abordagens, a discussão se concentrou nos pressupostos teóricos e metodológicos da Gramática Textual- Interativa: seus princípios elementares, o *tópico discursivo* como sua unidade de análise, e um maior detalhamento da concepção de marcadores discursivos dessa abordagem.

CAPÍTULO II

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em vista dos objetivos que norteiam este trabalho, a pesquisa sobre os MDs compreendeu uma primeira fase de investigação teórica, envolvendo a comparação entre diferentes formas de abordagens do fenômeno, sintetizada no capítulo 1, e uma fase seguinte de investigação empírica, com levantamento e análise de dados, cujos procedimentos metodológicos são descritos abaixo e cujos resultados são apresentados e discutidos no capítulo 3.

O *corpus* utilizado na pesquisa é proveniente de uma subamostra do Banco de Dados IBORUNA, constituído pelo Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista), sediado na UNESP de São José do Rio Preto (GONÇALVES, 2005, 2006, 2007).

O Banco de Dados IBORUNA compõe-se de amostras do português falado no interior paulista, coletadas em sete cidades circunvizinhas da região de São José do Rio Preto, entre os anos de 2004 e 2006. Todo o material lingüístico, arquivos sonoros armazenados digitalmente, acompanhados das respectivas transcrições, diários de campo e ficha social dos informantes, foi constituído com base em dois tipos de amostras de fala:

- (i) Amostra Censo ou Amostra Comunidade (AC); e
- (ii) Amostra de Interação (AI).

A AC é constituída com base em um roteiro de entrevista que permite coletar de cada informante os seguintes tipos de texto: (i) Narrativa de Experiência Pessoal (NE), (ii) Narrativa Recontada (NR), Descrição (DE), Relato de Procedimento (RP), (v) Relato de Opinião (RO). Trata-se de um tipo de amostra de natureza predominantemente monológica, isto é, discurso de um único Informante diante do documentador. Os inquéritos de AC são

provenientes de 152 gravações de informantes, estratificados em *sexo, escolaridade, faixa etária e nível sócio-econômico*. A AI constitui um tipo de amostra de natureza dialógica, coletada secretamente em 11 diferentes situações de interação social envolvendo dois ou mais informantes, que, posteriormente às gravações, concordaram livremente na cessão de suas amostras de falas.

Para compor o *corpus* da pesquisa, foram selecionadas gravações de informantes de AC e gravações de AI sob a expectativa de que esses dois tipos de amostra favorecem diretamente a respectiva manifestação de MDs mais textuais e MDs mais interacionais, em razão do tipo de interlocução que se estabelece em cada uma delas, ou seja, AC se caracteriza por ser predominantemente monológica, envolvendo apenas um Informante e o Documentador, enquanto AI se caracteriza pela interação dialógica livre entre dois ou mais Informantes, gravada secretamente e sem qualquer controle de variáveis.

Como este trabalho pretende identificar propriedades gerais dos MDs, válidas para toda a classe, a investigação pressupõe o levantamento de todos os MDs identificados no *corpus*. Como isso implicaria um número muito alto de ocorrências, a decisão metodológica adotada para viabilizar a análise foi compor um *corpus* formado por uma subamostra de AC e de AI, sem deixar de levantar em cada um dos inquéritos todas as ocorrências de MDs.

Assim, inicialmente foram selecionados alguns inquéritos e foi iniciado o levantamento, até a obtenção de um número de ocorrências e de tipos de ocorrências que pareceu representativo dos MDs em geral e que viabilizava a análise (quando, então, a inclusão de inquéritos foi encerrada). Foram selecionados, ao final do levantamento, 607 ocorrências de MDs, provenientes de quatro inquéritos, sendo dois de AC e dois de AI, com as seguintes características:

Quadro 2: Características do *corpus* de análise

Tipo de Amostra	Identificação	Contexto de interação / Perfil social dos informantes
AC	AC-102	Diálogo entre documentador e informante. Mulher, 36 a 55 anos, 2º. Ciclo do Ens. Fundamental, renda de 6 a 10 salários mínimos.
	AC-129	Diálogo entre documentador e informante. Homem, mais de 55 anos, 2º. Ciclo do Ens. Fundamental, renda de mais de 25 salários mínimos.
AI	AI-005	Conversa informal em ambiente universitário, entre duas jovens. Inf-1: mulher, 15 a 25 anos, superior completo; Inf-2: mulher, 15 a 25 anos, superior completo.
	AI-007	Conversa em contexto familiar entre 2 informantes. Inf-1: homem, + de 55 anos, EM; Inf-2: mulher, + de 55 anos, 1º ciclo EF.

Cada inquérito selecionado foi inicialmente segmentado em Segmentos Tópicos (STs). A segmentação dos inquéritos em STs é necessária primeiramente porque o Tópico Discursivo, e concretamente o ST, constitui a unidade de análise de GTI em relação à qual os fenômenos textual-interativos devem ser descritos e também, principalmente, porque a distinção entre seqüenciamento frasal e seqüenciamento tópico (a qual implica a identificação de STs) é decisiva para o reconhecimento do estatuto de MD (cf. seção 1.2.3.).

Uma vez segmentado cada um dos inquéritos, o passo seguinte consistiu no levantamento de todas as ocorrências de MDs, de acordo com a definição da GTI, sintetizada em 1.2.3. acima.

Depois de concluído o levantamento de ocorrências, foi realizada, primeiramente, uma fase de análise de dados de natureza qualitativa, cujos resultados são sintetizados e discutidos na seção 3.1. do próximo capítulo. Nessa fase, as ocorrências foram submetidas a uma análise mais detalhada das variáveis *articulação de segmentos do discurso* e *orientação da interação* (cf. seção 1.2.3., variáveis 2 e 3), que se referem às funções dos MDs. As ocorrências foram comparadas entre si para a identificação e definição de funções predominantemente textuais mais específicas do que a função geral de *seqüenciador tópico* e funções predominantemente interacionais mais específicas do que as funções de *basicamente, secundariamente e fragilmente orientador da interação* – trata-se de subfunções mais específicas, porém válidas

para a análise de todos os tipos de MDs. A identificação e definição dessas subfunções foram feitas sob a restrição do princípio de conectividade identificado na fase de investigação teórica.

A **identificação e definição de subfunções predominantemente textuais** foram acompanhadas por uma precisão da própria definição da função geral de *seqüenciador tópico*, por meio da identificação de critérios que foram se mostrando relevantes para a distinção entre seqüenciamento tópico e seqüenciamento frasal.

Por essa razão, após o primeiro levantamento de ocorrências, o *corpus* foi novamente submetido a levantamento, com ênfase na análise da variável em questão, mas, dessa vez, concebida mediante os critérios formulados, o que resultou na inclusão e exclusão de algumas ocorrências bem como no aprimoramento dos critérios formulados. Nesse sentido, a formulação desses critérios acabou consistindo em uma das principais contribuições deste trabalho, uma vez que contribui para precisar a definição de um dos traços (*seqüenciamento tópico*) constituintes do núcleo piloto definidor de MDs. Os resultados dessa parte do levantamento e da análise de dados são sintetizados e discutidos na seção 3.1.1. do próximo capítulo.

A **identificação e definição de subfunções predominantemente interacionais**, por sua vez, foram acompanhadas por um rearranjo da variável *orientação da interação*. A variável foi, de certa forma, redefinida, sendo composta apenas por noções (de natureza interacional) que apresentaram o traço de conectividade. Os resultados dessa parte da pesquisa são sintetizados e discutidos na seção 3.1.2. do próximo capítulo.

Depois de finalizada a análise qualitativa e identificadas e definidas as subfunções predominantemente textuais e interacionais dos MDs, foi realizada uma análise de natureza quantitativa, para cruzamento entre manifestação formal e função dos MDs. Para isso, tomou-se emprestada da sociolinguística a noção de *grupo de fatores* para se ter a garantia de que

todas as ocorrências seriam analisadas qualitativamente à luz dos mesmos critérios

Nessa fase, todas as ocorrências de MDs foram codificadas de acordo com três variáveis e respectivas variantes:

1: constituição formal

- a) base adverbial (*agora, então*)
- c) base conjuncional (*e, mas*)
- v) base verbal (*sabe?, viu?*)
- d) base adjetival (*certo?, bom*)
- r) base preposicional (*por exemplo, em resumo*)
- p) partícula (*né?*)
- i) base interjeicional (*ah, oh*)
- b) base nominal (*conclusão*)
- n) base pronominal (*meu*)
- o) base oracional (*veja bem*)
- g) agrupamento (*mas aí, aí né?*)
- s) som não lexicalizado (*uhn, uhn uhn*)

2: função geral

- 7) predominantemente textual
- 8) predominantemente interacional
- 9) ambos

3: subfunções predominantemente textuais

- x) Introdução de ST
- y) Seqüenciamento de ST
- z) Fechamento de ST
- / não se aplica (casos em que o marcador é predominantemente interacional)

4: subfunções predominantemente interacionais

- 1) *Checking*
- 2) *Feedback*
- 3) Injuntiva
- 4) Iniciadora
- 5) Interpelativa
- / não se aplica (casos em que o marcador é predominantemente textual)

Para obtenção das correlações entre a variável 1 (forma) e as variáveis 2, 3 e 4 ((sub)funções), foram utilizados alguns programas do pacote estatístico VARBRUL. Para aproveitamento instrumental do programa na construção de tabelas de cruzamento entre forma e função, o grupo de fator 1 foi considerado “variável dependente”, e os outros três grupos, “variáveis independentes”. Todas essas variáveis e as correlações possíveis entre elas serão apresentadas no próximo capítulo.

Esses procedimentos metodológicos são propostos como uma tentativa de responder as seguintes **perguntas de pesquisa**:

- (i) que subfunções predominantemente textuais e interacionais podem ser definidas como típicas de MDs, tal que se trate de subfunções identificadas nos dados, pertinentes à GTI e alinhadas a algum princípio elementar comum a outras abordagens?; e
- (ii) há algum tipo de correlação sistemática entre as (sub)funções dos MDs e suas constituições morfossintáticas, e, se há, quais são?

As **hipóteses** que dirigem a pesquisa são:

- (i) a identificação e definição de subfunções podem e devem ser realizadas sob o filtro do princípio de conectividade, o que pode conduzir a uma precisão da definição de MDs da GTI bem como contribuir para um maior consenso nos estudos sobre MDs; e
- (ii) deve haver correlações entre forma e função dos MDs em termos de tendências e frequências, isto é, é provável que uma mesma forma de expressão de MD exerça várias funções diferentes, podendo haver especialização de uma forma para alguma(s) dada(s) função(ões).

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo apresenta os resultados da investigação empírica da pesquisa: as funções textual-interativas dos MDs, com a reformulação de sua definição, (3.1.) e a correlação forma-função (3.2.).

3.1. Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos

Como definido na Introdução deste trabalho, um dos objetivos centrais é especificar e, assim, precisar as variáveis *articulação de segmentos do discurso* e *orientação da interação* (RISSO *et al.*, 2006), que se referem às funções dos MDs. Trata-se de especificar e, em determinados aspectos, reformular essas variáveis a partir da identificação do princípio de conectividade. Inicialmente, essa discussão apresenta um caráter primordialmente teórico-metodológico, uma vez que constitui uma decisão para definir de modo coerente quais subfunções são próprias de MDs. Porém, essa discussão é apresentada neste capítulo porque é resultado de análise de dados (de natureza qualitativa), ou seja, da exploração do conceito de MDs durante o levantamento e a análise de dados.

Convém ressaltar, neste ponto, que as funções textual-interativas são entendidas neste trabalho em termos de predominância, como o próprio nome das subseções sugere. Assim, dizer que uma função é predominantemente textual implica dizer que ela é composta de uma contraparte textual e de uma contraparte interacional, intrinsecamente relacionadas, e que, no caso, a contraparte textual se destaca em relação à interacional. Trata-se, com efeito, de uma propriedade pertinente a todos os mecanismos de natureza textual-interativa.

3.1.1. Funções predominantemente textuais

Como já mencionado, segundo Risso *et al.* (2006), a variável *articulação de segmentos do discurso* compreende três traços:

- 1: seqüenciador tópico;
- 2: seqüenciador frasal;
- 0: não-seqüenciador.

O levantamento e a análise de dados evidenciaram uma dificuldade de identificação do traço 1 em oposição ao traço 2. O traço *seqüenciador tópico* compreende o seqüenciamento intertópico e o seqüenciamento intratópico. A identificação do traço de seqüenciamento intertópico se mostrou um procedimento significativamente preciso, pois os critérios de *centração* e *organicidade* permitem identificar os segmentos tópicos do discurso e, assim, as expressões que os articulam. Em outras palavras, a ocorrência de uma expressão seqüenciadora no início de um Segmento Tópico (ST), por exemplo, evidencia a função de seqüenciador tópico, no caso intertópico. No exemplo seguinte, a função de seqüenciador (inter)tópico de *mas* é evidenciada quando se aplica o critério de *centração* e, assim, identifica-se que nesse ponto inicia-se um novo ST.

- (1) Doc.: então assim como que é? você não tem que colocar os/ você não tem que jogar o trunfo?
 Inf.: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o:: é do baralho aquele que tí/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né... então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...

mas o jogo da Bisca tem que jogar quatro partida pá pá:: pá a dupla ganhar porque joga em dois contra dois...então tem que jogar quatro partida pá:: aquele que ganhar quatro partida que ganha a queda num é ganhar uma queda SÓ que vai ganha::r que ganha o jogo tem que ganhar quatro partida pá ganhar às vez a gente ganha uma o outro adversário ganha outra... depois a gente ganha outraprecisa ganhar quatro a tip/ a/ quatro vez pá ganhar a partida e isso demora:: a base de uns às vez de de::z minuto quinze minuto cada partida

[AC-129, RP]

Por outro lado, a distinção entre os traços *seqüenciador tópico* e *seqüenciador frasal* não se mostrou precisa quando se tratou do seqüenciamento intratópico. A GTI não dispõe de trabalhos que explicitem critérios que distingam seqüenciamento intratópico e

seqüenciamento frasal. Não há critérios estabelecidos para identificar, por exemplo, qual desses traços os itens *mas* e *porque* apresentam em (2).

- (2) Doc.: Mas aí ele brigou?
 Inf.: não eles discuTiram né discutiram ... **mas**::... discutira/ o:: vô discutiui com razão né...
porque:: aquilo lá num é lugar de dormir lá nem acho que nem um:: cachorro do/ pode dormir num lugar daquele né e ele queria que nós dormisse lá

[AC-129, NR]

Tal problema se verifica porque a GTI não define critérios para identificação das partes (ou unidades) constituintes do ST, o que dificulta, ou até inviabiliza, a análise de certos fenômenos de natureza intratópica (mas que ainda são objeto de estudo de uma gramática textual-interativa), como é o caso do seqüenciamento intratópico. Nesse sentido, o levantamento e a análise de dados desta pesquisa evidenciaram a necessidade de definir critérios pertinentes à GTI delimitadores de unidades constituintes dos segmentos tópicos. De forma simplificada, comparando o ST ao parágrafo, trata-se de delimitar suas sentenças, ou períodos, constituintes. Dessa forma, a proposta desta pesquisa seria considerar como seqüenciador (intra)tópico os seqüenciadores que articulam as sentenças entre si, e como seqüenciador frasal, os que operam a articulação interna dessas sentenças.

A análise dos dados apontou que os seguintes critérios parecem ser relevantes para essa distinção: *grau de integração sintática e semântico-pragmática entre os segmentos, grau de integração prosódica entre os segmentos e grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do ST.*

O **grau de integração sintática e semântico-pragmática** seria o critério mais elementar nessa distinção. Se dois segmentos não apresentam essa integração entre si, então isso seria uma evidência quase definitiva de que eles não podem constituir uma mesma sentença, ou melhor, de que o seqüenciamento entre eles não seria frasal.

Compare-se o funcionamento de *porque* e *e* destacados em (3) e (4):

- (3) ... elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né... se calçam bem... né... tão na moda...vão e saem mas tem problema psicológico porque há a falta desse pai e dessa mãe...

[AC-102, R0]

- (4) aí eu falei pá minha mãe que eu ia trabalha::r... em São PAulo né aí minha mãe falou assim – “mas cê num conhece nada LÁ meu filho como cê vai trabalhar lá em São Paulo?” – eu falei – “não mãe” – e e aqui em MiraSSOL naquela época tava:: ruim de serviço né... aí até meu pai num tinha serviço aqui... aí eu peguei e fui embora pá São Paulo...

[AC-129, NE]

Em (3), os dois segmentos ligados por *porque* mantêm entre si uma relação de causa-conseqüência, podendo formar uma estrutura hipotática, o que constituiria evidência de seqüenciamento frasal. Já em (4), os dois segmentos imediatamente ligados por *e* apresentam aspectos verbais diferentes, representam estados de coisas de tipos diferentes (ato de fala de discurso direto e predicação) e têm tópicos sentenciais diferentes (*eu e aqui em Mirassol*), não podendo formar uma coordenação gramatical típica – o que constituiria evidência de seqüenciamento tópico, pela ausência de integração. No levantamento e análise de dados, o cálculo desse critério foi feito pela aplicação das noções de *parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação* (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), que, nessa ordem, representam graus progressivamente maiores de integração entre dois segmentos, sendo considerado aqui como grau mínimo de integração casos em que dois segmentos formam uma estrutura paratática por justaposição de construção ou por ligação por “conectivo” que não necessariamente sinaliza relação lógico-semântica entre os segmentos, como é o caso mostrado em (4).⁹

No entanto, apenas esse critério não se mostrou suficiente. Há casos de seqüenciamento em que existe integração sintática e semântico-pragmática, mas há **aspectos**

⁹ Neste trabalho, utilizamos o conceito de gradação entre orações desenvolvido por Hopper & Traugott (1993) apenas operacionalmente, como uma questão relativamente bem resolvida, sem consideração a todos os critérios apontados pelos autores. O objetivo é o de, ao se deparar com uma construção hipotática, classificá-la, de antemão, como uma construção menos integrada do que uma construção subordinada, e, ao mesmo tempo, como mais integrada que uma construção paratática, e não discutir detalhadamente quais os critérios que fazem com que essa construção hipotática ocupe esse lugar em relação à subordinada e à paratática, ou mesmo discutir se esse seria o lugar exato para essa construção. Isso ocorre desta maneira porque a consideração detalhada destes critérios não afetaria de maneira decisiva a classificação final de um item como seqüenciador tópico ou frasal.

prosódicos típicos de seqüenciamento tópico. Em (5), por exemplo, apesar da integração sintática e semântico-pragmática, os segmentos ligados por *porque* pertencem a grupos entonacionais diferentes, há pausa antes e depois de *porque* e este é prosodicamente alongado.

- (5) Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida... né... mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é... seria através também DA família... **porque::**... veja bem... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado... éh:: ali que ele vai receber todas as orientações princi/ básicas... né prá ele se tornar uma pessoa

[AC-102, RO]

Essas características prosódicas (que representam uma ausência de integração prosódica) normalmente indicam que os segmentos em questão não constituem uma estrutura única. Os dados apontam para o fato de que segmentos que constituem tipicamente uma única sentença apresentam um contorno entonacional descendente apenas no final do conjunto; e quando há expressões seqüenciadoras no seu interior, estas normalmente não são prosodicamente alongadas ou seguidas ou precedidas de pausa. A presença de pausas e alongamentos em torno de um seqüenciador, ao evidenciarem que o falante ainda está planejando o discurso subsequente, parece indicar que o segmento introduzido pelo seqüenciador constitui um novo passo na progressão do discurso, e não a formação de uma estrutura sentencial juntamente com o segmento anterior ao seqüenciador.

Conclusões semelhantes são apresentadas por Penhavel (2007b, 2007c) sobre o conectivo *e*. O autor usa o exemplo abaixo para ilustrar a diferença entre *e*-coordenador, seqüenciador frasal (ocorrência em *itálico*), e *e*-marcador discursivo, seqüenciador tópico (ocorrências em **negrito**).

- (6) bom a situação de perigo mais recente foi quando eu estava viajando ...
eu dou aula fora também ...
e:: já estava escuro era umas oito horas da noite mais ou menos ...
e:: o carro que estava na minha frente ...
era uma pista dupla a gente estava ultrapassando um caminhão ...
e:: nesse ponto da rodovia tinha um posto de gasolina e uma pessoa estava atravessando a pista
e:: mas era escuro ...
e:: como a gente estava ultrapassando o caminhão ...
o carro que estava na minha frente atropelou essa pessoa ...
e:: só que eu num vi nada

(PENHAVAL, 2007c, p.4)

Segundo o autor, a função das ocorrências analisadas como MD não é a de ligar, num nível local, o segmento que introduz ao imediatamente anterior, mas a de ligar, num nível global, o segmento introduzido a todo o bloco discursivo precedente. O segmento introduzido constitui uma nova informação necessária para a construção da informação global e não propriamente para a organização local do conteúdo de uma sentença. O autor observa que essa função é evidenciada por duas propriedades, uma das quais o fato de quase sempre *e* ser precedido de alongamento de vogal e/ou pausa e/ou seguido também de alongamento e/ou pausa. Já a organização prosódica envolvendo o *e* analisado como coordenador é diferente: esse *e* não é alongado, não há pausas em torno dele, e os dois segmentos que liga são pronunciados com uma velocidade de fala maior que a dos demais segmentos, indicando que o conjunto das duas partes ligadas, e não cada uma individualmente, é que constitui o próximo passo na progressão do discurso (PENHAVEL, 2007c).

O autor sintetiza duas características do processo de coordenação (que seria um processo de seqüenciamento frasal), em oposição ao de articulação discursiva (seqüenciamento tópico), que confirmam, respectivamente, a generalização aqui proposta sobre integração sintático-semântico-pragmática e integração prosódica como critérios de identificação de seqüenciamento frasal:

- (i) o processo de coordenação só ocorre naturalmente quando os membros coordenados apresentam **equivalência funcional**, localizando-se, portanto, no mesmo nível ou camada de organização lingüística;
- (ii) o falante projeta o conjunto coordenado como uma **estrutura única no discurso**, em que os primeiros membros coordenados já prevêm os últimos e estes pressupõem aqueles, de modo que os segmentos coordenados normalmente são enunciados com aumento na velocidade de fala e não são interrompidos por pausa.

Um terceiro critério que se mostrou decisivo foi o **grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do ST**, o que pode ser observado no ST abaixo.

- (7) e a gente vê assim que as crianças tão ficando muito com a... com a mentalidade... com a cabeça... com os pensamen/ com o lado psicológico muito afetado... tanto que a gente vê que os consultórios tão cheios né... de crianças com problemas... que aparentemente elas num teriam problema nenhum... num po/ num precisariam ter problema nenhum que:: até financeiramente... elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né... se calçam bem... né... tão na moda...vão e saem **mas** tem problema psicológico porque há a falta desse pai e dessa mãe... que é uma necessidade que a criança tem... éh:: dela de ter a figura do homem e da mulher prá educar junto... junto educar a criança...

[AC-102, RO]

Na ocorrência destacada, *mas*, a princípio, parece ser um seqüenciador frasal: há certa integração sintática e semântico-pragmática entre seus segmentos adjacentes, que poderiam ser analisados como uma estrutura sentencial paratática adversativa, e há certa integração prosódica, pois, embora haja uma mudança entonacional bem marcada, não há pausas antes nem depois de *mas*, e este não é prosodicamente alongado. Com base nesses dois critérios, *mas*, nessa ocorrência, poderia ser analisado como seqüenciador frasal.

Porém, o segmento imediatamente introduzido por *mas* (*tem problema psicológico*) retoma mais diretamente afirmações do início do ST (*a mentalidade, a cabeça, os pensamen/, o lado psicológico muito afetado*). Nesse caso, *mas* não marca apenas uma relação adversativa com o segmento anterior, localmente, mas exerce uma função que tem repercussão para a estruturação de todo o ST, que define a sua estrutura. No caso analisado, ao utilizar *mas* e introduzir um segmento que retoma o início do ST, o falante define o segmento introduzido como um fechamento do ST, definindo, assim, uma estrutura para esse ST, a qual poderia ser esquematizada da seguinte forma:

- (8) e a gente vê assim que as crianças tão ficando muito com a... com a mentalidade... com a cabeça... com os pensamen/ com o lado psicológico muito afetado... *tanto que* a gente vê que os consultórios tão cheios né... de crianças com problemas...

que aparentemente elas num teriam problema nenhum... num po/ num precisariam ter problema nenhum...

que:: até financeiramente... elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né... se calçam bem... né... tão na moda...vão e saem

mas tem problema psicológico porque há a falta desse pai e dessa mãe... que é uma necessidade que a criança tem... éh:: dela de ter a figura do homem e da mulher prá educar junto... junto educar a criança...

Pela propriedade de *centração*, um ST é reconhecido pela identificação de enunciados

formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem (JUBRAN, 2006); trata-se de um conjunto de referentes que se destaca em relação a outros conjuntos de referentes que apresentam uma relevância secundária, embora sejam concernentes ao conjunto principal de referentes. Nesse sentido, pode-se identificar a forma de estruturação do ST acima: na primeira e última partes segmentadas, o falante centra a interação no conjunto principal de referentes (as crianças têm problemas psicológicos) e, no trecho intermediário, centra a interação num conjunto secundário (as crianças não precisariam ter problemas psicológicos). Portanto, o critério aqui denominando *grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do ST* pressupõe o detalhamento do traço *relevância* (constitutivo da propriedade de *centração*).¹⁰

A ocorrência de *mas* no início de um segmento que retoma o conjunto mais relevante de referentes, e constitui o fechamento do ST, atua, nesse caso, como fator decisivo para a análise desse item como um seqüenciador tópico, e não frasal. No levantamento e na análise de dados da pesquisa, de fato, foi possível observar um maior peso desse último critério, em relação aos dois primeiros, na decisão do estatuto frasal ou tópico de um segmento. Isso significa que a identificação do estatuto frasal ou tópico de um segmento, e de um

¹⁰ Em STs de outros gêneros textuais, a análise do traço *relevância* se dá de forma diferente. No ST em (8), do gênero RO (Relato de Opinião), há diferentes conjuntos de referentes, relacionados entre si, um principal e outros secundários, e essa relação entre eles permite identificá-los como partes do ST e, portanto, como relevantes no interior do ST. Em STs do gênero NE (Narrativa de Experiência Pessoal), por exemplo, normalmente não há diferentes conjuntos de referentes, mas um único; nesse caso, a relevância de segmentos dentro de tais STs é identificada, como no ST abaixo, na medida em que apresentam as diferentes informações formuladas pelos falantes (sublinhadas), sobre esse conjunto de referentes (itálico):

(9) aí *ele* cheg/ chegamos aqui chegando aqui em MiraSSOL... *nós fomos pesca:r* coisa que *ele* nunca tinha pescado... né...

aí de noite *nós fomos numa festa:: na festa junina* que *ele* também nunca tinha i::do

e:: *ele ficou abismado* de vim aqui:: aqui no interior

aí a hora que *fa/ eu chamava ele de caipira* né... *eu* falava - “êh *Edgar...* caipira é *ocê* não *eu* né” –

aí *nós fomos na HORTa* vê::êh:: *eu* fui comprar mandioca... que minha mãe *peDIU...* pá fazer na na janta no almoço num sei e *ele* num sabia que a mandioca dava no chão... ((o informante ri)) *ele* pensava que mandioca dava na Árvore é hora que *el/ eu* tirava sarro nele né...

ele éh:: *ele* era de São Paulo e *ele* viu laran::ja no nos pé *ele* viu jabutica::ba *ele ficou abismado*

e e::

então isso daí é uma coisa que *eu* nunca esqueço...

seqüenciador o articulando, é resultado de um contrabalanceamento de critérios. No caso de *mas* e do segmento que introduz, por um lado há certa integração sintática e semântico-pragmática entre esse segmento e o anterior, que poderiam formar uma estrutura paratática adversativa, e certa integração prosódica, pois não há pausas nem alongamentos entre eles; por outro lado, há uma mudança entonacional forte (ou seja, ausência de integração prosódica em termos de entonação), e o segmento em questão constitui uma parte do ST. Dada essa combinação de critérios, esse segmento seria uma sentença (um seqüenciamento tópico) e, assim, *mas*, nessa ocorrência, funcionaria como um seqüenciador tópico.

No caso do segmento introduzido por *tanto que*, há uma relativa ausência de integração prosódica, pois há pausa antes de *tanto que*, e certa mudança de entonação¹¹, porém há certa integração sintática e semântico-pragmática, uma vez que o segmento introduzido constitui uma estrutura hipotática de comprovação, e o segmento introduzido não assume uma relevância maior na continuação do ST, pois constitui uma evidência da existência dos problemas psicológicos de crianças, mas, logo na seqüência, o falante centra a interação na avaliação de que as crianças não deveriam ter tais problemas. Portanto, o segmento introduzido por *tanto que* constituiria a continuação de uma sentença, e, assim, a expressão *tanto que*, nessa ocorrência, funcionaria como um seqüenciador frasal.

Quanto ao segmento introduzido pela primeira ocorrência destacada de *que*: não há integração sintática e semântico-pragmática com o segmento anterior, uma vez que entre os enunciados a interpretação causal (*os consultórios tão cheios de crianças com problemas... (por)que aparentemente elas num teriam problema nenhum*) ou explicativa (*a gente vê que os consultórios tão cheios de crianças com problemas... (por)que aparentemente elas num*

¹¹ O tipo de mudança de entonação desse caso não seria o que tipicamente constitui evidência de seqüenciamento tópico, pois o primeiro segmento tem uma entonação final típica de final de sentença declarativa, mas o segmento introduzido por *tanto que* tem uma entonação mais baixa e suspensa, indicando que seria uma continuação do segmento anterior, uma informação adicional que se quis acrescentar, e não o início de uma nova sentença, ou seja, esse segmento (principalmente seu início) não apresenta o contorno entonacional típico de sentença (declarativa, no caso).

teriam problema nenhum) não seriam coerentes; há uma integração prosódica relativa, pois não há alongamentos, não há pausa após a ocorrência de *que*, e não há expressões hesitativas entre os segmentos ligados, mas há (uma pequena) pausa antes de *que* e há mudança de grupo entonacional; o segmento em questão tem relevância no interior do ST, pois constitui parte de um conjunto particular de referentes. Dada essa combinação de critérios, *que*, nessa ocorrência, funcionaria como um seqüenciador tópico.

O mesmo tipo de análise se aplica à segunda ocorrência de *que*: há certa integração sintática e semântico-pragmática entre os segmentos ligados, pois poderiam formar uma estrutura paratática por justaposição de conjunção de argumentos – com relação ao segmento *a gente vê que os consultórios tão cheios de crianças com problemas...*, não há integração, pela mesma razão da primeira ocorrência de *que*, acima descrita; há certa ausência de integração prosódica, visto que há pausa e alongamento; há relevância textual-interativa do segmento introduzido, na medida em que constitui uma das duas partes (*que aparentemente e que:: até financeiramente*) do conjunto secundário de referentes do ST. Trata-se de uma combinação de critérios que resultaria na análise do segmento introduzido por essa ocorrência de *que* como uma nova sentença, e, portanto, de *que* como seqüenciador tópico.

O contrabalanceamento de critérios considerado na análise dos casos acima, bem como em todo o levantamento e análise de dados da pesquisa, pode ser generalizado da seguinte forma:

- quando um segmento apresentar relevância textual-interativa, apenas uma única evidência prosódica¹² ou uma relativa ausência de integração sintática e semântico-pragmática¹³ serão

¹² Na presente análise, os traços prosódicos que se mostraram relevantes como evidência de seqüenciamento tópico foram mudança entonacional, presença de pausa, de alongamento e de expressão hesitativa.

¹³ Como evidência de distinção entre seqüenciamento frasal e tópico, os dados demonstraram que a *subordinação* pode ser considerada como presença de integração sintática e semântico-pragmática, *hipotaxe* e *parataxe por coordenação e por justaposição com relação semântica* como integração parcial (sendo que as primeiras representam graus de integração maiores que as seguintes) e *parataxe por justaposição de construção ou por ligação por “conectivo” que não sinaliza relação lógico-semântica entre os segmentos* (mas uma relação de natureza primariamente discursiva) como ausência de integração.

suficientes para confirmar o estatuto tópico do segmento;

- quando um segmento apresentar relevância textual-interativa parcial,¹⁴ terá estatuto tópico se houver mudança de entonação ou a coocorrência das outras três evidências prosódicas ou se não houver integração sintática e semântico-pragmática;
- quando um segmento não apresentar relevância textual-interativa, terá estatuto tópico apenas se houver mudança de entonação ou coocorrência das outras três evidências prosódicas e não houver integração sintática e semântico-pragmática.

Essa generalização e sistematização do contrabalanceamento dos critérios parecem contemplar todas as possibilidades de combinação entre eles. Como pode ser observado, esse contrabalanceamento pressupõe um peso maior do critério *grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do ST* e, dentre os traços prosódicos, a mudança entonacional como maior evidência de seqüenciamento tópico.

É importante ressaltar que a aplicação dos três critérios acima, no momento da análise do estatuto frasal ou tópico de um segmento, constitui, na verdade, a formulação de hipóteses. A conclusão sobre o estatuto do segmento, e mesmo de cada critério, só pode ser alcançada ao final, depois de se recorrer a todos os três critérios. Por exemplo, nos três contrabalanceamentos acima, dizer que um segmento apresenta relevância textual-interativa significa dizer, na verdade, que é possível a leitura daquele segmento como tendo relevância textual-interativa, como constituindo um novo passo na estruturação do ST; a certificação de que o segmento, de fato, tem relevância vem depois de se recorrer aos demais critérios. Trata-se, pois, de avaliar o potencial de um segmento para ser a continuação de uma sentença ou uma expansão na construção do ST.

Da mesma forma, dizer que um segmento apresenta integração sintática e semântico-pragmática significa dizer que parece pertinente a interpretação daquele segmento como

¹⁴ Relevância textual-interativa parcial refere-se ao caso em que um segmento permite interpretação como sendo uma parte na estruturação do ST e como sendo apenas continuação de uma sentença anterior.

sendo continuação de uma sentença gramatical; se, na seqüência, constata-se, no entanto, que ele também pode ser interpretado como podendo ter relevância textual-interativa e que há certa ausência de integração prosódica, então, pode-se concluir que ali o falante não continuou uma sentença gramatical, mas iniciou um novo passo na estruturação do ST; ou seja, aquele segmento poderia, potencialmente, formar uma sentença gramatical com o segmento anterior, mas não é o caso.

A necessidade de recorrer aos três critérios parece se fazer clara na análise de casos como o exemplificado em (5), repetido aqui em (10).

- (10) Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida... né... mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é... seria através também DA família...

porque::... veja bem... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado... éh:: ali que ele vai receber todas as orientações princi/ básicas... né prá ele se tornar uma pessoa

[AC-102, RO]

Trata-se de um caso em que a leitura do segundo segmento como tendo relevância textual-interativa é possível, uma vez que esse segmento apresenta um suporte para a posição apresentada no primeiro segmento; por outro lado, o trecho todo, apesar de extenso, poderia ser analisado como uma sentença gramatical, como um período composto por subordinação e coordenação. Nesse caso, é a análise dos fatores prosódicos e a identificação da ausência de integração prosódica, dada a presença de pausas, alongamentos e mudança de entonação, que vão permitir decidir pelo estatuto tópico do segundo segmento.

A seleção dos três aspectos acima discutidos como critérios para identificação do estatuto frasal ou tópico de um segmento foi realizada durante o levantamento e a análise de dados e permitiu um tratamento de dados relativamente uniforme. Embora a identificação e a formulação desses critérios sejam realizadas aqui de forma apenas introdutória, a pesquisa pôde demonstrar que, na formulação de critérios identificadores do estatuto frasal ou tópico de segmentos, esses três critérios são relevantes e deveriam ser levados em consideração.

Nesse sentido, a pesquisa evidenciou a necessidade de trabalhos específicos destinados a essa investigação, o que, aliás, constitui um dos principais passos prospectivos deste trabalho.

Por meio das propriedades de *centração* e *organicidade* e dos três critérios acima, portanto, foi possível segmentar os inquéritos que constituem o *corpus* da pesquisa em STs e, estes, em suas sentenças constituintes.¹⁵ Abaixo são analisadas, então, diferentes funções de MDs no processo de articulação tópica que puderam ser distinguidas na análise de dados. Três principais funções, válidas para os MDs em geral, pareceram ser relevantes: *Introdução*, *Seqüenciamento* e *Fechamento* de ST.

O trecho a seguir ilustra o uso de MDs com função de Introdução de STs.

(11) **áí** teve um rapaz lá que era muito colega MEu...
 áí ele falou assim pra mim – “ôh caipira” – que eles chamava eu de caipira – “ôh caipira eu num posso ir junto com voCÊ? lá na tua CASA?”
 áí eu falei assim oh

porque esse rapaz tudo quanto é lugar lá em São Paulo ele me levava pra conhecer...
 ele me levou no Morumbi:: pá assistir o o:: conhecer o Morumbi::... ele levou no no Parque éh:: no Parque Antár::tica pá conhecer o Parque Antártica ele me levou no Canindé: pá conhecer o Canindé...
 ele me levou no mu/ no museu ele me levou em tudo quanto é lugar lá
 que ele ele morou ele morava lá ele conhecia São Paulo e:: e nasceu em São Paulo e conhecia tudo quanto é lugar lá em São Paulo ele conhecia
 então ... de domingo ele me levava eu em tudo quanto é lugar lá pra mim conhecer São Paulo
 e eu e eu conheço São Paulo... graças a ele porque se eu for preciso ir em São Paulo HOje eu sei ir...
 porque... graças ir graças a ele né...

e esse rapaz... voltando atrás ele quis... éh:: sobre éh os dia que nós ia::... que que nós i/ que eu vinha pá passear e ver meu pai e minha MãE ele também pediu pra vim...
 áí eu falei pra ele – “não se quiser ir cê vai né? só que lá na minha casa é casa de pobre num é igual a sua casa aqui”
 porque de sábado e domingo eu ia na casa dele... ele... eu almoçava lá:: às vezes até janta::va às vezes até dormia na casa dele...
 áí ele falou assim “não eu quero ir lá pra conhecer porque eu num conheço:: o interior eu só nas/ eu sou nascido aqui em São Paulo eu num conheço o:: o interior” –
 eu falei – “não cê quiser ir lá tudo bem uai só que eu tô te explicando lá:: a casa da minha mãe e do meu pai é assim assim e assim né” –
 ele falou – “não tudo bem então vamos”

[AC-129, NE]

¹⁵ A segmentação completa dos inquéritos encontra-se no Anexo 1.

Como pode ser observado, o primeiro ST é introduzido pelo MD *aí*. Na seqüência, esse ST é interrompido pela inserção de um novo ST introduzido pelo MD *porque*. A volta ao ST anterior, descontínuo, se dá também por meio de um MD, *e*. A função de Introdução de STs é bastante perceptível nesse exemplo. No primeiro ST, o MD *aí* introduz um tópico novo (*aí teve um um rapaz lá*) no encadeamento do discurso.¹⁶ O segmento introduzido pelo MD *porque* constitui uma inserção tópica, pois provoca uma descontinuidade no ST anterior, que é, explicitamente, retomado na seqüência. Essa retomada, iniciada pelo MD *e*, é marcada pela expressão anafórica *esse rapaz*, pela expressão *voltando atrás* e até mesmo pela explicação detalhada dada pelo falante da parte do discurso que o interlocutor deve retomar, ou seja, *sobre éh os dia que nós ia::... que que nós i/ que eu vinha pá passear e ver meu pai e minha MãE ele também pediu pra vim*. Dessa forma, é, de fato, possível identificar que os MDs em questão realizam a articulação entre os STs, introduzindo-os (realizando a *articulação intertópica*).

O trecho em (12) mostra MDs com função de Seqüenciamento (interno) de ST.

(12) *aí* no outro dia...

aí minha filha falou – “que cê veio fazê aqui meu filho” – né? – “é:: filha vim procurar serVIço né porque lá em a/ lá em Mirassol tá ruim de serVIço” – né

aí no outro dia ela saiu comigo na rua lá nós fomos procurar serviço...

aí tinha um um vizinho dela lá que era:: que trabalhava numa firma lá ele (inint.) negócio de máquina registradora...

aí ele foi nós fomos lá de dois na casa dele... e ele mandou eu ir lá no outro DIA... fazer o:: o exame lá escrito oral num sei que lá

aí eu consegui::... num sei se eu consegui passar ou ele arrumou lá tudo pra mim... eu sei que eu entrei nessa firma...

[AC-129,NE]

No exemplo acima, o MD *aí* é responsável pelo seqüenciamento de todo o ST. O ST em (9), repetido abaixo em (13), ilustra o uso de MDs com a função de Fechamento de ST.

¹⁶ O tópico, até então, estava centrado na experiência do informante de procurar emprego em São Paulo, como pode ser observado no Anexo 1.

- (13) aí ele cheg/ chegamos aqui chegando aqui em MiraSSOL... nós fomos pesca::r coisa que ele nunca tinha pescado... né...
- aí de noite nós fomos numa festa::: na festa junina que ele também nunca tinha i::do
- e:: ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior
- aí a hora que fa/ eu chamava ele de caipira né... eu falava - “êh Edgar... caipira é ocê não eu né” -
- aí nós fomos na HORta vê::êh:: eu fui comprar mandiOca... que minha mãe peDIU... pá fazer na na janta no almoço num sei e ele num sabia que a mandioca dava no chão... ((o informante ri)) ele pensava que mandioca dava na Árvore é hora que e/ eu tirava sarro nele né...
- ele éh:: ele era de São Paulo e ele viu laran::ja no nos pé ele viu jabutica::ba ele ficou abismado
- e e::
- então** *isso daí* é uma coisa que eu nunca esqueço...

[AC-129, NE]

Em (13), o MD *então* providencia o Fechamento do ST: ele introduz uma sentença que, por meio da expressão anafórica *isso daí*, faz referência a tudo o que foi enunciado anteriormente no ST, marcando o fim da seqüência narrativa. Nos STs em (14) e (15), a última sentença é introduzida, por um MD, de forma contrastiva às formas de introdução das demais sentenças do ST, e essa oposição parece contribuir para a marcação da última sentença como fechamento do ST: em (14), a última sentença é introduzida por um MD, enquanto as demais não são; em (15), a última sentença é introduzida por um tipo de MD, enquanto todas as demais, por outro tipo.

- (14) Ø chorava MUIto... ((risos)) ele era chorão... ((risos))
- Ø ele num gostava de ficar... no berço... né as enfermeiras éh::... iam no quarto e falavam – “eu não sei que que eu faço com aquele filho seu porque ele só chora” –
- Ø ele só ficava no colo... de pequenininho...
- Ø éh:: às vezes... à noite tava com sono... o Valdemir tinha que carregar.. ficar de noite com ele... com cobertor... porque tava frio... fazia época de frio né... com ele no colo... até ele pegar uma idade...
- aí** a gente ficou até com medo de... de ter outro né...

[AC-102, NE]

- (15) **aí** a minha mãe já falou assim... – “nossa eu pensei que você era igual eu... mas eu tô vendo que você num é” –
- aí** daí quatro anos... a gente deixou mais ou menos né... aí uns três anos e pouco eu fiquei grávida... do Elias... que é o meu filho do meio...
- aí** já foi uma gravidez MAIS OU MENOS normal...
- mas aí** a gente ficou muito feLIZ::... porque né... pá quem num criava ter o segundo... ((risos)) já era muita sorte...

[AC-102, NE]

Os exemplos acima evidenciam a relevância do papel de MDs no processo de articulação tópica. Esses exemplos, bem como toda a segmentação dos inquéritos em STs e em suas respectivas sentenças (que pode ser vista no Anexo 1), mostram que parte considerável dos procedimentos de articulação inter e intratópica é realizada por MDs. Isso permite identificar duas características discursivas intrinsecamente interligadas, porém distintas: a primeira é que o processo de articulação tópica depende significativamente do uso de MDs; a segunda é que a função de promover a articulação tópica constitui, de fato, uma das principais funções dos MDs, na verdade, uma função definidora, como defendido na GTI.

Isso, a propósito, evidencia um princípio teórico e metodológico da GTI especialmente significativo na análise de MDs: a necessidade de analisar os fenômenos discursivos com relação à organização do discurso em unidades tópicas, o que pode ser feito por meio da aplicação da categoria *tópico discursivo* bem como dos critérios identificadores de sentenças formulados acima. Nesse sentido, elementos como *mas*, em (1) e em (8) acima, só podem ser considerados como MDs depois de feita a segmentação tópica do inquérito. Ou seja, somente após constatar que *mas* ocorre no início de um ST, em (1), e no início de uma sentença, em (8), é que se pode identificá-lo como MD, e não como um elemento relacionado à estruturação da sentença gramatical.

A respeito da relevância de MDs no processo de articulação tópica, o gráfico abaixo mostra que 67,5% dos procedimentos de introdução de STs, 62% dos seqüenciamentos de STs e 91,5% dos fechamentos de STs são marcados por MDs.

Procedimentos de articulação tópica

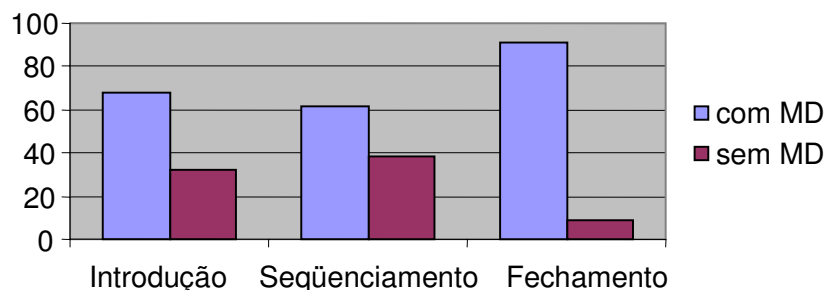


Gráfico 1: Procedimentos de articulação tópica

A escolha das noções de *Introdução*, *Seqüenciamento* e *Fechamento* como as subfunções predominantemente textuais (isto é, como especificação da função de *Seqüenciamento tópico*) justifica-se na medida em que parece haver MDs especializados, ou mais típicos, de cada uma dessas subfunções. Essas três categorias são evidenciadas pelo fato de que, com muita freqüência, os falantes criam e reconhecem uma estrutura do ST pela oposição entre essas três partes, ou duas delas. No ST em (15) acima, o uso de *aí* no início de sentenças subseqüentes cria uma *norma textual* e o uso contrastivo de *mas aí* provoca um *desvio da norma textual* (o que ocorre também, em (13), pela oposição entre *aí* e *então*), distinguindo, assim, as partes de seqüenciamento e fechamento; no mesmo sentido, o ST em (16) encontra-se estruturado nessas três partes, cada uma marcada por um MD diferente.¹⁷

- (16) **e:: aí** a criança cresce mas ela vai sentir eu acho que a criança sente falta da família...
porque:: ela num tem... um lugar... né ela acaba ficando sem um espaço... porque a vó num é...
 mãe... a mãe num é pai... e o pai num é a mãe... né
então ela vai crescendo com aquela...

(PENHAVEL, 2007a, p.4)

Além disso, essas três subfunções parecem ter uma mesma natureza da função geral de *seqüenciador tópico*; em outras palavras, *Introdução*, *Seqüenciamento* e *Fechamento* podem

¹⁷ A análise das partes em que os falantes estruturam o ST vem sendo detalhadamente desenvolvida em Penhavel (2007a).

ser entendidas como especificidades de *Seqüenciador tópico*. A análise de MDs com relação a essas três noções pode ser observada, de certa forma, em Risso (2006), ao analisar o MD *agora*. A autora identifica as seguintes funções e subfunções desse MD: 1. *articulação intertópica* (a. *formulações alternativas sobre um tópico*, b. *lista descritiva*, c. *mudança de orientação*) e 2. *articulação intratópica* (a. *introdução de um dado particular no assunto*, b. *mudança de orientação*, c. *retomada tópica após inserção*).

No mesmo trabalho, a autora analisa o MD *então* e procede à seguinte análise: 1. *articulação intratópica* (a. *encaminhamento de tópico*, b. *fecho de tópico*, c. *retomada tópica após inserção*) e 2. *articulação intertópica*. Porém, a autora inclui outras duas funções de *então*, que trata como contrapartes interpessoais da função de articulação tópica: 3. *o funcionamento do então na dinâmica de turnos* e 4. *o funcionamento do então como operador argumentativo no diálogo*. Risso (2006, p.465) explica que essas funções ocorrem simultaneamente à função de articulação tópica de alguns casos de *então*, o que constitui uma “confluência entre a estrutura ideacional e a interpessoal do discurso”. A autora observa que há casos em que, ao realizar o seqüenciamento tópico, *então* assume uma função argumentativa muito tênue, em oposição a outros casos em que essa função se destaca.

A esse respeito, a idéia defendida no presente trabalho é que, se a função argumentativa de certas ocorrências de *então* cabe ser destacada em relação a outras ocorrências em que não há ou há pouca força argumentativa, então essa função argumentativa deveria ser analisada como uma subfunção das funções de articulação intratópica e intertópica (ou seja, como o tipo de função conectiva que o MD exerce). Se a função argumentativa constitui uma função (interpessoal, segundo a autora) que pode co-ocorrer com a função articulatória, então, conforme concebido aqui, essa função argumentativa não teria relevância para a análise do item como MD, pois o que importa para seu estatuto de MD seria a função conectiva, articuladora. Essa possibilidade de que a função argumentativa é paralela à

articuladora, e não especificidade dela, parece ser a que a autora considera em seu trabalho. Nesse sentido, conforme aqui entendido, a discussão da natureza argumentativa de *então*, bem como de seu papel na dinâmica de turnos, poderia ser excluída na análise desse item como MD, e, principalmente, da análise de traços basicamente seqüenciadores de MDs.¹⁸

O levantamento e a análise de dados permitiram identificar que as funções de *Introdução*, *Seqüenciamento* e *Fechamento* de ST são funções, sistematicamente, válidas para todo e qualquer MD que apresente o traço de seqüenciador tópico. A pesquisa permite definir, nesse sentido, que todo MD com traço de seqüenciador pode e, para manter coerência com a própria GTI e se alinhar ao princípio de conectividade, deve ser analisado com relação a essas três funções, e, então, a identificação de subfunções deve ser entendida como particularidade de cada MD e deve se referir ao tipo de relação conectiva marcada pelo MD, sendo essa relação de natureza semântico-pragmática, argumentativa, metadiscursiva etc. (ou seja, algum tipo de relação pertinente à GTI).

A noção de *Introdução* e as noções de *Seqüenciamento* e *Fechamento* de ST correspondem, respectivamente, às noções de Articulação Intertópica e Intratópica que vêm sendo utilizadas na GTI. Porém, a opção aqui adotada de dividir estas duas últimas naquelas três se deve, primeiramente, ao fato de que a noção de articulação intratópica fica mais especificada. Além disso, há outra razão: a noção de articulação intertópica vem sendo utilizada principalmente para a articulação entre dois STs adjacentes; porém, há outros tipos de articulação intertópica, em níveis mais altos, isto é, a articulação entre conjuntos de STs; nesse sentido, a noção de *Introdução* de ST é utilizada aqui de forma mais geral, englobando diferentes tipos de articulação intertópica (isto é, o que é tratado aqui de *Introdução* de ST pode ser subdividido conforme o nível da articulação tópica em que o ST se envolve, porém, esta pesquisa não chega a se voltar para esse detalhamento); assim a noção de articulação

¹⁸ Tal discussão da função argumentativa de *então* é relevante neste trabalho, uma vez que, em vários trabalhos sobre MDs (MARTELOTTA *et al.*, 1996, SOUZA, 2003, por exemplo), há uma tendência a considerar a função argumentativa na identificação ou não de um item como sendo um MD.

intertópica fica reservada para o conjunto mais amplo, que englobe articulações intertópicas em diferentes níveis.¹⁹ De qualquer forma, as três noções aqui consideradas são apenas uma especificação de articulação inter e intratópica, sem pressupor uma negação delas.

A identificação desses três aspectos como subfunções textuais dos MDs está vinculada ao princípio de conectividade, discutido no primeiro capítulo. Nesse sentido, a identificação dessas subfunções específicas, bem como dos três critérios acima definidos, constitui uma especificação, não uma reformulação, da variável “articulação de segmentos do discurso” e da própria definição de MDs. No entanto, essas subfunções representam, simultaneamente, uma reformulação particular no sentido de que outros tipos de subfunções atribuídas a MDs (como articulação de turnos ou orientação argumentativa) são reanalisados em termos dessas três noções; isto é, trata-se de analisar como subfunções predominantemente textuais apenas funções de articulação de segmentos do discurso.

3.1.2. Funções predominantemente interacionais

Esta seção consiste na identificação e na definição de funções específicas predominantemente interacionais de MDs. Trata-se de uma especificação e de uma reformulação da variável *orientação da interação* com base no princípio de conectividade.

Segundo Risso *et al.* (2006), a variável *orientação da interação* compreende três traços:

2: basicamente orientador da interação;

1: secundariamente orientador da interação;

0: fragilmente orientador da interação.

Esses traços são definidos da seguinte forma:

¹⁹ A esse respeito, Penhavel (2007a) vem distinguindo três níveis de articulação tópica linear: o nível intratópico e dois níveis distintos de articulação intertópica.

Uma unidade é basicamente orientadora (traço 2), quando há uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, ou deste ao falante, através, por exemplo, da busca de uma aprovação discursiva (como em *certo?*, *entende?*) ou da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro (*uhn uhn*). Nesse traço 2 se incluem também unidades que, embora possam corresponder a automonitoramentos, sinalizam formalmente um envolvimento interpessoal (como *digamos*).

Quando a unidade sinaliza opinião ou orientação argumentativa do falante, o grau de interação é considerado secundário (traço 1). Incluem-se aqui processos de manifestação pessoal, em que o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais (*acho*) ou envolve, indiretamente, seu interlocutor (*bom*).

Quando a interação se define apenas em função da própria natureza do evento conversacional, que, por princípio, corresponde sempre à realização de uma tarefa comum, com envolvimento recíproco dos interlocutores, a orientação interacional é considerada frágil (traço 0) (RISSO *et al.*, 2006, p.408).

Como se pode observar, esses traços, como definidos, não envolvem o aspecto da conectividade. Esse aspecto, na concepção de MDs da GTI, é contemplado pela variável *articulação de segmentos do discurso*, que compreende os traços: 1: seqüenciador tópico, 2: seqüenciador frasal, 0: não-seqüenciador. Essas duas variáveis (articulação de segmentos do discurso e orientação da interação) são definidas em relação de mútua dependência. Como já mencionado, a GTI considera três combinações de traços definidoras de MDs prototípicos:

0 2: não-seqüenciador tópico e basicamente orientador da interação

1 1: seqüenciador tópico e secundariamente orientador da interação

1 0: seqüenciador tópico e fragilmente orientador da interação

Vejam-se inicialmente os exemplos (17) e (18), que apresentam a combinação de traços 0 2, exemplificando, assim, o traço *basicamente orientador da interação*. Trata-se de uma combinação que, conforme entendido pela GTI, não envolve conexão.

(17) então é: o que vale ma/ o que vale hoje é o dinheiro né? o que fala alto hoje é o dinheiro mais...

[C-129, RO]

- (18) Inf.2: e ele fumou... muito... na vida dele... beleza
 Inf.1: cigarro né?
 Inf.2: éh... maldito... beleza
 Inf.2: aí conseguiu operar
 Inf.1: **hum**
 Inf.2: depois de:: quase dois meses
 Inf.1: **huhum**

[AI-005]

O item destacado em (17) ilustra um tipo de MD denominado por Urbano (1994) de BAD (Busca de Aprovação Discursiva), aqui denominado de *Checking*. No *corpus* aqui analisado, foram identificados os seguintes itens deste tipo: *né?*, *sabe?*, *viu?*, *ok? entendeu?*, *ce viu?*. Trata-se de elementos que expressam uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, através da busca de uma aprovação discursiva. Já os itens destacados em (18) ilustram um tipo de MD denominado de *Feedback* (URBANO, 1994). No *corpus*, foram identificados os seguintes *Feedbacks*: *ah*, *hum*, *huhum*, *ham*, *é*. Complementarmente aos *Checkings*, eles são itens que expressam uma nítida orientação por parte do ouvinte em direção ao falante, através da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro.

Apesar de particularidades que possam ser identificadas no uso de diferentes tipos de *Checkings*, todos eles compartilham a propriedade de constituírem perguntas retóricas, que não pressupõem uma resposta do interlocutor em termos de seu conteúdo semântico. Isso se torna evidente pelo fato de o uso prototípico de *Checkings* ocorrer no interior do turno do falante, ou seja, ele enuncia um *Checking*, mas não cede o turno para a resposta do interlocutor, como mostra (17). Na verdade, os *Checkings* constituem uma solicitação do falante para que o interlocutor lhe dê “aprovação” para continuar seu discurso. Em outras palavras, o falante enuncia um *Checking* para se sentir habilitado a dar prosseguimento a seu discurso. É certamente por essa razão que os falantes, normalmente, não desenvolvem um segmento muito longo de seu discurso sem utilizar algum tipo de *Checking*. E, similarmente, o interlocutor, por sua vez, não passa um período muito longo sem emitir algum tipo de *Feedback*.

Nesse sentido, parece pertinente considerar que *Checkings* e *Feedbacks* constituem mecanismos de progressão discursiva; são mecanismos que falante e ouvinte precisam regularmente emitir para ir dando prosseguimento ao discurso, para garantir a continuidade da interação. Trata-se, pois, de um tipo de conexão discursiva, não a conexão entre partes do texto, como no caso dos MDs discutidos na seção anterior, mas de uma conexão entre as ações discursivas dos interlocutores. Por isso, parece pertinente dizer que esses tipos de MDs são responsáveis pela coesão interacional do discurso. Quando falante e ouvinte enunciam um *Checking* ou um *Feedback*, criam as condições interacionais para continuar a interação verbal, para que o discurso siga um pouco mais à frente. Dessa forma, o par complementar *Checking-Feedback* forma uma estrutura, aqui denominada de *estrutura de troca de confirmação discursiva*, que pode ser entendida em termos de conectividade, especificamente de conectividade interacional.

Essa análise se aplica a itens que apresentam o traço 2, *basicamente orientador da interação*. Em contrapartida, isso já não se verifica em itens que apresentam o traço 1, *secundariamente orientador da interação*. O exemplo (19) ilustra um MD que apresenta esse traço.

- (19) Doc.: dona Margareth o que a senhora éh:: acha... o que a senhora pensa sobre a educação... no país hoje?
 Inf.: **bom**.... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado... no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REGRESSÃO... da educação...

[AC-102, RP]

Veja-se que, por definição, o grau de interação é considerado secundário (traço 1) quando a unidade sinaliza opinião ou orientação argumentativa do falante. Porém, a função de sinalizar opinião ou orientação argumentativa não tem relação direta com conexão – argumentatividade, por exemplo, é uma propriedade inerente a diversos (ou todos os) mecanismos lingüísticos, não apenas aos conectores. Isso coloca em evidência uma questão também discutida na seção anterior: a relação entre ser MD e ter função argumentativa (dentre

outras), relação que, ao que parece, não deve ser considerada na GTI, por não contribuir para uma definição precisa e coerente de MDs.

Similarmente, o traço 0 *fragilmente orientador da interação* também não envolve conectividade, nem outra propriedade que diga respeito especificamente a MDs. A ocorrência em (20) ilustra MDs que apresentam esse traço (veja-se que o MD *aí* tem um traço de conectividade, mas trata-se de conectividade textual, não interacional).

- (20) **aí** no outro dia... **aí** minha filha falou – “que ce veio fazê aqui meu filho” – né – “é:: filha vim procurar serVIço né porque lá em a/ lá em Mirassol tá ruim de serVIço” – né **aí** no outro dia ela saiu comigo na rua lá nós fomos procurar serviço... **aí** tinha um um vizinho dela lá que era:: que trabalhava numa firma lá ele (inint.) negócio de máquina registradora... **aí** ele foi nós fomos lá de dois na casa dele... e ele mandou eu ir lá no outro DIa... fazer o:: o exame lá escrito oral num sei que lá **aí** eu consegui::... num sei se eu consegui passar ou ele arrumou lá tudo pra mim... eu sei que eu entrei nessa firma...

[AC-102, RP]

Veja-se que, por definição, a orientação interacional é considerada frágil quando a interação se define apenas pelo envolvimento recíproco dos interlocutores. Novamente, trata-se de uma propriedade pertinente aos itens lingüísticos (textual-interativos) em geral, não apenas a MDs.

O que a exploração da variável *orientação da interação*, durante a análise de dados, mostrou é que as propriedades contempladas por essa variável não são as mais adequadas para uma definição de MDs. Ou seja, a gradação entre mais orientador da interação ou menos orientador parece não ser relevante em termos definicionais. O que parece constituir uma propriedade relevante definicionalmente é se o item tem ou não o traço 2; se um item não apresenta o traço 2, apresentar o traço 1 ou o traço 0 parece não fazer diferença.

Na verdade, essa noção, de certa forma, já é praticada nos próprios trabalhos definidores de MDs da GTI (RISSO *et al.* 2006), embora pareça não ser assim entendida. Considerem-se as três combinações de traços 0 2, 1 1, 1 0. Se um item não for *seqüenciador tópico*, só será MD se for *basicamente orientador da interação*, isto é, quando não é

seqüenciador tópico somente a combinação 0 2 é possível; as combinações 0 1 (*não seqüenciador e secundariamente orientador da interação*) e 0 0 (*não seqüenciador e fragilmente orientador da interação*) não são. Isso significa que nem o traço *secundariamente orientador da interação* (traço 1) nem o traço *fragilmente orientador da interação* (traço 0) são considerados como fortes o bastante para atribuir a um item, que não seja *seqüenciador tópico*, o estatuto de MD.

No mesmo sentido, se um item é *seqüenciador tópico*, ele não deixará de ser MD por ser *secundariamente* ou por ser *fragilmente orientador*; e nem é considerado como mais ou menos prototípico por ser uma ou outra dessas opções. Ou seja, a diferença entre 1 1 e 1 0 parece não ter efeito em termos de definição do estatuto de um item como MD ou não. É o que se verifica com os MDs dos exemplos (19) e (20) acima: em (19) o MD é *secundariamente*, e em (20) é *fragilmente orientador*; ambos são MDs porque combinam esses traços com o traço *seqüenciador tópico*, e nenhum dos dois é considerado como mais prototípico que o outro.

Em resumo, da forma como os MDs são considerados na GTI, na verdade, um item será analisado como MD, em termos de função, ou se for *seqüenciador tópico* ou se for *basicamente orientador da interação*. Por essa razão, parece pertinente reestruturar a variável *orientação da interação*, compondo-a por apenas dois traços: *basicamente orientador da interação* e *não-basicamente orientador da interação*. Uma vez que, conforme visto acima, o traço *basicamente orientador da interação* envolve conexão interacional, e como parece adequado vincular MDs ao princípio de conectividade, torna-se pertinente substituir a variável *orientação da interação* por uma variável do tipo *seqüenciamento da interação*, compreendendo os traços *seqüenciador da interação* e *não-seqüenciador da interação*. Isso se justifica quando se admite que o traço 2, *basicamente orientador da interação*, como definido em Risso *et al.* (2006), envolve, como entendido aqui, *seqüenciamento da interação*,

o que é representado tipicamente pelo par *Checking-Feedback*.

Nesse sentido, essa reformulação da variável é, na verdade, um ajuste dessa variável de modo a ser composta apenas pelo traço identificador de MD definido pela própria concepção de MDs da GTI (*basicamente orientador da interação*), já que a gradação presente nos traços basicamente, secundariamente e fragilmente orientador não é distintiva no momento de definir um item como MD.

No mesmo sentido, essa redução de três traços gradientes entre si (basicamente, secundariamente e fragilmente orientador da interação) para dois traços discretos (seqüenciador da interação e não-seqüenciador da interação) não afeta o princípio de gradiência, característico da GTI, uma vez que a gradação entre aqueles três traços, como discutido acima, não é funcional, isto é, não implica diferença entre MDs mais ou menos prototípicos. Veja-se que, em Risso *et al.* (2006), a gradação entre MDs mais e menos prototípicos se dá na medida em que as dez variáveis definidoras de MDs se alinham ao previsto nas matrizes-padrão (sintetizadas em a-f, em 1.2.3. acima) ou se desviam delas, o que é igualmente mantido neste trabalho. Assim, a modificação proposta não altera a concepção de MDs como uma categoria gradiente, mas apenas elimina uma gradação não-funcional de uma variável específica.²⁰

Dessa forma, as seguintes alterações seriam efetuadas:

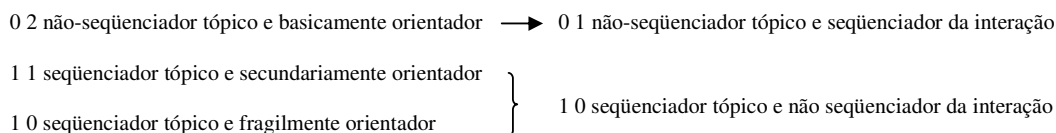


Figura 2: rearranjo da combinação de traços entre as variáveis *articulação de segmentos do discurso* e *orientação da interação*

Em síntese, esse rearranjo da variável *orientação da interação* implica considerar o traço

²⁰ A eliminação da gradação na variável *seqüenciamento da interação* não implica a idéia de que não haja uma gradação entre os MDs em termos de mais ou menos “orientadores da interação”. Essa gradação, aliás, como afirma Risso *et al.*, está presente em todos os elementos textual-interativos. O que se defende neste trabalho é que essa gradação não é distintiva para o estatuto de um item como MD.

basicamente orientador da interação como *seqüenciador da interação*, e os traços *secundariamente* e *fragilmente orientador da interação*, como *não-seqüenciadores da interação*. Porém, o traço *secundariamente orientador* inclui um aspecto que envolve seqüenciamento da interação, na medida em que inclui processos de manifestação pessoal em que o falante envolve, indiretamente, seu interlocutor, como no caso do MD *bom*, em (21), e do MD *ah*, em (22).

- (21) Doc.: éh... dona Margareth... tem alguma coisa que a senhora GOSTE de fazer... e que a senhora pode... éh descrever prá gente assim... como a senhora faz... éh::...o procedimento todo... prá... prá feitura... dessa... desse algo?

Inf.: **bom** eu gosto MUITO éh:: é de costurar... coisa que eu AMO fazer... éh... é fazer uma roupa...
[AC-102, RP]

- (22) Inf.2: quem que é esse Má?... fiquei curio::sa
Inf.1: **ah** é da televisão lá... vai no Tom Cavalcante

[AI-005]

Esse tipo de MD parece apresentar um traço semelhante aos *Checkings* e *Feedbacks*, na medida em que todos representam marcas do falante e do ouvinte que sinalizam o desencadeamento da interação. No *corpus* aqui analisado, os MDs desse tipo (*bom* e *ah*) ocorreram sempre no início de turnos, ou nos inquéritos de AI ou em momentos de dialogicidade dos inquéritos AC. Parecem constituir formas de encadeamento da interação, sinalizando que o falante vai dar continuidade a essa interação, e que está preparando o discurso subsequente. Assim, podem ser definidos como um subtipo de *seqüenciamento da interação*, uma subfunção interacional ao lado de *Checkings* e *Feedbacks*.

Por outro lado, Risso (2006) trata esse tipo de MD como seqüenciador tópico. Os dados aqui analisados levam a pensar que essa propriedade de seqüenciamento tópico, ou seja, seqüenciador basicamente textual, que Risso (2006) identifica, consiste, na verdade, em seqüenciamento interacional. Veja-se que a relação que *bom*, *bem*, *olha*, *ah*, *veja bem* etc. marcam entre duas partes do texto não é, primariamente, do mesmo tipo da relação marcada por MDs tipicamente textuais, como *então*, *agora*, *e*, *mas*, *aí* etc. Estes últimos marcam (isto

é, especificam e explicitam), mais claramente, uma relação de natureza semântico-pragmática, como conclusão, contrajunção, adição etc. MDs como *bom*, *olha* etc. parecem sinalizar, primariamente, que o falante vai iniciar a resposta a uma pergunta ou uma nova parte da interação; a função é a de chamar a atenção do interlocutor para isso, e não propriamente marcar uma relação entre dois segmentos do discurso. Portanto, de fato, como aponta Risso (2006), esses itens são seqüenciadores, mas não tópicos (basicamente textuais), e sim basicamente interacionais.

No entanto, Risso (2006) chega a identificar que os MDs *bom* e *bem* assumem um estatuto concessivo, o que, então, justificaria analisá-los como seqüenciadores tópicos. De qualquer forma, de acordo com o rearranjo da variável *orientação da interação* aqui proposto, haveria três possibilidades de análise para os elementos do tipo de *bom*, *bem*, *ah*, conforme se assumia que seu traço seqüenciador seja de natureza, respectivamente, interacional, textual, ou ambas: (i) *não-seqüenciador tópico e seqüenciador da interação* (ii) *seqüenciador tópico e não-seqüenciador da interação*; (iii) *seqüenciador tópico e seqüenciador da interação*. Os dados da presente pesquisa reuniram evidências em favor da primeira possibilidade.

Nesse sentido, o traço *seqüenciador da interação* da variável aqui proposta, *seqüenciamento da interação*, compreenderia, até aqui, três subfunções: *Feedback*, *Checkings* e MDs do tipo *bom*, *bem* e *ah*, que podem ser denominados *Iniciadores*.

O mesmo tipo de questão sobre a natureza como seqüenciador tópico e/ou interacional, válida para *bom*, *bem* e *ah*, é válida também para o item *olha*, também analisado por Risso (2006) como seqüenciador tópico, e para itens como *veja bem*, como no exemplo (23).

- (23) Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida... né... mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família... porque:... **veja bem**... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado... éh:: ali que ele vai receber todas as orientações princi/ básicas... né prá ele se tornar uma pessoa

[AC-102, R0]

Risso *et al.* (2006) consideram uma diferença entre *bom*, *bem* e *ah*, considerados *secundariamente orientadores da interação*, por envolverem indiretamente o interlocutor, e *olha*, considerado *basicamente orientador da interação*, por envolver diretamente o interlocutor. Essa diferença pode ser mantida no rearranjo aqui proposto, uma vez que itens como *olha*, *veja bem*, ao guardarem a forma de ilocução imperativa, implicam maior comprometimento entre falante e ouvinte com a continuação da interação, da mesma forma que *Checkings*, ao guardarem a forma de ilocução interrogativa. Essa diferença, que não afeta o estatuto do item como sendo ou não um MD, pode ser utilizada para definir uma quarta subfunção interacional, que pode ser denominada *Injuntiva*, a ser considerada ao lado de *Feedbacks*, *Checkings* e *Iniciadores*.

Como já mencionado, Risso *et al.* (2006) consideram o contrabalanceamento entre a função textual e a função interacional como definidor de MDs prototípicos. Assim, em MDs prototípicos, a tônica recai ou na função textual, ou na interacional, e por isso são definidas as combinações *não-seqüenciador tópico* e *basicamente orientador da interação* (0 2), *seqüenciador tópico* e *secundariamente orientador da interação* (1 1) e *seqüenciador tópico* e *fragilmente orientador da interação* (1 0). Por isso, quando analisa o item *olha*, Risso (2006) diz que este não chega a ser um MD prototípico, por ser *seqüenciador tópico* e *basicamente orientador da interação* (1 2), mas o analisa como um MD importante e representativo da classe, considerando a combinação 1 2 como exceção.

No entanto, a presente análise evidenciou a pertinência de considerar que a tendência de contrabalanceamento textual/interacional deve ser considerada apenas como uma tendência, não como propriedade definidora. Não representa problema para a definição de MDs prototípicos o fato de o item ser *seqüenciador tópico* e *basicamente orientador da interação* ao mesmo tempo; o que é preciso é que tenha, pelo menos, um desses dois traços. Assim, com o rearranjo aqui proposto, são considerados MDs prototípicos itens que sejam ou

seqüenciadores tópicos ou seqüenciadores da interação, ou ambos, embora esta última combinação seja menos recorrente.

Finalmente, uma quinta e última subfunção interacional pôde ser identificada como relevante durante o levantamento. Vejam-se os exemplos (24) e (25).

- (24) Inf.2: vou dar só umas lidinha nos meus *e-mail* e o computador é seu tá?
 Inf.1: tá... não tudo bem *no problem*
 Inf.2: ô eu tô viciada no *orkut*... eu sou viciada
 Inf.1: nossa faz tanto tempo que eu não vejo o meu...
 inf.2: jura?
 Inf.1: sério eu nem sei que que acontece mais
 Inf.2: nossa eu tô *orkut*... fico lendo meu *e-mail*

[AI-005]

- (25) Inf.2: computador é lerdo né?
 Inf.1: ãh?
 Inf.2: computador é lerdo
 Inf.1: ah esse é viu?
 Inf.2: fala sério ((risos))

 Inf.2: ô aquele menino é tão bonzinho... eu gosto tanto dele
 Inf.1: nossa eu também
 Inf.2: ele é ele é extremamente assim... simpático
 Inf.2: ele é ele é extremamente assim... simpático
 Inf.1: muito muito mesmo...
 Inf.1: ai eu fiquei até com vergonha a unha dele tá mais bonita que a minha ((risos))
 Inf.2: cê também viu?
 Inf.1: eu vi

[AI-005]

Em ambas as ocorrências, a partícula interjetiva *ô* tem uma função semelhante à de outros MDs aqui analisados; a de solicitar a atenção do interlocutor para poder continuar a interação, como no caso dos *Checkings*, por exemplo. Nesses casos, *ô* assume uma função de seqüenciamento da interação, podendo funcionar como um MD predominantemente interacional, na medida em que tem a função de invocar ou chamar a atenção do interlocutor para o ato da interação, possibilitando, assim, a progressão da interação; em outros termos, ao chamar a atenção do interlocutor, o falante cria condições para dar continuidade à interação. Trata-se de itens que correspondem, sintaticamente, aos Vocativos. Nessas ocorrências, inclusive, a função de gerenciar a progressão da interação é evidenciada pelo fato de que, em (24), *ô* é usado para chamar a atenção do interlocutor para uma nova parte dentro de um ST,

em que a interação se centra em um novo referente, *orkut*; em (25), *ô* é usado para chamar a atenção do interlocutor para o início de um novo ST, em que a interação se centra em um referente, *aquele menino*, diferente do referente do ST anterior, *computador*.

Os exemplos de MDs em (24) e (25) são constituídos formalmente por partículas interjetivas, cuja função parece ser primariamente a de vocativo puro – esses casos são denominados por Hengeveld e Mackenzie (no prelo) de *Interpelativos*; esse tipo é o que parece mais pertinente analisar como MD. No caso de outros tipos de vocativos, torna-se mais difícil analisá-los, a princípio, como MDs, como é o caso dos exemplos (26)-(28): em (24) e (25), o item *ô*, como não tem base lexical, parece mais propenso a assumir apenas, ou primariamente, uma função de Interpelativo; já em (26)-(28), como os itens têm estatuto lexical, parecem mais propensos a estar exercendo, primariamente, outras funções, inclusive interacionais, que não a de seqüenciamento da interação, como uma função exclamativa, em (26), por exemplo.

- (26) Inf.1: cê assiste Tom Cavalcante?
 Inf.2: não
 Inf.1: ah então como é que cê quer saber?
 Inf.2: **cara** eu tô tentando pe/ lembrar da Xuxa
 Inf.1: era ele e um outro magro lá o::

[AI-005]

- (27) Inf.1: lembra aquele:: aquele cara da Xuxa
 Inf.2: qual **meu**?
 Inf.1: ele fazia aque/ acho que David Bra/ que é gago?
 Inf.2: qual::?
 Inf.1: num sei se é David... ele vai no Tom Cavalcante lá... é o que tem um cabelo tudo cacheadinho assim um arquinho assim...

[AI-005]

- (28) Inf.2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses **Marina**... meu pai operou na cabeça... ele tinha aneurisma... sabe?

[AI-005]

No caso de vocativos mais extensos, como em (29), denominados *vocativos*

designativos por Hengeveld e Mackenzie (no prelo), a identificação da função de seqüenciamento da interação, e o próprio estatuto de MD, se tornam ainda mais duvidosos, já que se trata de expressões com conteúdo proposicional explícito.

(29) **You who are waiting for Zayd**, he has arrived.

(HENGEVELD, MACKENZIE, no prelo)

Este trabalho não prevê uma discussão detalhada sobre vocativos. Mas a análise de dados pôde demonstrar a pertinência e a necessidade de reservar uma subfunção interacional de MDs para abrigar a função desse tipo de mecanismo, a qual, se não compreender os vários tipos de vocativos, deve certamente compreender os tipos exemplificados em (24) e (25); por ora, essa subfunção interacional pode ser satisfatoriamente tratada de *Interpelativo*, uma última especificidade da função *seqüenciador da interação*.

Em síntese, a presente seção, com base no princípio de conectividade identificado no capítulo 1, procede a um rearranjo da variável *orientação da interação*, propondo sua substituição pela variável *seqüenciamento da interação*. Esse rearranjo pode ser sintetizado no quadro abaixo:

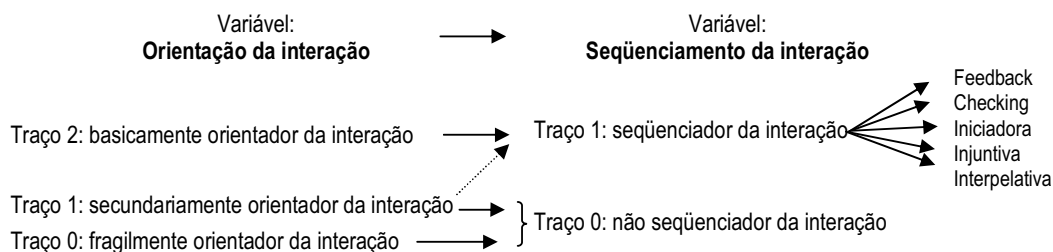


Figura 3: Rearranjo da variável *orientação da interação*

Esse rearranjo é motivado, principalmente, pelo fato de os traços 1 e 0 da variável original não pressuporem conectividade (com exceção de um aspecto do traço 1) e pelo fato

de a diferença entre esses dois traços não ser decisiva para a identificação do estatuto de MD. Como se pode ver, a variável original, composta por três traços, é substituída por uma variável com apenas dois traços. O traço *basicamente orientador da interação* é substituído pelo traço *seqüenciador da interação*, e os traços *secundariamente* e *fragilmente orientador da interação* são substituídos pelo traço *não-seqüenciador da interação*; apenas um aspecto do traço original, *secundariamente orientador da interação* (MDs como *bom*, *bem* e *ah*), é incluído no traço novo *seqüenciador da interação*. Este traço compreende, então, as cinco subfunções predominantemente interacionais aqui definidas: *Feedback*, *Checking*, *Iniciador*, *Injuntivo* e *Interpelativo*.

Esse rearranjo implica também mudança na combinação dessa variável com a variável *articulação de segmentos do discurso*. Como já discutido, a GTI define três combinações entre essas duas variáveis como combinações definidoras de MDs prototípicos:

- *não-seqüenciador tópico* e *basicamente orientador da interação* = 0 2;
- *seqüenciador tópico* e *secundariamente orientador da interação* = 1 1;
- *seqüenciador tópico* e *fragilmente orientador da interação* = 1 0.

Com o rearranjo aqui proposto, essas combinações são reduzidas a apenas duas:

- *não-seqüenciador tópico* e *seqüenciador da interação* = 0 1
- *seqüenciador tópico* e *não-seqüenciador da interação* = 1 0

Ressalte-se, porém, que é incluída aqui, como definidora de MDs prototípicos, também a combinação *seqüenciador tópico* e *seqüenciador interacional* (combinação 1 1 no rearranjo aqui proposto). Na concepção original, a combinação equivalente (*seqüenciador tópico* e *basicamente orientador da interação*) não é admitida como típica de MDs, porque é forte tanto no aspecto

textual quanto no interacional, o que não é muito recorrente. Aqui é assumido que, embora essa combinação não seja uma tendência, um item que vier a ser analisado assim deve ser entendido como MD prototípico; isto é, para ser MD prototípico, um item tem de ser, pelo menos, seqüenciador tópico, ou seqüenciador da interação, podendo, sem nenhum problema, ter os dois traços ao mesmo tempo.

3.1.3. Redefinição de Marcadores Discursivos

Como descrito no capítulo 1, na GTI, os MDs são concebidos como uma categoria gradiente, sendo definidos pelo contrabalanceamento de traços de dez variáveis. São definidas seis diferentes combinações de traços (matrizes-padrão) como definidoras de MDs prototípicos:

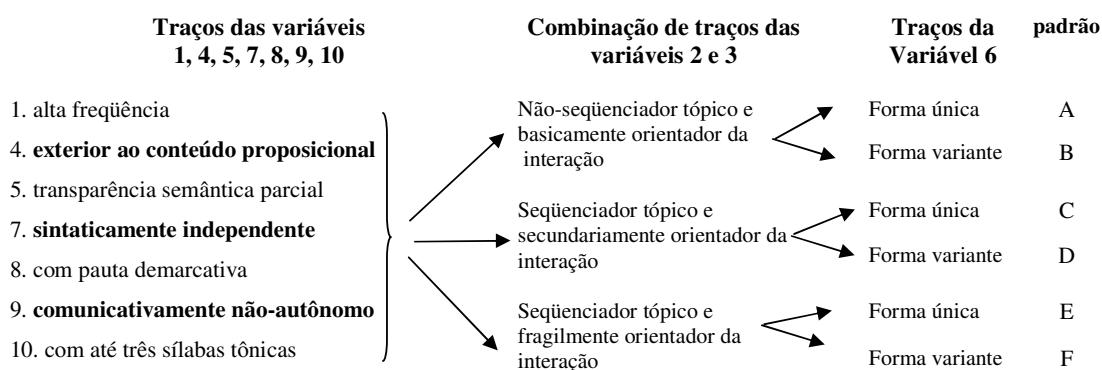


Figura 4: Matrizes-padrão dos MDs

Com a reformulação da variável *orientação da interação* proposta na seção anterior, as três combinações de traços entre essa variável (variável 3) e a variável *articulação de segmentos do discurso* (variável 2), conforme discutido na seção anterior, são reduzidas a apenas duas combinações, ou seja, *não-seqüenciador tópico e seqüenciador da interação* e *seqüenciador tópico e não-seqüenciador da interação*. Dessa forma, os seis padrões de MDs prototípicos, acima descritos, podem ser reduzidos a apenas quatro padrões:

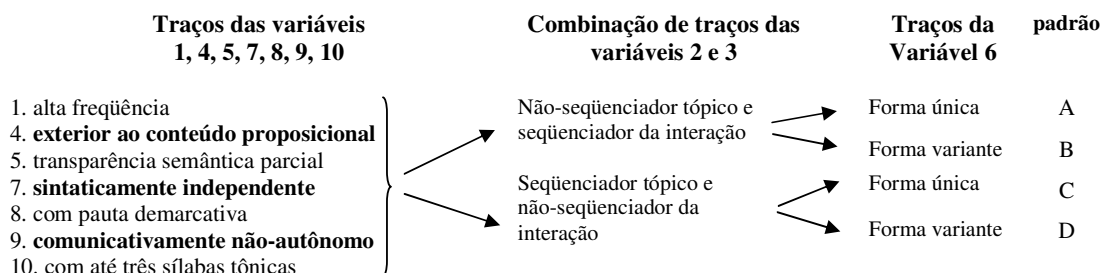


Figura 5: Matrizes-padrão dos MDs – recombinação de traços das variáveis 2 e 3.

Como se pode ver, os dois traços da variável 6 (forma única e forma variante) não são decisivos para o estatuto de uma expressão como MD, pois uma expressão, atendidos os outros traços, é MD prototípico tanto sendo forma única quanto variante (veja-se que a diferença entre os padrões A e B, por exemplo, é apenas que, em A, a expressão é forma única, enquanto, em B, é variante); ou seja, uma expressão não passa a ser ou deixa de ser MD por ser forma única ou variante. Portanto, para a definição de MDs, parece que essa variável pode ser excluída. Assim, os quatro padrões restantes acima, são, ainda, reduzidos a apenas dois, eliminando-se a menção a ser forma única ou variante, o que representa uma simplificação que parece produtiva para a definição de MDs:

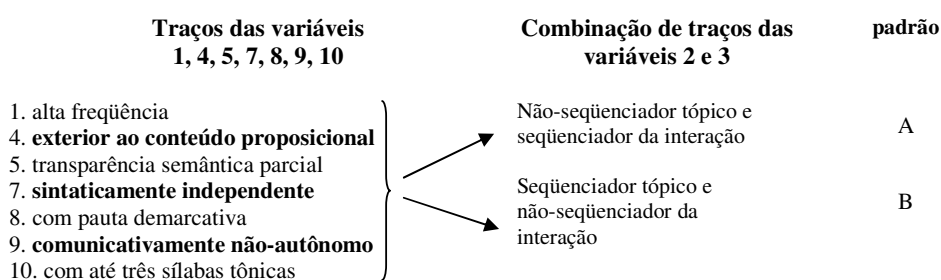


Figura 6: Matrizes-padrão dos MDs – eliminação dos traços *forma única* e *forma variante*

Conforme discutido também na seção anterior, a concepção atual de MDs da GTI considera que, em um MD prototípico, em termos de função, a tônica deve recair ou na função textual ou na função interacional (ou seja, o contrabalanceamento entre as duas funções é

definidor). Porém, neste trabalho defende-se que esse contrabalanceamento deve ser considerado apenas como uma tendência, não como uma propriedade definidora. Portanto, aos dois padrões restantes acima, pode-se acrescentar um último, para itens em que a tônica, em termos de função, venha a recair em ambas funções, textual e interacional, ou seja, itens que venham a ser *seqüenciadores tópicos e seqüenciadores da interação* ao mesmo tempo:

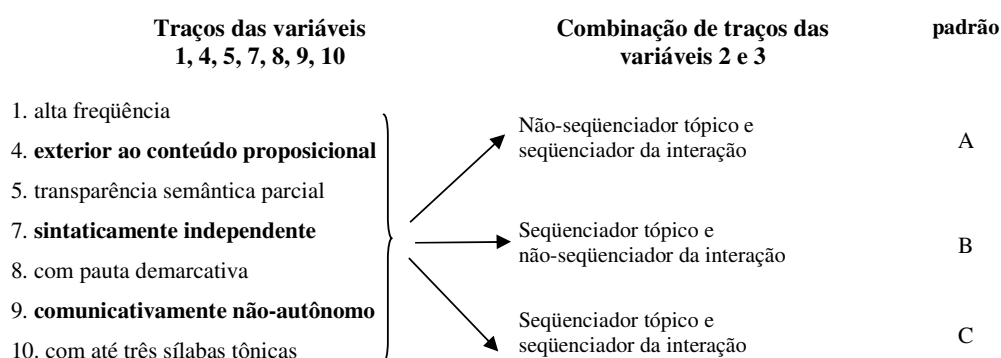


Figura 7: Matrizes-padrão dos MDs – inclusão da combinação *seqüenciador tópico e seqüenciador da interação*

Considerando, então, esses três padrões de MDs prototípicos, que constituem a reformulação da concepção de MDs da GTI aqui proposta, pode ser formulada uma definição de MDs da seguinte forma:

Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões com alta freqüência, exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, com transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta demarcativa, comunicativamente não-autônomas, com até três sílabas tônicas e com função de seqüenciamento tópico e/ou de seqüenciamento da interação.

Nessa definição, a alternância “e/ou” é fundamental, pois resulta nos três padrões possíveis definidos na figura 7 acima. Considerando, agora, apenas os traços constituintes do núcleo piloto definidor de MDs, a definição acima pode ser simplificada:

Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, sintaticamente independentes, comunicativamente não-autônomas e com função de seqüenciamento tópico e/ou de seqüenciamento da interação.

E considerando, ainda, que expressões com função exclusiva, ou primordial, de seqüenciamento tópico ou interacional, tendem a ser, naturalmente, exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, sintaticamente independentes e comunicativamente não-autônomos, a definição pode ser simplificada ainda mais, chegando-se, então, à seguinte definição de MDs:

Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões com função primordial de seqüenciamento tópico e/ou de seqüenciamento da interação.

Conforme identificado e definido no presente trabalho, a função, basicamente textual, de *seqüenciamento tópico* compreende as subfunções de *Introdução de segmento tópico*, *Seqüenciamento de segmento tópico* e *Fechamento de segmento tópico*, e a função, basicamente interacional, de *seqüenciamento da interação* compreende as subfunções de *checking*, *Feedback*, *Injuntivo*, *Iniciador* e *Interpelativo*.

Como observado, as duas últimas formas de enunciar a definição de MDs são mais sintéticas que a primeira. Essas definições mais sintéticas aqui propostas baseiam-se na hipótese de que os traços do núcleo piloto, e, até mais sinteticamente, apenas as funções, conforme definidas neste trabalho, já pressupõem as demais propriedades dos MDs. Em outras palavras, uma expressão com função primordial de seqüenciamento tópico e/ou de seqüenciamento da interação irá apresentar tipicamente os demais traços previstos na primeira forma de enunciar a definição. No entanto, a apresentação de evidências para a proposição dessas formas mais sintéticas de definição fica aqui prevista como objetivo de um trabalho prospectivo. Por ora, a forma mais completa, que faz referência direta a todos os traços definidores de MDs, é que pode ser sugerida como definição de MDs.

Como este trabalho enfatiza as funções dos MDs, pode parecer que MDs são entendidos aqui como uma função, não como uma classe. No entanto, não é essa a noção aqui

considerada. Neste trabalho, assim como em Risso *et al.* (2006), MDs são concebidos como uma classe, ou melhor, como uma categoria discursiva, definida pelo contrabalanceamento de um conjunto de traços, dentre eles, a função que exercem. O que é defendido aqui, com base nos dados e na bibliografia sobre o assunto, é que a função deve ser considerada um dos principais traços definidores da categoria (talvez o principal), o que, de certa forma, já é praticado na própria GTI pela inclusão da função no núcleo piloto definidor dos MDs. E a relevância da função para o estatuto de MD se torna mais evidente quando se observa, como dito acima, que, ao considerar função como entendido aqui, vários dos demais traços já estão automaticamente incluídos. De qualquer forma, a função continua a ser um traço definidor de MDs, e estes, uma categoria discursiva.

3.2. Correlação forma-função

Uma característica dos MDs comumente descrita é sua natureza multifuncional, o que, a princípio, tornaria inviável o tipo de análise proposto nesta seção. No entanto, procura-se investigar aqui a correlação forma-função dos MDs em termos de tendências, em termos de maior especialização das formas para exercer determinadas funções, e não em termos de uma correlação biunívoca entre forma e função. Assim, os números que mostram determinada forma como exercendo principalmente, ou mesmo absolutamente, uma determinada função mostram, na verdade, uma certa especialização dessa forma para aquela função, o que não impede que essa mesma forma exerça, em outros contextos, outras funções, para as quais ela, contudo, não se mostra especializada.

No *corpus* analisado, foram encontrados os seguintes MDs e, assim, identificados os seguintes tipos de constituição formal, conforme o quadro abaixo.

Quadro 3: Constituição formal dos MDs

-
1. **MD de base adjetival:** certo, bom

 2. **MD de base adverbial:** agora, aí, depois, então, inclusive, ainda, assim,

 3. **Agrupamento:** e aí, e aí?, e assim, e então, e por isso, então aí, então assim, então quer dizer, mas aí, mas assim, aí assim, e aí outra

 4. **MD de base conjuncional:** e, mas, (por) que, só que, se

 5. **MD de base interjeicional:** ah, ô

 6. **MD de base oracional:** veja bem, ce viu?, num é?, ce vê,

 7. **Partícula:** né?

 8. **MD de base pronominal:** meu

 9. **MD de base nominal:** cara, tipo assim

 10. **MD de base preposicional:** por exemplo

 11. **Sons não-lexicalizados:** ahm, ahm ahm, uhm, uhm uhm, hein?

 12. **MD de base verbal:** entendeu, olha, sabe?, viu? é

Algumas observações gerais podem ser inicialmente extraídas do quadro acima. Todos os MDs encontrados são de extensão curta, não ultrapassando três sílabas tônicas. Esse dado confirma a tendência, identificada em Risso *et al.* (2006), de MDs consistirem, prototipicamente, em elementos de curta extensão formal. Também corroborando o trabalho de Risso *et al.*, os dados mostram a presença tanto de formas únicas quanto de formas variantes (*olha/óh, sabe?/sabia?*) entre MDs que podem ser analisados como prototípicos, sendo que a natureza e a proporção dessa variação são muito similares à que ocorre no trabalho dos autores.

Foi identificada uma variedade relativamente grande de formas funcionando como MDs: 12 constituições formais diferentes. A análise de outros inquéritos e de outros trabalhos permite identificar, ainda, outras formas, que não chegaram a ocorrer no *corpus* aqui utilizado, como numerais (*primeiro, segundo*). Isso evidencia que a constituição formal dos MDs não é um aspecto relevante para sua definição, ao contrário, por exemplo, das funções que exercem; e, nesse sentido, parecem não se sustentar considerações sobre a imprecisão da

classe dos MDs justificadas na diversidade de formas que funcionam como tal. O que parece pertinente, a respeito da constituição formal dos MDs, são possíveis correlações entre ela e as funções que exercem, como investigado neste trabalho.

Dentre as diferentes constituições formais identificadas, destacam-se os *agrupamentos*, que apresentam a maior diversidade de formas. Trata-se de um tipo particular e relativamente complexo de MD, ao qual, até o momento, poucos trabalhos têm se dedicado à exceção dos trabalhos de Fraser (*forthcoming*) e Souza (2004). Neste trabalho, é apenas sugerida a hipótese de que o primeiro membro do agrupamento apresenta uma natureza mais textual, mais coesiva, enquanto os membros seguintes, uma natureza mais semântica. O primeiro membro parece assumir uma natureza mais típica de MD que o segundo, e seria, assim, o elemento responsável por atribuir ao agrupamento o estatuto de MD.

São listados abaixo exemplos representativos de cada um dos tipos de constituição gramatical.

MD de base adjetival

- (30) Doc.: dona Margareth o que a senhora éh:: acha... o que a senhora pensa sobre a educação... no país hoje?
 Inf.: **bom**.... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado... no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REGRESSÃO...
 [AC-102, R0]

MD de base adverbial

- (31) Doc.: tio agora eu que eu/ eu queria que cê me conta::sse... éh:: alguma coisa que o vô já te contou... quando ele era vivo assim alguma coisa que ele te contou
 Inf.: o vô o vô trabalhava de carpinteiro né...
 aí os o/ e ele... ele fazia curra::l fazia tu:ia fazia:: fazia muita coisa
então o:: os os sitiante ele era muito procurado pelos sitiante e fazendeiro né...
 [AC-129, NR]

Agrupamento

- (32) aí daí quatro anos... a gente deixou mais ou menos né... aí uns três anos e pouco eu fiquei grávida... do Elias... que é o meu filho do meio... aí já foi uma gravidez MAIS OU MENOS normal... **mas aí** a gente ficou muito feLIZ::... porque né... pá quem num criava ter o segundo... ((risos)) já era muita sorte...
 [AC-102, NE]

MD de base conjuncional

- (33) fazemos embalagem para:: para a região TODa do do aqui do:: da da nossa cidade até:: fora do nosso estado... **e::** trabalha muita gente lá né...

[AC-129, DE]

MD de base interjeicional

- (34) Doc.: mas... lá tá dividido em:: como? tem a parte do escritó::rio e tem como que é?
Inf.: **ah** lá tem a parte do escriTÓrio... que trabalha:: quatro fun/ é cinco funcionária

[AC-129, DE]

MD de base oracional

- (35) mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família...porque::... **veja bem...** é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado

[AC-102, RO]

Partícula

- (36) então é: o que vale ma/ o que vale hoje é o dinheiro **né?** o que fala alto hoje é o dinheiro mais...

[AC-129, RO]

MD de base nominal

- (37) Inf.1: cê assiste Tom Cavalcante?
Inf.2: não
Inf.1: ah então como é que cê saber?
Inf.2: **cara** eu tô tentando pe/ lembrar da Xuxa
Inf.1: era ele e um outro magro lá o::

[AI-005]

MD de base preposicional

- (38) Inf.: bom.... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado... no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REGRESSÃO... da educação...**por exemplo...** coisas que:: na época eu aprendi... que eu fui na... que eu... NA MINHA ÉPOCA DE ESCOLA...

[AC-102-RO]

MD de base pronominal

- (39) Inf.1: não pode não pode... não pode não pode não pode... ((risos)) lembra aquele:: aquele cara da Xuxa
Inf.2: qual **meu**?

[AI-005]

Sons não-lexicalizados

- (40) Inf.2: (...) aí conseguiu operar ((inf.1: hum)) depois de:: quase dois meses ((inf.1: **uhm uhm**)) e ele tava super bem no mesmo...

[AI-005]

MD de base verbal

- (41) Inf.2: (...) meu pai tava parecendo um velho de oitenta e cinco anos... não é demais ((informante se emocionou))... era... num sei... era um objeto... que num falava num andava num... **sabe?** e tinha um buraco aqui de onde saia o catarro DA pneumonia...

[AI-005]

Para o cruzamento entre formas e (sub)funções dos MDs, consideraram-se, então, as formas identificadas acima, as funções gerais dos MDs, as subfunções predominantemente textuais e as predominantemente interacionais, conforme listadas em (A), (B), (C), respectivamente.

Quadro 4: Funções gerais dos MDs e subfunções predominantemente textuais e predominantemente interacionais

(A) Funções gerais dos MDs	(B) Subfunções predominantemente textuais	(C) Subfunções predominantemente interacionais
a) predominantemente textual	a) Introdução de ST	a) <i>Feedback</i>
b) predominantemente interacional	b) Seqüenciamento de ST	b) <i>Checking</i>
c) ambas	c) Fechamento de ST	c) Injuntivo
	d) não se aplica (casos em que o MD é predominantemente interacional)	d) Iniciador
		e) Interpelativo
		d) não se aplica (casos em que o MD é predominantemente textual)

A tabela 1 mostra o resultado do cruzamento entre as formas dos MDs e as funções gerais.

Tabela 1: Correlação entre forma e função geral dos MDs

	Predominantemente textual		Predominantemente interacional		Total	
	N	%	N	%	N	%
partículas	•	•	193	100.0	193	32.0
base adverbial	160	100.0	•	•	160	26.5
base conjuncional	157	100.0	•	•	157	26.0
base verbal	•	•	40	100.0	40	6.5
agrupamentos	20	95.0	1	0.5	21	3.5
sons não-lexicalizados	•	•	18	100.0	18	3.0
base adjetival	•	•	6	100.0	6	1.0
base oracional	•	•	4	100.0	4	0.5
base interjeicional	•	•	4	100.0	4	0.5
base preposicional	1	100.0	•	•	1	0.1
base nominal	1	50.0	1	50.0	2	0.3
base pronominal	•	•	1	100.0	1	0.1
Total	340	56.0	267	44.0	607	100.0

No *corpus* analisado, partículas, advérbios e conjunções destacam-se fortemente como as principais formas que funcionam como MDs; verbos, agrupamentos e sons não-lexicalizados apresentam uma frequência de uso como MD bastante expressiva, embora bem menos recorrente que as três primeiras formas; finalmente as demais formas demonstram-se menos propensas ao uso como MD, embora, quando ocorrem, podem funcionar como MD prototípico, como o sintagma preposicional *por exemplo*, em (42).

- (42) Inf.: bom.... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado... no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REGRESSÃO... da educação...
por exemplo... coisas que:: na época eu aprendi... que eu fui na... que eu... NA MINHA ÉPOCA DE ESCOLA... por exemplo o que a gente aprendia em quatro anos... né... no caso... depois o o ginásial também... éh... os meus filhos tinham que fazer até o terceiro colegial pá aprender... né...
 [AC-102-RO]

Sobre a tendência das formas a funcionar como MD, uma observação particular deve ser feita sobre os sons não-lexicalizados: foram identificadas apenas 18 ocorrências dessa forma, porém, ela se mostrou especializada para a função de *Feedback*, que constitui o acompanhamento por parte do ouvinte, sendo natural e óbvia a baixa frequência (no sentido de que o material lingüístico expresso pelos participantes, na função de ouvinte, é muito menor que o expresso na função de falante); no entanto, como será mostrado, 76% dos casos de *Feedback* são realizados por sons não-lexicalizados, evidenciando que essa forma constitui, em certo sentido, um tipo bastante recorrente de MD.

Como mencionado acima, o desenvolvimento deste trabalho pressupôs a idéia de não haver MDs ou constituições formais exclusivas para determinadas funções, mas apenas mais especializadas para certas funções, em termos de tendências e frequências. Isso, de fato, se verificou para certas subfunções, como se verá. Porém, em termos de funções gerais, predominantemente textual ou predominantemente interacional, as formas se mostraram exclusivas, ou quase exclusivas. Das 12 formas identificadas, apenas duas

(agrupamento, e MDs de base nominal) exerceram os dois tipos de função. Essa tendência é mais marcante nas formas que apresentaram altos índices de ocorrência: os MDs de base adverbial e os de base conjuncional, que em 100% de suas ocorrências exerceram função basicamente textual, e as partículas, que, em 100% das ocorrências, exerceram função basicamente interacional.

A tabela 2 mostra o resultado do cruzamento entre as formas dos MDs e as subfunções predominantemente textuais.

Tabela 2: Correlação entre forma e subfunção predominantemente textual dos MDs

	Introdução de ST		Seqüenciamento de ST		Fechamento de ST		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
base adverbial	31	46.0	107	44.0	22	67.0	160	47.0
base conjuncional	28	42.0	120	50.0	9	27.0	157	46.0
agrupamento	8	12.0	10	4.0	2	6.0	20	6.4
base preposicional	•	•	1	1.0	•	•	1	0.3
base nominal	•	•	1	1.0	•	•	1	0.3
Total	67	100.0	239	100.0	33	100.0	339	100.0

Primeiramente, os dados da tabela 2 parecem mostrar que não chega a haver formas gerais especializadas para as subfunções predominantemente textuais. Veja-se que as três primeiras formas (MDs de base adverbial, de base conjuncional e agrupamentos) exercem as três subfunções. Com efeito, pode-se observar que os MDs de base adverbial exercem a subfunção de Fechamento com uma freqüência (67%) maior que MDs de base conjuncional (27%); e ambos, MDs de base adverbial e MDs de base conjuncional, exercem Introdução e Seqüenciamento com proporções relativamente altas e bastante próximas. Isso indica a possibilidade de que MDs de base adverbial sejam mais aptos a Fechamento do que os MDs de base conjuncional e de que as duas formas sejam igualmente especializadas para Introdução e Seqüenciamento.

De qualquer forma, esses dados parecem não chegar a constituir evidência suficiente para definir uma correlação entre essas formas e as subfunções textuais, embora constituam indícios interessantes. As demais formas (MDs de base preposicional e MDs de base nominal) exerceram apenas a subfunção de Seqüenciamento, mas isso não chega a constituir um dado significativo, dada a baixa freqüência de uso identificada.

Embora os dados não tenham evidenciado, fortemente, correlação entre formas gerais e subfunções predominantemente textuais, parecem ter mostrado maior correlação entre formas específicas e essas subfunções. Por exemplo, o MD *então* faz Fechamento em 33% de suas ocorrências, enquanto o MD *aí* faz Fechamento em apenas 7%; (*por*) *que* e *aí* fazem seqüenciamento em, respectivamente, 82% e 79% de suas ocorrências, enquanto *então* faz seqüenciamento em apenas 42%. Esses dados parecem apontar para algumas correlações significativas, o que pode constituir objeto para trabalhos prospectivos mais específicos.

A análise da correlação forma-(sub)função permitiu observar, ainda, um aspecto bastante recorrente. Além de uma possível correlação com as formas gerais e de uma correlação mais sistemática com MDs específicos, a distinção entre Introdução, Seqüenciamento e Fechamento, no encaminhamento do ST, liga-se também a oposições entre os MDs que marcam cada uma dessas partes dentro do ST. Os exemplos (14) e (15), repetidos aqui como (43) e (44), mostram esse procedimento: em (43), há oposição entre “zero” e *aí*, em (44), entre *aí* e *mas aí*, e essa oposição ajuda a distinguir as subfunções de Seqüenciamento e Fechamento dos STs em questão.

- (43) Ø chorava MUIto... ((risos)) ele era chorão... ((risos))
 Ø ele num gostava de ficar... no berço... né as enfermeiras éh:... iam no quarto e falavam – “eu não sei que que eu faço com aquele filho seu porque ele só chora” –
 Ø ele só ficava no colo... de pequenininho...
 Ø éh:: às vezes... à noite tava com sono... o Valdemir tinha que carregar.. ficar de noite com ele... com cobertor... porque tava frio... fazia época de frio né... com ele no colo... até ele pegar uma idade...
 aí a gente ficou até com medo de... de ter outro né...

[AC-102-NE])

- (44) **aí** a minha mãe já falou assim... – “nossa eu pensei que você era igual eu... mas eu tô vendo que você num é” –
aí daí quatro anos... a gente deixou mais ou menos né... aí uns três anos e pouco eu fiquei grávida... do Elias... que é o meu filho do meio...
aí já foi uma gravidez MAIS OU MENOS normal...
mas aí a gente ficou muito feLIZ:.... porque né... pá quem num criava ter o segundo... ((risos)) já era muita sorte...

[AC-102-NE]

A tabela 3 mostra o resultado do cruzamento entre as formas dos MDs e as subfunções predominantemente interacionais.

Tabela 3: Correlação entre forma e subfunção predominantemente interacional dos MDs

	Checking		Feedback		Injuntiv		Iniciador		Interpelativo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Partícula	193	84.0	•	•	•	•	•	•	•	•	193	72.0
Verbo	28	12.0	5	24.0	7	78.0	•	•	•	•	40	15.0
Som não-lexicalizado	2	1.0	16	76.0	•	•	•	•	•	•	18	7.0
Adjetivo	3	2.0	•	•	•	•	3	60.0	•	•	6	2.1
Oração	2	1.0	•	•	2	22.0	•	•	•	•	4	1.5
Interjeição	•	•	•	•	•	•	2	40.0	2	40.0	4	1.5
Agrupamento	•	•	•	•	•	•	•	•	1	20.0	1	0.3
Pronome	•	•	•	•	•	•	•	•	1	20.0	1	0.3
Sintagma nominal	•	•	•	•	•	•	•	•	1	20.0	1	0.3
Total	228	100.0	21	100.0	9	100.0	5	100.0	5	100.0	268	100.0
					0		0					

Se, por um lado, os dados acima discutidos não mostraram forte correlação entre forma e subfunções predominantemente textuais, por outro lado, a tabela 3 parece evidenciar correlações bem sistemáticas entre formas e subfunções predominantemente interacionais. As partículas, representadas exclusivamente por *né?* no *corpus* aqui analisado, exercem, em 100% de suas ocorrências, a função de *Checking*; no mesmo sentido, 84% dos casos de MDs com subfunção de *Checking* consistem em partículas, evidenciando a forte correlação entre essa forma e a subfunção de *Checking*. MDs de base verbal, em 70% de suas ocorrências (28/40 casos), exercem também a subfunção de *Checking*. Sons não-lexicalizados, em 89% de

suas ocorrências (16/18 casos), realizam a subfunção de *Feedback*, e, nesse sentido, 76% dos casos de *Feedback* são realizados por sons não-lexicalizados, atestando a forte correlação entre essa forma e essa subfunção.

Embora MDs de base verbal tenham se mostrado mais especializados para a subfunção de *Checking*, há também correlação entre MDs de base verbal e MDs de base oracional e a subfunção de Injuntivo, pela própria definição de injunção, que inclui o traço de ilocução imperativa. Ou seja, a subfunção de Injuntivo impõe a restrição de que uma expressão, para exercer essa subfunção, tem de apresentar um elemento verbal, ou o próprio verbo unicamente, ou um segmento de oração verbal, ambos no imperativo. Assim, respectivamente, podem ser distinguidas duas formas básicas para a subfunção de Injuntivo, exemplificadas em (45) e (46).

- (45) Inf-1: (...) a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje **olha** eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega uma chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né

[AI-007]

- (46) Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida... né... mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família... porque::... **veja bem**... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado... éh:: ali que ele vai receber todas as orientações princi/ básicas... né prá ele se tornar uma pessoa

[AC-102-RO]

Nesse caso, o que se observa não é, propriamente, uma propriedade dos MDs de base *verbal* e dos MDs de base *oracional* de exercerem determinada função, uma vez que, como se pode observar, MDs de base verbal exercem, principalmente, a função de *Checking*, e MDs de base oracional exercem também a função de *Checking*, na mesma proporção que exercem a função de Injuntivo. O que se observa, na verdade, é uma propriedade da subfunção de Injuntivo, que exige ser exercida por um elemento de base verbal. Nesse sentido, então, é que se pode considerar uma correlação entre MDs de base verbal e MDs de base oracional e a subfunção de Injuntivo.

Similarmente, pode-se considerar uma certa correlação entre a subfunção de Iniciador e os MDs de base adjetival e MDs de base interjeicional. Com efeito, a subfunção aqui denominada de *subfunção de Iniciador* se mostrou relevante para descrever a função exercida, basicamente, pelos itens *bom*, *bem* e *ah*, que também recebem um tratamento particular em Risso (2006). Trata-se, pois, de uma característica da subfunção de Iniciador e não das formas em questão, uma vez que, como se pode notar, MDs de base adjetival também exerceram, no *corpus*, a função de *Checking*, e MDs de base interjeicional exerceram também a função de Interpelativo.

Os MDs de bases ainda não mencionadas, agrupamentos, MDs de base pronominal e MDs de base nominal, que exerceram a função de Interpelativo, apresentaram uma frequência muito baixa, o que não permite fazer generalizações sobre eles. Porém, novamente, parece haver uma correlação entre eles e a subfunção de Interpelativo, como uma propriedade própria dessa subfunção. Como essa subfunção envolve uma menção direta ao interlocutor, parece implicar, necessariamente, o uso de sintagmas nominais, de pronomes, de interjeições, ou de agrupamentos com base em alguns desses elementos.

Como balanço geral do cruzamento entre formas e (sub)funções, pode-se dizer que os resultados obtidos, em certa medida, corroboram a hipótese prevista e, em certa medida, apresentam um resultado inovador. Como já mencionado, dada a atestada multifuncionalidade dos MDs, poderiam ser esperadas correlações entre uma forma e um conjunto de funções, com maior frequência de algumas delas. De fato, isso se verificou. Por exemplo, agrupamentos e MDs de base nominal exerceram, em certas ocorrências, uma função basicamente textual, em outras, uma função basicamente interacional – sendo que, para várias das outras formas, é claramente possível identificar, ou formular, ocorrências em que exercem outras funções além das identificadas no *corpus* aqui analisado, como é mostrado abaixo; MDs de base adverbial e de base conjuncional exerceram as subfunções de Introdução,

Seqüenciamento e Fechamento de ST; e MDs de base verbal exerceram as subfunções de *Checking*, *Feedback* e Injuntivo.

Por outro lado, os dados mostraram que o rol de funções exercidas por um determinado tipo de forma não chega a ser assistematicamente amplo; há uma especialização altamente forte em termos de uma função basicamente textual ou basicamente interacional; e, no caso destes últimos tipos de MDs, que exercem funções voltadas, basicamente, para a interação, é possível identificar correlações relativamente sistemáticas mesmo em termos de subfunções. Trata-se de dados interessantes, uma vez que a natureza multifuncional dos MDs por vezes pode sugerir que se trata, por isso, de uma classe assistemática, o que, no entanto, os dados deste trabalho parecem contrariar.

Nesse sentido, são sintetizadas abaixo as funções identificadas para cada uma das formas, incluindo funções não encontradas no *corpus*, com indicação do principal tipo de (sub)função exercido.

MDs de base adverbial: conforme observado no *corpus*, exercem exclusivamente funções predominantemente textuais, exercendo as subfunções de Introdução, Seqüenciamento e Fechamento de ST; parecem não exercer função de natureza predominantemente interacional.²¹

MDs de base conjuncional: conforme observado no *corpus*, exercem exclusivamente funções predominantemente textuais, exercendo as subfunções de Introdução, Seqüenciamento e Fechamento de ST; parecem não exercer função de natureza predominantemente interacional.

Agrupamentos: conforme observado no *corpus*, exercem majoritariamente funções predominantemente textuais, exercendo as subfunções de Introdução, Seqüenciamento e Fechamento de ST, e podem exercer também a subfunção, predominantemente interacional, de Interpelativo.

Partículas: conforme observado no *corpus*, exercem exclusivamente a subfunção, predominantemente interacional, de *Checking*; parecem não exercer função de natureza predominantemente textual.

MDs de base verbal: conforme observado no *corpus*, exercem majoritariamente funções predominantemente interacionais, exercendo, majoritariamente, a subfunção de *Checking* e

²¹ É importante ressaltar que dizer que o item parece não exercer função predominantemente interacional não significa dizer que o item tem apenas uma função textual na organização do discurso, não tendo nenhum papel na interação; trata-se de dizer, na verdade, que o item não exerce uma função cuja tônica recaia basicamente no processamento da interação; porém, seu papel na interação está contido na própria função predominantemente textual, na medida em que todo elemento com função textual cumpre automaticamente um papel, mesmo que secundário, no processamento da interação, e vice-versa.

também as subfunções de *Feedback* e Injuntivo; parecem poder exercer ainda subfunções predominantemente textuais, como no caso de verbos como *resumindo*, *concluindo*, utilizados no início de um ST, ou no início da última sentença de um ST.

Sons não-lexicalizados: conforme observado no *corpus*, exercem exclusivamente funções predominantemente interacionais, exercendo, majoritariamente, a subfunção de *Feedback* e também a de *Checking*; parecem não exercer função de natureza predominantemente textual.

As demais formas apresentaram poucas ocorrências no *corpus* aqui analisado, mas, ainda assim, é possível formular algumas observações.

MDs de base adjetival: conforme observado no *corpus*, podem exercer as subfunções, predominantemente interacionais, de *Checking* e Iniciador; podem exercer também a subfunção de *Feedback*, como no caso do item *certo*; parecem não exercer função de natureza predominantemente textual.

MDs de base oracional: conforme observado no *corpus*, podem exercer as subfunções, predominantemente interacionais, de *Checking* e Injuntivo; podem exercer também a subfunção de *Feedback*, como no caso da expressão *(es)tá certo*; podem exercer ainda funções de natureza predominantemente textual, como no caso da expressão *quer dizer*.

MDs de base interjeicional: conforme observado no *corpus*, podem exercer as subfunções, predominantemente interacionais, de Iniciador e Interpelativo; parecem não exercer funções de natureza predominantemente textual.

MDS de base preposicional: conforme observado no *corpus*, podem exercer a subfunção, predominantemente textual, de Sequenciamento de ST; parecem não exercer funções predominantemente interacionais.

MDs de base nominal: conforme observado no *corpus*, podem exercer a subfunção, predominantemente textual, de Sequenciamento de ST e podem exercer a subfunção, predominantemente interacional, de Interpelativo; parecem poder exercer também as subfunções, predominantemente textuais, de Introdução e Fechamento de ST, no caso de expressões como *conclusão*, *resultado*, *resumo da ópera*.

MDs de base pronominal: conforme observado no *corpus*, exercem exclusivamente a subfunção, predominantemente interacional, de Interpelativo; parecem não exercer funções predominantemente textuais.

Pode-se sintetizar, como conclusão bastante geral, que MDs de base conjuncional, de base adverbial e agrupamentos constituem os principais MDs de natureza predominantemente textual e partículas, MDs de base verbal e sons não-lexicalizados os principais MDs de natureza predominantemente interacional, havendo correlação mais sistemática entre formas e subfunções em termos de subfunções interacionais do que em termos de subfunções textuais

3.3. Resumo

Neste capítulo foram apresentados os resultados da análise de dados deste trabalho. Inicialmente, foi desenvolvida uma análise da função de *seqüenciamento tópico*, que resultou na definição de três subfunções predominantemente textuais: *Introdução*, *Seqüenciamento* e *Fechamento de ST*; essa parte da análise incluiu a definição de critérios distintivos entre seqüenciamento tópico e seqüenciamento frasal, a saber: *grau de integração sintático-semântico-pragmática*, *grau de integração prosódica* e *grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do ST*. Na seqüência, foi desenvolvida uma análise da função de *orientação da interação*, que resultou na definição de cinco subfunções predominantemente interacionais: *Checking*, *Feedback*, *Injuntivo*, *Iniciador* e *Interpelativo*. Essa parte da análise incluiu a proposta de substituição da noção de *orientação da interação* pela noção de *seqüenciamento da interação*. Em seguida, com base nesses resultados, foi proposta uma redefinição do conceito de MDs na GTI. Finalmente, foi desenvolvida a análise da correlação forma-função dos MDs, que corroborou o caráter multifuncional da categoria e que permitiu, contudo, sistematizar correlações em termos de tendências e freqüências de uso.

CONCLUSÃO

O presente trabalho se dedicou ao estudo de Marcadores Discursivos e compreendeu duas etapas complementares: uma primeira etapa, de investigação teórica, que consistiu em uma análise comparativa entre diferentes abordagens no estudo de MDs, e uma segunda etapa, de investigação empírica, que consistiu em uma análise mais específica de MDs no interior da Gramática Textual-Interativa.

O principal resultado da investigação teórica foi a identificação de um princípio teórico e metodológico elementar compartilhado pelas abordagens no estudo de MDs aqui analisadas. Trata-se do princípio de analisar como MD elementos que manifestam algum tipo de propriedade conectora, em outros termos, relacional ou coesiva, aqui referido como **princípio de conectividade**.

A investigação empírica, desenvolvida especificamente dentro da GTI, foi norteadada pela identificação desse princípio e compreendeu três partes: (i) definição de subfunções predominantemente textuais dos MDs, (ii) definição de subfunções predominantemente interacionais, e (iii) análise da correlação forma-função.

Na parte referente à definição de subfunções textuais, evidenciou-se a necessidade de estabelecimento de critérios precisos de distinção entre seqüenciamento tópico e seqüenciamento frasal, uma vez que essa distinção é decisiva para a determinação ou não do estatuto de um elemento como MD prototípico, e, como defendido aqui, para o próprio estatuto de um elemento como MD ou não (de natureza basicamente textual). A esse respeito, foram definidos os seguintes critérios como relevantes para a identificação da natureza tópica ou frasal de um segmento: (i) *grau de integração sintática e semântico-pragmática entre o segmento e seu antecedente*, (ii) *grau de integração prosódica entre o segmento e seu antecedente*, (iii) *grau de relevância textual-interativa do segmento no interior do ST*.

Além disso, nessa parte da análise foram distinguidas três subfunções predominantemente textuais: *Introdução*, *Seqüenciamento* e *Fechamento de STs*. Trata-se de funções de natureza seqüenciadora, como prevê a função geral de *Seqüenciamento Tópico* prevista pela GTI para esse tipo de MD, e funções centradas no conceito de Tópico Discursivo. Essas (sub)funções já foram eventualmente atribuídas aos MDs por alguns autores (por exemplo, Risso, 2006), porém demonstrou-se aqui o caráter sistemático dessas subfunções, que são aplicáveis a todos os MDs predominantemente textuais. Como forma de manter a coerência com a própria GTI e de se alinhar ao princípio de conectividade, qualquer função mais específica que se queira atribuir a um MD deve ser entendida como subfunção dessas três e deve se referir à natureza da relação conectiva marcada pelo MD.

A parte referente à definição de subfunções predominantemente interacionais compreendeu um rearranjo da variável *orientação da interação*, a partir do princípio de conectividade, o que resultou na proposta de substituição dessa variável pela variável *seqüenciamento da interação*. Com base no levantamento e na análise de dados foram definidas cinco subfunções predominantemente interacionais como especificação da função de *seqüenciamento da interação*: *Cheking*, *Feedback*, *Injuntivo*, *Iniciador* e *Interpelativo*.

Trata-se de subfunções que apresentam o traço de conectividade, não, primariamente, entre partes do texto e de marcação de relações semântico-pragmáticas entre elas, e sim, fundamentalmente, de conexão do ato de interação verbal. As cinco subfunções têm em comum a propriedade de gerenciar momentos de progressão da interação, de contribuir para o estabelecimento de condições interacionais para a continuação do discurso.

Definidas essas (sub)funções, o trabalho pôde enunciar uma definição de MDs, que sintetiza o que parece pertinente considerar como MD no interior da GTI, compreendendo as (re)formulações aqui desenvolvidas:

Marcadores Discursivos são, prototipicamente, expressões com alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional dos segmentos adjacentes, com transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta demarcativa, comunicativamente não-autônomas, com até três sílabas tônicas e com função de seqüenciamento tópico e/ou de seqüenciamento da interação.

Sobre a correlação forma-função, corroborou-se o estatuto dos MDs como uma categoria multifuncional, no sentido de que os MDs podem exercer diferentes (sub)funções em diferentes ocorrências, além da coexistência intrínseca das contrapartes textual e interacional em cada ocorrência particular, bem como da possibilidade de que, em cada ocorrência particular, um MD possa exercer, além de sua função textual-interativa caracterizadora, funções ligadas a outras dimensões do discurso, como uma função argumentativa, por exemplo.

Em contrapartida, a análise permitiu observar que essa multifuncionalidade pode ser sistematizada em termos de tendências e frequências, de forma até satisfatoriamente definida. Assim, em termos gerais, pode-se dizer que MDs de base adverbial, conjuncional e agrupamentos constituem os principais tipos de formas especializadas para funções de natureza basicamente textual e que partículas, MDs de base verbal e sons não-lexicalizados constituem os principais tipos de formas especializadas para funções predominantemente interacionais. Dentre estes últimos, pode-se ainda observar correlação bastante forte entre partículas e a subfunção de *Checking* e entre sons não-lexicalizados e a subfunção de *Feedback*.

Além de MDs de base adverbial, conjuncional, agrupamentos, partículas, MDs de base verbal e sons-não lexicalizados, os dados atestaram também o uso de MDs de base adjetival, oracional, interjeicional, preposicional, nominal e pronominal, evidenciando a pluralidade de tipos de formas que podem funcionar como MDs.

Como já mencionado, a proposta desta pesquisa foi, após uma comparação entre algumas diferentes abordagens, reunir contribuições para uma maior precisão do conceito de

MDs da GTI, atendo-se para os limites dessa abordagem e seguindo seus princípios teóricos e metodológicos. No entanto, a exploração, aqui desenvolvida, do conceito de MDs da GTI implicou a reformulação de certos aspectos centrais do conceito padrão formulado em *Risso et al.* (2006), principalmente no que se refere à função interacional dos MDs. Assim, o resultado aqui obtido pode ter, em certa medida, excedido os limites da GTI e afetado alguns de seus princípios, de tal modo que a proposta aqui formulada só possa ser entendida como uma outra abordagem, fora da GTI, embora não totalmente incompatível com ela. Ou o resultado aqui obtido pode, de fato, ser enquadrado dentro da GTI, e a proposta aqui formulada, nesse caso, pode ser entendida como uma reformulação do conceito padrão de MDs. Embora acreditemos que esta última alternativa se verifique, a discussão mais detalhada de princípios teóricos e metodológicos que permita decidir essa questão constitui um dos principais passos prospectivos para os quais este trabalho aponta.

Dada a complexidade do objeto de pesquisa em questão, a diversidade de abordagens já desenvolvidas e a amplitude dos aspectos envolvidos, é possível que no presente trabalho tenham sido levantados mais pontos controversos do que oferecidas conclusões definitivas. De qualquer forma, se o trabalho tiver conseguido colocar em foco o estudo de MDs em geral e, em particular, a concepção de MDs da GTI, bem como se tiver chamado a atenção para o empreendimento de precisar tal concepção, então este trabalho já terá alcançado, na verdade, seu principal objetivo.

Referências Bibliográficas

- BLAKEMORE, D. *Semantic constraints on relevance*. Oxford: Blackwell, 1987.
- _____. *Understanding utterances*. Oxford: Blackwell, 1992.
- FRASER, B. Pragmatic formatives. In: VERSCHUEREN, J., BERTUCCELLI-PAPI, M. (Eds.). *The Pragmatic Perspective*. Amsterdam: Benjamins, 1987. p. 179-194.
- _____. Types of English discourse markers. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 38, 1988. p.19-33.
- _____. An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, v. 114, 1990.
- _____. Discourse markers across language. In: BOUTON, L.; KACHRU, Y. (Eds.). *Pragmatics and language learning*. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 1993. p.1-16.
- _____. Pragmatic markers. *Pragmatics*. v. 6, n. 2, 1996, p.167-190.
- _____. Contrastive discourse markers in English. In: ZIV, Y.; JUCKER, A. (Eds.). *Pragmatics and beyond: Discourse markers*. Amsterdam: Benjamins, 1997.
- _____. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v.31, 1999, p.931-952.
- _____. Towards a theory of Discourse Markers. In: FISCHER, K. (Ed.) *Approaches to Discourse Particles*. Elsevier, 2005.
- _____. Sequences of DMs in English. In press.
- FREIXEIRO MATTO, X. R. Os marcadores discursivos – conectores contraargumentativos no galego escrito. *Revista Galega de filoloxía*. Monografía 3. Corunã: Consorcio Editorial Galego, 2005.
- GONÇALVES, S.C.L. *Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. In: Relatório científico parcial I à FAPESP. São José do Rio Preto: FAPESP, 2005. (Relatório Científico, 1).
- GONÇALVES, S.C.L. *Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. In: Relatório científico parcial II à FAPESP. São José do Rio Preto: FAPESP, 2006. (Relatório Científico, 2).
- GONÇALVES, S.C.L. *Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. In: Relatório científico parcial III à FAPESP. São José do Rio Preto: FAPESP, 2007. (Relatório Científico, 3).
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. Interpersonal level. In: _____. *Functional Discourse Grammar*. In press.
- HOPPER, P. J., TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization across clauses. In _____. (Org.). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 – Construção do texto falado.
- JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual- interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 – Construção do texto falado, p. 27-36.
- KNOTT, A, DALE, R. Using linguistic phenomena to motivate a set of coherence relations.

- In: Technical Report HCRC/RP. University of Edinburgh, 1994. p. 35-62.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, Cortez, 2002.
- _____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MANN, W., THOMPSON, S. *Rhetorical structure theory: A theory of text organization*. In: Technical Report RR/87/190, Information Sciences Institute. Marina del Rey, CA, 1987.
- _____. Rhetorical structure theory: Toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, 1988, p. 243-281.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MARTELOTTA *et al.* *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.
- PENHAVEL, E. *O papel dos Marcadores Discursivos na estruturação do discurso*. Projeto de doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 2007a.
- _____. *Funções de e na articulação do discurso e identificação de propriedades definidoras de coordenadores e marcadores discursivos*. Mimeo, 2007b.
- _____. *The role of connective "e" (and) in spoken Brazilian Portuguese*. Mimeo, 2007c.
- REDEKER, G. Ideational and Pragmatic Markers of Discourse Structure. *Journal of Pragmatics*, v.14, 1990, p.367-381.
- _____. Review article: Linguistic markers of discourse structure. *Linguistics*, v. 29, n. 6, 1991, p.1139-1172.
- RISSO, M.S. Marcadores Discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 – Construção do texto falado, p. 427-496.
- RISSO, M.S. *et al.* Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 – Construção do texto falado, p. 403-425
- ROUCHOTA, V. Discourse markers: what do they link. In: HARRIS, J.; BLACK, P. (Eds). *UCL Working Papers in Linguistics*, v.8, 1996, p.199-214.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SOUZA, E. R. F. S. *Os advérbios de tempo e lugar no português brasileiro: casos de gramaticalização ou de discursivização*. Projeto de doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 2004.
- SOUZA, M. C. F. R. Um estudo sobre as funções do *agora* na linguagem falada culta de São Paulo. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 32, 2003. 1CD ROM.
- TABOADA, M. Discourse Markers as Signal (or not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics*, 2006. In press.

URBANO, H. Marcadores conversacionais: o caso do *né?*. In: *Anais do GEL*, 23, 1994, São Paulo. Grupo de Estudos Lingüísticos –GEL. São Paulo, 1994. p.1430-1437.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 – Construção do texto falado, p. 497 – 527.

ANEXO 1

AC-102	
Tipo de textos coletados	Transcrição
	Narrativa de Experiência (NE)
	Narrativa Recontada (NR)
	Descrição (DE)
	Relato de Procedimento (RP)
	Arquivos de som
	AC-102-NE.wav
	AC-102-NR.wav
	AC-102-DE.wav
	AC-102-RP.wav
	AC-102-RO.wav
Dados do Informante	Gênero: Feminino Faixa etária: 36-55 (43 anos) Escolaridade: 2º ciclo do Ensino Fundamental Renda familiar: de 6 a 10 SM Cidade de Origem: SJRP
Data da entrevista	25/07/04
Duração (em minutos)	37,5 min.
Documentador	Cássio Florêncio Rubio

NE

Doc.: éh:: dona Margareth éh:: eu gostaria que a senhora éh:: me contasse uma história que tenha acontecido com a senhora... e:: que a senhora tenha achado engraça::da... tris::te ou constrangedora pra senhora

Inf.: eu tenho assim história que seja... eu acho que é:: prá mim é interessante **né** num é ne/nem até assim de fato alegre... éh::... quando... no fato da gravidez dos meus três... filhos

e começando que a minha mãe não ficava grávida...minha mãe se casou... demorou... uns dois anos prá en/engravidar...

aí ela precisou fazer nove::na... prome::ssa... um monte de coisa pa ter filho...

aí quando eu cresci ela sempre falava prá mim que eu num ia cria... porque como ela num num num criava eu também num ia ter filho...

aí foi... eu me casei... aí a gente nem... num tomei comprimido na época nada porque... ela sempre falava que eu num ia ficar grávida... que eu num ia ficar grávida... que eu num ia ter filho e tal...

aí logo que eu me casei... daí um mês ou dois eu fiquei grávida... do meu filho mais velho...

aí fiz pré/ fui... fazer pré-natal tudo... logo no comecinho...

aí eu já tive logo no começo problema de querer abortar...

aí eu tive que fazer muito rePO::Uso...tomei muito reMÉ::dio...

aí... com uns nove meses aí nasceu o Henrique... que é o meu filho mais velho... a gente gostou muito... foi uma feliciDAde...que a gente...

aqueles TEMpo num se fazia ultra-SOM prá saber o SEXO... a gente **né...** ficou esperAN::do prá prá saber o que que era... aquela curiosiDAde...

éh... a gente foi pego...meu marido foi comigo... **né** a minha mãe **TAMBÉM...**

e a gente ali no hospital esperAN::do...

aí ele nasCEU... né...

chorava MUIto... ((risos)) ele era chorão... ((risos))

ele num gostava de ficar... no berço... né as enfermeiras éh::... iam no quarto e falavam – “eu não sei que que eu faço com aquele filho seu porque ele só chora” –

ele só ficava no colo... de pequenininho... éh:: às vezes... à noite tava com sono... o Valdemir tinha que carregar.. ficar de noite com ele... com cobertor... porque tava frio... fazia época de frio **né...** com ele no colo... até ele pegar uma idade...

aí a gente ficou até com medo de... de ter outro **né...**

aí a minha mãe já falou assim... – “nossa eu pensei que você era igual eu... mas eu tô vendo que você num é”

aí daí quatro anos... a gente deixou mais ou menos **né...** aí uns três anos e pouco eu fiquei grávida... do Elias... que é o meu filho do meio...

aí já foi uma gravidez MAIS OU MENOS normal...

mas aí a gente ficou muito feLIZ:::... porque **né...** pá quem num criava ter o segundo... ((risos)) já era muita sorte...

aí na gravidez do Elias... o Elias já era... eu já percebia na gravidez que ele já era mais... já na própria gravidez eu já percebi que era mais tímido...

às vezes saía... a gente saía...

porque tem um costume aqui na nossa... nossa... entre as mulheres... quando tá grávida... uma falar... – “ai agora cê vai ter homem”... com essa barriga cê vai ter menina”...-

e como já tinha o Henrique que era homem... aí a pessoa... as mulheres falavam muito que eu ter menina...

aí eu percebia que quando... era à noite... todas as vezes que eu ouvia duas três pessoas durante o dia falar que eu e/... que eu tava grávida de menina... à noite eu sonhava que ele era menino... e que ele num... que eu num gostava dele... às vezes eu acordava choRANDO... e conversava com ele... falava que eu gostava muito dele... independente do sexo que ele tinha... eu amava ele... do jeito que ele era...

e foi... aí nasceu...

aí já o Elias não chorava... o Elias era bem mais quieto... não gostava de ficar no colo... quando ele dormia às vezes a gente pegava ele no colo... ele ia se esborrachando... se esticando até:: **sabe?**... ele ficar na cama ou no sofá... sozinho...

mas

aí ele já... ele já tinha problema de bronquite... aos dois meses ele começou com problema de bronqui::te

aí a gente... eu fiz muita noVE::na... levei muito no MÉ::dico... ele fez muito tratamen::to... até:: simpatia que eu nunca fui MUI::to de acrediTAR... **né...** quando você... éh... tá naquele momento assim de desespero... éh:::...se você num sabe mais o que faz se faz... você já foi no médico... você já fez tratamento... cê tá comprando reMÉdio... não melhorava... não melhorava... ce acaba até... vai **né** fazendo simpatia **né...**

eu acabei fazendo simpatia... prá ver se o Elias melhorava da bronquite...

e com o passar dos anos... realmente... graças a Deus ele ficou bom...

e **Aí...** passando **né** esses a/ foi passando os anos... com três quatro anos

Aí... eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terceiro filho... no caso é a Mirian **né...** veio uma menina...

aí todo mundo... aí todo mundo já falava... – “você é louca... já tem dois filhos arrumou mais UM... você tá doida... onde já se viu”-

aí eu fiquei pensando comigo... pô eu me sinto feliz... porque a minha mãe falava que eu nunca ia ter filho... aí de repente eu tô grávida do meu terceiro...

e ainda nessa época num se fazia ultra-som... não existia ultra-som...

então... ái todo mundo falava... bom agora é Homem... já que ce teve dois HOMENS... o seu terceiro filho é HOMem também... agora é Homem **né...**

ái assim... fui pro hospital ter o bebê... todo mundo achava que ia ser menino...

inclusive meu marido ele ainda ele falou assim brincando pra mim assim... olha... se for menino... ele tinha tanta certeza que... a criança era homem... ele falou assim... – “então eu vou pôr o nome... ái se for menina ((risos)) num conta” –

ái... tudo bem aí fui pro hospital ter ela... a surpresa... que era uma menina...

ái... sabe?... assim a gente quase que não acreditava... porque ce já tinha tanta certeza que ia ser menino e eu ainda tenho uma cunhada... eu tenho uma cunhada só... e ela teve três meninas... ái eu né... dois meninos e uma menina

aquilo prá gente foi assim... tanto até os menino ficaram super feliz... de vim uma irmazinha prá eles né...

ái eu escolhi o nome dela... coloquei Mirian.. né...

e aí ela... amamentei ela TRÊS ANOS E MEIO... porque num... num foi fácil... ela num largava de mamar... de desmamar criança difícil...

e... o pai dela fala/ – “só tem e/ só tem ela e... ela é a rapinha do tacho... ela chora”- ele tinha dó... morria de dó... de... de ver ela chorar... e com isso ela foi... mamando até três anos e meio...

ela largo de mamar porque quando ela nasceu... o meu pai e ele falou assim... – “se você num ficar de cima delas elas vão furar a orelha da menina ”- e vai judiar da menina... e não é... não é prá judiar da menina de jeito nenhum...

então... quando ela pegou uns três anos e meio... ela queria porque queria pôr brinco... ela é bem vaidosa...

ainda até as pessoas achavam que eu ia tratar ela como menino... que ela ia... ia ser igual os meninos... gostava de usar roupa de Homem... ter... assim... hábito masculino e... pelo contrário...ela SEMpre foi vaiDOsa... feminina... sempre gostou de tiarinha... de brin/... de pôr pulseira e ela só num colocava brinco...

ái ela não eu quero pôr brinco... quero pôr brinco...

ái o pai dela falou assim...- “não... eu só vou pôr brin/ cê vai pôr brinco o dia que você deixar... de mamar... cê para de mamar e a gente coloca brinco”-...

ái... ela falou...-“então tá bom... eu PARO... e vou... pôr brinco”-

ái ele catou... levou ela pra colocar brinco...

ái ela... lógico... doeu porque... furar a orelha dói... ((risos))... ela falou assim –“ai mas eu agüento...”-

e né?...

e... aí que ela foi parar de amamentar...

então essa foi a gestação **né...** dos meus três filhos que eu tive até... uns três quatro anos de idade...

e no caso eles só... até HOJE... os três filhos... que eu tive... eles só me dão alegria... **né...**eles estudam... graças a Deus... vão muito bem... na AULA... eles são... intelligen::te... eles gostam de estudar... de ler livros... que é uma coisa que eu amo... ler livro eles também amam... eles gostam de fazer mú::sica... gostam de cantar... os três cantam jun::tos...

éh **então...** (**quer dizer...**) são os filhos que eu tive... que eu PUDE TER... os três que... foram os três que a gente... éh:: na nossa análise... a gente falou não... esses a gente dá conta de tratar:: de sustentar:: de... como se diz... de tomar conta...

e... a gente colocou esses três e... graças a Deus... esses três só me dá alegria... foram os três que eu pude ter... e que eu amo e que eu não me arrependo... em instan/... em instante nenhum de ter colocado eles no mundo...

é a minha alegria é o maior presente que Deus podia dar prá mim e pro meu marido... é os três filhos...

e no caso eu só lamento os outros que eu não pude ter... por questão de financeira de você não dar conta de sustentar... de manter com estudo... com uma vida mais digna

NR

Doc.: dona Margareth... éh:: eu gostaria agora... que a senhora me contasse uma história que tenha ocorrido com alguém que a senhora conheça... éh... que tenha sido também interessan::te... ale::gre... ou mesmo triste

Inf.: **olha**...no caso tem a... a minha mãe contava... éh... pra mim também... muito **né**... quando ela morava no Sítio assim...

minha mãe nasceu no sítio né... ela morou na fazenda até... os meus bisavós eram... do lado da minha mãe... éh... eram BEM... financeiramente

e::... eles tinham uma fazenda... até:: éh... a minha mãe conta que quando eles... o meu a/ o meu bisavô... éh comprou a fazenda... e veio com o meu avô **né**... e os irmãos dele...

e... e num tinha nada na fazenda... era só mata virgem mesmo...

e:: eles tiveram que fazer uma... uma caba::na prá eles ficarem debai::xo... **ATÉ**:: desmatar um pouco...tirar o mato... carpir... éh... fazer a CASA prá eles poderem morar...

éh... nessa fazenda eu já tive oportunidade de ir... é um... é um lu/ que hoje num é mais da família... éh... nessa... nessa fazenda ele construiu uma igrejinha...

que a primeira esposa **né**...a mãe... do meu avô... ali na fazenda levando comi::da... porque leva/ antigamente levava comida para as pessoas que tavam **né**... para os peão... para o... para o pessoal que tava trabalhando na roça... e ela fazia comida... e ela levava... prá eles... almoçarem...

e um dia vindo...da:: do almoço... ela sentou debaixo de um...de uma árvore... um... uma arvorezinha que tinha... era uma estradinha... ela sentou ali... e:: ali ela faleceu...

e:: **ai** eles pegaram **né**...e construíram uma igrejinha... e uma capelinha ali...

e:: a família toda do... do meu avô... os irmãos éh:: freqüentavam ali... o meu avô pagava um padre prá ir celebrar mi::ssa... éh::...pagava po...prá médicos... então tinha... um bispo ia lá... crismava... então era tudo feito ali...

e o pessoal da redondeza... das outras fazendas... que moravam... éh freqüentavam ali... eles tinham jogo de futebol::... eles tinham... praticavam esporte (tudo)... ali em volta dessa igrejinha... tinha isso...

e:: a minha avó o meu avô construiu casa na faZENDA...éh... os irmãos de::les éh construíram... éh... CASAS ali... quer dizer... eles moravam tudo... ali perto...

e::... interessante que ali... a minha mãe conta que (de uma maneira eu também fui e vi) tinha um rio...

HOJE é um Córrego MUIto pequeno... mas na época... a minha mãe contra... conta que era um rio grande né... largo

éh:: o meu... bisavô fez tipo um açude de... éh... um reservaTÓrio né... no caso que muda um pouquinho as água... antigamente até se podia fazer isso **né**... o curso do rio... se fazia uma reserva de água... e aí...a:: as mulheres... elas éh tinham...

e meu vô também construiu um mun/munjolo monjolo... não sei qual o nome correto de falar... que... não sei se você sa/ sabe... é um lugar que... a água do rio desce... cai... e... e ao tempo que quando enche aquela borda né...a borda desce... e no fundo de/ atrás ali tem um cabo... e tem um tipo de um recipiente...

então as mulher colocavam milho prá ficar socando éh... o arroz...

então... ali naquele lugar devia ser muito bonito... pelo jeito que ela conta... porque ali elas ficavam o dia inteiro trabalhando... elas lavavam roupa ali... ali elas faziam... o fubá... éh... elas faziam também com a cana de açúcar a rapadura... então elas ficavam trabalhando ali o dia inteiro...

então era ali era feito **né**... a comida... que fazia...

e a minha mãe conta... até **né** que... ela e o meu tio... eles eram muito arteiro...

então eles ficavam brincando **né**...numa bica de água que tinha separado ali... que as mulheres lavavam roupa...

e a minha mãe conta que tinha uma árvore... que dava uma florzinha... que PRÁ ELA... naquela época... parecia... que ela era pequena... parecia uma canoa...

então tava ela e o irmão dela né... catava a florzinha e aí jogava no rio prá ir descendo...

aí o meu tio... muito arteiro... empurrou a minha mãe... dentro do rio... e ela foi rolando rio abaixo...

e ela conta que ela só num foi rio abaixo e morreu afogada porque a tia dela que tava lavando roupa... éh... catou ela pelo vestido... e... tirou ela de dentro do rio...

então... você imagina que jeito ((risos)) que era né...

e... e ela conta também um outro fato...que:: ela... eles eram (inint.) foi criado tudo ali naquela regi/naquele LUGAR... naquela fazenda... tudo pertinho... os primos tudo juntos né... andava po mato porque brincar era andar pro meio do mato... subindo em árvore... comendo fruta...

e:: uma história que ela conta até a gente... fala nossa a senhora era terrível... às vezes os menino fala assim... a senhora acha que a senhora vai se salvar desse jeito né...

éh eles estavam todos... éh... no mato e viram uma cobra...

e **aí** essa cobra... éh::também tinha um sapo

e:: o sa/ a cobra acho que começou querer comer o sapo... e eles acharam que a cobra tava enfeitando o sapo... aquelas histórias né... antiga... também num sei se é verdade... éh essa cobra tava querendo enfeitar o sapo... pá pegar o sapo... num sei que e num bando de molecada né... mataram a cobra...

aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né...

aí coitadinho do sapo né... viraram o sapo do avesso... tornaram virar o sapo do direito né...

aí foram...

aí largaram o sapo lá... foram embora né...

no outro dia voltaram e o sapo tinha morrido...

mas aí... era um sa/ aí... pára... ((risos)) não eram eles que tinham matado o sapo ((risos)) enfim a cobra que eles haviam matado... né... e que tinha matado... o sapo...

e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo...aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão...

aí né... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né... pecado...

aí quando chegou o padre que... meu vô mandou vir prá prá... eles... confeSSAR... prá tal da primeira comunhão... era... a confissão coletiva né... todo mundo que chegava lá... tinha matado uma cobra... tinha virado o sapo do avesso... tinha matado passarinho... ((risos))

e os crimes... que eles tinham éh:: feito naquela época né...

aí o padre até dava risada de... de escutar eles falar... éh:: desse jeito né... dos peccadinhos né... que eles tinham cometido...

então é um fato interessante que aconteceu com ela... na vida dela... que ela conta né...desse tempo dela... e que deve ter sido uma história que marcou muito a vida dela... porque é uma coisa que ela sempre repete né... ela conta prá mim... ela conta para os meus filhos... então conta prá todo mundo... que chega...

e tem até... --pode continuar ?((informante dirigindo-se ao documentador))-- tem uma outra historinha...

que:: ela fala que tinha... nessa fazenda... meus avôs fez um cercado... fez um pomar de:: jabuticaba...

então... quando as jabuticabas nasciam... que estavam na época de colher... eles...ela tocava né... um... beRRANte... ela fala um berrante... que ela tocava um berrante...aí todo mundo podia ir lá e:: e chupar essas jabuticaba...

aí todo mundo chupava...(ia lá) e ia embora...

e... até ela conta a história **né** da da de uma jabuticabeira... que ela fala que... ela fala na época dela que era ENORME... que precisava de duas três pessoas pá abraçar a jabuticabeira de tão GRANDE QUE ERA **né**...

aí os menino ria porque fala...-“vó do céu...mais que jabuticabeira...”- jabuticabeira geralmente num é muito grande **né**...

e ela fala... -“é... mas quando eu era pequena era... (inint.)”- ((risos)) **né**... ((inint.)) da HISTÓRIA que ela contava dessa tal dessa jabuticabeira... TÃO GRANDE... TÃO ALTA... ENORME... e que dava tanta jabutica::ba e que eles chupa::vam... éh e levavam embora... éh::... dessa época GOSTOSA... que foi quando ela era criança... éh... na fazenda **né**... desse meu... bisavô **né**... do meu avô e... hoje... num tem mais nada... **certo?**

DE

Doc.: dona Margareth... a senhora pode descrever prá mim... algum local que a senhora... GOSTA ou gostava no passado... éh... no passado... assim... que a senhora gostava de visitar...

Inf.: **olha** eu gostava MUITO e:: até hoje eu tenho lembrança... e tenho saudade da::... da nossa catedral **né**... de São José do Rio Preto... a Catedral de São José...éh::...do qual a minha infância eu fui MUITO... eu participei muito da comunidade... da IGREJA... eu ia muito a igreja... e::... assim pela::... eu gostava do ESTILO dela... **né**...

era uma igreja simples... pequena... mas ela tinha todo em volta dela... ela tinha uma praça muito bonita com aqueles bancos antigos... aqueles... aqueles lustres éh:: que iluminava a praça antigo... **né**...

uma escadaria prá gente subir e chegar... éh... prá entrar dentro da igreja... éh

do lado dela...eu lembro assim... às direita éh::... tinha tipo de uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes... éh...

depois no fundo tinha uma escadinha assim que subia... que ia prá torre... eu sempre tive muita vontade de subir... mas eu nunca... a gente nunca... teve oportunidade de ir...

aí a... a entrada uma igreja escura... **sabe?** era uma igreja assim... escura... com uns vitrais assim cor... verde ESCURO... éh::

e puxava também pro ROXO e pro VINHO... **sabe?**

então era uma igreja... assim... que te levava a muita concentração... éh... você:: entrava e se sentia bem... éh.na...

uma igreja que eu percebia assim... que no NO VERÃO... ela era fresquinha... era uma igreja gostosa... éh::...

e... e:: quando a gente entra/ éh... isso que essa época que eu participei ainda... que... que ia éh::... ainda tava antes de consegui o Vaticano Segundo... então ainda ela preservou éh:: aqueles lugar que o padre subia prá fazer a homilia... aquela escada no meio... com aqueles... eu num sei como que chama aquilo... éh

e o padre subia e fazia... ele saia de lá do altar e ia fazer a... a homilia... a explicação né das... a explicação né falar com o povo... ali daquele lado... éh...

os confessionário também era anti::go éh:: feito em madei::ra a:: gente... **sabe?** mais do que você confessava (tudo)... você via A OBRA né... que foi feita... de madeira... bem trabalhada... com os detalhes...

eu sempre gostei muito dessas coisas... **sabe?**... ANTIGAS... éh com esses desenhos...

aí ela tinha uns... uns altares dos lados... éh::... tudo em mármore... éh...

e nesses altares também tinha umas imagens grandes... **sabe?**... de Nossa Senhora... eu num lembro muito bem os santos... eu lembro de Nossa Senhora... mas eu num lembro muito bem os outros santos...

mas eram tipos de altares mesmo **mas dos lados** éh... da igreja...

o altar central dela era muito boNIto... **né**... todo em mar::more... trabalha::do... cheio de torrbio... éh::...

depois tinha o o ela tinha o Santíssimo... aonde ficava o o Santíssimo... era um lugar que tinha assim tipo duma::... duma grade... que fechava... porque antigamente...éh... num ficava exposto aberto prá gente entrar e sair a hora que queria... **né**... ele ficava fechado... com umas cortinas vermelhas... **sabe?**...tudo assim MUITO bonito... era...

ao mesmo tempo que era... ruim por ser... proibido pro...leigo num tinha tanto acesso... a chegar tão perto do Santíssimo... mas era uma coisa bonita... porque tinha... era tudo muito bem feito... éh muito trabalhado... no mármore trabalhado... o Santíssimo com flores... com velas... aqueles anjos coloridos **né**... segurando aqueles castiçais... com vela... cortinas vermelhas...

era um lugar que... mesmo quando eu era pequena... eu gostava porque às vezes eu ia com a minha mãe... e criança deita no chão fica olhando o teto TODO PINTA::DO em douRA::do... aquelas cores dourado com verde... as IMAGENS dos SANTOS éh... pintado no teto... aquilo prá mim era uma maravilha... além de me levar depois de grande tanta contemplação...

e eu tenho até saudade dessa época....

eu lembro que no fundo da igreja também... tinha éh::... Jesus né... carregando a cruz nos ombros... e o qual ele usava... tinha um cabelo e o cabelo era feito na peruca natural... na época... e eu lembro até que a rou/ levaram a peruca dele tal... depois no fim eu fiz que/ que a minha mãe levasse eu prá ver essa peruca que tinha roubado... (mas era estátua né) imagem...

então é um lugar muito bonito... é... era **né?** no caso... e que eu tenho saudade... eu tenho muita saudade de... de ir lá... de de de toda essa coisa éh bonita **né**...

tinha uns quadros muito grandes... uns quadros da... da Via Sacra... eram grandes... bem grandes mesmo éh...tinham assim... um e meio ou dois metros... a pintura sabe?...

era um trabalhado da pintura... da... da... da moldura...dos... dos quadros também... era muito bem feita... muito trabalhada... uma coisa UMA OBRA DE ARTE mesmo... ela era UMA OBRA DE ARTE... éh

foi uma pena ter... **né**... por algum motivo ou outro ter sido demolida...

mas... era um lugar que eu gosto... gostava MUITO de ir e de tá... fazendo as minhas meditações

RP

Doc.: éh... dona Margareth... tem alguma coisa que a senhora GOSTE de fazer... e que a senhora pode... éh descrever prá gente assim... como a senhora faz... éh::...o procedimento todo... prá... prá feitura... dessa... desse algo?

Inf.: **bom** eu gosto MUITO éh:: é de costurar... coisa que eu AMO fazer... éh... é fazer uma roupa...

éh você... éh... por exemplo... cê vai...você escolhe o modelo... **né**...pega a revista... (inint.) na LOJA... aí você escolhe o MODELO... aí você compra o TECIDO **né**... tem todo aquele processo de você molhar o TECIDO... porque se ele tiver que encolher um pouQUINHO **né**... porque geralmente o teci/...dependendo do tecido que você compra ele encolhe...

aí você... você vai fazer o MOLDE... uma coisa que eu amo muito é fazer molde... **né**... você tirar as medidas **né**... parte por parte... éh no caso o método que eu uso... aí você tem que pegar as medidas que correspon::de... a aquele... ao método né...

aí você desenhar no papel... fazer certinho **né**... tirar tudo as medidas direitinho...

ficava HORAS E HORAS éh... fazendo **né**... tirar a medida de busto.. de ombro.. de cintura.. éh... o comprimento que você vai querer... a largura tal... gola... manga que você vai fazer... você faz todo o desenho alí no papel...

aí você recorta...

aí você vai catar aquele tecido que você... que eu... que eu lavei... no caso... (colo)/ estica ele põe um alfinete... tudo certinho assim no caso... direitinho...

aí você pega coloca o molde... um... deixa armada

aí você par/ corta **né**... recorta...

aí você pega **né**... alinhava... normalmente a gente tem que alinhar... primeiro... ver se ficou certinho...

aí pega vai na máquina e costura... éh...

o... o meu problema maior assim de de de que eu dei uma parada de costurar é porque cada vez que eu ia costurar... porque geralmente pá fazer isso cê tem que tá sozinho... cê tem que tá no MÁXIMO DE SILÊNCIO POSSÍVEL prá não... perturbar sua concentração...

aí quando vem um cha/... o telefone toca... éh:: o filho chega... almoço que tem que fazer...

às vezes ce senta prá costurar... você pega o molde pá fazer... **aí** você tem que parar prá fazer outra coisa **né**...

mas é muito gostoso isso sentar na máquina... costurar aquela peça... aquela roupa... **aí** você experimentar.../éh você vestir... /ficou bom **né**... /corrigir os defeitos éh... e saber que foi VOCÊ que fez...

aí você faz na tua medida éh:: do teu JEITO que você GOSTA... no teu comprimen::TO... então a roupa fica certinha...

então é uma coisa que eu amo muito costurar... é uma pena que ultimamente num tem dado prá eu... fazer nada... **certo?**

RO

Doc.: dona Margareth o que a senhora éh:: acha... o que a senhora pensa sobre a educação... no país hoje?

Inf.: **bom**... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado... no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REGRESSÃO... da educação...

por exemplo... coisas que:: na época eu aprendi... que eu fui na... que eu... NA MINHA ÉPOCA DE ESCOLA... por exemplo o que a gente aprendia em quatro anos... né... no caso... depois o o ginásial também... éh... os meus filhos tinham que fazer até o terceiro colegial pá aprender... né...

não sei se é uma melhoria ou não... mas eu acho que é uma grande regressão...

então hoje a gente va/ éh... vão à aula... éh::... GOSTAM até de ir à escola... mas não gostam muito de estudar...

então eu não sei bem se é uma falha... NOS EDUCADORES ou... nos educandos... que tão indo lá prá aprender...

mas eu vejo assim também que também num há muito interesse éh::... os professores...éh...a a educação num tem muito a oferecer... vamos se assim dizer...porque eu acho que num é bem culpa do professor... porque ele também... ele recebe uma ordem e ele vem... ele tem que passar determinadas coisas... ele tem que obedecer determinadas coisas... éh... que às vezes ele não concorda muito mas pra ele fazer parte daquele trabalho... ele é um empregado... ele é obrigado a cumprir aquelas regras...

então a:: a os jovens... os adolescentes... as crianças... eles tem hoje em dia um pontenci/ um potencial muito grande... uma inteligência muito grande... éh:: também por causa dos meios de comunicação...

então a criança recebe muita informação...

aí ela vai a escola lá não tem tanta informação...

às vezes e/... ela chega lá... éh:: o professor... **né?** no caso... tem pouca coisa pra oferecer prá eles... ele...

e também não é tão atrativo assim aquilo que se ensina éh:: a:: o desenho... as coisas que passam na televisão... às vezes chama mais a a atenção...

mas a ve/ eu também vejo que o governo e os governantes né... que tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltar mais pro lado da educação...

porque... e se preocupar em ensinar coisas melhores e em se adaptar a modernidade do mundo que a gente tá vivendo... e passar... éh não sei se é muito dizer isso...

mas eu acho que só um país vai conseguir ir pá frente... a gente só vai ser um país melhor... a partir que o di/ do momento que se investir em educação... de se investir no aluno... de fazer com que o aluno tenha interesse... de ir prá escola... e também ele tenha condições... éh:: de participar dessa escola... que ele tenha condições de estudar... que muitas vezes o aluno num tem livro ele num tem caderno ele num tem nem alimentação... adequada prá ele participar dessa aula...

então eu acho que... infelizmente... num cai na mão dos governantes... que a gente vê que vai havendo uma defasagem... éh...

minha filha mesmo hoje... se ela ta fazendo um colegial melhor é porque ela tem oportunidade até de frequentar uma escola particular...

no caso a escola... éh... pública... éh... tá deixando muito a desejar... num tá se preocupando tanto em FORMAR a pessoa... pra que a gente seja um país LIVRE... éh... um país... éh... com pessoas... éh... com qualidade... de vida...

porque o a a educação... o ensino... é que leva... éh o ser humano a ter uma qualidade melhor de vida... a poder escolher melhor o que ele quer ser... o que ele quer fazer da vida dele... éh...

eu acho que se o governo investir mais na educação... mais no ensino... éh procurar REALMENTE né favorecer o ser humano... a gente tem potencial prá ser um país de primeiro mundo (inint.)

Doc.: dona Margareth... o o que a senhora acha éh:: da família da instituição familiar nos nos dias atuais

Inf.: **bom...** éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... **né** disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida... **né...** mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família...

porque::... veja bem... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado... éh:: ali que ele vai receber todas as orientações princi/ básicas... **né** prá ele se tornar uma pessoa

e:: éh... infe/ éh:: não sei se felizmente ou infelizmente... éh a criança quando ela nasce ela cresce... ela ainda tem a visão dela... de família pai e mãe... aquela de tá morando junto que tem um pai que tem uma mãe é uma coi/ é normal ainda a a prá ela só pensa assim... éh::

então éh o que que a gente vê hoje em dia... as pessoas que casam **né...** que constitui família... éh:: aí vem os filhos... aí num sei porque das quanta num se entendem... **né** num fazem também... esforço nenhum pra se entender... e se separam...

aí ficam os filhos...éh:: uns ficam com as mães... outros ficam com os pais... e os que na maioria a gente tem visto hoje em dia... ficam com os avós... éh::

aí divide-se éh:: a educação...

porque o que a gente éh:: observa éh:: a o filho vai prá casa da mãe... recebe uma educação e tudo aquilo que a vó falou... a mãe –“não num é isso num é isso num é isso aquilo...”- faz tudo os gosto da criança... aí a criança vai prá casa do pai... **né...** o pai prá fazer pirraça pra mãe ou sei lá por algum motivo... –“não num é nada

daquilo”- e faz... aí o que que a crian/... a criança já vai pensan/ crescendo naquela mentalidade **né?** olha... é só... mudar os pauzinhos aqui que as coisas se resolvem...

e:: aí a criança cresce mas ela vai sentir eu acho que a criança sente falta da família...

porque:: ela num tem... um lugar... **né** ela acaba ficando sem um espaço... porque a vó num é... mãe... a mãe num é pai... e o pai num é a mãe... **né**

então ela vai crescendo com aquela...

e a gente vê assim que as crianças tão ficando muito com a... com a mentalidade... com a cabeça... com os pensamen/ com o lado psicológico muito afetado... tanto que a gente vê que os consultórios tão cheios **né**... de crianças com problemas...

que aparentemente elas num teriam problema nenhum... num po/ num precisariam ter problema nenhum

que:: até financeiramente... elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... **né**... se calçam bem... **né**... tão na moda...vão e saem...

mas tem problema psicológico porque há a falta desse pai e dessa mãe... que é uma necessidade que a criança tem... **éh::** dela de ter a figura do homem e da mulher prá educar junto... junto educar a criança... **éh**...

aí a gente vê **né**... filho... aí começa mexer com droga... **éh** o problema do alcoolismo... **né**... a gente vê a febre tão lotada de adolescentes...

que há... a gente **éh::** eu sinto... que há essa falta da família... essa falta do seio familiar... dessa convivência com o pai e com a mãe... ou até mesmo o vó e os irmãos porque muitas vezes na separação... os filhos se dividem... **éh::**

um fica com uma vó outro fica com outro **éh**... (o restante) vai com uma tia ou com u::/ com uma outra irmã...

então acaba separando... e a criança acaba se sentindo muito sozinha naquele momento da vida dela que ela precisa muito de de adulto... de adulto junto que ajude... educar ela...

então eu vejo essa... que a sociedade só vai poder melhorar... também... nesse... nesse lado familiar... a partir de que as famílias forem unidas...

que os casais... **éh**... assim...a:: partir do momento que assume... ou que casou na igreja... ou que casou... no civil... ou que se juntou... leve essa responsabilidade...

que a partir do momento que você coloca um outro ser humano no mundo... você é res/ vocês dois... no caso as duas pessoas... é responsável... por aquela pessoa até a fase adulta dela

AC-129		
Tipo de textos coletados	Transcrição	Arquivos de som
	Narrativa de Experiência (NE)	AC-129-NE.wav
	Narrativa Recontada (NR)	AC-129-NR.wav
	Descrição de Local (DL)	AC-129-DL.wav
	Relato de Procedimento (RP)	AC-129-RP.wav
	Relato de Opinião (RO)	AC-129-RO.wav
Dados do Informante	Gênero: Masculino Faixa etária: Mais de 55 anos Escolaridade: 2º Ciclo do Ensino Fundamental Renda familiar: Mais de 25 SM Cidade de Origem: Mirassol	
Data da entrevista	29/11/2005	
Duração (em minutos)	29 minutos	
Documentador	Carla Patrícia Felício	

NE

Doc.: oh tio agora eu queria assim que cê me conTAsse... é:: alguma coisa que já aconteceu com você que te marco::u assim que foi engraça::do que foi tris::te

Inf.: éh **então** o que marCOu quando eu eu fiz o:: em mil novecentos e sessenta e NOve... quando eu acabei o tiro de GUerra **né** em mil novecentos e sessenta e NOve aí eu falei pá minha mãe que eu ia trabalha::r... em São Paulo né

aí minha mãe falou assim – “mas cê num conhece nada LÁ meu filho como cê vai trabalhar lá em São Paulo?” – eu falei – “não mãe” –

e e aqui em MiraSSOL naquela época tava: ruim de serviço né... aí até meu pai num tinha serviço aqui...

aí eu peguei e fui embora pá São Paulo...

aí eu peguei o TREM que aquela época num é:: num num tinha o o:: ônibus igual é Hoje **né** que tem ônibus toda HO:ra... aí eu peguei o o TREM... dez hora da noite aqui aqui a aqui em Mirassol cheguei em São Paulo no outro dia... DEZ hora da manhã lá onze hora da manhã lá em São PAULO...

a hora que eu cheguei EM SÃO PAULO... né... que eu nunca (tinha) ido lá... que eu cheguei na Estação da Luz **né...**

vi aquele MOVimento...a a aquele movimento que e éh:: acostumado aqui em MiraSSOL... vi aquele MOVimento eu fu/ fiquei eu falei – “nossa onde é que eu vim parar Meu Pai” – **né** – “aonde que eu vim paRAR” –

fiquei assusTA::do olhando aquela BAITA daquela estação né da da Luz é:: que cha/ é Estação da Luz

aí eu subi a escadaria né da da Estação da LUZ co/ com o endereço do do da minha filha no BOLso da camisa...

e:: nem sabia onde que era o ponto de ônibus pra mim pegar o o ônibus pá mim ir pá casa da minha FILha

a hora que subi eu subi aquela escadaria a hora que eu che/ cheguei lá em cima... que eu vi a:: cheguei lá na na RUa lá aqueles MONte de CARro que eu nunca tinha visto isso na minha Vida né aqueles PRÉ::dio né aquilo lá eu fiquei muito assusTAdo né...

aquele nossa falei – “Nossa onde que será aonde que eu vim paRAR” – **né** nunca tinha visto aquilo na minha vida

aí:: peguei o Ônibus fui pá casa é::

an/ an/ andei lá um andei um bom peDAço até:: achar o o o ponto de ônibus

aí cheguei na casa da minha filha

e:: e canSAdo viajando a noite inteira de trem...

aí:: minha filha ficou toda contente de eu ter chegado lá

aí no outro dia...

aí minha filha falou – “que ce veio fazê aqui meu filho” – **né** – “é::: filha vim procurar serVIço né porque lá em a/ lá em Mirassol tá ruim de serVIço” – **né**

aí no outro dia ela saiu comigo na rua lá nós fomos procurar serviço...

aí tinha um um vizinho dela lá que era::: que trabalhava numa firma lá ele (inint.) negócio de máquina registradora...

aí ele foi nós fomos lá de dois na casa dele... e ele mandou eu ir lá no outro DIa... fazer o::: o exame lá escrito oral num sei que lá

aí eu consegui::... num sei se eu consegui passar ou ele arrumou lá tudo pra mim... eu sei que eu entrei nessa firma...

aí eu co/ eu pe/ é::: eu comecei trabalhar lá...

e:: e lá os cara me chamava eu de caiPIra porque eu era do interior...

e:: e comecei a trabalhar LÁ

e nisso que eu tava trabalhando lá fazia seis meses que eu tava trabalhando lá o::s moço falaram pra mim – “ôh caipira cê num que:::r conhecer o sa/ a Santos a semana que vem?”

aí eu falei assim – “não a semana que vem::: eu num pó/ éh: eu infelizmente eu num posso ir porque eu tenho que ir::: ver minha mãe meu pai meus irmão... que ta lá no interior né e::: eu preciso ir lá ver eles eu vou aproveitar esses dias de férias que vai ter aí então eu vou pá pá casa dos meu pai”

aí teve um um rapaz lá que era muito colega MEu...

aí ele falou assim pra mim – “ôh caipira” – que eles chamava eu de caipira – “ôh caipira eu num posso ir junto com voCÊ? lá na tua CAsa?”

aí eu falei assim oh

porque esse rapaz tudo quanto é lugar lá em São Paulo ele me levava pra conhecer...

ele me levou no Morumbi::: pá assistir o o::: conhecer o Morumbi:::... ele levou no no Parque éh::: no Parque Antár:::tica pá conhecer o Parque Antártica ele me levou no Canindé: pá conhecer o Canindé... ele me levou no mu/ no museu ele me levou em tudo quanto é lugar lá

que ele ele morou ele morava lá ele conhecia São Paulo e::: e nasceu em São Paulo e conhecia tudo quanto é lugar lá em São Paulo ele conhecia

então ... de domingo ele me levava eu em tudo quanto é lugar lá pra mim conhecer São Paulo

e eu e eu conheço São Paulo... graças a ele porque se eu for preciso ir em São Paulo HOje eu sei ir... porque... graças ir graças a ele **né...**

e esse rapaz... voltando atrás ele quis... éh::: sobre éh os dia que nós ia:::... que que nós i/ que eu vinha pá passear e ver meu pai e minha MãE ele também pediu pra vim...

aí eu falei pra ele – “não se quiser ir cê vai né? só que lá na minha casa é casa de pobre num é igual a sua casa aqui”

porque de sábado e domingo eu ia na casa dele... ele... eu almoçava lá::: às vezes até janta:::va às vezes até dormia na casa dele...

aí ele falou assim “não eu quero ir lá pra conhecer porque eu num conheço:: o interior eu só nas/ eu sou nascido aqui em São Paulo eu num conheço o:: o interior” –

eu falei – “não cê quiser ir lá tudo bem uai só que eu tô te explicando lá:: a casa da minha mãe e do meu pai é assim assim e assim né” –

ele falou – “não tudo bem então vamos”

aí ele cheg/ chegamos aqui chegando aqui em MiraSSOL... nós fomos pesca::r coisa que ele nunca tinha pescado... **né**...

aí de noite nós fomos numa festa:: na festa junina que ele também nunca tinha i::do

e:: ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior

aí a hora que fa/ eu chamava ele de caipira **né**... eu falava - “êh Edgar... caipira é ocê não eu né” –

aí nós fomos na HORTa vê::êh:: eu fui comprar mandiOca... que minha mãe peDIU... pá fazer na na janta no almoço num sei e ele num sabia que a mandioca dava no chão... ((o informante ri)) ele pensava que mandioca dava na Árvore é hora que e/ eu tirava sarro nele **né**...

ele éh:: ele era de São Paulo e ele viu laran::ja no nos pé ele viu jabutica::ba ele ficou abismado

e e::

então isso daí é uma coisa que eu nunca esqueço...

e de noite nós fomos na festa cai/ é lá na festa junina

aí aquele tempo os moço usava aqueles cabelo cumPRIdo e eu num usava não mas ele usava... éh usava aqueles cabelão cumprido éh:

e:: as moça aqui em Mirassol ficou tudo abismada... éh com ele... e ele ficou doído...

as moça caiu no/ gamava em cima dele e ele ficou doído cada vinte dia quinze dia ele queria vim aqui em Mirassol...

e::... e é isso daí

NR

Doc.: tio agora eu que eu/ eu queria que cê me conta::sse... éh:: alguma coisa que o vô já te contou... quando ele era vivo assim alguma coisa que ele te contou

Inf.: o vô o vô trabalhava de carpinteiro né...

aí os o/ e ele... ele fazia curra::l fazia tu:ia fazia:: fazia muita coisa

então o:: os os sitiante ele era muito procurado pelos sitiante e fazendeiro **né?** ...

aí um sitiANte veio pá chamar ele pra trabalhar **né**...

aí... **aí** ele **aí** ele falou assim po po homem – “óh eu preciso ir lá pá ver o serviço” –

ele falou – “não... eu trouxe o papel aQUI e o senhor traz o:: e o senhor marca né o senhor num sabe marcar?” –

ele falou – “eu sei mas... eu preciso combinar o se/ o serviço com o senhor quanto que eu ga/ quanto que o senhor vai me pagar pá pá num ter no fim num ter rolo” –

ele falou – “não o senhor pode pedir que eu eu pago” –

ele falou – “mas eu preciso saber aonde que eu vo::u dorMIR lá né que eu éh:: meio LONge eu vou eu vou vim a cada quinze dia na na na eu vou lá na propriedade do senhor eu vou ficar na casa quinze dia e vou demorar quinze dia pá vim na minha casa então eu preciso saber o lugar que eu vou dormir e o lugar que eu vou come::r né” –

ele falou – “não lá tá tudo::

o senhor vai dormir lá o senhor vai dormir numa casa boa lá e vai o homem vai fazer a comida po senhor tudo bem” –

ele falou – “então tá bom” –

aí ele tirou a receita da de madeira do papel po do:: po homem

e:: combinaram o preço tudo bem ta tá tudo certo tudo certo

aí:: foram... marcaram os dia pá vim bus/ e mar/ o:: fazendeiro... sitiante marcou o dia pá aí vim buscar Ele...

aí... aí ele foi **né**

aí chegando lá (aí) no sítio do Homem... ele só viu uma casinha bem pequenina **sabe?**...

viu no meio do pasto lá uma casinha BEM pequenina e um e um monte de madeira lá pá ele trabalhar... que o homem mos/ e: coberto com encerado as madeira...

mas ele aí ele ficou preocupado... preocupado aonde que ele ia DORMIR e aonde que ele ia comer **né**...

aí o homem falou assim pra ele – “o senhor num vai tira::r as ferramenta do do camionete aí”

ele falou – “não eu num vou tirar não” –

ele falou – “mas porque?” –

“ah eu tô vendo só uma casinha aí de três cômodo aí óh e:: tô vendo:: as criança do homem que (tô vendo) umas quatro cinco criança aí tô vendo o homem e a mulher e e:: EU aonde que eu vou dormir? eu e meu filho vai dormir? né” –

o homem falou – “ah o senhor vai dormir ali naquela... na:: é ca/ uma casinha de sapé” – sabe onde que os cara lá cortava aRROZ eles fazia...

ele ele falou – “EU vou dormir ALÍ? eu e meu filho vai dormir ali?” –

ele falou – “é uai onde cê quer dormir?”

ele falou – “oh eu nun/ mas... mas nem o cachorro num dorme alí como que eu vou dormir ali?” –

ele falou – “não senhor... o senhor lev/ o senhor pode me levar eu de volta que eu num vou dormir aí não... eu num so::u eu num sou cacho::rro” – ele falou **né**...

aí o:: homem ficou nervoso com ele e ele falou – “não num adianta (ocê) ficar nervoso porque... o senhor falou pra mim que eu ia dormir numa CAsa né... casa que eu sei é:: é:: pelo menos uma casa co/ é:: de tijo::lo cober::ta... agora eu dormir alí numa casinha que:: que num tem nem:: éh:: entrada nem saída bate vento dos quatro lado como que eu vou dormir alí?” – né

e assim era o::

e:: mui/ e muitas vezes acontecia isso mesmo no:: na profissão do do:: vô aí porque ele trabalhava muito no sítio **né**... dentro do serTÃO

mas... como ele é é mas ele dormia num luGAR::... num lugar certo **né** lugar numa ca::as

agora esse homem aí quis que nós dormisse num num rancho lá de sapé... e ele achou ruim...

então isso daí é uma::

Doc.: **mas** aí ele brigou?

Inf.: não eles discuTIram **né** discutiram

mas... discutira/ o:: vô discutiu com razão **né**...

porque:: aquilo lá num é lugar de dormir lá nem acho que nem um:: cachorro do/ pode dormir num lugar daquele **né** e ele queria que nós dormisse lá

Doc.: e ele continuou trabalhando lá?

Inf.: não.. ele nó/ nós chegamos lá pra trabaLHAR... e:: já no mesmo dia já voltamos pá trás embora...
é uma história mas é:: verdadeira isso daí

DE

Doc.: oh tio... ago::ra... eu queria que você:: que você assim me fala:sse como que é o lugar lá que você trabalha?

Inf.: lá na (inint.)?

Doc.: isso

Inf.: (inint.) (posso) falar?

eu trabalho numa firma **né**...

e tem::... que:: tem sesse/ uma va/ uns sessenta funcioNÁrio... éh::

tem homem tem mulher que trabalha lá éh::

a firma mexe com a firma lá trabalha com embaLAGem e é do e é de papeLÃO éh

fa/ fazemos embalagem para:: para a região TOda do do aqui do:: da da nossa cidade até:: fora do nosso estado...

e:: trabalha muita gente lá **né**...

e:: graças a Deus... éh:: um serviço... que num é:: poluente num é: num é poluente num é muito pesado mas...
também:: leve num é mas... que trabalha até mulher né

e:: graças a Deus

Doc.: e é grande lá?

Inf.: (**que**::) é um barracão que tem:: aonde que nós estamos HOje é um barracão de CEM metros a/ por quarenta metro de:: cem metro de compriMENto a ba/ quarenta de larGUra...

e:: e futuramente nós vamos ta/ passar po outro daqui uns dois ou três meses nós vamos passar po outro... pa outra instalação...

e:: vai ser meLHOR que:: que vai ser à base de::... vai ser bem melhor pá GENte trabalhar lá que vai ter tudo de bom pá gente pá pos empregado tudo

Doc.: **mas**... lá tá dividido em:: como? tem a parte do escritó::rio e tem como que é?

Inf.: **ah** lá tem a parte do escritÓrio... que trabalha:: quatro fun/ é cinco funcionária **né** cinco seis

éh:: quatro muLHER o o um hom/ um:: um homem

éh::... tem:: tem a secretária tem a:: a outra que mexe com:: com as nota fiscal lá o::

tem na outra parte tem dois que trabalha na (serra)

éh:: a outra parte é o riscador tem três riscador

cada riscador trabalha duas pessoa...

esse riscador a: a pessoa tem que busca::r o papelão lá na na::... lá no depósito saber a medida dele pá trazer dum riscador

o riscador éh:: PAssa esse:: esse papelão no na máquina que vai pá impressora

a impressora aonde trabalha mais duas pessoa... e lá ele pega e:: e e e coloca o emblema da das firma que:: que vai se::r colocada nas caixa **né**...

tipo assim é mó/ Móveis é::... igual aqui em mi/ Mirassol Móveis (Sebel) eles coloca Móveis (Sebel) a outra é Móveis (Gelus)

então eles tam/ eles têm o:: os preparo lá que é a que eles colocam na na nos papelão lá...

aí passa/ aí passando na impreSSOra... que vai pá amarradeira

na amarradeira a gente co/ a gente amarra as caixa...

eu/ argo / éh:: primeiro é a tem éh:: que vai pas caixa e o:u ou tem CAixa que vai pá:: pa coladeira

a coladeira é aonde que trabalha outras mulher onde que tem as mulher que trabalha lá que cola as caixa...

elas COla depois volta pá amarradeira

então a gente amarra também que:: as caixa que é colada aonde que depois é:: carregado nos caminhão que vai se::r entregar os cliente

Doc.: **ah:: e assim** lá tem estacionamento ¹[lu]gar de por carro?

Inf.: ¹[tem] é é envolta da da da é tem o estacionamento né po po pos funcionário que tem carro um tem moto outro tem bicicleta

o lugar de colocar a bicicleta tem o luGAR... no lugar da da: dos carro tem as garagem

e tem o:: o:: estacionamento da turma do escritório que é lá na na na frente do escritório na marginal lá da frente...

e tem os caminhão que têm carrega na aqui na plataforma aqui no fundo

RP

Doc.: tio éh:: você sabe jogar baralho?

Inf.: sei

Doc.: QUAL... jogo que cê sabe?

Inf.: éh:: Bisca

Doc.: cê pode conTAR como que joga?

Inf.: posso...

a Bisca é o seguinte

tem que ser em quatro pessoa né...

éh:: em quatro pessoa

aí dá éh:: dá três carta pá cada um...

aí:: aí joga o o o trunfo na mesa

o trunfo tanto faz ser o reis como o ouro ou a espada o ouro ou a espada o:: o ouro e a espada o:: o:: o ouro a espada...

como que é que fala o outro

Doc.: paus?

Inf.: o ouro a espada

e:: então

aí joga o trunfo na mesa...

aí dá três carta pá cada um e conforme joga::

e o que manda mais é o ais o ais vale onze ponto o três vale dez ponto o:: o o reis vale quatro ponto o valeta vale três ponto a dama vale dois ponto e o::

e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida né

aí qual fo/ aí e aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa pá gente pode::r num num jogar a carta po outro po outro pegar a carta pá:: pá gente poder ganhar a partida..

então é o ouro a espada e o o ouro a espada...

e:: eu num tô lembrado o ouro a es/

então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha...

e:: e é muito divertido porque:: é uma:: é uma gozação se na na hora que tá jogando é um é um barulho é um... um quer ganhar o outro na na conVERsa... e o outro fala umas mentira pá pá pá enganar tirar a intenção da da pessoa que tá jogando o baRALho e::

Doc.: então assim como que é? você não tem que colocar os/ você não tem que jogar o trunfo?

Inf.: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar

porque o que vale é o trunfo que tá na mesa

então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o:: é do baralho

aquele que ti/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né...

então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...

mas o jogo da Bisca tem que jogar quatro partida pá pá:: pá a dupla ganhar porque joga em dois contra dois...

então tem que jogar quatro partida pá:: aquele que ganhar quatro partida que ganha a queda num é ganhar uma queda SÓ que vai ganha::r que ganha o jogo tem que ganhar quatro partida pá ganhar

às vez a gente ganha uma o outro adversário ganha outra... depois a gente ganha outra precisa ganhar quatro a típ/ a/ quatro vez pá ganhar a partida...

e isso demora:: a base de uns às vez de de::z minuto quinze minuto cada partida

e é muito bom porque:: aí éh:: distrai a cabeça da gen::te

é um jogo muito gosto::so muito bom

que todo mundo gosta de jogar essa o jogo da Bisca

RO

Doc.: oh tio agora eu queria assim que você me fala::sse o que que você acha... sobre:: sobre essa confusão aí de juiz de futebol:: que roubo::u que que cê acha disso? que os juízes foram acusa::dos que que você acha disso?

Inf.: é o o esse juiz que::

eu acho que:: num num é que eu sou palmeiren::se que:: que eu acho que:: nessa:: nessa bagunça toda que teve aí do do dessa confusão aí quem foi favorecido foi o Corinthians

o Único time que foi favorecido foi o Corinthians

que ele ele PERDEU dos Santos de quatro a dois levou um show de bola lá na lá na vila PERDEU do São Paulo também depois pegou outro jogo onde que ele ganhou as/ éh:: ganhou dos Santos né ganhou do empatou com o São Paulo e ele... e ele foi o único favorecido foi esse daí

eu acho que a Federação não devia ter a::

porque o ÚNICO jogo que dos ONZE jogo que teve que:: que esse juiz que roubo/ éh:: que ro/ que falou que roubou e que entrou pá rouBAR o único jogo que foi roubado foi um só

e e eu acho que devia ter anulado é:: ter anulado só esse jogo mas como a C.B.F. anulou os onze jogo que o juiz apiTOu eu acho que foi:: o:: fo/ fo/ só favoreceu o Corinthians

num é como eu sou palmeirense é o:: todos os outros time estão reclamando mas...

e aGOra o juiz e e esse juiz agora cê:: ocê viu o que aconteceu no último jogo?...

o últi/ o último jogo lá do do que que teve agora o juiz que tava como o juiz de:: de mesa lá éh:: que fica o juiz de mesa né quando tá apitando o jogo esse juiz entrou no meio éh:: no intervalo do jogo arrancou a camisa de juiz éh::

isso foi passado na televisão **né**

ele arrancou a camisa do juiz que que ele tava vestido de juiz arrancou a camisa jogou no chão lá no meio do gramado falou que num era mais juiz porque ele tava envergonhado pelo:: pela o a palhaçada que tava acontecendo...

e:: o:: o juiz lá o o é REserva...

mas FUTEBOL é assim mesmo minha filha

futebol quando GANHA o sa/ o o corintiano cho::ra os palmeirense cho::ra o aquele que é campeão cho/ éh:: fica contente

e assim é a vida **né** num adianta num adianta chorar leite derramado a:: o que aconteceu aconteceu vai fazer o que uai

Doc.: se:: éh:: **mas assim** é porque rola muito dinheiro né

Inf.:É:: tem o::... eles tem us cambalacho deles **né**

mas o POvo coitado o povo num tem culpa **né** o povo gosta do futebol gosta de música gosta de éh:: de carnaVAL gosta de assim

e a:: as coisa que acontece aconteceu vai fazer o que [**entendeu**]

Doc.: [**então**] cê acha uma vergonha?

Inf.: é (inint.) uma vergonha mas... o que aconteceu aconteceu num adianta mais reclamar **né**

Doc.: e **assim** o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinhe::iro

Inf.: **olha...** eu acho que:: eu acho que eles estão certo **né**

só que dá dó de alguns jogador que igual e disso eu já tenho... algum éh:: já tem um os cara ganha MUIto só que os cara às vez num sabe guardar né eles num sabe...

que o a:: o futebol o jogador de futebol é o seguinte... ele ele ganha MUIto só que ele e e ele tá sujeito a:: a se machucar ou ou quebrar uma perna quebrar o:: machucar um joelho e no ano que vem ele num tem... clube num tá jogando em lugar nenhum e aonde que ele tá::

igual eu conheço muita gente aí que e/ e/ era bem de vida e hoje nu tá tá matando cachorro a grito aí porque:: num sabe fazer mais nada...

então po cara que joga BOLA eu acho que ele tem que ter consciência de guardar o dinheiro dele que essa vida de jogador é CURta éh:: tá um éh:: ele joga um ano o outro joga dois outro joga DEZ

e:: **por isso** que o cara que que éh:: tem que saber guardar o dinheiro dele porque vai que acontece alguma coisa ele tá:: se se o cara num tem estudo ele tá (porco) na vida dele

igual eu conheço muita gente aí que:: que jo/ era famoso e hoje tá:: tá até mendigando na na na cidade aonde que eles mora aí...

isso daí é lamentável de ver um negócio desse

Doc.: **então mas assim mas** você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?

Inf.: Éh ho/ hoje em dia eu acho que sim **né** porque antigamente não

e hoje em dia os time paga qualquer jogador que qualquer moleque que tá jogando bem Hoje...já:: já oferece dinhe::iro

aí esse a pessoa já vai pra um clube o outro oferece MAIS

então é: o que vale ma/ o que vale hoje é o dinheiro né o que fala alto hoje é o dinheiro mais...

hoje num num vai muito mais pela... pela profissão pelo a:: o time que ele joga não se um jo/ se ele tá jogando num num num time e e o outro oferece mais ele:: num quer nem saber ele LARga e vai embora mesmo

AI-005-CAS	
Tipo de textos coletados	Transcrição
	Arquivos de som
	AI-005-CAS.doc
	AI-005-CAS.wav
Dados dos Informantes	Inf. 1: sexo: feminino / idade: 22 anos / escolaridade: superior completo Inf. 2: sexo: feminino / idade: 25 anos / escolaridade: superior completo
Data da entrevista	30/11/2005
Duração (em minutos)	12,36
Documentador	Cássio Florêncio Rubio

Inf. 1: ((risos)) olha como é que Matemática tem acento no a e não no e ((risos))

Inf. 2: (inint.) ((risos))

ficou matêmicós... matêmacos

Inf. 1: matêmacos

Inf. 2: nossa senhora... num tem ((ruído)) ((risos)) Má

Inf. 1: pegou

Inf. 2: vou dar só umas lidinha nos meus e-mail e o computador é seu tá?

Inf. 1: tá... não tudo bem *no problem*

Inf. 2: ô eu tô viciada no orkut... eu sou viciada

Inf. 1: nossa faz tanto tempo que eu não vejo o meu...

inf. 2: jura?

Inf. 1: sério eu nem sei que que acontece mais

Inf. 2: nossa eu tô orkut... fico lendo meu e-mail

Inf. 1: **e aí?** vai prá casa esse fim de semana?

Inf. 2: eu vou... de carro

Inf. 1: éh?

Inf. 2: éh... venho só terça-feira

Inf. 1: cê vai vim terça prá que? só pa ficar estudando?

Inf. 2: éh:: só pra discutir exercício com o Fortinho **sabe?** que ele pediu

Inf. 1: ah bom

Inf. 2: **aí** eu vou vim...

Inf. 2: pô tá calor né?

Inf.1: ai tá né?

Inf.2: pode ligar? ((informante liga o condicionador de ar))

Inf.1: pode pode sim

Inf.2: fechou...

eu peguei em você?

Inf.1: não

Inf.2: computador é lerdo **né?**

Inf.1: ãh?

Inf.2: computador é lerdo

Inf.1: ah esse é **viu?**

Inf.2: fala sério ((risos))

Inf.2: ô aquele menino é tão bonzinho... eu gosto tanto dele

Inf.1: nossa eu também

Inf.2: ele é ele é extremamente assim... simpático

Inf.1: muito muito mesmo...

Inf.1: ai eu fiquei até com vergonha a unha dele tá mais bonita que a minha ((risos))

Inf.2: cê também viu?

Inf.1: eu vi

Inf.2: eu ficava assim... ((risos)) a sobrancelha dele tá mais bonita que a minha

Inf.1: que a minha

Inf.1: eu também pensei isso

Inf.2: caraca

Inf.1: tá vendo... a gente tem que ser mais vaidosa

Inf.2: sério...

UM HOMEM é mais vaidoso que a ¹[gente]

Inf.1: ¹[gente]

é muito **né**

Inf.2: FALA SÉRIO CARA...

Inf.1: não pode não pode... não pode não pode não pode... ((risos))

Inf.1: lembra aquele:: aquele cara da Xuxa

Inf.2: qual **meu?**

Inf.1: ele fazia aque/ acho que David Bra/ que é gago?

Inf.2: qual::?

- Inf. 1: num sei se é David... ele vai no Tom Cavalcante lá..
 é o que tem um cabelo tudo cacheadinho assim um arquinho assim...
- inf. 2: não
- Inf. 1: ele era da Xuxa do Planeta Xuxa
ele fazia – “não pode não pode não pode” – ((risos))
- Inf. 2: quem que é esse Má?... fiquei curio::sa
- Inf. 1: **ah** é da televisão lá..
vai no Tom Cavalcante
- Inf. 2: como que ele é?
- Inf. 1: ele é baixinho... gago... do cabelo cacheadinho... ele usa o arquinho assim e o cabelo fica tudo... não?
- Inf. 2: não
- Inf. 1: cê assiste Tom Cavalcante?
- Inf. 2: não
- Inf. 1: ah **então** como é que cê saber?
- Inf. 2: **cara** eu tô tentando pe/ lembrar da Xuxa
- Inf. 1: era ele e um outro magro lá o::
-
- Inf. 1: iche agora pegou
- inf. 2: ah fechou
- Inf. 1: dois...
- Inf. 1: ele fazia – “não pode não pode não pode” ((risos))
- Inf. 2: ai vai dar pau ((referindo-se ao computador))
- Inf. 1: por que?
 fe/ fecha e abre de novo às vezes dá certo...
-
- Inf. 1: ai eu fiquei até com dó do Clotílzio sabia?
- Inf. 2: ai eu tô com muita... pena dele assim...
-
- Inf. 2: eu lembro do meu pai essas coisa **sabe** Má? operaçã::o... hospital::... tensã::o
- Inf. 1: **mas** por que teu pai passou por tudo isso?
- Inf. 2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses Marina... meu pai operou na cabeça... ele tinha aneurisma...
sabe?
- Inf. 1: **ahm**
- Inf. 2: fez na veia dele... a PONte sabe?..
cortou meu pai aqui de fora a fora
- Inf. 1: ham

- Inf.2: meu pai operou dia... ficou um me/ antes de operar ele ficou um mês e meio de com pneumonia... porque não podia operar...
- Inf.2: e ele fumou... muito... na vida dele... beleza
- Inf.1: cigarro **né?**
- Inf.2: éh... maldito... beleza
- Inf.2: **aí** conseguiu operar
- Inf.1: **uhm**
- Inf.2: depois de:: quase dois meses
- Inf.1: **uhm uhm**
- Inf.2: e ele tava super bem no mesmo dia... no outro dia deu aneurisma no outro lado... mas aí a veia explodiu mesmo assim
- Inf.1: ai nossa
- Inf.2: **aí** demorou mais três meses prá ele morrer...
- Inf.2: ficou vegetando... foi na minha casa...
 eu não sei como eu tive forças de fazer inalação no meu pai...
 sabe que que era inalar?
meu pai tava parecendo um velho de oitenta e cinco anos... não é demais ((informante se emociona))...
 era... num sei... era um objeto... que num falava num andava num... **sabe?** e tinha um buraco aqui de onde saía o catarro DA pneumonia... meu pai morreu com pneumonia também
- Inf.1: ah sei... daqueles canos aquelas ²[coisas?]
- Inf.2: ²[e eu] tinha que fazer lá em casa
- Inf.1: ham::
- Inf.2: no meu pai...
- Inf.1: nossa Cibele
- Inf.2: tinha que fazer direto...
 imagina eu vendo meu pai na beira da morte... na/
 agora eu num choro...
- Inf.1: numa situação daquelas **né?**
- Inf.2: **mas** eu desesperada colocando CANO lá...ligava num motor e falava faz/ rezava po negócio sair assim **sabe?**
- Inf.1: nossa::
- Inf.2: pra ele não morrer asfixiado
- Inf.1: ham::
- Inf.2: (inint.) minha mãe assim **sabe?**
 acho que foi... foi horrível
- Inf.1: ai num é fácil
- Inf.2: não Má...

Inf.2: aí num deu pau ((informante volta a falar do computador)) deu pau...

Inf.1: e se você reiniciar o computador... às vezes quando ele fica muito tempo ligado [ele dá meio... sono nele...]

Inf.2: [ahm]

Inf.1: **aí** cê reinicia ele...aí ele funciona de novo...

Inf.1: nossa eu fico imaginando você e sua mãe sozi::nhas né tendo que cuidar dele... é difícil

Inf.2: não **mas**... isso que minha família é muito unida... tem ele tinha dez irmãos minha mãe tem tinha sete na época...

Inf.2: minha mãe... três anos... perdeu a mãe... meu pai e o meu irmão mais novo (Inf.1((cre::do)) e a tia que ela mais gostava...

não minha família foi assim... foi três anos foi perdendo... todo mundo... foi indo assim... desde de parente distante próximos até os mais os menos próximos

Inf.1: ham

Inf.2: cê não tem noção... aquele ano que foi um inferno...

Inf.1: nossa

Inf.2: meu pai morreu em junho minha avó morreu em agosto... a mãe da minha mãe morreu em agosto... o marido da minha mãe morreu em junho

Inf.1: hum

Inf.2: eu perdi minha avó e o meu pai... ³[na mesma] época... (Inf.1: ((perdeu ³[seu tio])) e o meu tio depois de um ano... oito meses...

Inf.2: óh... não... foi foi *trash*...

Inf.2: acho que é por isso que eu sou assim tão madura em relação a esse negócio tipo um dia vai (**né** essas coisa tudo)... porque em vista do meu pai... que dificuldade cê vai ter?... [**sabe?**]

Inf.1: [é verdade Cibele]

Inf.2: e a o eu acho que era a hora do meu pai ir mesmo

Inf.1: ah Cibele **óh**... num cai uma folha sem ser a hora...

Inf.2: isso

Inf.1: num tem conversa não...

Inf.2: eu também acho

Inf.1: hoje eu tava até comentando isso **né** porque eu perdi meu tio num acidente trágico lá... cê lembra ⁴[que eu] contei e tal... Inf.2: ⁴[ah é eu lembro]

e a minha avó num recupera né... até hoje minha avó tá meio ruim...

mas num adianta... eu tava até comentando com uma amiga minha hoje... chegou gente... a gente vai brigar com quem... me fala vai trazer meu tio de volta?

Inf.2: não

- Inf.1: adianta minha avó acordar seis e meia da manhã gritando de tanto chorar acordando os vizinho...
num volta... vai fazer o que com ela?... vai fazer o que com o meu tio?... meu tio já passou dessa uai...
 fazer o que? chegou a hora dele?... cumpriu a missão... foi embora... uai... **sabe?**
 é isso que eu fico pensando minha avó perdeu um filho nossa (Inf.2: num é porque ela pe/) eu não eu
 não sei a dor que uma mãe sente ao perder um filho... porque eu num sou mãe de ninguém... mas eu
 imagino que deve ser uma dor absurda porque tem coisa que só a mãe faz né?...
- mas ela** ficou com outros quatro filhos aqui que que sofrem... de ver ⁵[ela] daquele jeito **sabe?**
- Inf.2: ⁵[ela desse jeito]
-
- Inf.2: a minha avó se acabou por causa justamente de uma... NORA que morreu a gente falou assim... filho
 (Inf.1: já pensou?) a gente escondeu...
 dentro da casa da da minha avó... meu pai na... meu pai e meu avô... minha avó e meu pai no mesmo
quarto... colocaram uma cortina no hospital... ali no quarto ((Inf.1: **uhm**)) que tavam só os dois...
 pegaram um quarto realmente só pros dois
- Inf.1: **uhm uhm**
- Inf.2: imagine então minha mãe... ver o marido morrendo de um lado e minha avó com derrame morrendo do
 outro
- Inf.1: hum::
-
- Inf. 2: e eu (indo visitar)
e eu cuidando do meu pai...
e eu com faculdade...
e eu com um monte de coisa prá fazer...
 ah Marina foi Deus... eu num reprovei porque foi Deus... num sei o que aconteceu
- Inf.1: ah na verdade eu acho [que nessas hora a gente tenta buscar força que nem cê viu que a tua mãe tava
precisando mais de você... **né?** naquele momento...((Inf.2: **[ahm::]**)) então cê tirou força sabe
 Deus ⁶[DE ONDE] mas ((Inf.2: ⁶[DA ONDE] que eu acho que é só Deus que sabe da onde eu tirei
 A FORÇA)) que você precisava da... ajudar sua mãe... porque se você desmoronasse sua mãe vinha
junto né
- Inf.2: vinha... minha mãe vinha ((Inf.1: **então**)) ah vinha Marina... certeza... ela despencava ainda mais que
 eu ainda
- Inf.1: é porque afinal de contas ela tava perdendo a mãe e o marido
- Inf.2: tava
- Inf.1: imagina... que situação
-
- Inf.1: não era era situação assim... de manhã minha... a família ia dar banho no meu pai e à tarde a gente ia na
 minha avó pa dar banho na minha avó... **sabe?**...
- e de brin/ e naquele lance assim... qual vai primeiro e quando vai? já tava todo mundo assim
- Inf.2: ai...
- Inf.1: sabe aquela... imagine o nível... o grau...
-

Inf.1: às vezes eu chegava na faculdade e tinha que chorar... eu entrava em pânico... agarrava o Durval e ficava chorando com o Durval... um do meu... um dos meus melhores amigos...

eu chorava chorava e ninguém tipo ele num sabia o que fazer comigo ((Inf.2: inint.)) mas eu chorava aqui e não em casa ((Inf.2: é)) **sabe?**

Inf.2: eu imagino... na verdade lá cê num podia ⁷[(chorar nada)]

Inf.2: ah ⁷[depois (inint.) vou ficar aqui num] vai dar certo ((falamos do computador))

Inf.1: pelo visto tá meio ruim assim mesmo

Inf.2: tá

Inf.2: **então sabe?** é uma é uma situação muito complicada... fala em hospital prá mim... fala em cabeça... fala em cirurgia... eu tremo

Inf.1: dá até uma coisa ruim **né?**

Inf.2: te juro eu tremo nas base...parece que... eu me ponho no lugar... eu falo gente... num é fácil... ai Marina num é fá::cil... Deus é que põe a mão

Inf.1: éh... realmente...

Inf.1: **agora** que nem o Clo... ele tá achando que ele vai recuperar em cinco dias de uma cirurgia na ⁸[coluna]

Inf.2: ⁸[imagina] ((risos)) o Clotílzio é doido... eu dou risada dele que ele é muito engraçado... – “eu daqui cinco dias quero tá em pé dando prova” – ((risos))

Inf.1: cê acha? é muito sem juízo **né?**

Inf.2: ele é... totalmente sem juízo... ele num bate bem

Inf.1: não e o detalhe **né?**... é que ele tá achando que ele vai vim dar PROVA **né?**

Inf.2: dar a PROVA

Inf.1: ele podia aliviar... a pessoa nem recuperando da cirurgia num alivia **né?** ((risos))

Inf.2: ai que comédia

Inf.1: ai meu Deus

Inf.2: **mas** vamo vê a Ma... a Hermínia vai falar com ele quem sabe num num (Inf.1: é...)

Inf.1: eu tô com dó sabe de quem? da esposa dele... cê viu que ela tá segurando um barra **né?**

Inf.2: eu vi

Inf.1: pelo que a Hermínia falou **ce viu?** ela escuta ele ao mesmo tempo... tem que conciliar o trabalho dele... diz que ontem ela tava aí... lembra?

Inf.2: lembro

Inf.1: quer dizer ela deve tem vindo conversar com alguém...dar alguma sa/ algum tipo de satisfação **né?** vai saber

Inf.2: com certeza

Inf.1: preocupada com o marido lá... já pensou que situa/

Inf.2: e ela é tão boazinha **né**

Inf.1: ela é... nossa

Inf.2: ela tava lá no INPA com ele...ela e a filha dele

Inf.1: jura?... ela acompanha?

Inf.2: acho que sim...

Inf.2: teve um dia que a gente tava em Co/no primeiro dia que a gente chegou no domingo fomos prá Copacabana ver a praia né? (Inf.1: **ahm**) nunca vai lá tal... quando vai vai direto na praia ((risos)) só dá o Cro lá correndo porque... aqui tá a praia e aqui tem a pista... de correr né (Inf.1: **ahm**) e o Clo... (inint.) ou o cara o cara num parece ter setenta anos de idade

Inf.1: **mas** ele tem setenta anos?

Inf.2: tem...

Inf.1: ham::

Inf.2: setenta e pouco acho... ou berando os setenta

Inf.1: jura que é ⁹[tudo isso]?

Inf.2: ⁹[juro por] Deus... num parece **né?**

Inf.1: não

Inf.2: eu dou cinquenta anos prá ele

Inf.1: eu também

Inf.2: e ele lá... correndo... e a doida aqui OH CRO... CLOTÍLZIO...

e ele só... -“o ceis tão aqui... oi tudo bom” –

e eu -“ PROFESSOR... CORRE” –

e o Durval -“ cala o boca menina” – ((risos))

e eu - “CRO CORRE” –

Inf.1: setenta anos CORRENDO?

Inf.2: setenta ano... cê precisa de ver ele correndo

Inf.1: quem te falou que ele tem setenta anos?

Inf.2: a Gorete... quando eu entrei aqui... ele tinha sessenta e se::is sessenta e se::te

Inf.1: ham:: gen::te... tudo bem **né** que

Inf.2: e fuma e igual uma (inint.) imagina se não fumasse

Inf.1: **então**... **assim** a... a pessoa que é negra... ela não aparenta tanta idade

Inf.2: não minha mãe fala... que a pele de negro é mui::to melhor

Inf.1: mui::to boa

Inf.2: boa **né**

Inf.1: nossa... eles não aparenta idade

Inf.2: não

Inf.1: **mas::** SETENTA ANOS

Inf.2: (inint.) ((risos))

quando a Gorete falou prá mim “sessenta anos ah sessenta e seis”... e ela “é um número par...”

“então daqui quatro anos ele vai fazer SETENTA?”

a Gorete – “éh::” –

e eu –“cê tá ficando louca” –

e ela – “num tô... é verdade”

Inf.1: ah então tá bom... ele tá no lucro

Inf.1: gente ele é até muito paciente né ((Inf.2: ih)) porque a pessoa que tem mais idade... ela vai ficando impaciente com o tempo num é? ((Inf.2: nossa vai...))

Inf. 2: e ele é calmo né?

Inf1: **se** for ver é

Inf.2: ainda ta ta normal assim

Inf.1: e agüentar aluno até o setenta ano num é qualquer um não **hein?**

Inf.2: acho que é por isso que ele é... (inint.) porque no final das contas ele é calmo... ele dá as estouradinha né –“éh oh oh” – ((imitando a pessoa))

Inf.1: dando dura **né**

	AI-007															
Data da coleta:	11/01/2006															
Duração (em minutos):	8,49 min.															
Dados dos Informantes:	<ul style="list-style-type: none"> • Inf-1: Feminino, 57 anos, 1º Ciclo E. F., 6 a 10 SM, Olímpia • Inf-2: Masculino, 62 anos, Ensino Médio, 6 a 10 SM, Bady Bassit 															
Contexto da interação:	Conversa em contexto familiar.															
Tema da conversação:	Doença, cabeleireiro, futebol															
Disposição dos interlocutores na situação de interação. (indicar nos quadrados ao lado a posição do documentador e dos interlocutores).	<table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td>Doc.</td> <td>Inf-2</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Inf-1</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	Doc.	Inf-2				Inf-1									
Doc.	Inf-2															
Inf-1																
Documentador:	Fernanda Maria Candido															

Inf-1: a lá ele tá ali no seu Zé óh! tá aqui óh! no meu óh!

Inf-2: ¹[deixa e::le]

Inf-1 ¹[na hora] que ele for embora nós vamo sentar lá fora um pouco...

²[tá louco]

Doc.: ²[ele tá olhando] os bichi::nho

Inf-1: ah! num acredito tá? ele faz isso Ataíde daqui a pouco ele vai chamar encosta essa porta aí

Inf-2: não:: deixa chamar (inint) não faz mal prá ninguém (inint.)

Inf-1: normal mesmo

Inf-2: (inint.)

Inf-1: e se ele escuta conversa ele fica na grade uh:: uh::ele faz né? Fernanda

Inf-2: (já já ele sai)

Inf-1: credo

Inf-2: fui cortar cabelo lá coitado fiquei com dó do:: do:: do:: do Pedro lá

Inf-1: porque?

Inf-2: o irmão dele o Roq/ conhece o:: os irmão dele?

Inf-1: num conheço Ataíde

Inf-2: chama Roque tava sempre lá ((Inf-1: **ahm**))

Inf-2: (ele pegou uma infecção) ele machucou o dedinho do pé (Inf-1: **ahm**) aí (foi) curativo curativo curativo aí negocinho (inint.) apodreceu o dedo teve que cortar o dedo do pé

Inf-1: **ahm ahm**

Inf-2: aí o médico (com certeza) né ele pronto socorro essas coiseiras ficou esperando ²[esperando](Inf-1: ²[**ahm**])) apodreceu o dedo do pé teve que cortar

o médico muito vivo fez exame diabete era diabético...circulação

Inf-1: é circulação

- Inf-2: agora...pegou no outro corto o outro dedo do pé
- Inf-1: ah!:: fiquei sabendo disso hoje ³[na na na hi]/na ginástica
- Inf-2: ³[agora]ele tá internado acho que vai num sei se vai cortar a ponta do pé ou mais três dedos
- Inf-1: uma mulher tava contando prá outra lá mas eu não ⁴[entendi direito]
- Inf-2: ⁴[num sei se ele vai cortar] a ponta do pé ⁵[ou mais]
- Inf-1: ⁵[a ponta do pé]
-
- Inf -2: **então** ele é solteiro (ele diz/ele diz que assim) (Inf-1: corta ⁶[cabelo?]) ⁶[ele também] é solteirão ⁷[ai ele] (Inf-1: ⁷[ah! é?]) ele é (inint.) diz que faz três meses (falou que eu num durmo)
- Inf-1: uma senhora lá na/na ginástica tava contando pa outra perto de mim isso daí
- Inf-2: **e::** ele ficou em casa aí fazendo curativo ele cortou os dois dedos
-
- Inf-2: (**mas** ele tá) (tudo atrapalhado) ele toma reme::dio
- Inf-1: ai:: num bate bem da cabeça
- Inf-2: num é que num bate bem ele dirige tem carta mas é um cara assim...((Inf-1: ahm...escapa umas marcha)) meio explosivo meio não inteiro...éh::...não deixa fazer curativo] diz que tá uma um:: desastre no hospital diz que ficou em casa aí diz gritava a noite inteira (Inf-1: ⁸[**mas** deve doer]) ⁸[“faz três meses] que eu num durmo”- ele falou prá mim
- Inf-1: deve doer Ataíde
-
- Inf-2: agora tá internado lá hoje ((Inf-1: **ahm**)) acho que vai cortar num sei vai cortar a ponta do pé
- Inf-1: escutei as mulher falar cortou um dedo cortou outro agora vai cortar a ponta))
- Inf-2: é porque::
- Inf-1: ai **então** é esse caso mesmo elas tavam contando mas num perguntei quem era...as velhinhas lá onde eu faço ginástica))
- Inf-2: os médico o seguinte quando eles vê que o caso é grave (inint.) ((Inf-1: **ahm**)) eles já ⁹[corta e tira] ((Inf-1: ⁹[**e já corta mais**] ¹⁰[prá cima]) ¹⁰[**certo?**])
- Inf-1: ai que dó
- Inf-2: a turma tava lá em São Paulo lá o cara tava com o pé (inint.) cê via tudo os ossos o médico cortou tudo
- Inf-1: o marido da Gina já cortou mais da metade do pé...o Oswaldo
- Inf-2: [(**ainda** a mulher) – “doutor mas”- “não - falou –“se eu cortar aqui depois de amanhã tenho que cortar aqui depois tenho que cortar aqui” “já corta aqui em cima” – ((Inf-1: ai)) prá ver se pega uma irrigação BOA aqui em cima
- Inf-1: nossa senhora aparecida deve doer¹¹[deve doer]
- Inf-2: ¹¹[ai quando eu] tava saindo me apareceu só com essa parte aqui óh ((aponta para o pé))
- Inf-1: tadinho
- Inf-2: (eu lembro) (inint.) a filha dele quando viu blufe ((imita o som da pessoa caindo) ¹²[caiu] (Inf-1: ¹²[desmaiou?]) caiu lá do lado da minha cama desmaiou..
- (inint.) não sentia nem dor diz o outro que eu vi ¹³[coisa do arco da velha]

Inf-1: ¹³[vê coisa] coisa que a gente nem sonha que vê **né?**

Inf-2: **então** o problema da circu/QUEM tem problema de circulação e é diabético...sabe? que nem diz a gíria tá fudido]105

Inf-1: tá

Doc.: ainda bem que eu não tenho

Inf-1: a diabete Ataíde nada cura

Inf-2: não se você não tiver problema de circulação circulação (inint.) diabete mata mas cê faz o regime (cê vai embora)...

ELA influi na...

Inf-1: diabete ataca de tudo

Inf-2: ataca tudo ataca as vistas tem gente que fica ce::go ataca a:: a:: - (Inf-1: as pernas porque é a circulação -) éh:: ataca o coração ataca um monte de coisas ataca a pressão vai te pegando devagarinho

Inf-1: **ôh!** dá parada cardíaca que ela dá

Inf-2: ela ajuda ¹⁴[dá parada ajuda]

Inf-1: ¹⁴[ela ajuda dá parada]

Inf-2: minha mãe morreu disso

Inf-1: lógico que foi deu uma parada lógico que dá

Inf-2: tem hora que a pressão ia lá em cima vinte cinco daí a pouco vinha sete

Inf-1: **e aí outra** a diabete subia e descia ¹⁵[ela tava desregulada]

Inf-2: ¹⁵[é quando faz assim os médico] fala ih::

Inf-1: quando faz assim eles num quer nem

Inf-2: ele vai lá e mede tá vinte e cinco (daí eles mede) tá oito ((Inf-1: **é**)) aí complica tudo

Inf-2: ele tá aí ainda

Inf-1: tá ((fala sussurrando))

Inf-2: ei::

Inf-1: lógico que ele tá cê acha que ele vai embora o saco dele ele colocou ali na calçada...

Inf-2: (inint.)fiquei com uma dó (inint.) (Inf-1: já falei) leva lá prá trás (inint.) (Inf-1: já falei que é prá adotar...)

Inf-1: a gente fala que velha dá trabalho **cê vê** hoje **olha** eu ri tan::to naquela ginástica **né?**

chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado

aí chega uma chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas **né**

aí a professora chegou e falou – “ôh! cês espera que eu num tenho chave desse portão nós vamo entrar po lado de lá” tá bom então fomo

aí ela ficou na porta Ataíde **olha** a professora **né** beijou UMA POR UMA das velhinhas se você vê a alegria delas eu até/eu e a dona Isabel rimo mas rimo de chorar pois ela esperou passar uma por uma fez fila foi beijou todo mundo – “eu amo vocês” – ela falava e as velhinha adora Ataíde

gente eu fico boba de ver...a alegria daquelas velhinhas quando a professora chega que a professora vai dar a ginástica prá elas...

Inf-2: ((tosse))

Inf-1: ai meu Deus do céu...

tem outro tempo do jogo agora

Inf-2: tem...

Inf-1: e tem baralho também hoje

Inf-2: num sei

Inf-1: ah! **mas** se tiver jogo num tem baralho

Inf-2: o jogo acaba cinco e meia bem

Inf-1: não eu tô falando se tiver jogo à noite

Inf-2: ah! a (Globo) num vai passar nada não ((In-1: não)) (inint.) Palmeiras amanhã se passar vai ser no outro canal a Globo num passa

Inf-1: que horas vai passar o Palmeiras amanhã?

Inf-2: num sei que horas (preciso) ver no jornal não sei se joga oito e meia

Inf-1: da noite?

Inf-2: num sei preciso ver jornal amanhã cedo falou aí já esqueci...

Inf-1: cê num foi vê o Muniz hein Ataíde

Inf-2: (precisava ter ido)

Inf-1: é também é uma vergonha ((informante 2 tosse))

Inf-2: (inint.) me lembra (tem hora) que tô parado aí agora eu num vou lá não vou assistir o jogo também

Inf-1: ah! eu sei disso Ataíde só tô falando eu sempre te lembro você não vai

Inf-2: cê lembra numa hora dessas

Inf-1: ah! numa hora dessa eu lembro quando eu tenho que lembrar ¹⁶[vou lembrar]

Inf-2: ¹⁶[fico parado aí] vou cortar o cabelo num agüento mais cabelo cumprido meu Deus do céu aquilo vai enchendo o saco enchendo o saco...

Inf-1: ele demorou prá cortar hoje ((fala rindo))

Inf-2: uh:: (inint.)

Inf-1: até contar a história do:: do irmão **hein**

Inf-2: **mas** ele é assim mesmo...é sessenta e oito anos que aquele cara tem

nós jogamo bola junto lá em Bady

Inf-1: num ACHO

Inf-2: ele o irmão dele esse esse esse que chama:: (filha dele que veio) ele chama o:: ((Inf1: Roque)) Roque tem o/tem o outro magrinho que jogava bola também (Inf-1: ¹⁷[é]) ¹⁷[(bastante irmão)

cê sabe lá nos café lá em:: lá em Bady também dos (inint.)

Inf-1: ah! eu não conheci não

Inf-2: eles foram colonos lá **sabe?** colono **né?** (tinha casa do/tinha cinco seis casa) óh! os colono chama eles de colono

Inf-1: é

Inf-2: é é os colono mesmo (inint.) trabalhava na roça...(colhia café) (inint.) porcentagem

mas eles jogava chamava eles morava na fazenda lá perto (do sitio lá) (Inf-1: **é**) (inint) (Inf-1: **uhm**) e nós fazia um rachinha ali no (inint.) lá no campo

Inf-1: **mas** o campo de Bady ou no campo

Inf-2: campo de Bady

Inf-1: ah! pensei que era na roça

Inf-2: na roça era na roça minha filha jogava bola de domingo

Inf-1: ((informante dá risada))

Inf-2: eu lembro nós jogava o DIA inteiro ¹⁸[levantava seis e] ((Inf-1: ¹⁸[num acho])) mandava minha mãe chamar quando ela levantava nós ia pro campo sete horas vinha em casa só prá (inint.) só de noite

Inf-2: já foi embora

Inf-1: tá aí

Inf-2: foi embora...

Inf-2: nós jogava o dia inteiro até ¹⁹[(inint.)]

Inf-1: ¹⁹[vamo senta lá fora]

14.	olhando aquela BAITA daquela estação né da Luz éh:: que cha/ é Estação da Luz af eu subi a escadaria		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
15.	olhando aquela BAITA daquela estação né da Luz éh:: que cha/ é Estação da Luz af eu subi a escadaria né da Estação da LUZ		0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 129
16.	eu subi a escadaria né da Estação da LUZ co/ com o endereço do do da minha filha no BOLSo da camisa... e:: nem sabia onde que era o ponto de ôníbus		1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
17.	aqueles MONte de CAirro que eu nunca tinha visto isso na minha VIIda né aqueles PRÉ::dio		0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 129
18.	aqueles MONte de CAirro que eu nunca tinha visto isso na minha VIIda né aqueles PRÉ::dio né aquilo lá eu fiquei muito assusTAdo né ...		0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 129
19.	aqueles MONte de CAirro que eu nunca tinha visto isso na minha VIIda né aqueles PRÉ::dio né aquilo lá eu fiquei muito assusTAdo né ...		0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 129
20.	falei – “Nossa onde que será aonde que eu vim paRAr” – né nunca tinha visto aquilo		0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 129
21.	nunca tinha visto aquilo na minha vida af :: peguei o Ôníbus		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
22.	andei um bom peDAço até:: achar o o o ponto de ôníbus af cheguei na casa da minha filha		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
23.	peguei o Ôníbus fui pá casa éh:: an/ an/ andei lá um andei um bom peDAço até:: achar o o o ponto de ôníbus af cheguei na casa da minha filha e:: e canSAdo viajando a noite inteira de trem...		1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
24.	af cheguei na casa da minha filha e:: e canSAdo viajando a noite inteira de trem... af :: minha filha ficou toda contente		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
25.	af :: minha filha ficou toda contente de eu ter chegado lá af no outro dia...		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
26.	af :: minha filha ficou toda contente de eu ter chegado lá af no outro dia... af minha filha falou –		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
27.	minha filha ficou toda contente de eu ter chegado lá af no outro dia... af minha filha falou – “(inint.) meu filho” – né – “é:: filha vim procurar serVIço		0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 129
28.	“é:: filha vim procurar serVIço né porque lá em a/ lá em Mirassol tá ruim de serVIço” – né af no outro dia ela saiu comigo na rua lá		0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 129
29.	“é:: filha vim procurar serVIço né porque lá em a/ lá em Mirassol tá ruim de serVIço” – né af no outro dia ela saiu comigo na rua lá		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
30.	no outro dia ela saiu comigo na rua lá nós fomos procurar serviço... af tinha um um vizinho dela lá		1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE

47.	eu vinha pá passear e ver meu pai e minha MAE ele também pediu pra vim... aí eu falei pra ele	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 129
48.	aí eu falei pra ele – “não se quiser ir cê vai né? só que lá na minha casa é:: lá é casa de pobre num é igual a sua casa aqui” – porque de sábado e domingo eu ia na casa dele...	1	1	1	1	2	1	1	1	0	1	1	NE 129
49.	eu almoçava lá:: às vezes até janta::va às vezes até dormia na casa dele... aí ele falou assim	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
50.	ele falou – “não tudo bem então vamos” – aí ele cheg/ chegamos aqui	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
51.	chegando aqui em MiraSSOL... nós fomos pesca::r coisa que ele nunca tinha pescado... né ...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	1	NE 129
52.	chegando aqui em MiraSSOL... nós fomos pesca::r coisa que ele nunca tinha pescado... né ... aí de noite nós fomos numa festa:::	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
53.	aí de noite nós fomos numa festa::: na festa junina que ele também nunca tinha i::do e :: ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
54.	ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior aí a hora que fa/ eu chamava ele de caipira	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
55.	ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior aí a hora que fa/ eu chamava ele de caipira né ... eu falava	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	1	NE 129
56.	“êh Edgar... caipira é ocê não eu né ” – aí nós fomos na HORTA	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
57.	ele pensava que mandioca dava na ÁRvore é hora que e/ eu tirava sarro nele né ...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	1	NE 129
58.	ele viu laran::ja no nos pé ele viu jabutica::ba ele ficou abismado e e :: então isso daí é uma coisa que eu nunca esqueço...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
59.	ele viu laran::ja no nos pé ele viu jabutica::ba ele ficou abismado e e:: então isso daí é uma coisa que eu nunca esqueço...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
60.	então isso daí é uma coisa que eu nunca esqueço... e de noite nós fomos na festa	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
61.	... e de noite nós fomos na festa cai/ é lá na festa junina aí aquele tempo os moço usava aqueles cabelo cumPRÍdo	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
62.	eu num usava não mas ele usava... êh usava aqueles cabelo cumprido êh::: e as moça aqui em Mirassol ficou tudo abismada...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1	NE 129
63.	ele ficou doído cada vinte dia quinze dia ele queria vim aqui em Mirassol... e ::: e é isso daí	1	0	1	1	1	2	1	1	0	1	1	NE 129
64.	Doc.: tto agora eu eu/ eu queria que cê me conta::sse... êh:: alguma coisa que o vô já te contou...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	1	NR

119.	Doc.: ah:: e assim lá tem estacionamento [lu]lugar de por carro? Inf.: [item] é é envolta da da é tem o estacionamento né po po pos funcionário que tem carro um tem moto outro tem bicicleta o lugar de colocar a bicicleta tem o luGAR... no lugar da da: dos carro tem as garagem e tem o:: o:: estacionamento da turma do escritório	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 129
120.	e tem o:: o:: estacionamento da turma do escritório que é lá na na na frente do escritório na marginal lá da frente... e tem os caminhão que têm carrega na aqui na plataforma aqui no fundo	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 129
121.	Doc.: cê pode conTAR como que joga? Inf.: posso... a Bisca é o seguinte tem que ser em quatro pessoa né...	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	RP 129
122.	Inf.: posso... a Bisca é o seguinte tem que ser em quatro pessoa né... é:: em quatro pessoa aí dá é:: dá três carta pá cada um...	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
123.	aí dá é:: dá três carta pá cada um... aí:: aí joga o o o trunfo na mesa	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
124.	Inf.: (...) como que é que fala o outro Doc.: paus? Inf.: o ouro a espada e:: então aí joga o trunfo na mesa...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
125.	Inf.: (...) como que é que fala o outro Doc.: paus? Inf.: o ouro a espada e:: então aí joga o trunfo na mesa...	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
126.	Inf.: o ouro a espada e:: então aí joga o trunfo na mesa... aí dá três carta pá cada um	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
127.	Inf.: o ouro a espada e:: então aí joga o trunfo na mesa... aí dá três carta pá cada um e conforme joga:: e o que manda mais é o ais o ais vale onze ponto	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
128.	o que manda mais é o ais o ais vale onze ponto o três vale dez ponto o:: o reis vale quatro ponto o valete vale três ponto a dama vale dois ponto e o:: e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
129.	e o que manda mais é o ais o ais vale onze ponto o três vale dez ponto o:: o reis vale quatro ponto o valete vale três ponto a dama vale dois ponto e o:: e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida né	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	RP 129
130.	e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida né aí qual fo/ aí e aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	RP 129

131.	e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida né aí qual fo/ aí e aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
132.	aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa pá gente pode::r num num jogar a carta po outro po outro pegar a carta pá:: pá gente poder ganhar a partida... então é o ouro a espada e o o ouro a espada... e:: eu num tô lembrado o ouro a es/ então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
133.	aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa pá gente pode::r num num jogar a carta po outro po outro pegar a carta pá:: pá gente poder ganhar a partida... então é o ouro a espada e o o ouro a espada... e:: eu num tô lembrado o ouro a es/ então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
134.	aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa pá gente pode::r num num jogar a carta po outro po outro pegar a carta pá:: pá gente poder ganhar a partida... então é o ouro a espada e o o ouro a espada... e:: eu num tô lembrado o ouro a es/ então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
135.	então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha... e:: é muito divertido porque é uma:: é uma gozação	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
136.	é uma gozação se na na hora que tá jogando é um é um barulho é um... um quer ganhar o outro na na con VERsa e o outro fala umas mentira pá pá pá enganar tirar a intenção da pessoa que tá jogando o baRALho e::	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
137.	Doc.: então assim como que é? você não tem que colocar os/ você não tem que jogar o trunfo? Inf.: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada	1	1	1	1	1	2	1	1	1	0	1	RP 129
138.	Inf.: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o:: é do baralho aquele que ti/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né... então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
139.	Inf.: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o:: é do baralho aquele que ti/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né... então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...	0	2	1	1	1	2	1	1	1	0	1	RP 129
140.	Inf.: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o:: é do baralho aquele que ti/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né... então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP 129
141.	então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RP

155.	futebol quando GANHA o sa/ o o corintiano cho::ra os palmeirense cho::ra o aquele que é campeão cho/ éh:: fica contente e assim é a vida né		0	2	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
156.	Inf.: (...) futebol quando GANHA o sa/ o o corintiano cho::ra os palmeirense cho::ra o aquele que é campeão cho/ éh:: fica contente e assim é a vida né num adianta num adianta chorar leite derramado a:: o que aconteceu aconteceu vai fazer o que uai Doc.: se:: éh:: mas assim é porque rola muito dinheiro né		1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
157.	Inf.: (...) futebol quando GANHA o sa/ o o corintiano cho::ra os palmeirense cho::ra o aquele que é campeão cho/ éh:: fica contente e assim é a vida né num adianta num adianta chorar leite derramado a:: o que aconteceu aconteceu vai fazer o que uai Doc.: se:: éh:: mas assim é porque rola muito dinheiro né		0	2	1	1	2	1	1	0	1	RO 129	
158.	Doc.: se:: éh:: mas assim é porque rola muito dinheiro né Inf.:É:: tem o::... eles tem us cambalacho deles né mas o POvo coitado o povo num tem culpa né		0	2	1	1	2	1	1	0	1	RO 129	
159.	Doc.: se:: éh:: mas assim é porque rola muito dinheiro né Inf.:É:: tem o::... eles tem us cambalacho deles né mas o POvo coitado o povo num tem culpa né		1	0	1	1	1	1	1	0	1	RO 129	
160.	Doc.: se:: éh:: mas assim é porque rola muito dinheiro né Inf.:É:: tem o::... eles tem us cambalacho deles né mas o POvo coitado o povo num tem culpa né		0	2	1	1	2	1	1	0	1	RO 129	
161.	o povo gosta do futebol gosta de música gosta de éh:: de carnaVAL gosta de assim e a:: as coisa que acontece aconteceu vai fazer o que ² [entendeu]		1	0	1	1	1	1	1	0	1	RO 129	
162.	o povo gosta do futebol gosta de música gosta de éh:: de carnaVAL gosta de assim e a:: as coisa que acontece aconteceu vai fazer o que ² [entendeu]		0	2	1	1	2	1	1	0	1	RO 129	
163.	o povo gosta do futebol gosta de música gosta de éh:: de carnaVAL gosta de assim e a:: as coisa que acontece aconteceu vai fazer o que ² [entendeu] Doc.: ² [então] cê acha uma vergonha?		1	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129	
164.	Doc.: ² [então] cê acha uma vergonha? Inf.: é (inint.) uma vergonha mas... o que aconteceu aconteceu num adianta mais reclamar né		0	2	1	1	2	1	1	0	1	RO 129	
165.	Doc.: e assim o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinheiro::iro Inf.: olha... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo né		1	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129	
166.	Doc.: e assim o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinheiro::iro Inf.: olha ... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo né		1	2	1	1	2	1	1	0	1		

167.	Doc.: e assim o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinhe::iro Inf.: olha... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo né	0	2	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
168.	Doc.: e assim o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinhe::iro Inf.: olha... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo né só que dá dó de alguns jogador que igual e disse eu já tenho éh:: já tem um os cara ganha MUito só que os cara às vez num sabe guardar né?	1	1	1	2	1	1	1	1	0	1	RO 129
169.	Doc.: e assim o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinhe::iro Inf.: olha... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo né só que dá dó de alguns jogador que igual (Edilson) ele já tem um... algum éh:: já tem um os cara ganha MUito só que os cara às vez num sabe guardar né	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	RO 129
170.	só que os cara às vez num sabe guardar né eles num sabe... que o a:: o futebol o jogador de futebol é o seguinte... ele ele ganha MUito só que ele e ele tá sujeito a:: a se machucar	1	1	1	1	2	1	1	1	0	1	RO 129
171.	igual eu conheço muita gente aí que e/ era bem de vida e hoje nu tá matando cachorro a grito aí porque:: num sabe fazer mais nada... então po cara que joga BOla eu acho que ele tem que ter consciência de guardar o dinheiro dele	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
172.	ele tem que ter consciência de guardar o dinheiro dele que essa vida de jogador é CURta éh:: tá um éh:: ele joga um ano o outro joga dois outro joga DEZ e por isso que o cara que que é:: tem que saber guardar o dinheiro dele	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
173.	eu conheço muita gente aí que:: que jo/ era famoso e hoje tá:: tá até mendigando na na na cidade aonde que eles mora aí... isso daí é lamentável de ver um negócio desse Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
174.	eu conheço muita gente aí que:: que jo/ era famoso e hoje tá:: tá até mendigando na na na cidade aonde que eles mora aí... isso daí é lamentável de ver um negócio desse Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
175.	eu conheço muita gente aí que:: que jo/ era famoso e hoje tá:: tá até mendigando na na na cidade aonde que eles mora aí... isso daí é lamentável de ver um negócio desse Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 129
176.	Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	RO 129

188.	af fiz pré/ fui... fazer pré-natal tudo... logo no comecinho... af eu já tive logo no começo problema de querer abortar...	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 102
189.	af eu tive que fazer muito rePO:::Uso... tomei muito reME:::dio...	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 102
190.	af eu já tive logo no começo problema de querer abortar... af eu tive que fazer muito rePO:::Uso... tomei muito reME:::dio... af ... com uns nove meses af nasceu o Henrique... que é o meu filho mais velho...	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 102
191.	aqueles TEMpo num se fazia ultra-SOM prá saber o SEXO... a gente né ... ficou espeRAN:::do prá prá saber o que que era...	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 102
192.	aqueles TEMpo num se fazia ultra-SOM prá saber o SEXO... a gente né ... ficou espeRAN:::do prá prá saber o que que era... aquela curiosiDAde... éh... a gente foi pego... meu marido foi comigo... né a minha mãe TAMBÉM... e a gente ali no hospital espeRAN:::do...	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 102
193.	meu marido foi comigo... né a minha mãe TAMBÉM... e a gente ali no hospital espeRAN:::do...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	NE 102
194.	a gente né ... ficou espeRAN:::do prá prá saber o que que era... aquela curiosiDAde... éh... a gente foi pego... meu marido foi comigo... né a minha mãe TAMBÉM... e a gente ali no hospital espeRAN:::do... af ele nasCEU... né ... chorava MUIto...	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 102
195.	a gente né ... ficou espeRAN:::do prá prá saber o que que era... aquela curiosiDAde... éh... a gente foi pego... meu marido foi comigo... né a minha mãe TAMBÉM... e a gente ali no hospital espeRAN:::do... af ele nasCEU... né ... chorava MUIto...	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 102
196.	ele era chorão... ((risos)) ele num gostava de ficar... no berço... né ... as enfermeiras éh... iam no quarto e falavam – “eu não sei que que eu faço com aquele filho seu porque ele só chora”	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 102
197.	ele só ficava no colo... de pequenininho éh... às vezes... à noite tava com sono... o Valdemir tinha que carregar.. ficar de noite com ele... com cobertor... porque tava frio... fazia época de frio né ... com ele no colo... até ele pegar uma idade...	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 102
198.	ele só ficava no colo... de pequenininho éh... às vezes... à noite tava com sono... o Valdemir tinha que carregar.. ficar de noite com ele... com cobertor... porque tava frio... fazia época de frio né ... com ele no colo... até ele pegar uma idade... af a gente ficou até com medo de... de ter outro né ...	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 102
199.	ele só ficava no colo... de pequenininho éh... às vezes... à noite tava com sono... o Valdemir tinha que carregar.. ficar de noite com ele... com cobertor... porque tava frio... fazia época de frio né ... com ele no colo... até ele pegar uma idade... af a gente ficou até com medo de... de ter outro né ...	0	2	1	1	2	1	1	1	1	0	1	NE 102
200.	af a gente ficou até com medo de... de ter outro né ... af a minha mãe já falou assim... – “nossa eu pensei que você era igual eu... mas eu tô vendo que você num é”	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE 102
201.	af a gente ficou até com medo de... de ter outro né ... af a minha mãe já falou assim... – “nossa eu	1	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NE

304.	e num bando de molecada né... mataram a cobra... aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né... aí coitadinho do sapo né...	0	2	1	1	1	1	1	0	1	NR 102
305.	e num bando de molecada né... mataram a cobra... aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né... aí coitadinho do sapo né...	1	0	1	0	1	1	1	0	1	NR 102
306.	e num bando de molecada né... mataram a cobra... aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né... aí coitadinho do sapo né...	0	2	1	1	2	1	1	0	1	NR 102
307.	cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né... aí coitadinho do sapo né... viraram o sapo do avesso... tornaram virar o sapo do direito né... aí largaram o sapo lá...	0	2	1	1	2	1	1	0	1	NR 102
308.	cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né... aí coitadinho do sapo né... viraram o sapo do avesso... tornaram virar o sapo do direito né... aí foram... aí largaram o sapo lá...	1	0	1	0	1	1	1	0	1	NR 102
309.	cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né... aí coitadinho do sapo né... viraram o sapo do avesso... tornaram virar o sapo do direito né... aí foram... aí largaram o sapo lá...	1	0	1	0	1	1	1	0	1	NR 102
310.	tornaram virar o sapo do direito né... aí foram... aí largaram o sapo lá... foram embora né... no outro dia voltaram e o sapo tinha morrido...	0	2	1	1	2	1	1	0	1	NR 102
311.	tornaram virar o sapo do direito né... aí foram... aí largaram o sapo lá... foram embora né... no outro dia voltaram e o sapo tinha morrido... mas aí... era um sa/ aí... para... ((risos)) não eram eles que tinham matado o sapo	1	1	1	1	1	1	1	0	1	NR 102
312.	enfim a cobra que eles haviam matado... né... e que tinha matado... o sapo...	0	2	1	1	2	1	1	0	1	NR 102
313.	enfim a cobra que eles haviam matado... né... e que tinha matado... o sapo... e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo...	1	0	1	1	1	1	1	0	1	NR 102
314.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão...	0	2	1	1	2	1	1	0	1	NR 102
315.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão... aí né... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né... pecado...	1	0	1	0	1	1	1	0	1	NR 102
316.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão... aí né... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né... pecado...	0	2	1	1	2	1	1	0	1	NR 102
317.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão... aí né... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né... pecado...	0	2	1	1	2	1	1	0	1	NR 102
318.	tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só	1	0	1	0	1	1	1	0	1	NR

346.	ela tinha uma praça muito bonita com aqueles bancos antigos... aqueles... aqueles lustres éh:: que iluminava a praça antigo... né ... uma escadaria prá gente subir e chegar...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
347.	tinha tipo de uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes... éh... depois no fundo tinha uma escadinha assim que subia... que ia prá torre...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102
348.	tinha uma escadinha assim que subia... que ia prá torre... eu sempre tive muita vontade de subir... mas eu nunca... a gente nunca... teve oportunidade de ir... af a... a entrada uma igreja escura...	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	DE 102
349.	af a... a entrada uma igreja escura... sabe? era uma igreja assim... escura... com uns vitrais assim cor... verde ESCURO...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
350.	com uns vitrais assim cor... verde ESCURO... éh:: e puxava também pro ROXO e pro VINHO...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102
351.	com uns vitrais assim cor... verde ESCURO... éh:: e puxava também pro ROXO e pro VINHO... sabe? então era uma igreja... assim... que te levava a muita concentração...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
352.	com uns vitrais assim cor... verde ESCURO... éh:: e puxava também pro ROXO e pro VINHO... sabe? então era uma igreja... assim... que te levava a muita concentração...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102
353.	uma igreja que eu percebia assim... que no NO VERÃO... ela era fresquinha... era uma igreja gostosa... éh::... e :: quando a gente entra/ éh... isso que essa época que eu participei ainda... que... que ia éh::... ainda tava antes de consegui o Vaticano Segundo... então ainda ela preservou éh:: aqueles lugar que o padre subia prá fazer a homilia...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102
354.	então ainda ela preservou éh:: aqueles lugar que o padre subia prá fazer a homilia... aquela escada no meio... com aqueles... eu num sei como que chama aquilo... éh e o padre subia e fazia... ele saía de lá do altar e ia fazer a... a homilia...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102
355.	e o padre subia e fazia... ele saía de lá do altar e ia fazer a... a homilia... a explicação né das... a explicação né falar com o povo... ali daquele lado...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
356.	e o padre subia e fazia... ele saía de lá do altar e ia fazer a... a homilia... a explicação né das... a explicação né falar com o povo... ali daquele lado...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
357.	os confessorário também era anti::go éh:: feito em madei::ra a:: gente... sabe? mais do que você confessava (tudo)... você via A OBRA né ...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
358.	os confessorário também era anti::go éh:: feito em madei::ra a:: gente... sabe? mais do que você confessava (tudo)... você via A OBRA né ... que foi feita... de madeira... bem trabalhada...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
359.	eu sempre gostei muito dessas coisas... sabe? ... ANTIGAS... éh com esses desenhos...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102
360.	eu sempre gostei muito dessas coisas... sabe? ... ANTIGAS... éh com esses desenhos... af ela tinha uns... uns altares dos lados...	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	DE 102

361.	aí ela tinha uns... uns altares dos lados... éh:.... tudo em mármore... éh... e nesses altares também tinha umas imagens grandes...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102
362.	e nesses altares também tinha umas imagens grandes... sabe? ... de Nossa Senhora... eu num lembro muito bem os santos...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
363.	eu num lembro muito bem os santos... eu lembro de Nossa Senhora... mas eu num lembro muito bem os outros santos... mas eram tipos de altares mesmo mas dos lados éh... da igreja...	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102	
364.	o altar central dela era muito boNlto... né ... todo em mar::more... trabalha::do... cheio de torfíbio...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
365.	o altar central dela era muito boNlto... né ... todo em mar::more... trabalha::do... cheio de torfíbio... éh:.... depois tinha o o ela tinha o Santíssimo... aonde ficava o Santíssimo...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102	
366.	era um lugar que tinha assim tipo дума:.... дума grade... que fechava... porque antigamente...éh... num ficava exposto aberto prá gente entrar e sair a hora que queria... né ... ele ficava fechado...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
367.	porque antigamente...éh... num ficava exposto aberto prá gente entrar e sair a hora que queria... né ... ele ficava fechado... com umas cortinas vermelhas... sabe? ... tudo assim MUITO bonito...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
368.	o Santíssimo com flores... com velas... aqueles anjos coloridos né ... segurando aqueles castiçais... com vela... cortinas vermelhas...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
369.	aquilo prá mim era uma maravilha... além de me levar depois de grande tanta contemplação... e eu tenho até saudade dessa época...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102	
370.	eu lembro que no fundo da igreja também... tinha éh:.... Jesus né ... carregando a cruz nos ombros...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
371.	depois no fim eu fiz que/ que a minha mãe levasse eu prá ver essa peruca que tinha roubado... (mas era estátua né) imagem... então é um lugar muito bonito...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
372.	depois no fim eu fiz que/ que a minha mãe levasse eu prá ver essa peruca que tinha roubado... (mas era estátua né) imagem... então é um lugar muito bonito...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	DE 102	
373.	então é um lugar muito bonito... é... era né no caso	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
374.	eu tenho muita saudade de... de ir lá... de de de toda essa coisa éh bonita né ... tinha uns quadros muito grandes...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
375.	uns quadros da... da Via Sacra... eram grandes... bem grandes mesmo éh... tinham assim... um e meio ou dois metros... a pintura sabe? ... era um trabalhado da pintura...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
376.	ela era UMA OBRA DE ARTE... éh foi uma pena ter... né ... por algum motivo ou outro ter sido demolida...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	DE 102	
377.	ela era UMA OBRA DE ARTE... éh foi uma pena ter... né ... por algum motivo ou outro ter sido	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	DE	

418.	eu também vejo que o governo e os governantes né... que tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltar mais pro lado da educação... porque ... e se preocupar em ensinar coisas melhores e e se adaptar a modernidade do mundo	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102	
419.	e em se adaptar a modernidade do mundo que a gente tá vivendo... e passar... éh não sei se é muito dizer isso... mas eu acho que só um país vai conseguir ir pá frente... a gente só vai ser um país melhor... a partir que o di/ do momento que se investir em educação...	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
420.	e também ele tenha condições... éh:: de participar dessa escola... que ele tenha condições de estudar... que muitas vezes o aluno num tem livro ele num tem caderno ele num tem nem alimentação... adequada prá ele participar dessa aula... então eu acho que... infelizmente... num cai na mão dos governantes... que a gente vê que vai havendo uma defasagem... éh...	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
421.	se ela ta fazendo um colegial melhor é porque ela tem oportunidade até de freqüentar uma escola particular... no caso a escola... éh... pública... éh... tá deixando muito a desejar... num tá se preocupando tanto em FORMAR a pessoa... pra que a gente seja um país LIVRE... éh... um país... éh... com pessoas... éh... com qualidade... de vida... porque o a educação... o ensino... é que leva... éh o ser humano a ter uma qualidade melhor de vida...	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
422.	a poder escolher melhor o que ele quer ser... o que ele quer fazer da vida dele... éh... eu acho que se o governo investir mais na educação... mais no ensino... éh procurar REALMENTE né favorecer o ser humano... a gente tem potencial prá ser um país de primeiro mundo (inint.)	0	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
423.	Doc.: dona Margaret... o o que a senhora acha éh:: da família da instituição familiar nos nos dias atuais Inf.: bom ... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida...	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
424.	Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida...	0	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
425.	Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida... né ... mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é... seria através também DA família...	0	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
426.	mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família... porque ... veja bem... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
427.	mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família... porque ... veja bem ... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado	0	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102
428.	éh:: ali que ele vai receber todas as orientações princí/ BÁSICAS... né prá ele se tornar uma pessoa e::	0	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	RO 102

456.	então eu vejo essa... que a sociedade só vai poder melhorar... também... nesse... nesse lado familiar... a partir de que as famílias forem unidas... que os casais... éh... assim...a: partir do momento que assume... ou que casou na igreja... ou que casou... no civil... ou que se ajuntou... leve essa responsabilidade...	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	RO 102
457.	a: partir do momento que assume... ou que casou na igreja... ou que casou... no civil... ou que se AJUNTOU... LEVE essa RESPONSABILIDADE... que a partir do momento que você coloca um outro ser humano no mundo... você é res/ VOCÊS DOIS... no caso as duas pessoas... é RESPONSÁVEL... por aquela pessoa até a fase adulta dela	1	0	1	1	2	1	1	1	0	1	RO 102
458.	Inf.1: tá... não tudo bem <i>no problem</i> Inf.2: ô eu tô viciada no <i>orkut</i> ... eu sou viciada	0	2	1	2	2	1	1	1	0	1	AI 005
459.	Inf.1: e aí? vai prá casa esse fim de semana? Inf.2: eu vou... de carro	0	2	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005
460.	Inf.1: e aí vai prá casa esse fim de semana? Inf.2: eu vou... de carro Inf.1: éh? Inf.2: éh... venho só terça-feira Inf.1: cê vai vim terça prá que? só pa ficar estudando? Inf.2: éh.: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
461.	Inf.1: cê vai vim terça prá que? só pa ficar estudando? Inf.2: éh.: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu (inf.1: ah bom) aí eu vou vim...	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	AI 005
462.	Inf.2: éh.: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu (inf.1: ah bom) aí eu vou vim... pô tá calor né? Inf.1: ai tá né	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
463.	Inf.2: éh.: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu (inf.1: ah bom) aí eu vou vim... pô tá calor né? Inf.1: ai tá né?	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
464.	Inf.2: computador é lerdão né? ((inf.1: ãh?)) computador é lerdão	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
465.	Inf.2: computador é lerdão né? ((inf.1: ãh?)) computador é lerdão Inf.1: ah esse é viu?	0	2	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005

466.	Inf.2: ô aquele menino é tão bonzinho... eu gosto tanto dele Inf.1: nossa eu também	0	2	1	2	1	1	1	1	0	1	AI 005
467.	Inf.2: sério... UM HOMEM é mais vaidoso que a [gente] Inf.1: [gente] é muito né	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
468.	Inf.1: não pode não pode... não pode não pode não pode... ((risos)) lembra aquele:: aquele cara da Xuxa Inf.2: qual meu ?	0	2	1	2	1	1	1	1	0	1	AI 005
469.	Inf.2: quem que é esse Má ?... fiquei curio::sa Inf.1: ah é da televisão lá...	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005
470.	Inf.1: cê assiste Tom Cavalcante? Inf.2: não Inf.1: ah então como é que cê saber?	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005
471.	Inf.1: cê assiste Tom Cavalcante? Inf.2: não Inf.1: ah então como é que cê saber? Inf.2: cara eu tô tentando pe/lembrar da Xuxa	0	2	1	2	1	1	1	1	0	1	AI 005
472.	Inf.2: ai vai dar pau ((referindo-se ao computador)) Inf.1: por que? fe/ fecha e abre de novo às vezes dá certo... ai eu fiquei até com dó do Clotílzio sabia ?	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
473.	Inf.1: por que? fe/ fecha e abre de novo às vezes dá certo... ai eu fiquei até com dó do Clotílzio sabia? Inf.2: ai eu tô com muita... pena dele assim... eu lembro do meu pai essas coisa sabe Má ? operaçã::o... hospital::... tensã::o	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
474.	Inf.2: ai eu tô com muita... pena dele assim... eu lembro do meu pai essas coisa sabe Má ? operaçã::o... hospital::... tensã::o Inf.1: mas por que teu pai passou por tudo isso?	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005
475.	Inf.1: mas por que teu pai passou por tudo isso? Inf.2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses Marina... meu pai operou na cabeça... ele tinha aneurisma... sabe ? ((inf.1: ah)) fez na veia dele...	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
476.	Inf.2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses Marina... meu pai operou na cabeça... ele tinha	0	2	1	3	2	1	1	1	0	1	AI

514.	<p>Inf.2: (...) eu acho que é só Deus que sabe da onde eu tirei A FORÇA</p> <p>Inf.1: que você precisava da... ajudar sua mãe... porque se você desmoronasse sua mãe vinha junto né ((inf.2: vinha... minha mãe vinha)) então</p> <p>Inf.2: ah vinha Marina... certeza... ela despenca ainda mais que eu ainda</p> <p>Inf.1: é porque afinal de contas ela tava perdendo a mãe e o marido ((inf.2: tava)) imagina... que situação</p>	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005
515.	<p>Inf.1: é porque afinal de contas ela tava perdendo a mãe e o marido ((inf.2: tava)) imagina... que situação</p> <p>Inf.1: não era era situação assim... de manhã minha... a família ia dar banho no meu pai e à tarde a gente ia na minha avó pa dar banho na minha avó... sabe?... e de brin/ e naquele lance assim... qual vai primeiro e quando vai?</p>	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
516.	<p>Inf.1: é porque afinal de contas ela tava perdendo a mãe e o marido ((inf.2: tava)) imagina... que situação</p> <p>Inf.1: não era era situação assim... de manhã minha... a família ia dar banho no meu pai e à tarde a gente ia na minha avó pa dar banho na minha avó... sabe?... e de brin/ e naquele lance assim... qual vai primeiro e quando vai?</p>	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005
517.	<p>Inf.1: (...) às vezes eu chegava na faculdade e tinha que chorar... eu entrava em pânico... agarrava o Durval e ficava chorando com o Durval... um do meu... um dos meus melhores amigos... eu chorava chorava e ninguém tipo ele num sabia o que fazer comigo ((inf.2: inint.)) mas eu chorava aqui e não em casa ((inf.1: é)) sabe?</p> <p>Inf.1: eu imagino... na verdade lá cé num podia ⁷[(chorar nada)]</p>	0	2	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005
518.	<p>Inf.1: (...) às vezes eu chegava na faculdade e tinha que chorar... eu entrava em pânico... agarrava o Durval e ficava chorando com o Durval... um do meu... um dos meus melhores amigos... eu chorava chorava e ninguém tipo ele num sabia o que fazer comigo ((inf.2: inint.)) mas eu chorava aqui e não em casa ((inf.1: éh)) sabe?</p> <p>Inf.1: eu imagino... na verdade lá cé num podia ⁷[(chorar nada)]</p>	0	2	1	1	2	1	1	1	0	1	AI 005
519.	<p>Inf.1: (...) eu chorava chorava e ninguém tipo ele num sabia o que fazer comigo ((inf.2: inint.)) mas eu chorava aqui e não em casa ((inf.1: éh)) sabe?</p> <p>Inf.1: eu imagino... na verdade lá cé num podia ⁷[(chorar nada)]</p> <p>Inf.2: ah ⁷[depois (inint.) vou ficar aqui num] vai dar certo ((falam do computador))</p> <p>Inf.1: pelo visto tá meio ruim assim mesmo</p> <p>Inf.2: então sabe é uma é uma situação muito complicada... fala em hospital prá mim... fala em</p>	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	AI 005

588.	Inf-1: (...) a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né	0	2	1	1	1	1	1	0	1	AI 007
589.	Inf-1: (...) a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né	0	2	1	1	2	1	1	0	1	AI 007
590.	Inf-1: (...) a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado	0	2	1	1	2	1	1	0	1	AI 007
591.	Inf-1: já falei que é prá adotar...a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né	1	0	1	0	1	1	1	0	1	AI 007
592.	Inf-1: já falei que é prá adotar...a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né aí a professora chegou	0	2	1	1	2	1	1	0	1	AI 007
593.	Inf-1: já falei que é prá adotar...a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né aí a professora chegou	1	0	1	0	1	1	1	0	1	AI 007
594.	Inf-1: já falei que é prá adotar...a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né aí a professora chegou e falou – “óh! cês espera que eu num tenho chave desse portão nós vamo entrar po lado de lá tá bom então fomo aí ela ficou na porta	1	0	1	0	1	1	1	0	1	AI 007
595.	Inf-1: já falei que é prá adotar...a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né aí a professora chegou e falou – “óh! cês espera que eu num tenho chave desse portão nós vamo entrar po lado de lá tá bom então fomo aí ela ficou na porta Ataide olha a professora né beijou UMA POR UMA das velhinhas	0	2	1	1	2	1	1	0	1	AI 007
596.	Inf-1: já falei que é prá adotar...a gente fala de velha dá trabalho cê vê hoje olha eu ri tan::to naquela ginástica né chegamo lá eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né aí a professora chegou e falou – “óh! cês espera que eu num tenho chave desse portão nós vamo entrar po lado de lá tá bom então fomo aí ela ficou na porta Ataide olha a professora né beijou UMA POR UMA das velhinhas	0	2	1	1	2	1	1	0	1	AI 007
597.	Inf-1: ai meu Deus do céu...tem outro tempo do jogo agora Inf-2: tem...	1	0	1	1	1	1	1	0	1	AI 007

ANEXO 3

Forma e (Sub)função dos MDs								
Ocorrências		1	2	3	4			
1.	Inf.: éh então o que marCOu quando eu eu fiz o:: em mil novecentos e sessenta e NOve...	a	7	y	/	NE	129	
2.	Inf.: éh então o que marCOu quando eu eu fiz o:: em mil novecentos e sessenta e NOve... quando eu acabei o tiro de GUERRa né em mil novecentos e sessenta e Nove	p	8	/	1	NE	129	
3.	quando eu acabei o tiro de GUERRa né em mil novecentos e sessenta e NOve aí eu falei pá minha mãe que eu ia trabalhar::r... em São PAulo né aí minha mãe falou assim –	p	8	/	1	NE	129	
4.	quando eu acabei o tiro de GUERRa né em mil novecentos e sessenta e NOve aí eu falei pá minha mãe que eu ia trabalhar::r... em São PAulo né aí minha mãe falou assim	a	7	y	/	NE	129	
5.	“mas cê num conhece nada LÁ meu filho como cê vai trabalhar lá em São Paulo?” – eu falei – “não mãe” – e e aqui em MiraSSOL naquela época tava:: ruim de serviço	c	7	y	/	NE	129	
6.	“mas cê num conhece nada LÁ meu filho como cê vai trabalhar lá em São Paulo?” – eu falei – “não mãe” – e aqui em MiraSSOL naquela época tava:: ruim de serviço né ...	p	8	/	1	NE	129	
7.	e e aqui em MiraSSOL naquela época tava:: ruim de serviço né... aí meu pai num tinha serviço aqui... aí eu peguei e fui embora pá São Paulo..	a	7	z	/	NE	129	
8.	aí eu peguei e fui embora pá São Paulo... aí eu peguei o TREM	a	7	x	/	NE	129	
9.	aí eu peguei o TREM que aquela época num é:: num num tinha o o:: ôníbus igual é Hoje né	p	8	/	1	NE	129	
10.	a hora que eu cheguei EM SÃO PAULO... né ... que eu nunca (tinha) ido	p	8	/	1	NE	129	
11.	que eu cheguei na Estação da Luz né ... vi aquele MOVimento...	p	8	/	1	NE	129	
12.	vi aquele MOVimento eu fu/ fiquei eu falei – “nossa onde é que eu vim parar Meu Pai” – né	p	8	/	1	NE	129	
13.	fiquei assuTA::do olhando aquela BAITA daquela estação né da Luz	p	8	/	1	NE	129	
14.	olhando aquela BAITA daquela estação né da Luz éh:: que cha/ é Estação da Luz aí eu subi a escadaria	a	7	y	/	NE	129	
15.	olhando aquela BAITA daquela estação né da Luz éh:: que cha/ é Estação da Luz aí eu subi a escadaria né da Estação da LUZ	p	8	/	1	NE	129	
16.	eu subi a escadaria né da Estação da LUZ co/ com o endereço do do da minha filha no BOLso da camisa... e:: nem sabia	c	7	y	/	NE	129	

	onde que era o ponto de ônibus								129
17.	aqueles MON ite de C arro que eu nunca tinha visto isso na minha V ida né aqueles PRÉ ::dio	p	7	/	1				NE 129
18.	aqueles MON ite de C arro que eu nunca tinha visto isso na minha V ida né aqueles PRÉ ::dio né aquilo lá eu fiquei muito assus T Ado né ...	p	8	/	1				NE 129
19.	aqueles MON ite de C arro que eu nunca tinha visto isso na minha V ida né aqueles PRÉ ::dio né aquilo lá eu fiquei muito assus T Ado né ...	p	8	/	1				NE 129
20.	falei – “Nossa onde que será aonde que eu vim paRAr ” – né nunca tinha visto aquilo	p	8	/	1				NE 129
21.	nunca tinha visto aquilo na minha vida aí :: peguei o Ônibus	a	7	x	/				NE 129
22.	andei um bom peDAço até:: achar o o ponto de ônibus aí cheguei na casa da minha filha	a	7	y	/				NE 129
23.	peguei o Ônibus fui pá casa éh:: an/ an/ andei lá um andei um bom peDAço até:: achar o o ponto de ônibus aí cheguei na casa da minha filha e :: e can S Ado viajando a noite inteira de trem...	c	7	y	/				NE 129
24.	aí cheguei na casa da minha filha e :: e can S Ado viajando a noite inteira de trem... aí :: minha filha ficou toda contente	a	7	z	/				NE 129
25.	aí :: minha filha ficou toda contente de eu ter chegado lá aí no outro dia...	a	7	x	/				NE 129
26.	aí :: minha filha ficou toda contente de eu ter chegado lá aí no outro dia... aí minha filha falou –	a	7	y	/				NE 129
27.	minha filha ficou toda contente de eu ter chegado lá aí no outro dia... aí minha filha falou – “(inint.) meu filho” – né – “é:: filha vim procurar ser V lço	p	8	/	1				NE 129
28.	“é:: filha vim procurar ser V lço né porque lá em a/ lá em Mirassol tá ruim de ser V lço” – né aí no outro dia ela saiu comigo na rua lá	p	8	/	1				NE 129
29.	“é:: filha vim procurar ser V lço né porque lá em a/ lá em Mirassol tá ruim de ser V lço” – né aí no outro dia ela saiu comigo na rua lá	a	7	y	/				NE 129
30.	no outro dia ela saiu comigo na rua lá nós fomos procurar serviço... aí tinha um um vizinho dela lá	a	7	y	/				NE 129
31.	aí tinha um um vizinho dela lá que era::: que trabalhava numa firma lá ele (inint.) negócio de máquina registradora... aí ele foi	a	7	y	/				NE 129
32.	fazer o:: o exame lá escrito oral num sei que lá aí eu consegui:::...	a	7	z	/				NE 129
33.	num sei se eu consegui passar ou ele arrumou lá tudo pra mim... eu sei que eu entrei nessa firma... aí eu co/ eu pe/ é :: eu comecei trabalhar lá	a	7	x	/				NE 129

34.	aí eu co/ eu pe/ é:: eu comecei trabalhar lá... e:: e lá os cara me chamava eu de caiPIra	c	7	y	/	NE 129
35.	eu comecei trabalhar lá... e:: e lá os cara me chamava eu de caiPIra porque eu era do interior... e:: e comecei a trabalhar LÁ	c	7	y	/	NE 129
36.	eu comecei trabalhar lá... e:: e lá os cara me chamava eu de caiPIra porque eu era do interior... e:: e comecei a trabalhar LÁ e nisso que eu tava trabalhando lá	c	7	y	/	NE 129
37.	o::s moço falaram pra mim – “ôh caipira cê num que::r conhecer o sa/ a Santos a semana que vem?” – a aí eu falei	a	7	y	/	NE 129
38.	– a aí eu falei assim – “não a semana que vem::: eu num p/ é: eu infelizmente eu num posso ir porque eu tenho que ir:: ver minha mãe meu pai meus irmão... que ta lá no interior né e eu preciso ir lá ver eles eu vou aproveitar esses dias de férias que vai ter aí então eu vou pá casa dos meu pai” – aí teve um um rapaz	a	7	x	/	NE 129
39.	aí teve um um rapaz lá que era muito colega MEu... aí ele falou assim pra mim –	a	7	y	/	NE 129
40.	“ôh caipira eu num posso ir junto com voCÊ? lá na tua CAsa?” – aí eu falei assim	a	7	y	/	NE 129
41.	aí eu falei assim óh porque esse rapaz tudo quanto é lugar lá em São Paulo ele me levava pra conhecer...	c	7	x	/	NE 129
42.	ele me levou em tudo quanto é lugar LÁ que ele ele morou ele morava lá ele conhecia São Paulo	c	7	y	/	NE 129
43.	e conhecia tudo quanto é lugar lá em São Paulo ele conhecia então ... de domingo ele me leva eu em tudo quanto é lugar lá	a	7	z	/	NE 129
44.	ele me leva eu em tudo quanto é lugar lá pra mim conhecer São Paulo e eu e eu conheço São Paulo... graças a ele	c	7	z	/	NE 129
45.	e eu conheço São Paulo... graças a ele porque se eu for preciso ir em São Paulo HOje eu sei ir... porque... graças ir graças a ele né ...	p	8	/	1	NE 129
46.	se eu for preciso ir em São Paulo HOje eu sei ir... porque... graças ir graças a ele né... e esse rapaz...	c	7	x	/	NE 129
47.	eu vinha pá passear e ver meu pai e minha MãE ele também pediu pra vim... aí eu falei pra ele	a	7	y	/	NE 129
48.	aí eu falei pra ele – “não se quiser ir cê vai né? só que lá na minha casa é:: lá é casa de pobre num é igual a sua casa aqui” – porque de sábado e domingo eu ia na casa dele...	c	7	y	/	NE 129
49.	eu almoçava lá:: às vezes até janta::va às vezes até dormia na casa dele... aí ele falou assim	a	7	y	/	NE 129
50.	ele falou – “não tudo bem então vamos” – aí ele cheg/ chegamos aqui	a	7	x	/	NE 129
51.	chegando aqui em MiraSSOL... nós fomos pesca::r coisa que ele nunca tinha pescado... né ...	p	8	/	1	NE 129
52.	chegando aqui em MiraSSOL... nós fomos pesca::r coisa que ele nunca tinha pescado... né ... aí de noite nós fomos numa	a	7	y	/	NE 129

	festas::								129
53.	aí de noite nós fomos numa festa:: na festa junina que ele também nunca tinha i::do e:: ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior	c	7	y	/				NE 129
54.	ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior aí a hora que fa/ eu chamava ele de caipira	a	7	y	/				NE 129
55.	ele ficou abismado de vim aqui:: aqui no interior aí a hora que fa/ eu chamava ele de caipira né ... eu falava	p	8	/	1				NE 129
56.	“êh Edgar... caipira é ocê não eu né ” – aí nós fomos na HORTa	a	7	y	/				NE 129
57.	ele pensava que mandioca dava na ARvore é hora que e/ eu tirava sarro nele né ...	p	8	/	1				NE 129
58.	ele viu laran::ja no nos pé ele viu jabutica::ba ele ficou abismado e e:: então isso daí é uma coisa que eu nunca esqueço...	c	7	y	/				NE 129
59.	ele viu laran::ja no nos pé ele viu jabutica::ba ele ficou abismado e e:: então isso daí é uma coisa que eu nunca esqueço...	a	7	z	/				NE 129
60.	então isso daí é uma coisa que eu nunca esqueço... e de noite nós fomos na festa	c	7	x	/				NE 129
61.	... e de noite nós fomos na festa cai/é lá na festa junina aí aquele tempo os moço usava aqueles cabelo cumPRIdo	a	7	y	/				NE 129
62.	eu num usava não mas ele usava... êh usava aqueles cabelo cumprido êh:: e as moça aqui em Mirassol ficou tudo abismada...	c	7	y	/				NE 129
63.	ele ficou doído cada vinte dia ele queria vim aqui em Mirassol... e:: ... e é isso daí	c	7	z	/				NE 129
64.	Doc:: tio agora eu que eu/ eu queria que cê me conta::sse... êh:: alguma coisa que o vô já te contou... quando ele era vivo assim alguma coisa que ele te contou	p	8	/	1				NR 129
	Inf:: (então) o vô o vô trabalhava de carpinteiro né ...								
65.	Inf:: (então) o vô o vô trabalhava de carpinteiro né ... aí os o/ e ele... ele fazia curra::l	a	7	y	/				NR 129
66.	ele fazia curra::l fazia tu:ia fazia:: fazia muita coisa então o:: os os sitiante ele era muito procurado pelos sitiante	a	7	z	/				NR 129
67.	ele era muito procurado pelos sitiante e fazendeiro né ...	p	8	/	1				NR 129
68.	ele era muito procurado pelos sitiante e fazendeiro né ... aí um sitiANte veio pá chamar ele pra trabalhar	a	7	x	/				NR 129
69.	ele era muito procurado pelos sitiante e fazendeiro né ... aí um sitiANte veio pá chamar ele pra trabalhar né ...	p	8	/	1				NR 129

70.	af um sitiANte veio pá chamar ele pra trabalhar né... af ... af ele af ele falou assim po po homem	a	7	y	/	NR 129
71.	ele falou – “então tá bom” – af ele tirou a receita da de madeira do papel po do:: po homem	a	7	y	/	NR 129
72.	af ele tirou a receita da de madeira do papel po do:: po homem e :: combinaram o preço	c	7	z	/	NR 129
73.	e :: combinaram o preço tudo bem ta tá tudo certo af :: foram... marcaram os dia	a	7	x	/	NR 129
74.	o :: fazendeiro... sitiante marcou o dia pá af vim buscar Ele... af ... af ele foi né	a	7	y	/	NR 129
75.	o :: fazendeiro... sitiante marcou o dia pá af vim buscar Ele... af... af ele foi né af chegando lá	p	8	/	1	NR 129
76.	o :: fazendeiro... sitiante marcou o dia pá af vim buscar Ele... af... af ele foi af chegando lá	a	7	y	/	NR 129
77.	ele só viu uma casinha bem pequenina sabe ?... viu no meio do pasto lá uma casinha BEM pequenina	v	8	/	1	NR 129
78.	viu no meio do pasto lá uma casinha BEM pequenina e um e um monte de madeira lá pá ele trabalhar... que o homem mos/ e : coberto com encerado as madeira... mas ele af ele ficou preocupado...	c	7	y	/	NR 129
79.	ele ficou preocupado... preocupado aonde que ele ia DORMIR e aonde que ele ia comer né ...	p	8	/	1	NR 129
80.	ele ficou preocupado... preocupado aonde que ele ia DORMIR e aonde que ele ia comer né ... af o homem falou assim pra ele	a	7	y	/	NR 129
81.	“não senhor... o senhor lev/ o senhor pode me levar eu de volta que eu num vou dormir af não... eu num so::u eu num sou cacho::rro” – ele falou né ...	p	8	/	1	NR 129
82.	“não senhor... o senhor lev/ o senhor pode me levar eu de volta que eu num vou dormir af não... eu num so::u eu num sou cacho::rro” – ele falou né ... af o:: homem ficou nervoso	a	7	y	/	NR 129
83.	agora eu dormir af numa casinha que:: que num tem nem:: é:: é entrada nem saída bate vento dos quatro lado como que eu vou dormir af?? – né	p	8	/	1	NR 129
84.	agora eu dormir af numa casinha que:: que num tem nem:: é:: é entrada nem saída bate vento dos quatro lado como que eu vou dormir af?? – né e assim era o: e:: mui/ e muitas vezes acontecia isso mesmo	c	7	x	/	NR 129
85.	né e assim era o: e:: mui/ e :: muitas vezes acontecia isso mesmo no:: na profissão do do:: (inint.)	c	7	y	/	NR 129
86.	e :: mui/ e muitas vezes acontecia isso mesmo no:: na profissão do do:: (inint.) af porque ele trabalhava muito no sítio né ... dentro do serTÃO mas ... como ele é mas ele dormia num luGAR::... num lugar certo né	p	8	/	1	NR 129
87.	e :: mui/ e muitas vezes acontecia isso mesmo no:: na profissão do do:: (inint.) af porque ele trabalhava muito no sítio né ... dentro do serTÃO mas ... como ele é mas ele dormia num luGAR::... num lugar certo né	c	7	y	/	NR 129

88.	e:: mui/ e muitas vezes acontecia isso mesmo no:: na profissão do do:: (inint.) aí porque ele trabalhava muito no sítio né... dentro do serTÁO mas... como ele é mas ele dormia num luGAR:.... num lugar certo né	p	8	/	1	NR 129
89.	mas ele dormia num luGAR:.... num lugar certo né lugar numa cai::sa agora esse homem aí quis que nós dormisse num num rancho lá de sapé...	a	7	y	/	NR 129
90.	esse homem aí quis que nós dormisse num num rancho lá de sapé... e ele achou ruim... então isso daí é uma::	a	7	z	/	NR 129
91.	esse homem aí quis que nós dormisse num num rancho lá de sapé... e ele achou ruim... então isso daí é uma:: Doc.: mas aí ele brigou?	g	7	x	/	NR 129
92.	Doc.: mas aí ele brigou? Inf.: não eles discuTIram né discutiram	p	8	/	1	NR 129
93.	Inf.: não eles discuTIram né discutiram mas... discutira/ o:: vô discutiu com razão né...	c	7	y	/	NR 129
94.	Inf.: não eles discuTIram né discutiram mas... discutira/ o:: vô discutiu com razão né ...	p	8	/	1	NR 129
95.	Inf.: não eles discuTIram né discutiram mas... discutira/ o:: vô discutiu com razão né... porque :: aquilo lá num é lugar de dormir	c	7	y	/	NR 129
96.	nem umi:: cachorro do/ pode dormir num lugar daquele né e ele queria que nós dormisse lá	p	8	/	1	NR 129
97.	Inf.: não eles discuTIram né discutiram mas... discutira/ o:: vô discutiu com razão né... porque:: aquilo lá num é lugar de dormir lá nem acho que nem um:: cachorro do/ pode dormir num lugar daquele né e ele queria que nós dormisse lá Doc.: e ele continuou trabalhando lá?	c	7	x	/	NR 129
98.	Doc.: oh tio... ago::ra... eu queria que você:: que você assim me fala:sse como que é o lugar lá que você trabalha? Inf.: lá na (inint.)? Doc.: isso Inf.: (inint.) (posso) falar? eu trabalho numa firma né ...	p	8	/	1	DE 129
99.	Inf.: (inint.) (posso) falar? eu trabalho numa firma né... e tem::... que:: tem sesse/ uma va/ uns sessenta funcioNÁrio...	c	7	y	/	DE 129
100.	fazemos embalagem para:: para a região TOda do do aqui do:: da da nossa cidade até:: fora do nosso estado... e :: trabalha muita gente lá né...	c	7	y	/	DE 129
101.	fazemos embalagem para:: para a região TOda do do aqui do:: da da nossa cidade até:: fora do nosso estado... e :: trabalha muita gente lá né ...	p	8	/	1	DE 129
102.	e :: trabalha muita gente lá né... e :: graças a Deus... é :: um serviço... que num é:: poluente	c	7	y	/	DE 129

103.	é:: um serviço... que num é:: poluente num é: num é poluente num é muito pesado mas... também:: leve num é mas... que trabalha até mulher né	p	8	/	1	DE 129
104.	é:: um serviço... que num é:: poluente num é: num é poluente num é muito pesado mas... também:: leve num é mas... que trabalha até mulher né e:: graças a Deus Doc.: e é grande lá?	c	7	z	/	DE 129
105.	é:: um serviço... que num é:: poluente num é: num é poluente num é muito pesado mas... também:: leve num é mas... que trabalha até mulher né e:: graças a Deus Doc.: e é grande lá?	c	7	x	/	DE 129
106.	Inf.: (que::) é um barracão que tem:: aonde que nós estamos HOJE é um barracão de CEM metros a/ por quarenta metro de:: cem metro de comprimenTo a ba/ quarenta de larGUra... e:: e futuramente nós vamos ta/ passar po outro	c	7	y	/	DE 129
107.	Inf.: (que::) é um barracão que tem:: aonde que nós estamos HOJE é um barracão de CEM metros a/ por quarenta metro de:: cem metro de comprimenTo a ba/ quarenta de larGUra... e:: e futuramente nós vamos ta/ passar po outro	c	7	y	/	DE 129
108.	e:: e futuramente nós vamos ta/ passar po outro daqui uns dois ou três meses nós vamos passar po outro... pa outra instalação... e:: vai ser meLHOR que:: que vai ser à base de::... vai ser bem melhor pá GENte trabalhar	c	7	y	/	DE 129
109.	Inf.: (que::) é um barracão que tem:: aonde que nós estamos HOJE é um barracão de CEM metros a/ por quarenta metro de:: cem metro de comprimenTo a ba/ quarenta de larGUra... e:: e futuramente nós vamos ta/ passar po outro daqui uns dois ou três meses nós vamos passar po outro... pa outra instalação... e:: vai ser meLHOR que:: que vai ser à base de::... vai ser bem melhor pá GENte trabalhar lá que vai ter tudo de bom pá gente pá pos empregado tudo Doc.: mas... lá tá dividido em:: como?	c	7	x	/	DE 129
110.	Inf.: ah lá tem a parte do escritÓrio... que trabalha:: quatro fun/ é cinco funcionária né	i	8	/	4	DE 129
111.	Inf.: ah lá tem a parte do escritÓrio... que trabalha:: quatro fun/ é cinco funcionária né	p	8	/	1	DE 129
112.	e lá ele pega e:: e e coloca o emblema da das firma que:: que vai se::r colocada nas caixa né...	p	8	/	1	DE 129
113.	e lá ele pega e:: e e coloca o emblema da das firma que:: que vai se::r colocada nas caixa né... tipo assim é mó/ Móveis é::... igual aqui em mi/ Mirassol Móveis (Sebel)	w	7	y	/	DE 129
114.	é::... igual aqui em mi/ Mirassol Móveis (Sebel) eles coloca Móveis (Sebel) a outra é Móveis (Gelus) então eles tam/ eles têm o:: os preparo lá que é a que eles colocam na na nos papelão lá...	a	7	y	/	DE 129
115.	então eles tam/ eles têm o:: os preparo lá que é a que eles colocam na na nos papelão lá... aí passando na impreSSora... que vai pá amarradeira na amarradeira a gente co/ a gente amarra as caixa...	a	7	y	/	DE 129
116.	a coladeira é aonde que trabalha outras mulher onde que tem as mulher que trabalha lá que cola as caixa... elas COla depois	a	7	y	/	DE

	volta pá amarradeira então a gente amarra também que::								129
117.	Doc.: ah:: e assim lá tem estacionamento [lu]gar de por carro? Inf.: [item] é envolta da da é tem o estacionamento né po po pos funcionário que tem carro um tem moto outro tem bicicleta o lugar de colocar a bicicleta tem o luGAR... no lugar da da: dos carro tem as garagem e tem o:: estacionamento da turma do escritório	g	7	x	/				DE 129
118.	Doc.: ah:: e assim lá tem estacionamento [lu]gar de por carro? Inf.: [item] é envolta da da é tem o estacionamento né po po pos funcionário que tem carro um tem moto outro tem bicicleta o lugar de colocar a bicicleta tem o luGAR... no lugar da da: dos carro tem as garagem e tem o:: estacionamento da turma do escritório	p	8	/	1				DE 129
119.	Doc.: ah:: e assim lá tem estacionamento [lu]gar de por carro? Inf.: [item] é envolta da da é tem o estacionamento né po po pos funcionário que tem carro um tem moto outro tem bicicleta o lugar de colocar a bicicleta tem o luGAR... no lugar da da: dos carro tem as garagem e tem o:: estacionamento da turma do escritório	c	7	y	/				DE 129
120.	e tem o:: o:: estacionamento da turma do escritório que é lá na na na frente do escritório na marginal lá da frente... e tem os caminhão que têm carrega na aqui na plataforma aqui no fundo								
121.	Doc.: cê pode conTAR como que joga? Inf.: posso... a Bisca é o seguinte tem que ser em quatro pessoa né ..	p	8	/	1				RP 129
122.	Inf.: posso... a Bisca é o seguinte tem que ser em quatro pessoa ai dá é:: em quatro pessoa pá cada um...	a	7	y	/				RP 129
123.	ai dá é:: dá três carta pá cada um... ai :: ai joga o o o trunfo na mesa	a	7	y	/				RP 129
124.	Inf.: (...) como que é que fala o outro Doc.: paus? Inf.: o ouro a espada e:: então ai joga o trunfo na mesa...	g	7	y	/				RP 129
125.	Inf.: (...) como que é que fala o outro Doc.: paus? Inf.: o ouro a espada e:: então ai joga o trunfo na mesa...	a	7	y	/				RP 129
126.	Inf.: o ouro a espada e:: então ai joga o trunfo na mesa... ai dá três carta pá cada um	a	7	y	/				RP 129
127.	Inf.: o ouro a espada e:: então ai joga o trunfo na mesa... ai dá três carta pá cada um e conforme joga:: e o que manda mais é o ais o ais vale onze ponto	c	7	y	/				RP 129

128.	o que manda mais é o ais vale onze ponto o três vale dez ponto o:: o reis vale quatro ponto o valete vale três ponto a dama vale dois ponto e o:: e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida	c	7	y	/	RP 129
129.	e o que manda mais é o ais vale onze ponto o três vale dez ponto o:: o reis vale quatro ponto o valete vale três ponto a dama vale dois ponto e o:: e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida né	p	8	/	1	RP 129
130.	e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida né aí qual fo/ aí e aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa	a	7	y	/	RP 129
131.	e quem fazer sessenta e um ponto ganha ganha a partida né aí e aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa	g	7	y	/	RP 129
132.	aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa pá gente pode::r num num jogar a carta po outro po outro pegar a carta pá:: pá gente poder ganhar a partida... então é o ouro a espada e o ouro a espada... e:: eu num tô lembrado o ouro a es/ então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha...	a	7	y	/	RP 129
133.	aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa pá gente pode::r num num jogar a carta po outro po outro pegar a carta pá:: pá gente poder ganhar a partida... então é o ouro a espada e o ouro a espada... e:: eu num tô lembrado o ouro a es/ então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha...	c	7	y	/	RP 129
134.	aí ele tem que saber o::s trunfo que vai caindo na:: na MEsa pá gente pode::r num num jogar a carta po outro po outro pegar a carta pá:: pá gente poder ganhar a partida... então é o ouro a espada e o ouro a espada... e:: eu num tô lembrado o ouro a es/ então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha...	g	7	z	/	RP 129
135.	então aí aquele que fazer sessenta e um ponto ganha... e:: é muito divertido porque é uma:: é uma gozação	c	7	x	/	RP 129
136.	é uma gozação se na na hora que tá jogando é um é um barulho é um... um quer ganhar o outro na na conVERsa e o outro fala umas mentira pá pá enganar tirar a intenção da da pessoa que tá jogando o baRALho e:: Doc:: então assim como que é? você não tem que colocar os/ você não tem que jogar o trunfo?	g	7	x	/	RP 129
137.	Inf:: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada	c	7	y	/	RP 129
138.	Inf:: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o::: é do baralho aquele que ti/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né... então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...	a	7	y	/	RP 129
139.	Inf:: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o::: é do baralho aquele que ti/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né... então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...	p	8	/	1	RP 129
140.	Inf:: é tem que o::/ é tem que jogar o trunfo pá ganhar porque o que vale é o trunfo que tá na mesa então é espadilha a esp/ é espadilha espada o ouro e do que que o::: é do baralho aquele que ti/ o que tá virado na mesa é o que tá valendo né... então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha...	a	7	z	/	RP 129

141.	então a pessoa tem que fazer fa/ fazer sessenta e um ponto aquele que fazer sessenta e um ponto que ganha... mas o jogo da Bisca tem que jogar quatro partida pá pá:: pá a dupla ganhar	c	7	x	/	RP 129
142.	mas o jogo da Bisca tem que jogar quatro partida pá pá:: pá a dupla ganhar porque joga em dois contra dois... então tem que jogar quatro partida pá:: aquele que ganhar quatro partida	a	7	y	/	RP 129
143.	às vez a gente ganha uma o outro adversário ganha outra... depois a gente ganha outra precisa ganhar quatro a tip/ a/ quatro vez pá ganhar a partida e isso demora:: a base de uns às vez de de::z minuto quinze minuto cada partida e é muito bom porque:: aí é:: distrai a cabeça da gen::te	c	7	y	/	RP 129
144.	às vez a gente ganha uma o outro adversário ganha outra... depois a gente ganha outra precisa ganhar quatro a tip/ a/ quatro vez pá ganhar a partida e isso demora:: a base de uns às vez de de::z minuto quinze minuto cada partida e é muito bom porque:: aí é:: distrai a cabeça da gen::te	c	7	x	/	RP 129
145.	quem foi favorecido foi o Corinthians o Único time que foi favorecido foi o Corinthians que ele ele PERDEU dos Santos de quatro a dois	c	7	y	/	RO 129
146.	PERDEU do São Paulo também depois pegou outro jogo onde que ele ganhou as/ éh:: ganhou dos Santos né	p	8	/	1	RO 129
147.	eu acho que a Federação não devia ter a:: porque o ÚNICO jogo que dos ONZE jogo que teve que:: que esse juiz que roubou/ é:: que ro/ que falou que roubou e que entrou pá rouBAr o único jogo que foi roubado foi um só	c	7	y	/	RO 129
148.	o único jogo que foi roubado foi um só e eu acho que devia ter anulado é:: ter anulado só esse jogo mas como a C.B.F. anulou os onze jogo que o juiz apiTOu eu acho que foi:: o:: fo/ fo/ só favoreceu o Corinthians	c	7	y	/	RO 129
149.	num é como eu sou palmeirense é o:: todos os outros time estão reclamando mas... e aGOra o juiz e esse juiz agora cê:: ocê viu o que aconteceu no último jogo...	c	7	x	/	RO 129
150.	o último jogo lá do do que que teve agora o juiz que tava como o juiz de:: de mesa lá éh:: que fica o juiz de mesa né quando tá apitando o jogo	p	8	/	1	RO 129
151.	que fica o juiz de mesa né quando tá apitando o jogo esse juiz entrou no meio éh:: no intervalo do jogo arrancou a camisa de juiz éh:: isso foi passado na televisão né	p	8	/	1	RO 129
152.	ele arrancou a camisa do juiz que que ele tava vestido de juiz arrancou a camisa jogou no chão lá no meio do gramado falou que num era mais juiz porque ele tava envergonhado pelo:: pela o a palhaçada que tava acontecendo... e :: o:: o:: o juiz lá o o é REserva...	c	7	y	/	RO 129
153.	ele arrancou a camisa do juiz que que ele tava vestido de juiz arrancou a camisa jogou no chão lá no meio do gramado falou que num era mais juiz porque ele tava envergonhado pelo:: pela o a palhaçada que tava acontecendo... e :: o:: o:: o juiz lá o o é REserva... mas FUTEBOL é assim mesmo minha filha	c	7	x	/	RO 129
154.	futebol quando GANHA o sa/ o o corintiano cho::ra os palmeirense cho::ra o aquele que é campeão cho/ éh:: fica contente e assim é a vida né	c	7	z	/	RO 129
155.	futebol quando GANHA o sa/ o o corintiano cho::ra os palmeirense cho::ra o aquele que é campeão cho/ éh:: fica contente e	p	8	/	1	RO

	Inf.: olha... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo né						129
168.	Doc.: e assim o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinhe::iro Inf.: olha... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo nó só que dá dó de alguns jogador que igual e disso eu já tenho éh:: já tem um os cara ganha MUito só que os cara às vez num sabe guardar né?	c	7	y	/		RO 129
169.	Doc.: e assim o que que você acha desses jogado::res que ganham muito dinhe::iro Inf.: olha... a eu acho que:: eu acho que eles estão certo nó só que dá dó de alguns jogador que igual (Edfílson) ele já tem um... algum éh:: já tem um os cara ganha MUito só que os cara às vez num sabe guardar né	p	8	/	1		RO 129
170.	só que os cara às vez num sabe guardar né eles num sabe... que o a:: o futebol o jogador de futebol é o seguinte... ele <u>ele</u> ganha MUito só que ele e ele tá sujeito a:: a se machucar	c	7	y	/		RO 129
171.	igual eu conheço muita gente aí que e/ era bem de vida e hoje nu tá matando cachorro a grito aí porque:: num sabe fazer mais nada... então po cara que joga BOLA eu acho que ele tem que ter consciência de guardar o dinheiro dele	a	7	y	/		RO 129
172.	ele tem que ter consciência de guardar o dinheiro dele que essa vida de jogador é CURta éh:: tá um éh:: ele joga um ano o outro joga dois outro joga DEZ e por isso que o cara que que é:: tem que saber guardar o dinheiro dele	g	7	y	/		RO 129
173.	eu conheço muita gente aí que:: que jo/ era famoso e hoje tá:: tá até mendigando na na na cidade aonde que eles mora aí... isso daí é lamentável de ver um negócio desse Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?	a	7	x	/		RO 129
174.	eu conheço muita gente aí que:: que jo/ era famoso e hoje tá:: tá até mendigando na na na cidade aonde que eles mora aí... isso daí é lamentável de ver um negócio desse Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?	g	7	x	/		RO 129
175.	eu conheço muita gente aí que:: que jo/ era famoso e hoje tá:: tá até mendigando na na na cidade aonde que eles mora aí... isso daí é lamentável de ver um negócio desse Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro?	c	7	x	/		RO 129
176.	Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro? Inf.: éh ho/ hoje em dia eu acho que sim né	p	8	/	1		RO 129
177.	Doc.: então mas assim mas você a::cha que tem que assim que tem jogado::res que:: que jogam só por dinheiro? Inf.: éh ho/ hoje em dia eu acho que sim né porque antigamente não e hoje em dia o (inint.) qualquer jogador que qualquer moleque que tá jogando bem Hoje... já:: já oferece dinhe::iro	c	7	y	/		RO 129
178.	hoje em dia o (inint.) qualquer jogador que qualquer moleque que tá jogando bem Hoje... já:: já oferece dinhe::iro aí esse a pessoa já vai pra um clube o outro oferece MAIS então é: o que vale ma/ o que vale hoje é o dinheiro né	a	7	y	/		RO 129
179.	hoje em dia o (inint.) qualquer jogador que qualquer moleque que tá jogando bem Hoje... já:: já oferece dinhe::iro aí esse a	a	7	z	/		RO

	<p>180. pessoa já vai pra um clube o outro oferece MAIS então é: o que vale ma/ o que vale hoje é o dinheiro né hoje em dia o (mint.) qualquer jogador que qualquer moleque que tá jogando bem Hoje... já:: já oferece dimhe::iro aí esse a pessoa já vai pra um clube o outro oferece MAIS então é: o que vale ma/ o que vale hoje é o dinheiro né</p>	p	8	/	1	RO 129
	<p>181. Doc.: éh:: dona Margaret éh:: eu gostaria que a senhora éh:: me contasse uma história que tenha acontecido com a senhora... e:: que a senhora tenha achado graça::da... tris::te ou constringedora pra senhora Inf.: eu tenho assim história que seja... eu acho que é:: prá mim é interessante né? num é ne/nem até assim de fato alegre...</p>	p	8	/	1	NE 102
	<p>182. Inf.: eu tenho assim história que seja... eu acho que é:: prá mim é interessante né num é ne/nem até assim de fato alegre... éh::... quando... no fato da gravidez dos meus três... filhos e começando que a minha mãe não ficava grávida...</p>	c	7	Y	/	NE 102
	<p>183. minha mãe se casou... demorou... uns dois anos prá en/engravidat... aí ela precisou fazer nove::na... prome::ssa... um monte de coisa pa ter filho...</p>	a	7	Y	/	NE 102
	<p>184. aí ela precisou fazer nove::na... prome::ssa... um monte de coisa pa ter filho... aí quando eu cresci ela sempre falava prá mim que eu num ia cria...</p>	a	7	Y	/	NE 102
	<p>185. aí quando eu cresci ela sempre falava prá mim que eu num ia cria... porque como ela num num num criava eu também num ia ter filho... aí foi... eu me casei...</p>	a	7	Y	/	NE 102
	<p>186. aí a gente nem... num tomei comprimido na época nada porque... ela sempre falava que eu num ia ficar grávida... que eu num ia ficar grávida... que eu num ia ter filho e tal... aí logo que eu me casei... daí um mês ou dois eu fiquei grávida... do meu filho mais velho...</p>	a	7	Y	/	NE 102
	<p>187. aí logo que eu me casei... daí um mês ou dois eu fiquei grávida... do meu filho mais velho... aí fiz pré/ fui... fazer pré-natal tudo...</p>	a	7	X	/	NE 102
	<p>188. aí fiz pré/ fui... fazer pré-natal tudo... logo no comecinho... aí eu já tive logo no começo problema de querer abortar...</p>	a	7	Y	/	NE 102
	<p>189. aí eu tive que fazer muito rePO::Uso... tomei muito reMÉ::dio...</p>	a	7	Y	/	NE 102
	<p>190. aí eu já tive logo no começo problema de querer abortar... aí eu tive que fazer muito rePO::Uso... tomei muito reMÉ::dio... aí... com uns nove meses aí nasceu o Henrique... que é o meu filho mais velho...</p>	a	7	Z	/	NE 102
	<p>191. aqueles TEMpo num se fazia ultra-SOM prá saber o SEXO... a gente né... ficou espeRAN::do prá prá saber o que que era...</p>	p	8	/	1	NE 102
	<p>192. aqueles TEMpo num se fazia ultra-SOM prá saber o SEXO... a gente né... ficou espeRAN::do prá prá saber o que que era... aquela curiosiDAde... éh... a gente foi pego... meu marido foi comigo... né a minha mãe TAMBÉM... e a gente ali no hospital espeRAN::do...</p>	p	8	/	1	NE 102
	<p>193. meu marido foi comigo... né a minha mãe TAMBÉM... e a gente ali no hospital espeRAN::do...</p>	c	7	Y	/	NE 102
	<p>194. a gente né... ficou espeRAN::do prá prá saber o que que era... aquela curiosiDAde... éh... a gente foi pego... meu marido foi</p>	a	7	Z	/	NE 102

	homem” ... com essa barriga cê vai ter menina”...- e como já tinha o Henrique que era homem...								102
209.	as mulheres falavam muito que eu ter menina... aí eu percebia que quando... era à noite... todas as vezes que eu ouvia duas três pessoas durante o dia falar que eu e/... que eu tava grávida de menina... à noite eu sonhava que ele era menino...	a	7	Y	/				NE 102
210.	à noite eu sonhava que ele era menino... e que ele num... que eu num gostava dele... às vezes eu acordava choRANDO... e conversava com ele... falava que eu gostava muito dele... independente do sexo que ele tinha... eu amava ele...do jeito que ele era... e foi... aí nasceu...	c	7	X	/				NE 102
211.	e foi... aí nasceu... aí já o Elias não chorava... o Elias era bem mais quieto...	a	7	Y	/				NE 102
212.	não gostava de ficar no colo... quando ele dormia às vezes a gente pegava ele no colo... ele ia se esborrachando... se esticando até:: sabe? ... ele ficar na cama ou no sofá... sozinho...	v	8	/	1				NE 102
213.	não gostava de ficar no colo... quando ele dormia às vezes a gente pegava ele no colo... ele ia se esborrachando... se esticando até:: sabe... ele ficar na cama ou no sofá... sozinho... mas aí ele já... ele já tinha problema de bronquite...	c	7	Y	/				NE 102
214.	não gostava de ficar no colo... quando ele dormia às vezes a gente pegava ele no colo... ele ia se esborrachando... se esticando até:: sabe... ele ficar na cama ou no sofá... sozinho... mas aí ele já... ele já tinha problema de bronquite...	a	7	Y	/				NE 102
215.	aos dois meses ele começou com problema de bronqui::te aí a gente... eu fiz muita noVE::na... levei muito no ME::dico...	a	7	Y	/				NE 102
216.	ele fez muito tratamen::to... até:: simpatia que eu nunca fui MUI::to de credi TAR... né ... quando você... éh... tá naquele momento assim de desespero... éh:::...	p	8	/	1				NE 102
217.	ce acaba até... vai né fazendo simpatia né ... eu acabei fazendo simpatia... prá ver se o Elias melhorava da bronquite...	p	8	/	1				NE 102
218.	ce acaba até... vai né fazendo simpatia né ... eu acabei fazendo simpatia... prá ver se o Elias melhorava da bronquite...	p	8	/	1				NE 102
219.	ce acaba até... vai né fazendo simpatia né ... eu acabei fazendo simpatia... prá ver se o Elias melhorava da bronquite... e com o passar dos anos... realmente... graças a Deus ele ficou bom...	c	7	Y	/				NE 102
220.	eu acabei fazendo simpatia... prá ver se o Elias melhorava da bronquite... e com o passar dos anos... realmente... graças a Deus ele ficou bom... e AÍ ... passando né esses a/ foi passando os anos... com três quatro anos AÍ ...eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terceiro filho...	g	7	X	/				NE 102
221.	eu acabei fazendo simpatia... prá ver se o Elias melhorava da bronquite... e com o passar dos anos... realmente... graças a Deus ele ficou bom... e AÍ ... passando né esses a/ foi passando os anos... com três quatro anos AÍ ...eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terceiro filho...	p	8	/	1				NE 102
222.	eu acabei fazendo simpatia... prá ver se o Elias melhorava da bronquite... e com o passar dos anos... realmente... graças a Deus ele ficou bom... e AÍ ... passando né esses a/ foi passando os anos... com três quatro anos AÍ ...eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terceiro filho...	a	7	Y	/				NE 102
223.	e AÍ ... passando né esses a/ foi passando os anos... com três quatro anos AÍ ...eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terceiro	p	8	/	1				NE

	filho... no caso é a Mirian né ... veio uma menina...								102
224.	Aí...eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terceiro filho... no caso é a Mirian né ... veio uma menina... aí todo mundo... aí todo mundo já falava... – “você é louca... já tem dois filhos arrumou mais UM... você tá doida... onde já se viu”	a	7	Y	/				NE 102
225.	Aí...eu fiquei grávida... do meu ter/ do meu terceiro filho... no caso é a Mirian né ... veio uma menina... aí todo mundo... aí todo mundo já falava... – “você é louca... já tem dois filhos arrumou mais UM... você tá doida... onde já se viu” – aí eu fiquei pensando comigo... pô eu me sinto feliz...	a	7	Y	/				NE 102
226.	aí de repente eu tô grávida do meu terceiro... e ainda nessa época num se fazia ultra-som...	c	7	X	/				NE 102
227.	aí de repente eu tô grávida do meu terceiro... e ainda nessa época num se fazia ultra-som... então ... aí todo mundo falava... bom agora é HOMem...	a	7	Y	/				NE 102
228.	aí de repente eu tô grávida do meu terceiro... e ainda nessa época num se fazia ultra-som... não existia ultra-som... aí todo mundo falava... bom agora é HOMem...	a	7	Y	/				NE 102
229.	aí todo mundo falava... bom agora é HOMem... já que ce teve dois HOMENS... o seu terceiro filho é HOMem também... agora é HOMem né ...	p	8	/	1				NE 102
230.	aí todo mundo falava... bom agora é HOMem... já que ce teve dois HOMENS... o seu terceiro filho é HOMem também... agora é HOMem né ... aí assim ... fui pro hospital ter o bebê...	g	7	y	/				NE 102
231.	fui pro hospital ter o bebê... todo mundo achava que ia ser menino... inclusive meu marido ele ainda ele falou assim brincando pra mim	a	7	y	/				NE 102
232.	ele tinha tanta certeza que... a criança era homem... ele falou assim... – “então eu vou pôr o nome... aí se for menina ((risos)) num conta” – aí ... tudo bem... aí fui pro hospital ter ela...	a	7	y	/				NE 102
233.	aí fui pro hospital ter ela... a surpresa... que era uma menina... aí ... sabe?... assim a gente quase que não acreditava...	a	7	y	/				NE 102
234.	aí fui pro hospital ter ela... a surpresa... que era uma menina... aí ... sabe? ... assim a gente quase que não acreditava...	v	8	/	1				NE 102
235.	e eu ainda tenho uma cunhada... eu tenho uma cunhada só... e ela teve três meninas... aí eu né ... dois meninos e uma menina...	p	8	/	1				NE 102
236.	tanto até os menino ficaram super feliz... de vim uma irmazinha prá eles né ... aí eu escolhi o nome dela... coloquei Mirian...	p	8	/	1				NE 102
237.	tanto até os menino ficaram super feliz... de vim uma irmazinha prá eles né ... aí eu escolhi o nome dela... coloquei Mirian...	a	7	x	/				NE 102
238.	até os menino ficaram super feliz... de vim uma irmazinha prá eles né ... aí eu escolhi o nome dela... coloquei Mirian... né ... e aí ela... amamentei ela TRÊS ANOS E MEIO...	p	8	/	1				NE 102
239.	até os menino ficaram super feliz... de vim uma irmazinha prá eles né ... aí eu escolhi o nome dela... coloquei Mirian... né ...	g	7	y	/				NE

	e aí ela... amamentei ela TRÊS ANOS E MEIO ...								102
240.	amamentei ela TRÊS ANOS E MEIO ... porque num... num foi fácil... ela num largava de mamar... era de desmamar criança difícil... e ... o pai dela fala/ – “só tem e/ só tem ela e... ela é a rapinha do tacho... ela chora”	c	7	y	/				NE 102
241.	o meu pai e ele falou assim... – “se você num ficar de cima delas elas vão furar a orelha da menina”- e vai judiar da menina... e não é... não é prá judiar da menina de jeito nenhum... então ... quando ela pegou uns três anos e meio... ela queria porque queria pôr brinco...	a	7	y	/				NE 102
242.	quando ela pegou uns três anos e meio... ela queria porque queria pôr brinco... ela é bem vaidosa... ainda até as pessoas achavam que eu ia tratar ela como menino... que ela ia... ia ser igual os meninos...	a	7	y	/				NE 102
243.	ela SEMPRE foi vaiDOsa... feminina... sempre gostou de tiarinha... de brin/... de pôr pulseira e ela só num colocava brinco... aí ela não eu quero pôr brinco...	a	7	y	/				NE 102
244.	aí ela não eu quero pôr brinco... quero pôr brinco... aí o pai dela falou assim...- “não... eu só vou pôr brin/ cé vai pôr brinco o dia que você deixar... de mamar...”	a	7	y	/				NE 102
245.	aí o pai dela falou assim...- “não... eu só vou pôr brin/ cé vai pôr brinco o dia que você deixar... de mamar... cé para de mamar e a gente coloca brinco”-... aí ... ela falou...-“então tá bom... eu PARO ...”	a	7	y	/				NE 102
246.	aí o pai dela falou assim...- “não... eu só vou pôr brin/ cé vai pôr brinco o dia que você deixar... de mamar... cé para de mamar e a gente coloca brinco”-... aí ... ela falou...-“então tá bom... eu PARO ... e vou... pôr brinco”- aí ela catou... levou ela pra colocar brinco...	a	7	y	/				NE 102
247.	aí ela catou... levou ela pra colocar brinco... aí ela... lógico... doeu porque... furar a orelha dói...	a	7	y	/				NE 102
248.	levou ela pra colocar brinco... aí ela... lógico... doeu porque... furar a orelha dói... ((risos))... ela falou assim –“ aí mas eu agüento...”- e né... e... aí que ela foi parar de amamentar...	c	7	y	/				NE 102
249.	levou ela pra colocar brinco... aí ela... lógico... doeu porque... furar a orelha dói... ((risos))... ela falou assim –“ aí mas eu agüento...”- e né ... e... aí que ela foi parar de amamentar...	p	8	/	1				NE 102
250.	levou ela pra colocar brinco... aí ela... lógico... doeu porque... furar a orelha dói... ((risos))... ela falou assim –“ aí mas eu agüento...”- e né... e... aí que ela foi parar de amamentar...	c	7	z	/				NE 102
251.	levou ela pra colocar brinco... aí ela... lógico... doeu porque... furar a orelha dói... ((risos))... ela falou assim –“ aí mas eu agüento...”- e né... e... aí que ela foi parar de amamentar... então essa foi a gestação né... dos meus três filhos	a	7	x	/				NE 102
252.	levou ela pra colocar brinco... aí ela... lógico... doeu porque... furar a orelha dói... ((risos))... ela falou assim –“ aí mas eu agüento...”- e né... e... aí que ela foi parar de amamentar... então essa foi a gestação né ... dos meus três filhos	p	8	/	1				NE 102
253.	então essa foi a gestação né ... dos meus três filhos que eu tive até... uns três quatro anos de idade... e no caso eles só... até HOJE ... os três filhos... que eu tive... eles só me dão alegria...	c	7	y	/				NE 102
254.	e no caso eles só... até HOJE ... os três filhos... que eu tive... eles só me dão alegria... né ... eles estudam... graças a Deus... vão muito bem... na AULA ...	p	8	/	1				NE 102

255.	eles gostam de fazer mú::sica... gostam de cantar... os três cantam jun::tos... éh então... (quer dizer...) são os filhos que eu tive... que eu PUDE TER...	g	7	y	/	NE 102
256.	foram os três que a gente... éh:: na nossa análise... a gente falou não... esses a gente dá conta de tratar:: de sustentar:: de... como se diz... de tomar conta... e... a gente colocou esses três e... graças a Deus... esses três só me dá alegria...	c	7	y	/	NE 102
257.	é a minha alegria é o maior presente que Deus podia dar prá mim e pro meu marido... é os três filhos... e no caso eu só lamento os outros que eu não pude ter... por questão de financeira	c	7	y	/	NE 102
258.	Doc.: dona Margareth... éh:: eu gostaria agora... que a senhora me contasse uma história que tenha ocorrido com alguém que a senhora conheça... éh... que tenha sido também interessan::te... ale::gre... ou mesmo triste Inf.: olha...no caso tem a... a minha mãe contava... éh... pra mim também...	v	8	/	3	NE 102
259.	Doc.: dona Margareth... éh:: eu gostaria agora... que a senhora me contasse uma história que tenha ocorrido com alguém que a senhora conheça... éh... que tenha sido também interessan::te... ale::gre... ou mesmo triste Inf.: olha...no caso tem a... a minha mãe contava... éh... pra mim também... muito né... quando ela morava no Sítio assim...	p	8	/	1	NR 102
260.	minha mãe nasceu no sítio né... ela morou na fazenda até... os meus bisavós eram... do lado da minha mãe... éh... eram BEM... financeiramente	p	8	/	1	NR 102
261.	minha mãe nasceu no sítio né... ela morou na fazenda até... os meus bisavós eram... do lado da minha mãe... éh... eram BEM... financeiramente e... eles tinham uma fazenda... até:: éh... a minha mãe conta que quando eles... o meu a/ o meu bisavô... éh comprou a fazenda...	c	7	y	/	NR 102
262.	eles tinham uma fazenda... até:: éh... a minha mãe conta que quando eles... o meu a/ o meu bisavô... éh comprou a fazenda... e veio com o meu avô né... e os irmãos dele... e... e num tinha nada na fazenda...	p	8	/	1	NR 102
263.	eles tinham uma fazenda... até:: éh... a minha mãe conta que quando eles... o meu a/ o meu bisavô... éh comprou a fazenda... e veio com o meu avô né... e os irmãos dele... e... e num tinha nada na fazenda... era só mata virgem mesmo... e eles tiveram que fazer uma... uma caba::na prá eles ficarem debai::xo...	c	7	y	/	NR 102
264.	eles tinham uma fazenda... até:: éh... a minha mãe conta que quando eles... o meu a/ o meu bisavô... éh comprou a fazenda... e veio com o meu avô né... e os irmãos dele... e... e num tinha nada na fazenda... era só mata virgem mesmo... e eles tiveram que fazer uma... uma caba::na prá eles ficarem debai::xo...	c	7	y	/	NR 102
265.	nessa... nessa fazenda ele construiu uma igreja... que a primeira esposa né... a mãe... do meu avô... ali na fazenda levando comi::da... porque leva/ antigamente levava comida para as pessoas que tavam né... para os peão... para o... para o pessoal quetava trabalhando na roça... e ela levava... prá eles... almoçarem... e um dia vindo...da:: do almoço... ela sentou debaixo de um...de uma árvore... um... uma arvorezinha que tinha... era uma estradinha... ela sentou ali... e:: ali ela faleceu...	c	7	x	/	NR 102
266.	nessa... nessa fazenda ele construiu uma igreja... que a primeira esposa né... a mãe... do meu avô... ali na fazenda levando comi::da... porque leva/ antigamente levava comida para as pessoas	p	8	/	1	NR 102
267.	porque leva/ antigamente levava comida para as pessoas que tavam né... para os peão... para o... para o pessoal que tava	p	8	/	1	NR

	trabalhando na roça... e ela levava... prá eles... almoçarem... e um dia vindo...da:: do almoço... ela sentou debaixo de um...de uma árvore... um... uma arvorezinha que tinha... era uma estradinha... ela sentou ali... e:: ali ela faleceu...							102
268.	porque leva/ antigamente levava comida para as pessoas que tavam né... para os peão... para o... para o pessoal que tava trabalhando na roça... e ela levava... prá eles... almoçarem... e um dia vindo...da:: do almoço... ela sentou debaixo de um...de uma árvore... um... uma arvorezinha que tinha... era uma estradinha... e ali ela faleceu...	c	7	y	/			NR 102
269.	um dia vindo...da:: do almoço... ela sentou debaixo de um...de uma árvore... um... uma arvorezinha que tinha... era uma estradinha... ela sentou ali... e:: aí eles pegaram né...e construíram uma igrejinha... e uma capelinha ali...	g	7	y	/			NR 102
270.	um dia vindo...da:: do almoço... ela sentou debaixo de um...de uma árvore... um... uma arvorezinha que tinha... era uma estradinha... ela sentou ali... e:: aí eles pegaram né...e construíram uma igrejinha... e uma capelinha ali...	p	8	/	1			NR 102
271.	ali ela faleceu... e:: aí eles pegaram né...e construíram uma igrejinha... e uma capelinha ali... do meu avô... os irmãos éh:: freqüentavam ali...	c	7	y	/			NR 102
272.	então tinha... um bispo ia lá... crismava... então era tudo feito ali... e o pessoal da redondeza... das outras fazendas... que moravam... éh freqüentavam ali...	c	7	y	/			NR 102
273.	eles tinham... praticavam esporte (tudo)... ali em volta dessa igrejinha... tinha isso... e:: a minha avó o meu avô construiu casa na fazENDA...éh... os irmãos de::les éh construíram... éh... CASAS ali...	c	7	y	/			NR 102
274.	e:: a minha avó o meu avô construiu casa na fazENDA...éh... os irmãos de::les éh construíram... éh... CASAS ali... quer dizer... eles moravam tudo... ali perto... e::... interessante que ali... a minha mãe conta que (de uma maneira eu também fui e vi) tinha um rio...	c	7	x	/			NR 102
275.	e::... interessante que ali... a minha mãe conta que (de uma maneira eu também fui e vi) tinha um rio... HOJE é um CÓrego MUItO pequeno... mas na época... a minha mãe contra... conta que era um rio grande né... largo éh:: o meu... bisavô fez tipo um açude	p	8	/	1			NR 102
276.	mas na época... a minha mãe contra... conta que era um rio grande né... largo éh:: o meu... bisavô fez tipo um açude de... éh... um reservaTÓrio né... no caso que muda um pouquinho as água...	p	8	/	1			NR 102
277.	o meu... bisavô fez tipo um açude de... éh... um reservaTÓrio né... no caso que muda um pouquinho as água... antigamente até se podia fazer isso né... o curso do rio... se fazia uma reserva de água...	p	8	/	1			NR 102
278.	o meu... bisavô fez tipo um açude de... éh... um reservaTÓrio né... no caso que muda um pouquinho as água... antigamente até se podia fazer isso né... o curso do rio... se fazia uma reserva de água... e aí...a:: as mulheres... elas éh tinham... e meu vô também construiu um mum/munjolo monjolo... não sei qual o nome correto de falar... que... não sei se você sa/sabe... é um lugar que... a água do rio desce... cai... e... e ao tempo que quando enche aquela borda né... a borda desce... e no fundo de/ atrás ali tem um cabo... e tem um tipo de um recipiente... então as mulher colocavam milho prá ficar socando	c	7	y	/			NR 102
279.	e meu vô também construiu um mum/munjolo monjolo... não sei qual o nome correto de falar... que... não sei se você sa/sabe... é um lugar que... a água do rio desce... cai... e... e ao tempo que quando enche aquela borda né... a borda desce... e no fundo de/ atrás ali tem um cabo... e tem um tipo de um recipiente... então as mulher colocavam milho prá ficar socando	p	8	/	1			NR 102

280.	e meu vô também construiu um mum/munjolo monjolo... não sei qual o nome correto de falar... que... não sei se você sa/sabe... é um lugar que... a água do rio desce... cai... e... e ao tempo que quando enche aquela borda né... a borda desce... e no fundo de/ atrás ali tem um cabo... e tem um tipo de um recipiente... então as mulher colocavam milho prá ficar socando	a	7	y	/	NR 102
281.	então as mulher colocavam milho prá ficar socando é... o arroz... então ... ali naquele lugar devia ser muito bonito... pelo jeito que ela conta... porque ali elas ficavam o dia inteiro trabalhando...	a	7	z	/	NR 102
282.	ali elas ficavam o dia inteiro trabalhando... elas lavavam roupa ali... ali elas faziam... o fubá... éh... elas faziam também com a cana de açúcar a rapadura... então elas ficavam trabalhando ali o dia inteiro... então era ali era feito né... a comida... que fazia...	a	7	z	/	NR 102
283.	ali elas ficavam o dia inteiro trabalhando... elas lavavam roupa ali... ali elas faziam... o fubá... éh... elas faziam também com a cana de açúcar a rapadura... então elas ficavam trabalhando ali o dia inteiro... então era ali era feito né ... a comida... que fazia...	p	8	/	1	NR 102
284.	então era ali era feito né... a comida... que fazia... e a minha mãe conta... até né que... ela e o meu tio... eles eram muito arteiro...	c	7	x	/	NR 102
285.	então era ali era feito né... a comida... que fazia... e a minha mãe conta... até né que... ela e o meu tio... eles eram muito arteiro...	p	8	/	1	NR 102
286.	então era ali era feito né... a comida... que fazia... e a minha mãe conta... até né que... ela e o meu tio... eles eram muito arteiro... então eles ficavam brincando né... numa bica de água que tinha separado ali...	a	7	y	/	NR 102
287.	então era ali era feito né... a comida... que fazia... e a minha mãe conta... até né que... ela e o meu tio... eles eram muito arteiro... então eles ficavam brincando né ... numa bica de água que tinha separado ali...	p	8	/	1	NR 102
288.	então eles ficavam brincando né... numa bica de água que tinha separado ali... que as mulheres lavavam roupa... e a minha mãe conta que tinha uma árvore... que dava uma florzinha...	c	7	y	/	NR 102
289.	e a minha mãe conta que tinha uma árvore... que dava uma florzinha... que PRÁ ELA... naquela época... parecia... que ela era pequena... parecia uma canoa... então tava ela e o irmão dela né... catava a florzinha e aí jogava no rio prá ir descendo...	a	7	y	/	NR 102
290.	e a minha mãe conta que tinha uma árvore... que dava uma florzinha... que PRÁ ELA... naquela época... parecia... que ela era pequena... parecia uma canoa... então tava ela e o irmão dela né ... catava a florzinha e aí jogava no rio prá ir descendo...	p	8	/	1	NR 102
291.	então tava ela e o irmão dela né... catava a florzinha e aí jogava no rio prá ir descendo... aí o meu tio... muito arteiro... empurrou a minha mãe... dentro do rio...	a	7	y	/	NR 102
292.	e ela foi rolando rio abaixo... e ela conta que ela só num foi rio abaixo e morreu afogada porque a tia dela que tava lavando roupa... éh... catou ela pelo vestido...	c	7	y	/	NR 102
293.	aí o meu tio... muito arteiro... empurrou a minha mãe... dentro do rio... e ela foi rolando rio abaixo... e ela conta que ela só num foi rio abaixo e morreu afogada porque a tia dela que tava lavando roupa... éh... catou ela pelo vestido... e... tirou ela de dentro do rio... então ... você imagina que jeito ((risos)) que era né...	a	7	z	/	NR 102
294.	aí o meu tio... muito arteiro... empurrou a minha mãe... dentro do rio... e ela foi rolando rio abaixo... e ela conta que ela só	p	8	/	1	NR

	num foi rio abaixo e morreu afogada porque a tia dela que tava lavando roupa... éh... catou ela pelo vestido... e... tirou ela de dentro do rio... então... você imagina que jeito ((risos)) que era né ...								102
295.	e ela conta que ela só num foi rio abaixo e morreu afogada porque a tia dela que tava lavando roupa... éh... catou ela pelo vestido... e... tirou ela de dentro do rio... então... você imagina que jeito ((risos)) que era né ... e ela conta também um outro fato... que:: ela... eles eram (inint.) foi criado tudo ali naquela regi/naquele LUGAR... naquela fazenda... tudo pertinho...	c	7	x	/				NR 102
296.	eles eram (inint.) foi criado tudo ali naquela regi/naquele LUGAR... naquela fazenda... tudo pertinho... os primos tudo juntos né ... andava po mato porque brincar era andar pro meio do mato...	p	8	/	1				NR 102
297.	foi criado tudo ali naquela regi/naquele LUGAR... naquela fazenda... tudo pertinho... os primos tudo juntos né ... andava po mato porque brincar era andar pro meio do mato... subindo em árvore... comendo fruta... e :: uma história que ela conta até a gente... fala nossa a senhora era terrível...	c	7	y	/				NR 102
298.	e :: uma história que ela conta até a gente... fala nossa a senhora era terrível... às vezes os menino fala assim... a senhora vai se salvar desse jeito né ... éh eles estavam todos... éh... no mato e viram uma cobra...	p	8	/	1				NR 102
299.	eles estavam todos... éh... no mato e viram uma cobra... e aí essa cobra... éh:: também tinha um sapo e :: o sa/ a cobra acho que começou querer comer o sapo...	g	7	y	/				NR 102
300.	e aí essa cobra... éh:: também tinha um sapo e :: o sa/ a cobra acho que começou querer comer o sapo...	c	7	y	/				NR 102
301.	e aí essa cobra... éh:: também tinha um sapo e :: o sa/ a cobra acho que começou querer comer o sapo... e eles acharam que a cobra tava enfeitando o sapo... aquelas histórias né ... antiga...	p	8	/	1				NR 102
302.	e eles acharam que a cobra tava enfeitando o sapo... aquelas histórias né ... antiga... também num sei se é verdade... éh essa cobra tava querendo enfeitar o sapo... pá pegar o sapo... num sei que e num bando de molecada né ...	p	8	/	1				NR 102
303.	e num bando de molecada né ... mataram a cobra... aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso...	a	7	y	/				NR 102
304.	e num bando de molecada né ... mataram a cobra... aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né ... aí coitadinho do sapo né ...	p	8	/	1				NR 102
305.	e num bando de molecada né ... mataram a cobra... aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né ... aí coitadinho do sapo né ...	a	7	y	/				NR 102
306.	e num bando de molecada né ... mataram a cobra... aí não satisfeitos de matar a cobra... éh:: cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né ... aí coitadinho do sapo né ...	p	8	/	1				NR 102
307.	cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né ... aí coitadinho do sapo né ... viraram o sapo do avesso... tornaram virar o sapo do direito né ... aí foram... aí largaram o sapo lá...	p	8	/	1				NR 102
308.	cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né ... aí coitadinho do sapo né ... viraram o sapo do avesso... tornaram virar o sapo do direito né ... aí foram... aí largaram o sapo lá...	a	7	y	/				NR 102

309.	cataram o sapo... e dizem que viraram o sapo do avesso... né... aí coitadinho do sapo né... viraram o sapo do avesso... tomaram virar o sapo do direito né... aí foram... aí largaram o sapo lá...	a	7	y	/	NR 102
310.	tomaram virar o sapo do direito né... aí foram... aí largaram o sapo lá... foram embora né ... no outro dia voltaram e o sapo tinha morrido...	p	8	/	1	NR 102
311.	tomaram virar o sapo do direito né... aí foram... aí largaram o sapo lá... foram embora né... no outro dia voltaram e o sapo tinha morrido... mas aí ... era um sa/ ai... para... ((risos)) não eram eles que tinham matado o sapo	g	7	y	/	NR 102
312.	enfim a cobra que eles haviam matado... né ... e que tinha matado... o sapo...	p	8	/	1	NR 102
313.	enfim a cobra que eles haviam matado... né... e que tinha matado... o sapo... e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo...	c	7	x	/	NR 102
314.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né ... ainda... só preparava primeira comunhão...	p	8	/	1	NR 102
315.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão... aí né... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né... pecado...	a	7	y	/	NR 102
316.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão... aí né ... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né... pecado...	p	8	/	1	NR 102
317.	e o interessante dessa história é que tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão... aí né... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né ... pecado...	p	8	/	1	NR 102
318.	tinha um tio... éh:: dela... que dava aula de catecismo... aquele catecismo antigo né... ainda... só preparava primeira comunhão... aí né... o tio pegou fa/... olha isso que vocês fizeram é errado... pecado né... pecado chegou o padre que... meu vô mandou vir prá prá... eles... confeSSAR... prá tal da primeira comunhão...	a	7	y	/	NR 102
319.	aí quando chegou o padre que... meu vô mandou vir prá prá... eles... confeSSAR... prá tal da primeira comunhão... era... a confissão coletiva né ... todo mundo que chegava lá... tinha matado uma cobra...	p	8	/	1	NR 102
320.	era... a confissão coletiva né... todo mundo que chegava lá... tinha matado uma cobra... tinha virado o sapo do avesso... tinha matado passarinho... ((risos)) e os crimes... que eles tinham éh:: feito naquela época né...	c	7	y	/	NR 102
321.	era... a confissão coletiva né... todo mundo que chegava lá... tinha matado uma cobra... tinha virado o sapo do avesso... tinha matado passarinho... ((risos)) e os crimes... que eles tinham éh:: feito naquela época né ... aí o padre até dava risada de... de escutar eles falar...	p	8	/	1	NR 102
322.	era... a confissão coletiva né... todo mundo que chegava lá... tinha matado uma cobra... tinha virado o sapo do avesso... tinha matado passarinho... ((risos)) e os crimes... que eles tinham éh:: feito naquela época né ... aí o padre até dava risada	a	7	y	/	NR 102

	de... de escutar eles falar...								
323.	aí o padre até dava risada de... de escutar eles falar... éh:: desse jeito né ... dos pecadinhos né ... que eles tinham cometido...	p	8	/	1				NR 102
324.	aí o padre até dava risada de... de escutar eles falar... éh:: desse jeito né ... dos pecadinhos né ... que eles tinham cometido...	p	8	/	1				NR 102
325.	aí o padre até dava risada de... de escutar eles falar... éh:: desse jeito né ... dos pecadinhos né ... que eles tinham cometido... então é um fato interessante que aconteceu com ela...	a	7	x	/				NR 102
326.	então é um fato interessante que aconteceu com ela... na vida dela... que ela conta né ... desse tempo dela...	p	8	/	1				NR 102
327.	então é um fato interessante que aconteceu com ela... na vida dela... que ela conta né ... desse tempo dela... e que deve ter sido uma história que marcou muito a vida dela... porque é uma coisa que ela sempre repete né ... ela conta prá mim... ela conta para os meus filhos...	p	8	/	1				NR 102
328.	então conta prá todo mundo... que chega... e tem até... --pode continuar ((informante dirigindo-se ao documentador))-- tem uma outra historinha... que ela fala que tinha... nessa fazenda...	c	7	x	/				NR 102
329.	então conta prá todo mundo... que chega... e tem até... --pode continuar ((informante dirigindo-se ao documentador))-- tem uma outra historinha... que :: ela fala que tinha... nessa fazenda...	c	7	y	/				NR 102
330.	tem uma outra historinha... que ela fala que tinha... nessa fazenda... meus avôs fez um cercado... fez um pomar de:: jabuticaba... então ... quando as jabuticabas nasciam... que estavam na época de colher... eles...ela tocava né ... um... beRRANte...	a	7	y	/				NR 102
331.	tem uma outra historinha... que ela fala que tinha... nessa fazenda... meus avôs fez um cercado... fez um pomar de:: jabuticaba... então... quando as jabuticabas nasciam... que estavam na época de colher... eles...ela tocava né ... um... beRRANte...	p	8	/	1				NR 102
332.	ela tocava né ... um... beRRANte... ela fala um berrante... que ela tocava um berrante... aí todo mundo podia ir lá e:: e chupar essas jabuticaba... aí todo mundo chupava...(ia lá) e ia embora...	a	7	y	/				NR 102
333.	aí todo mundo chupava...(ia lá) e ia embora... e... até ela conta a história né da da de uma jabuticabeira... que ela fala que... ela fala na época dela que era ENORME...	c	7	y	/				NR 102
334.	aí todo mundo chupava...(ia lá) e ia embora... e... até ela conta a história né da da de uma jabuticabeira... que ela fala que... ela fala na época dela que era ENORME...	p	8	/	1				NR 102
335.	ela fala na época dela que era ENORME... que precisava de duas três pessoas pá abraçar a jabuticabeira de tão GRANDE QUE ERA né ... aí os menino ria	p	8	/	1				NR 102
336.	que precisava de duas três pessoas pá abraçar a jabuticabeira de tão GRANDE QUE ERA né ... aí os menino ria porque fala...-“vó do céu... que jabuticabeira...” - jabuticabeira geralmente num é muito grande né ...	a	7	y	/				NR 102
337.	que precisava de duas três pessoas pá abraçar a jabuticabeira de tão GRANDE QUE ERA né ... aí os menino ria porque	p	8	/	1				NR 102

	fala...“vó do céu... que jabuticabeira...” - jabuticabeira geralmente num é muito grande né...								
338.	os menino ria porque fala...“vó do céu... que jabuticabeira...” - jabuticabeira geralmente num é muito grande né... e ela fala... -“é... mas quando eu era pequena era... (inint.)”- ((risos)) né...	c	7	y	/				NR 102
339.	e ela fala... -“é... mas quando eu era pequena era... (inint.)”- ((risos)) né... da HISTÓRIA que ela contava dessa tal dessa jabuticabeira...	p	8	/	1				NR 102
340.	dessa época GOSTOSA... que foi quando ela era criança... éh... na fazenda né... desse meu... bisavô né...	p	8	/	1				NR 102
341.	dessa época GOSTOSA... que foi quando ela era criança... éh... na fazenda né... desse meu... bisavô né... do meu avô e... hoje... num tem mais nada...	p	8	/	1				NR 102
342.	dessa época GOSTOSA... que foi quando ela era criança... éh... na fazenda né... desse meu... bisavô né... do meu avô e... hoje... num tem mais nada... certo?	d	8	/	1				NR 102
343.	Inf.: olha eu gostava MUITOe:: até hoje eu tenho lembrança... e tenho saudade da:.... da nossa catedral né... de São José do Rio Preto	v	8	/	3				NR 102
344.	Inf.: olha eu gostava MUITOe:: até hoje eu tenho lembrança... e tenho saudade da:.... da nossa catedral né... de São José do Rio Preto... a Catedral de São José...	p	8	/	1				DE 102
345.	eu participei muito da comunidade... da IGREJA... eu ia muito a igreja... e:... assim pela:.... eu gostava do ESTILO dela... né... era uma igreja simples... pequena...	p	8	/	1				DE 102
346.	ela tinha uma praça muito bonita com aqueles bancos antigos... aqueles... aqueles lustres éh:: que iluminava a praça antigo... né... uma escadaria prá gente subir e chegar...	p	8	/	1				DE 102
347.	tinha tipo de uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes... éh... depois no fundo tinha uma escadinha assim que subia... que ia prá torre...	a	7	x	/				DE 102
348.	tinha uma escadinha assim que subia... que ia prá torre... eu sempre tive muita vontade de subir... mas eu nunca... a gente nunca... teve oportunidade de ir... ai a... a entrada uma igreja escura...	a	7	x	/				DE 102
349.	aí a... a entrada uma igreja escura... sabe? era uma igreja assim... escura... com uns vitrais assim cor... verde ESCURO...	v	8	/	1				DE 102
350.	com uns vitrais assim cor... verde ESCURO... éh:: e puxava também pro ROXO e pro VINHO...	c	7	y	/				DE 102
351.	com uns vitrais assim cor... verde ESCURO... éh:: e puxava também pro ROXO e pro VINHO... sabe? então era uma igreja... assim... que te levava a muita concentração...	v	8	/	1				DE 102
352.	com uns vitrais assim cor... verde ESCURO... éh:: e puxava também pro ROXO e pro VINHO... sabe? então era uma igreja... assim... que te levava a muita concentração...	a	7	z	/				DE 102
353.	uma igreja que eu percebia assim... que no NO VERÃO... ela era fresquinha... era uma igreja gostosa... éh::... e... e :: quando a gente entra/ éh... isso que essa época que eu participei ainda... que... que ia éh::... ainda tava antes de consegui o Vaticano	c	7	x	/				DE 102

	Segundo... então ainda ela preservou éh:: aqueles lugar que o padre subia prá fazer a homilia...								
354.	então ainda ela preservou éh:: aqueles lugar que o padre subia prá fazer a homilia... aquela escada no meio... com aqueles... eu num sei como que chama aquilo... éh e o padre subia e fazia... ele saia de lá do altar e ia fazer a... a homilia...	c	7	y	/				DE 102
355.	e o padre subia e fazia... ele saia de lá do altar e ia fazer a... a homilia... a explicação né das... a explicação né falar com o povo... ali daquele lado...	p	8	/					DE 102
356.	e o padre subia e fazia... ele saia de lá do altar e ia fazer a... a homilia... a explicação né das... a explicação né falar com o povo... ali daquele lado...	p	8	/					DE 102
357.	os confessorário também era anti::go éh:: feito em madei::ra a:: gente... sabe? mais do que você confessava (tudo)... você via A OBRA né...	v	8	/					DE 102
358.	os confessorário também era anti::go éh:: feito em madei::ra a:: gente... sabe? mais do que você confessava (tudo)... você via A OBRA né... que foi feita... de madeira... bem trabalhada...	p	8	/					DE 102
359.	eu sempre gostei muito dessas coisas... sabe? ... ANTIGAS... éh com esses desenhos...	v	8	/					DE 102
360.	eu sempre gostei muito dessas coisas... sabe?... ANTIGAS... éh com esses desenhos... aí ela tinha uns... uns altares dos lados...	a	7	x	/				DE 102
361.	aí ela tinha uns... uns altares dos lados... éh::... tudo em mármore... éh... e nesses altares também tinha umas imagens grandes...	c	7	y	/				DE 102
362.	e nesses altares também tinha umas imagens grandes... sabe? ... de Nossa Senhora... eu num lembro muito bem os santos...	v	8	/					DE 102
363.	eu num lembro muito bem os santos... eu lembro de Nossa Senhora... mas eu num lembro muito bem os outros santos... mas eram tipos de altares mesmo mas dos lados éh... da igreja...	c	7	y	/				DE 102
364.	o altar central dela era muito boNlto... né ... todo em mar::more... trabalha::do... cheio de torfíbio...	p	8	/					DE 102
365.	o altar central dela era muito boNlto... né... todo em mar::more... trabalha::do... cheio de torfíbio... éh::... depois tinha o o ela tinha o Santíssimo... aonde ficava o Santíssimo...	a	7	x	/				DE 102
366.	era um lugar que tinha assim tipo duma::... duma grade... que fechava... porque antigamente...éh... num ficava exposto aberto prá gente entrar e sair a hora que queria... né ... ele ficava fechado...	p	8	/					DE 102
367.	porque antigamente...éh... num ficava exposto aberto prá gente entrar e sair a hora que queria... né... ele ficava fechado... com umas cortinas vermelhas... sabe? ... tudo assim MUITO bonito...	v	8	/					DE 102
368.	o Santíssimo com flores... com velas... aqueles anjos coloridos né ... segurando aqueles castiçais... com vela... cortinas vermelhas...	p	8	/					DE 102
369.	aquilo prá mim era uma maravilha... além de me levar depois de grande tanta contemplação... e eu tenho até saudade dessa época....	c	7	z	/				DE 102

370.	eu lembro que no fundo da igreja também... tinha éh:.... Jesus né ... carregando a cruz nos ombros...	p	8	/	1	DE 102
371.	depois no fim eu fiz que/ que a minha mãe levasse eu prá ver essa peruca que tinha roubado... (mas era estátua né) imagem... então é um lugar muito bonito...	p	8	/	1	DE 102
372.	depois no fim eu fiz que/ que a minha mãe levasse eu prá ver essa peruca que tinha roubado... (mas era estátua né) imagem... então é um lugar muito bonito...	a	7	z	/	DE 102
373.	então é um lugar muito bonito... é... era né no caso	p	8	/	1	DE 102
374.	eu tenho muita saude de... de ir lá... de de toda essa coisa éh bonita né ... tinha uns quadros muito grandes...	p	8	/	1	DE 102
375.	uns quadros da... da Via Sacra... eram grandes... bem grandes mesmo éh... tinham assim... um e meio ou dois metros... a pintura sabe? ... era um trabalhado da pintura...	v	8	/	1	DE 102
376.	ela era UMA OBRA DE ARTE... éh foi uma pena ter... né ... por algum motivo ou outro ter sido demolida...	p	8	/	1	DE 102
377.	ela era UMA OBRA DE ARTE... éh foi uma pena ter... né ... por algum motivo ou outro ter sido demolida... mas ... era um lugar que eu gosto...	c	7	z	/	DE 102
378.	Doc.: éh... dona Margareth... tem alguma coisa que a senhora GOSTE de fazer... e que a senhora pode... éh descrever prá gente assim... como a senhora faz... éh:.... o procedimento todo... prá... prá feita... dessa... desse algo? Inf.: bom eu gosto MUITO éh:: é de costurar...	d	8	/	4	RP 102
379.	Inf.: bom eu gosto MUITO éh:: é de costurar... coisa que eu AMO fazer... éh... é fazer uma roupa... éh você... éh... por exemplo... cé vai... você escolhe o modelo... né ... pega a revista..... (inint.) na LOJA...	p	8	/	1	RP 102
380.	aí você escolhe o MODELO... aí você compra o TECIDO né ... tem todo aquele processo de você molhar o TECIDO... porque se ele tiver que encolher um pouQUINHO né ...	p	8	/	1	RP 102
381.	tem todo aquele processo de você molhar o TECIDO... porque se ele tiver que encolher um pouQUINHO né ... porque geralmente o teci/...dependendo do tecido que você compra ele encolhe...	p	8	/	1	RP 102
382.	tem todo aquele processo de você molhar o TECIDO... porque se ele tiver que encolher um pouQUINHO né ... porque geralmente o teci/...dependendo do tecido que você compra ele encolhe... aí você... você vai fazer o MOLDE...	a	7	x	/	RP 102
383.	aí você... você vai fazer o MOLDE... uma coisa que eu amo muito é fazer molde... né ... você tirar as medidas né ... parte por parte...	p	8	/	1	RP 102
384.	uma coisa que eu amo muito é fazer molde... né ... você tirar as medidas né ... parte por parte... éh no caso o método que eu uso... aí você tem que pegar as medidas que correspon::de... a aquele... ao método né ...	p	8	/	1	RP 102
385.	aí você tem que pegar as medidas que correspon::de... a aquele... ao método né ... a aí você desenhar no papel... fazer certinho né ... tirar tudo as medidas direitinho...	p	8	/	1	RP 102
386.	aí você tem que pegar as medidas que correspon::de... a aquele... ao método né ... a aí você desenhar no papel... fazer	a	7	y	/	RP

403.	então é uma coisa que eu amo muito costurar... é uma pena que ultimamente num tem dado prá eu... fazer nada... certo?	d	8	/	1	RP 102
404.	Doc.: dona Margareth o que a senhora éh:: acha... o que a senhora pensa sobre a educação... no país hoje? Inf.: bom ... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado... no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REGRESSÃO ...	d	8	/	4	RO 102
405.	Inf.: bom... nesses últimos anos... que:: a gente... que eu tenho observado... no caso que eu tenho três filhos... éh::... eu observei uma grande... éh:: REGRESSÃO ... da educação... por exemplo ... coisas que:: na época eu aprendi... que eu fui na... que eu... NA MINHA ÉPOCA DE ESCOLA ... por exemplo o que a gente aprendia em quatro anos... né... no caso... depois o ginásial também... éh... os meus filhos tinham que fazer até o terceiro pá aprender...	r	7	y	/	RO 102
406.	o que a gente aprendia em quatro anos... né ... no caso... depois o o ginásial também... éh... os meus filhos tinham que fazer até o terceiro colegial pá aprender...	p	8	/	1	RO 102
407.	o que a gente aprendia em quatro anos... né... no caso... depois o o ginásial também... éh... os meus filhos tinham que fazer até o terceiro colegial pá aprender... né ... não sei se é uma melhoria ou não...	p	8	/	1	RO 102
408.	não sei se é uma melhoria ou não... mas eu acho que é uma grande regressão... então hoje a gente va/ éh... vão à aula... éh::... GOSTAM até de ir à escola... mas não gostam muito de estudar...	a	7	x	/	RO 102
409.	GOSTAM até de ir à escola... mas não gostam muito de estudar... então eu não sei bem se é uma falha... NOS EDUCADORES ou... nos educandos... que tão indo lá prá aprender...	a	7	y	/	RO 102
410.	eu não sei bem se é uma falha... NOS EDUCADORES ou... nos educandos... que tão indo lá prá aprender... mas eu vejo assim também que também num há muito interesse éh::... os professores... éh... a educação num tem muito a oferecer...	c	7	y	/	RO 102
411.	eu acho que num é bem culpa do professor... porque ele também... ele recebe uma ordem e ele vem... ele tem que passar determinadas coisas... ele tem que obedecer determinadas coisas... éh... que às vezes ele não concorda muito mas pra ele fazer parte daquele trabalho... ele é um empregado... ele é obrigado a cumprir aquelas regras... então a:: a os jovens... os adolescentes... as crianças... eles tem hoje em dia um pontenci/ um potencial muito grande...	a	7	x	/	RO 102
412.	então a:: a os jovens... os adolescentes... as crianças... eles tem hoje em dia um pontenci/ um potencial muito grande... um inteligência muito grande... éh:: também por causa dos meios de comunicação... então a criança recebe muita informação... aí ela vai a escola lá não tem tanta informação... às vezes e/... ela chega lá... éh:: o professor... né no caso... tem pouca coisa pra oferecer prá eles...	a	7	y	/	RO 102
413.	então a criança recebe muita informação... aí ela vai a escola lá não tem tanta informação... às vezes e/... ela chega lá... éh:: o professor... né no caso... tem pouca coisa pra oferecer prá eles...	a	7	y	/	RO 102
414.	então a criança recebe muita informação... aí ela vai a escola lá não tem tanta informação... às vezes e/... ela chega lá... éh:: o professor... né no caso... tem pouca coisa pra oferecer prá eles...	p	8	/	1	RO 102
415.	aí ela vai a escola lá não tem tanta informação... às vezes e/... ela chega lá... éh:: o professor... né no caso... tem pouca coisa pra oferecer prá eles... e também não é tão atrativo assim aquilo que se ensina	c	7	y	/	RO 102

416.	mas a ve/ eu também vejo que o governo e os governantes né... que tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltar mais pro lado da educação...	c	7	x	/	RO 102
417.	mas a ve/ eu também vejo que o governo e os governantes né ... que tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltar mais pro lado da educação...	p	8	/	1	RO 102
418.	eu também vejo que o governo e os governantes né ... que tudo passa pelas mão deles... éh... deviam se voltar mais pro lado da educação... porque ... e se preocupar em ensinar coisas melhores e e se adaptar a modernidade do mundo	c	7	y	/	RO 102
419.	e em se adaptar a modernidade do mundo que a gente tá vivendo... e passar... éh não sei se é muito dizer isso... mas eu acho que só um país vai conseguir ir pá frente... a gente só vai ser um país melhor... a partir que o di/ do momento que se investir em educação...	c	7	y	/	RO 102
420.	e também ele tenha condições... éh:: de participar dessa escola... que ele tenha condições de estudar... que muitas vezes o aluno num tem livro ele num tem caderno ele num tem nem alimentação... adequada prá ele participar dessa aula... então eu acho que... infelizmente... num cai na mão dos governantes... que a gente vê que vai havendo uma defasagem... éh...	a	7	z	/	RO 102
421.	se ela ta fazendo um colegial melhor é porque ela tem oportunidade até de freqüentar uma escola particular... no caso a escola... éh... pública... éh... tá deixando muito a desejar... num tá se preocupando tanto em FORMAR a pessoa... pra que a gente seja um país LIVRE... éh... um país... éh... com pessoas... éh... com qualidade... de vida... porque o a educação... o ensino... é que leva... éh o ser humano a ter uma qualidade melhor de vida...	c	7	x	/	RO 102
422.	a poder escolher melhor o que ele quer ser... o que ele quer fazer da vida dele... éh... eu acho que se o governo investir mais na educação... mais no ensino... éh procurar REALMENTE né favorecer o ser humano... a gente tem potencial prá ser um país de primeiro mundo (inint.)	p	8	/	1	RO 102
423.	Doc.: dona Margareth... o o que a senhora acha éh:: da família da instituição familiar nos nos dias atuais Inf.: bom ... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida...	d	8	/	4	RO 102
424.	Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida...	p	8	/	1	RO 102
425.	Inf.: bom... éh:: como a:: própria sociedade... pregou há alguns anos... né disse há alguns anos... que... a família é uma... era uma instituição falida... né ... mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é... seria através também DA família...	p	8	/	1	RO 102
426.	mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família... porque ... veja bem... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado	c	7	y	/	RO 102
427.	mas éh:: eu vejo que... a recuperação da nossa sociedade não é?... seria através também DA família... porque ... veja bem ... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai ser educado	o	8	/	3	RO 102
428.	éh:: ali que ele vai receber todas as orientações principl/ BÁSICAS ... né prá ele se tornar uma pessoa e::	p	8	/	1	RO 102

429.	éh:: ali que ele vai receber todas as orientações princi/ BÁSICAS... né prá ele se tornar uma pessoa e:: éh... infe/ éh:: não sei se felizmente ou infelizmente... éh a criança quando ela nasce ela cresce... ela ainda tem a visão dela... de família pai e mãe...	c	7	x	/	RO 102
430.	aquela de tá morando junto que tem um pai que tem uma mãe é uma coi/ é normal ainda a a prá ela só pensa assim... éh:: então éh o que que a gente vê hoje em dia... as pessoas que casam né...	a	7	x	/	RO 102
431.	ela ainda tem a visão dela... de família pai e mãe... aquela de tá morando junto que tem um pai que tem uma mãe é uma coi/ é normal ainda a a prá ela só pensa assim... éh:: então éh o que que a gente vê hoje em dia... as pessoas que casam né ... que constitui família... éh:: aí vem os filhos...	p	8	/	1	RO 102
432.	as pessoas que casam né... que constitui família... éh:: aí vem os filhos... aí num sei porque das quanta num se entendem... né num fazem também... esforço nenhum pra se entender...	p	8	/	1	RO 102
433.	as pessoas que casam né... que constitui família... éh:: aí vem os filhos... aí num sei porque das quanta num se entendem... né num fazem também... esforço nenhum pra se entender... e se separaram... aí ficam os filhos...	a	7	y	/	RO 102
434.	aí ficam os filhos... éh:: uns ficam com as mães... outros ficam com os pais... e os que na maioria a gente tem visto hoje em dia... ficam com os avós... éh:: aí divide-se éh:: a educação...	a	7	y	/	RO 102
435.	aí divide-se éh:: a educação... porque o que a gente éh:: observa éh:: a o filho vai prá casa da mãe... recebe uma educação e tudo aquilo que a vó falou... a mãe – “não num é isso num é isso aquilo...”	c	7	y	/	RO 102
436.	o filho vai prá casa da mãe... recebe uma educação e tudo aquilo que a vó falou... a mãe – “não num é isso num é isso aquilo...”- faz tudo os gosto da criança... aí a criança vai prá casa do pai... né ... o pai prá fazer pirraça pra mãe ou sei lá por algum motivo... – “não num é nada daquilo”	p	8	/	1	RO 102
437.	a criança já vai pensar/ crescendo naquela mentalidade né olha... é só... mudar os pauzinhos aqui que as coisas se resolvem...	p	8	/	1	RO 102
438.	a criança já vai pensar/ crescendo naquela mentalidade né olha... é só... mudar os pauzinhos aqui que as coisas se resolvem... e:: aí a criança cresce mas ela vai sentir... eu acho que a criança sente falta da família...	g	7	x	/	RO 102
439.	e:: aí a criança cresce mas ela vai sentir... eu acho que a criança sente falta da família... porque ela num tem... um lugar... né ela acaba ficando sem um espaço...	c	7	y	/	RO 102
440.	e:: aí a criança cresce mas ela vai sentir... eu acho que a criança sente falta da família... porque ela num tem... um lugar... né né ela acaba ficando sem um espaço...	p	8	/	1	RO 102
441.	porque ela num tem... um lugar... né ela acaba ficando sem um espaço... porque a vó num é... mãe... a mãe num é pai... e o pai num é a mãe... né ... então ela vai crescendo com aquela...	p	8	/	1	RO 102
442.	porque a vó num é... mãe... a mãe num é pai... e o pai num é a mãe... né ... então ela vai crescendo com aquela... e a gente vê assim que as crianças tão ficando muito com a... com a mentalidade... com a cabeça... com os pensamen/ com o lado psicológico muito afetado...	a	7	z	/	RO 102
443.	então ela vai crescendo com aquela... e a gente vê assim que as crianças tão ficando muito com a... com a mentalidade... com	c	7	x	/	RO 102

	a cabeça... com os pensamen/ com o lado psicológico muito afetado...								
444.	e a gente vê assim que as crianças tão ficando muito com a... com a mentalidade... com a cabeça... com os pensamen/ com o lado psicológico muito afetado... tanto que a gente vê que os consultórios tão CHEIOS né... de crianças com problemas...	p	8	/	1				RO 102
445.	tanto que a gente vê que os consultórios tão cheios né... de crianças com problemas... que aparentemente elas num teriam problema nenhum... num po/ num precisariam ter problema nenhum	c	7	y	/				RO 102
446.	que aparentemente elas num teriam problema nenhum... num po/ num precisariam ter problema nenhum que:: até financeiramente... elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem...	c	7	y	/				RO 102
447.	elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né... se CALÇAM bem... né... tão na moda...vão e saem... mas tem problema psicológico	p	8	/	1				RO 102
448.	elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né... se CALÇAM bem... né... tão na moda...vão e saem... mas tem problema psicológico	p	8	/	1				RO 102
449.	elas são bem tratadas elas se vestem muito bem... elas até comem bem... né... se CALÇAM bem... né... tão na moda...vão e saem... mas tem problema psicológico porque há a falta desse pai e dessa mãe...	c	7	z	/				RO 102
450.	aí a gente vê né... filho... a aí começa mexer com droga... éh o problema do alcoolismo...	a	7	x	/				RO 102
451.	aí a gente vê né... filho... a aí começa mexer com droga... éh o problema do alcoolismo...	p	8	/	1				RO 102
452.	aí a gente vê né... filho... a aí começa mexer com droga... éh o problema do alcoolismo... né... a gente vê a FEBEM tão lotada de adolescentes...	p	8	/	1				RO 102
453.	a gente vê a febem tão lotada de adolescentes... que há... a gente éh:: eu sinto... que há essa falta da família... essa falta do seto familiar...	c	7	x	/				RO 102
454.	um fica com uma vó outro fica com outro éh... (o restante) vai com uma tia ou com u::/ com uma outra irmã... então acaba separando... e a criança acaba se sentindo muito sozinha	a	7	Z	/				RO 102
455.	a criança acaba se sentindo muito sozinha naquele momento da vida dela que ela precisa muito de de adulto... de adulto junto que ajude... educar ela... então eu vejo essa... que a sociedade só vai poder melhorar... também... nesse... nesse lado familiar...	a	7	X	/				RO 102
456.	então eu vejo essa... que a sociedade só vai poder melhorar... também... nesse... nesse lado familiar... a partir de que as famílias forem unidas... que os casais... éh... assim...a: partir do momento que assume... ou que casou na igreja... ou que casou... no civil... ou que se ajuntou... leve essa responsabilidade...	c	7	y	/				RO 102
457.	a: partir do momento que assume... ou que casou na igreja... ou que casou... no civil... ou que se AJUNTOU... LEVE essa RESPONSABILIDADE... que a partir do momento que você coloca um outro ser humano no mundo... você é res/ VOCÊS DOIS... no caso as duas pessoas... é RESPONSÁVEL... por aquela pessoa até a fase adulta dela	c	7	y	/				RO 102

458.	Inf.1: tá... não tudo bem <i>no problem</i> Inf.2: ou eu tô viciada no <i>orkut</i> ... eu sou viciada	i	8	/	5	AI 005
459.	Inf.1: e aí? vai prá casa esse fim de semana? Inf.2: eu vou... de carro	g	8	/	5	AI 005
460.	Inf.1: e aí vai prá casa esse fim de semana? Inf.2: eu vou... de carro Inf.1: éh? Inf.2: éh... venho só terça-feira Inf.1: cê vai vim terça prá que? só pa ficar estudando? Inf.2: éh:: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu	v	8	/	1	AI 005
461.	Inf.1: cê vai vim terça prá que? só pa ficar estudando? Inf.2: éh:: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu (inf.1: ah bom) aí eu vou vim...	a	7	y	/	AI 005
462.	Inf.2: éh:: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu (inf.1: ah bom) aí eu vou vim... pô tá calor né? Inf.1: ai tá né	p	8	/	1	AI 005
463.	Inf.2: éh:: só pra discutir exercício com o Fortinho sabe? que ele pediu (inf.1: ah bom) aí eu vou vim... pô tá calor né? Inf.1: ai tá né?	p	8	/	1	AI 005
464.	Inf.2: computador é lerdo né? ((inf.1: ãh?)) computador é lerdo	p	8	/	1	AI 005
465.	Inf.2: computador é lerdo né? ((inf.1: ãh?)) computador é lerdo Inf.1: ah esse é viu?	v	8	/	1	AI 005
466.	Inf.2: ou aquele menino é tão bonzinho... eu gosto tanto dele Inf.1: nossa eu também	i	8	/	5	AI 005
467.	Inf.2: sério... UM HOMEM é mais vaidoso que a [gente] Inf.1: [gente] é muito né	p	8	/	1	AI 005
468.	Inf.1: não pode não pode... não pode não pode não pode... ((risos)) lembra aquele:: aquele cara da Xuxa Inf.2: qual meu?	n	8	/	5	AI 005
469.	Inf.2: quem que é esse Mã?... fiquei curio::sa	i	8	/	4	AI 005

	Inf. 1: ah é da televisão lá...								
470.	Inf. 1: cé assiste Tom Cavalcante? Inf. 2: não Inf. 1: ah então como é que cé saber?	a	7	y	/				AI 005
471.	Inf. 1: cé assiste Tom Cavalcante? Inf. 2: não Inf. 1: ah então como é que cé saber? Inf. 2: cara eu tô tentando pe/ lembrar da Xuxa	b	8	/	5				AI 005
472.	Inf. 2: ai vai dar pau (referindo-se ao computador) Inf. 1: por que? fe/ fecha e abre de novo às vezes dá certo... ai eu fiquei até com dó do Clotílzio sabia?	v	8	/	1				AI 005
473.	Inf. 1: por que? fe/ fecha e abre de novo às vezes dá certo... ai eu fiquei até com dó do Clotílzio sabia? Inf. 2: ai eu tô com muita... pena dele assim... eu lembro do meu pai essas coisa sabe Má? operaçã:..o... hospital:.... tensã:..o	v	8	/	1				AI 005
474.	Inf. 2: ai eu tô com muita... pena dele assim... eu lembro do meu pai essas coisa sabe Má? operaçã:..o... hospital:.... tensã:..o Inf. 1: mas por que teu pai passou por tudo isso?	c	7	y	/				AI 005
475.	Inf. 1: mas por que teu pai passou por tudo isso? Inf. 2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses Marina... meu pai operou na cabeça... ele tinha aneurisma... sabe? ((inf. 1: ãh)) fez na veia dele...	v	8	/	1				AI 005
476.	Inf. 2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses Marina... meu pai operou na cabeça... ele tinha aneurisma... sabe? ((inf. 1: ahm)) fez na veia dele...	s	8	/	2				AI 005
477.	Inf. 2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses Marina... meu pai operou na cabeça... ele tinha aneurisma... sabe? ((inf. 1: ãh)) fez na veia dele... a PONte sabe? .. cortou meu pai aqui de fora a fora ((inf. 1: ham))	v	8	/	1				AI 005
478.	Inf. 2: nossa... meu pai ficou vegetando três meses Marina... meu pai operou na cabeça... ele tinha aneurisma... sabe? ((inf. 1: ãh)) fez na veia dele... a PONte sabe? .. cortou meu pai aqui de fora a fora ((inf. 1: ham)) meu pai operou dia... ficou um me/ antes de operar ele ficou um mês e meio de com pneumonia... porque não podia operar... e ele fumou... muito... na vida dele... beleza	c	7	y	/				AI 005
479.	Inf. 2: (...) e ele fumou... muito... na vida dele... beleza ((inf. 1: cigarro né?)) éh... maldito... beleza aí conseguiu operar ((inf. 1: hum))	p	8	/	1				AI 005
480.	Inf. 2: (...) e ele fumou... muito... na vida dele... beleza ((inf. 1: cigarro né?)) éh... maldito... beleza aí conseguiu operar ((inf. 1: hum))	a	7	y	/				AI 005

481.	Inf.2: (...) e ele fumou... muito... na vida dele... beleza ((inf.1: cigarro né?)) éh... maldito... beleza aí conseguiu operar ((inf.1: uhm))	s	8	/	2	AI 005
482.	Inf.2: (...) aí conseguiu operar ((inf.1: hum)) depois de:: quase dois meses ((inf.1: uhm uhm)) e ele tava super bem no mesmo...	s	8	/	2	AI 005
483.	Inf.2: (...) aí conseguiu operar ((inf.1: hum)) depois de:: quase dois meses ((inf.1: huhum)) e ele tava super bem no mesmo...	c	7	y	/	AI 005
484.	Inf.2: (...) aí conseguiu operar ((inf.1: hum)) depois de:: quase dois meses ((inf.1: huhum)) e ele tava super bem no mesmo... no outro dia deu aneurisma no outro lado... mas aí a veta explodiu mesmo assim ((inf.1: aí nossa)) aí demorou mais três meses prá ele morrer...	a	7	y	/	AI 005
485.	Inf.2: (...) meu pai tava parecendo um velho de oitenta e cinco anos... não é demais ((informante se emociona))... era... num sei... era um objeto... que num falava num andava num... sabe? e tinha um buraco aqui de onde saia o catarro DA pneumonia...	v	8	/	1	AI 005
486.	Inf.2: (...) meu pai tava parecendo um velho de oitenta e cinco anos... não é demais ((informante se emociona))... era... num sei... era um objeto... que num falava num andava num... sabe? e tinha um buraco aqui de onde saia o catarro DA pneumonia... meu pai morreu com pneumonia também Inf.1: ah sei... daqueles canos aquelas ² [coisas?] Inf.2: ² [e eu] tinha que fazer lá em casa ((inf.1: ham::)) no meu pai...	c	7	y	/	AI 005
487.	Inf.2: ¹ [e eu] tinha que fazer lá em casa ((inf.1: ham::)) no meu pai... ((inf.1: nossa Cibele)) tinha que fazer direto... imagina eu vendo meu pai na beira da morte... na/ agora eu num choro... ((inf.1: numa situação daquelas né?)) mas eu desesperada colocando CANO lá...	p	8	/	1	AI 005
488.	Inf.2: ¹ [e eu] tinha que fazer lá em casa ((inf.1: ham::)) no meu pai... ((inf.1: nossa Cibele)) tinha que fazer direto... imagina eu vendo meu pai na beira da morte... na/ agora eu num choro... ((inf.1: numa situação daquelas né?)) mas eu desesperada colocando CANO lá... ligava num motor e falava faz/ rezava po negócio sair assim sabe? ((inf.1: nossa::))	c	7	y	/	AI 005
489.	Inf.2: ² [e eu] tinha que fazer lá em casa ((inf.1: ham::)) no meu pai... ((inf.1: nossa Cibele)) tinha que fazer direto... imagina eu vendo meu pai na beira da morte... na/ agora eu num choro... ((inf.1: numa situação daquelas né?)) mas eu desesperada colocando CANO lá... ligava num motor e falava faz/ rezava po negócio sair assim sabe? ((inf.1: nossa::))	v	8	/	1	AI 005
490.	Inf.2: ¹ [e eu] tinha que fazer lá em casa ((inf.1: ham::)) no meu pai... ((inf.1: nossa Cibele)) tinha que fazer direto... imagina eu vendo meu pai na beira da morte... na/ agora eu num choro... ((inf.1: numa situação daquelas né?)) mas eu desesperada colocando CANO lá... ligava num motor e falava faz/ rezava po negócio sair assim sabe? ((inf.1: nossa::)) (pra ele não morrer asfixiado) ((inf.1: ham::)) minha mãe assim sabe? acho que foi... foi horrível	v	8	/	1	AI 005
491.	Inf.2: (...) ai num deu pau ((informante volta a falar do computador)) deu pau... Inf.1: e se você reiniciar o computador... às vezes quando ele fica muito tempo ligado ((inf.2: ah)) ele dá meio... sono nele... aí cê reinicia ele... aí ele funciona de novo...	c	7	y	/	AI 005

492.	<p>Inf.2: (...) ai num deu pau ((informante volta a falar do computador)) deu pau...</p> <p>Inf.1: e se você reiniciar o computador... às vezes quando ele fica muito tempo ligado ((inf.2: ahm)) ele dá meio... sono nele... af cê reinicia ele... af ele funciona de novo...</p>	s	8	/	2	AI 005
493.	<p>Inf.2: (...) ai num deu pau ((informante volta a falar do computador)) deu pau...</p> <p>Inf.1: e se você reiniciar o computador... às vezes quando ele fica muito tempo ligado ((inf.2: ah)) ele dá meio... sono nele... af cê reinicia ele... af ele funciona de novo...</p>	a	7	y	/	AI 005
494.	<p>Inf.1: (...) nossa eu fico imaginando você e sua mãe sozi:nhas né tendo que cuidar dele... é difícil</p> <p>Inf.2: não mas... isso que minha família é muito unida... tem ele tinha dez irmãos</p>	c	7	y	/	AI 005
495.	<p>Inf.2: (...) eu perdi minha avó e o meu pai...³ [na mesma] época... e o meu tio depois de um ano... oito meses... oh... não... foi foi <i>trash</i>... acho que é por isso que eu sou assim tão madura em relação a esse negócio tipo um dia vai (né essas coisas)... porque em vista do meu pai...</p>	p	8	/	1	AI 005
496.	<p>Inf.1: (...) eu perdi minha avó e o meu pai...³ [na mesma] época... e o meu tio depois de um ano... oito meses... oh... não... foi foi <i>trash</i>... acho que é por isso que eu sou assim tão madura em relação a esse negócio tipo um dia vai (né essas coisas)... porque em vista do meu pai... que dificuldade cê vai ter?... ((inf.1: é verdade)) sabe? ((inf.1: Cibele)) e a o eu acho que era a hora do meu pai ir mesmo</p>	v	8	/	1	AI 005
497.	<p>Inf.1: (...) eu perdi minha avó e o meu pai...³ [na mesma] época... e o meu tio depois de um ano... oito meses... oh... não... foi foi <i>trash</i>... acho que é por isso que eu sou assim tão madura em relação a esse negócio tipo um dia vai (né essas coisas)... porque em vista do meu pai... que dificuldade cê vai ter?... ((inf.1: é verdade)) sabe? ((inf.1: Cibele)) e a o eu acho que era a hora do meu pai ir mesmo</p>	c	7	y	/	AI 005
498.	<p>Inf.2: (...) eu perdi minha avó e o meu pai...³ [na mesma] época... e o meu tio depois de um ano... oito meses... oh... não... foi foi <i>trash</i>... acho que é por isso que eu sou assim tão madura em relação a esse negócio tipo um dia vai (né essas coisas)... porque em vista do meu pai... que dificuldade cê vai ter?... ((inf.1: é verdade)) sabe ((inf.1: Cibele)) e a o eu acho que era a hora do meu pai ir mesmo</p> <p>Inf.1: perdeu³ [seu tio]</p> <p>Inf.1: ah Cibele oh... num cai uma folha sem ser a hora... ((inf.2: isso)) num tem conversa não... ((inf.2: eu também acho))</p>	v	8	/	3	AI 005
499.	<p>Inf.1: ah Cibele oh... num cai uma folha sem ser a hora... ((inf.2: isso)) num tem conversa não... ((inf.2: eu também acho)) hoje eu tava até comentando isso né? porque eu perdi meu tio num acidente trágico lá...</p>	p	8	/	1	AI 005
500.	<p>Inf.1: ah Cibele oh... num cai uma folha sem ser a hora... ((inf.2: isso)) num tem conversa não... ((inf.2: eu também acho)) hoje eu tava até comentando isso né porque eu perdi meu tio num acidente trágico lá... cê lembra⁴ [que eu] contei e tal... ((inf.2: [ah eu lembro])) e a minha avó num recupera né... até hoje minha avó tá meio ruim...</p>	p	8	/	1	AI 005
501.	<p>Inf.1: (...) eu perdi meu tio num acidente trágico lá... cê lembra⁴ [que eu] contei e tal... ((inf.2: [ah eu lembro])) e a minha avó num recupera né... até hoje minha avó tá meio ruim... mas num adianta... eu tava até comentando com uma amiga minha hoje... chegou gente... a gente vai brigar com quem?...</p>	c	7	y	/	AI 005

502.	Inf. 1: (...) eu tava até comentando com uma amiga minha hoje... chegou gente... a gente vai brigar com quem?... me fala? vai trazer meu tio de volta? ((inf.2: não)) adianta minha avó acordar seis e meia da manhã gritando de tanto chorar acordando os vizinho... num volta... vai fazer o que com o meu tio?... meu tio já passou dessa uai... fazer o que chegou a hora dele?... cumpriu a missão... uai... sabe? é isso que eu fico pensando	v	8	/	1	AI 005
503.	Inf. 1: (...) minha avó perdeu um filho nossa ((inf.2: num é porque ela pe/)) eu não eu não sei a dor que uma mãe sente ao perder um filho... porque eu num sou mãe de ninguém... mas eu imagino que deve ser uma dor absurda porque tem coisa que só a mãe faz né... mas ela ficou com outros quatro filhos aqui que que sofrem... de ver ⁵ [ela] daquele jeito sabe?	c	7	y	/	AI 005
504.	Inf. 1: (...) minha avó perdeu um filho nossa ((inf.2: num é porque ela pe/)) eu não eu não sei a dor que uma mãe sente ao perder um filho... porque eu num sou mãe de ninguém... mas eu imagino que deve ser uma dor absurda porque tem coisa que só a mãe faz né... mas ela ficou com outros quatro filhos aqui que que sofrem... de ver ⁵ [ela] daquele jeito sabe? Inf.2: ⁵ [ela desse jeito] Inf.2: a minha avó se acabou por causa justamente de uma...	v	8	/	1	AI 005
505.	Inf.1: (...) minha avó e meu pai no mesmo quarto... colocaram uma cortina no hospital... ali no quarto ((inf.1: uhm)) que tavam só os dois...	s	8	/	2	AI 005
506.	Inf.2: (...) minha avó e meu pai no mesmo quarto... colocaram uma cortina no hospital... ali no quarto ((inf.1: hum)) que tavam só os dois... pegaram um quarto realmente só pros dois ((inf.1: uhm uhm)) imagine então minha mãe... ver o marido morrendo de um lado e minha avó com derrame morrendo do outro	s	8	/	2	AI 005
507.	Inf.2: (...) pegaram um quarto realmente só pros dois ((inf.1: huhum)) imagine então minha mãe... ver o marido morrendo de um lado e minha avó com derrame morrendo do outro ((inf.1: hum::)) e eu ((indo visitar)) e eu cuidando do meu pai... e eu com faculdade... e eu com um monte de coisa prá fazer... ah Marina foi Deus...	c	7	x	/	AI 005
508.	Inf.2: (...) pegaram um quarto realmente só pros dois ((inf.1: huhum)) imagine então minha mãe... ver o marido morrendo de um lado e minha avó com derrame morrendo do outro ((inf.1: hum::)) e eu ((indo visitar)) e eu cuidando do meu pai... e eu com faculdade... e eu com um monte de coisa prá fazer... ah Marina foi Deus...	c	7	y	/	AI 005
509.	Inf.2: (...) pegaram um quarto realmente só pros dois ((inf.1: huhum)) imagine então minha mãe... ver o marido morrendo de um lado e minha avó com derrame morrendo do outro ((inf.1: hum::)) e eu ((indo visitar)) e eu cuidando do meu pai... e eu com faculdade... e eu com um monte de coisa prá fazer... ah Marina foi Deus...	c	7	y	/	AI 005
510.	Inf.2: (...) pegaram um quarto realmente só pros dois ((inf.1: huhum)) imagine então minha mãe... ver o marido morrendo de um lado e minha avó com derrame morrendo do outro ((inf.1: hum::)) e eu ((indo visitar)) e eu cuidando do meu pai... e eu com faculdade... e eu com um monte de coisa prá fazer... ah Marina foi Deus...	c	7	y	/	AI 005
511.	Inf.2: (...) imagine então minha mãe... ver o marido morrendo de um lado e minha avó com derrame morrendo do outro ((inf.1: hum::)) e eu ((indo visitar)) e eu cuidando do meu pai... e eu com um monte de coisa prá fazer... ah Marina foi Deus... eu num reprovei porque foi Deus... num sei o que aconteceu Inf. 1: ah na verdade eu acho que essas hora a gente tenta buscar força que nem cê viu que a tua mãe tava precisando mais de você... né naquele momento...	p	8	/	1	AI 005

512.	Inf.1: ah na verdade eu acho que essas hora a gente tenta buscar força que nem cê viu que a tua mãe tava precisando mais de você... né naquele momento... ((inf.2: ahm :)) então cê tirou força sabe Deus ⁶ [DE ONDE] mas	s	8	/	2	AI 005
513.	Inf.2: (...) eu acho que é só Deus que sabe da onde eu tirei A FORÇA Inf.1: que você precisava dá... ajudar sua mãe... porque se você desmoronasse sua mãe vinha junto né ((inf.2: vinha... minha mãe vinha)) então Inf.2: ah vinha Marina... certeza... ela despencaava ainda mais que eu ainda	p	8	/	1	AI 005
514.	Inf.2: (...) eu acho que é só Deus que sabe da onde eu tirei A FORÇA Inf.1: que você precisava dá... ajudar sua mãe... porque se você desmoronasse sua mãe vinha junto né ((inf.2: vinha... minha mãe vinha)) então Inf.2: ah vinha Marina... certeza... ela despencaava ainda mais que eu ainda Inf.1: é porque afinal de contas ela tava perdendo a mãe e o marido ((inf.2: tava)) imagina... que situação	a	7	y	/	AI 005
515.	Inf.1: é porque afinal de contas ela tava perdendo a mãe e o marido ((inf.2: tava)) imagina... que situação Inf.1: não era era situação assim... de manhã minha... a família ia dar banho no meu pai e à tarde a gente ia na minha avó pa dar banho na minha avó... sabe? ... e de brin/ e naquele lance assim... qual vai primeiro e quando vai?	v	8	/	1	AI 005
516.	Inf.1: é porque afinal de contas ela tava perdendo a mãe e o marido ((inf.2: tava)) imagina... que situação Inf.1: não era era situação assim... de manhã minha... a família ia dar banho no meu pai e à tarde a gente ia na minha avó pa dar banho na minha avó... sabe?... e de brin/ e naquele lance assim... qual vai primeiro e quando vai?	c	7	y	/	AI 005
517.	Inf.1: (...) às vezes eu chegava na faculdade e tinha que chorar... eu entrava em pânico... agarrava o Durval e ficava chorando com o Durval... um do meu... um dos meus melhores amigos... eu chorava chorava e ninguém tipo ele num sabia o que fazer comigo ((inf.2: inint.)) mas eu chorava aqui e não em casa ((inf.1: é)) sabe? Inf.1: eu imagino... na verdade lá cê num podia ⁷ [(chorar nada)]	v	8	/	2	AI 005
518.	Inf.1: (...) às vezes eu chegava na faculdade e tinha que chorar... eu entrava em pânico... agarrava o Durval e ficava chorando com o Durval... um do meu... um dos meus melhores amigos... eu chorava chorava e ninguém tipo ele num sabia o que fazer comigo ((inf.2: inint.)) mas eu chorava aqui e não em casa ((inf.1: éh)) sabe? Inf.1: eu imagino... na verdade lá cê num podia ⁷ [(chorar nada)]	v	8	/	1	AI 005
519.	Inf.1: (...) eu chorava chorava e ninguém tipo ele num sabia o que fazer comigo ((inf.2: inint.)) mas eu chorava aqui e não em casa ((inf.1: éh)) sabe? Inf.1: eu imagino... na verdade lá cê num podia ⁷ [(chorar nada)] Inf.2: ah ⁷ [depois (inint.) vou ficar aqui num] vai dar certo ((falam do computador)) Inf.1: pelo visto tá meio ruim assim mesmo	a	7	x	/	AI 005

528.	Inf.2: mas vamo vê a Ma... a Hermínia vai falar com ele quem sabe num num Inf.1: é...	v	8	/	2	AI 005
529.	Inf.1: éh... eu tô com dó sabe de quem? da esposa dele... cê viu que ela tá segurando um barra né ((inf.2: eu vi)) pelo que a Hermínia falou ela escuta ele ao mesmo tempo... tem que conciliar o trabalho dele...	p	8	/	1	AI 005
530.	Inf.1: pelo que a Hermínia falou ce viu? ela escuta ele ao mesmo tempo... tem que conciliar o trabalho dele...	o	8	/	1	AI 005
531.	Inf.1: éh... eu tô com dó sabe de quem? da esposa dele... cê viu que ela tá segurando um barra né ((inf.2: eu vi)) pelo que a Hermínia falou ela escuta ele ao mesmo tempo... tem que conciliar o trabalho dele... que diz que ontem ela tava aí... lembra? ((inf.2: lembro)) quer dizer ela deve tem vindo conversar com alguém...dar alguma sa/ algum tipo de satisfação né vai saber ((inf.2: com certeza))	p	8	/	1	AI 005
532.	Inf.1: éh... eu tô com dó sabe de quem? da esposa dele... cê viu que ela tá segurando um barra né ((inf.2: eu vi)) pelo que a Hermínia falou ela escuta ele ao mesmo tempo... tem que conciliar o trabalho dele... que diz que ontem ela tava aí... lembra? ((inf.2: lembro)) quer dizer ela deve tem vindo conversar com alguém...dar alguma sa/ algum tipo de satisfação né vai saber ((inf.2: com certeza)) preocupada com o marido lá... já pensou que situa/ Inf.2: e ela é tão boazinha né ((inf1: ela é... nossa)) ela tava lá no INPA com ele...	c	7	/	/	AI 005
533.	Inf.2: e ela é tão boazinha né ((inf1: ela é... nossa)) ela tava lá no INPA com ele...	p	8	/	1	AI 005
534.	Inf.2: e ela é tão boazinha né ((inf1: ela é... nossa)) ela tava lá no INPA com ele... ela e a filha dele ((inf.1: jura... ela acompanhã?) é foi assim... teve um dia que a gente tava em Co/ no primeiro dia que a gente chegou no domingo fomos prá Copacabana ver a praia né ((inf.1: ham)) nunca vai lá tal... quando vai vai direto na praia	p	8	/	1	AI 005
535.	Inf.2: e ela é tão boazinha né ((inf1: ela é... nossa)) ela tava lá no INPA com ele... ela e a filha dele ((inf.1: jura... ela acompanhã?) é foi assim... teve um dia que a gente tava em Co/ no primeiro dia que a gente chegou no domingo fomos prá Copacabana ver a praia né ((inf.1: ahm)) nunca vai lá tal... quando vai vai direto na praia	s	8	/	2	AI 005
536.	Inf.2: (...) no primeiro dia que a gente chegou no domingo fomos prá Copacabana ver a praia né ((inf.1: ham)) nunca vai lá tal... quando vai vai direto na praia ((risos)) só dá o Cro lá correndo porque... aqui tá a praia e aqui tem a pista... de correr né ((inf.1: ham)) e o Clo... ou o cara o cara num parece ter setenta anos de idade	p	8	/	1	AI 005
537.	Inf.2: (...) no primeiro dia que a gente chegou no domingo fomos prá Copacabana ver a praia né ((inf.1: ham)) nunca vai lá tal... quando vai vai direto na praia ((risos)) só dá o Cro lá correndo porque... aqui tá a praia e aqui tem a pista... de correr né ((inf.1: ahm)) e o Clo... ou o cara o cara num parece ter setenta anos de idade	s	8	/	2	AI 005
538.	Inf.2: (...) só dá o Cro lá correndo porque... aqui tá a praia e aqui tem a pista... de correr né ((inf.1: ham)) e o Clo... ou o cara o cara num parece ter setenta anos de idade Inf.1: mas ele tem setenta anos?	c	7	y	/	AI 005
539.	Inf.1: mas ele tem setenta anos?	p	8	/	1	AI 005

	<p>Inf.2: tem...((inf.1: ham::)) setenta e pouco acho... ou berando os setenta</p> <p>Inf.1: jura que é ⁸[tudo isso]?</p> <p>Inf.2: ⁸[juro por] Deus... num parece né? ((inf.1: não)) eu dou cinqüenta anos prá ele</p>							
540.	<p>Inf.2: ⁸[juro por] Deus... num parece né? ((inf.1: não)) eu dou cinqüenta anos prá ele ((inf.1: eu também)) e ele lá... correndo... e a doida aqui OH CRO... CLOTÍLZIO... e ele só... -"o ceis tão aqui... oi tudo bom" – e eu – "PROFESSOR... CORRE" – e o Durval – "cala o boca menina" – ((risos)) e eu - "CRO CORRE" –</p>	c	7	y	/			AI 005
541.	<p>Inf.2: ⁸[juro por] Deus... num parece né? ((inf.1: não)) eu dou cinqüenta anos prá ele ((inf.1: eu também)) e ele lá... correndo... e a doida aqui OH CRO... CLOTÍLZIO... e ele só... -"o ceis tão aqui... oi tudo bom" – e eu – "PROFESSOR... CORRE" – e o Durval – "cala o boca menina" – ((risos)) e eu - "CRO CORRE" –</p>	c	7	y	/			AI 005
542.	<p>Inf.2: ⁸[juro por] Deus... num parece né? ((inf.1: não)) eu dou cinqüenta anos prá ele ((inf.1: eu também)) e ele lá... correndo... e a doida aqui OH CRO... CLOTÍLZIO... e ele só... -"o ceis tão aqui... oi tudo bom" – e eu – "PROFESSOR... CORRE" – e o Durval – "cala o boca menina" – ((risos)) e eu - "CRO CORRE" –</p>	c	7	y	/			AI 005
543.	<p>Inf.2: ⁸[juro por] Deus... num parece né? ((inf.1: não)) eu dou cinqüenta anos prá ele ((inf.1: eu também)) e ele lá... correndo... e a doida aqui OH CRO... CLOTÍLZIO... e ele só... -"o ceis tão aqui... oi tudo bom" – e eu – "PROFESSOR... CORRE" – e o Durval – "cala o boca menina" – ((risos)) e eu - "CRO CORRE" –</p>	c	7	y	/			AI 005
544.	<p>Inf.2: ⁸[juro por] Deus... num parece né? ((inf.1: não)) eu dou cinqüenta anos prá ele ((inf.1: eu também)) e ele lá... correndo... e a doida aqui OH CRO... CLOTÍLZIO... e ele só... -"o ceis tão aqui... oi tudo bom" – e eu – "PROFESSOR... CORRE" – e o Durval – "cala o boca menina" – ((risos)) e eu - "CRO CORRE" –</p>	c	7	y	/			AI 005
545.	<p>Inf.1: quem te falou que ele tem setenta anos?</p> <p>Inf.2: a Gorete... quando eu entrei aqui... ele tinha sessenta e se::is sessenta e se::te ((inf.1: ham:: gen::te... tudo bem né que)) e fuma e igual uma (inint.) imagina se não fumasse</p>	p	8	/	1			AI 005
546.	<p>Inf.1: quem te falou que ele tem setenta anos?</p> <p>Inf.2: a Gorete... quando eu entrei aqui... ele tinha sessenta e se::is sessenta e se::te ((inf.1: ham:: gen::te... tudo bem né que)) e fuma e igual uma (inint.) imagina se não fumasse</p>	c	7	y	/			AI 005
547.	<p>Inf.1: quem te falou que ele tem setenta anos?</p> <p>Inf.2: a Gorete... quando eu entrei aqui... ele tinha sessenta e se::is sessenta e se::te ((inf.1: ham:: gen::te... tudo bem né que)) e fuma e igual uma (inint.) imagina se não fumasse</p> <p>Inf.1: então... assim a... a pessoa que é negra... ((inf.2: não)) ela não aparenta tanta idade</p>	a	7	x	/			AI 005
548.	<p>Inf.1: quem te falou que ele tem setenta anos?</p> <p>Inf.2: a Gorete... quando eu entrei aqui... ele tinha sessenta e se::is sessenta e se::te ((inf.1: ham:: gen::te... tudo bem né que)) e fuma e igual uma (inint.) imagina se não fumasse</p>	a	7	x	/			AI 005

	Inf. 1: então... assim a... a pessoa que é negra...								
549.	Inf. 1: então... assim a... a pessoa que é negra... ((inf.2: não)) ela não aparenta tanta idade Inf.2: minha mãe fala... que a pele de negro é mui::to melhor ((inf.1: mui::to boa)) boa né	p	8	/	1			AI 005	
550.	Inf. 1: então... assim a... a pessoa que é negra... ((inf.2: não)) ela não aparenta tanta idade Inf.2: minha mãe fala... que a pele de negro é mui::to melhor ((inf.1: mui::to boa)) boa né Inf. 1: nossa... eles não aparenta idade ((inf.2: não)) mas:: SETENTA ANOS	c	7	y	/			AI 005	
551.	Inf.2: (inint.) ((risos)) quando a Gorete falou prá mim setenta anos ah sessenta e seis... é um número par... então daqui quatro anos ele vai fazer SETENTA? a Gorete – “éh::” – e eu – “cê tá ficando louca” – e ela – “num tô... é verdade”	c	7	y	/			AI 005	
552.	Inf.2: (inint.) ((risos)) quando a Gorete falou prá mim setenta anos ah sessenta e seis... é um número par... então daqui quatro anos ele vai fazer SETENTA? a Gorete – “éh::” – e eu – “cê tá ficando louca” – e ela – “num tô... é verdade”	c	7	y	/			AI 005	
553.	Inf. 1: ah então tá bom... ele tá no lucro gente ele é até muito paciente né ((inf.2: ih)) porque a pessoa que tem mais idade... ela vai ficando impaciente com o tempo num é?	p	8	/	1			AI 005	
554.	Inf. 1: ah então tá bom... ele tá no lucro gente ele é até muito paciente né ((inf.2: ih)) porque a pessoa que tem mais idade... ela vai ficando impaciente com o tempo num é?	o	8	/	1			AI 005	
555.	Inf. 1: ah então tá bom... ele tá no lucro gente ele é até muito paciente né ((inf.2: ih)) porque a pessoa que tem mais idade... ela vai ficando impaciente com o tempo num é? Inf.2: nossa vai... e ele é calmo né (inf1: se for ver é) anda ta ta normal assim	c	7	y	/			AI 005	
556.	Inf. 1: ah então tá bom... ele tá no lucro gente ele é até muito paciente né ((inf.2: ih)) porque a pessoa que tem mais idade... ela vai ficando impaciente com o tempo num é? Inf.2: nossa vai... e ele é calmo né (inf1: se for ver é) anda ta ta normal assim	p	8	/	1			AI 005	
557.	Inf.2: nossa vai... e ele é calmo né (inf1: se for ver é) anda ta ta normal assim	c	7	y	/			AI 005	
558.	Inf.2: nossa vai... e ele é calmo né (inf1: se for ver é) anda ta ta normal assim Inf. 1: e agüentar aluno até o setenta ano num é qualquer um não hein	c	7	y	/			AI 005	
559.	Inf.2: nossa vai... e ele é calmo né (inf1: se for ver é) anda ta ta normal assim Inf. 1: e agüentar aluno até o setenta ano num é qualquer um não hein?	s	8	/	1			AI 005	
560.	Inf. 1: e agüentar aluno até o setenta ano num é qualquer um não hein Inf.2: acho que é por isso que ele é... (inint.) porque no final das contas ele é calmo... ele dá as estouradinha né – “éh oh oh”	p	8	/	1			AI 005	
561.	Inf. 1: e agüentar aluno até o setenta ano num é qualquer um não hein	p	8	/	1			AI 005	

	<p>Inf-2: acho que é por isso que ele é... (inint.) porque no final das contas ele é calmo... ele dá as estouradinha né – “éh oh oh” – ((imitando a pessoa)) ((inf-1: dando dura né)) cê num entende nada... mas</p>	c	7	Y	/	AI 007
562.	<p>Inf-1: ah! num acredito tá ele faz isso Ataíde daqui a pouco ele vai chamar encosta essa porta aí Inf-2: não:: deixa chamar (inint) não faz mal prá ninguém (inint.) Inf-1: normal mesmo Inf-2: (inint.) Inf-1: e se ele escutar conversar ele fica na grade uh:: uh:: ele faz né Fernanda</p>					
563.	<p>Inf-1: ah! num acredito tá ele faz isso Ataíde daqui a pouco ele vai chamar encosta essa porta aí Inf-2: não:: deixa chamar (inint) não faz mal prá ninguém (inint.) Inf-1: normal mesmo Inf-2: (inint.) Inf-1: e se ele escutar conversar ele fica na grade uh:: uh:: ele faz né Fernanda Inf-2: (já já ele sai)</p>	p	8	/	1	AI 007
564.	<p>Inf-2: fui cortar cabelo lá coitado fiquei com dó do:: do:: do:: do Pedro lá Inf-1: porque? Inf-2: o irmão dele o Roq/conhece o:: os irmão dele Inf-1: num conheço Ataíde Inf-2: chama Roque tava sempre lá Inf-1: ahm Inf-2: (ele pegou uma infecção) ele machucou o dedinho do pé</p>	s	8	/	2	AI 007
565.	<p>Inf-2: o irmão dele o Roq/conhece o:: os irmão dele Inf-1: num conheço Ataíde Inf-2: chama Roque tava sempre lá Inf-1: ahm Inf-2: (ele pegou uma infecção) ele machucou o dedinho do pé Inf-1: ahm Inf-2: aí (foi) curativo curativo aí negocinho (inint.) apodreceu o dedo teve que cortar o dedo do pé</p>	s	8	/	2	AI 007

566.	<p>Inf-2: (ele pegou uma infecção) ele machucou o dedinho do pé</p> <p>Inf-1: ahm</p> <p>Inf-2: aí (foi) curativo curativo aí negocinho (inint.) apodreceu o dedo teve que cortar o dedo do pé</p> <p>Inf-1: ahm ahm</p> <p>Inf-2: aí o médico (com certeza) né ele pronto socorro essas coiseiras ficou esperando ²[esperando]</p>	s	8	/	2	AI 007
567.	<p>Inf-2: aí (foi) curativo curativo aí negocinho (inint.) apodreceu o dedo teve que cortar o dedo do pé</p> <p>Inf-1: ahm ahm</p> <p>Inf-2: aí o médico (com certeza) né ele pronto socorro essas coiseiras ficou esperando ²[esperando]</p> <p>Inf-1: ²[ahm]</p>	a	7	Y	/	AI 007
568.	<p>Inf-2: aí o médico (com certeza) né ele pronto socorro essas coiseiras ficou esperando ²[esperando]</p> <p>Inf-1: ²[ahm]</p> <p>Inf-2: apodreceu o dedo do pé teve que cortar o médico muito (inint.) fez exame diabete era diabético...circulação</p>	p	8	/	1	AI 007
569.	<p>Inf-2: aí o médico (com certeza) né ele pronto socorro essas coiseiras ficou esperando ²[esperando]</p> <p>Inf-1: ²[ahm]</p> <p>Inf-2: apodreceu o dedo do pé teve que cortar o médico muito (inint.) fez exame diabete era diabético...circulação</p>	s	8	/	2	AI 007
570.	<p>Inf-2: ⁴[num sei se ele vai cortar] a ponta do pé ⁵[ou mais]</p> <p>Inf-1: ⁵[a ponta do pé]</p> <p>Inf-2: então ele é solteiro (ele diz/ele diz que assim)</p> <p>Inf-1: corta ⁶[cabelo?]</p>	a	7	X	/	AI 007
571.	<p>Inf-2: então ele é solteiro (ele diz/ele diz que assim)</p> <p>Inf-1: corta ⁶[cabelo?]</p> <p>Inf-2: ⁶[ele também] é solteiro ⁷[aí ele]</p> <p>Inf-1: ⁷[ah! é]</p>	a	7	Y	/	AI 007
572.	<p>Inf-2: ele é (inint.) diz que faz três meses (falou que eu num durmo)</p> <p>Inf-1: uma senhora lá na/na ginástica tava contando pa outra perto de mim isso daí</p> <p>Inf-2: e:: ele ficou em casa aí fazendo curativo ele cortou os dois dedos (mas ele tá) (inint.) (atrapalhado) ele toma reme::dio</p>	c	7	Y	/	AI 007

573.	<p>Inf-2: ele é (inint.) diz que faz três meses (falou que eu num durmo)</p> <p>Inf-1: uma senhora lá na/na ginástica tava contando pa outra perto de mim isso daí</p> <p>Inf-2: e:: ele ficou em casa aí fazendo curativo ele cortou os dois dedos (mas ele tá) (inint.) (atrapalhado) ele toma reme::dio</p>	c	7	X	/	AI 007
574.	<p>Inf-2: meio explosivo meio não inteiro...éh::...não deixa fazer curativo diz que tá uma um:: desastre no hospital diz que ficou em casa aí diz gritava a noite inteira</p> <p>Inf-1: ⁷[mas deve doer]</p>	c	7	Y	/	AI 007
575.	<p>Inf-1: deve doer Ataíde</p> <p>Inf-2: agora tá internado lá hoje</p> <p>Inf-1: ahm</p> <p>Inf-2: acho que vai cortar num sei vai cortar a ponta do pé</p>	s	8	/	2	AI 007
576.	<p>Inf-1: escutei as mulher falar cortou um dedo cortou outro agora vai cortar a ponta</p> <p>Inf-2: é porque::</p> <p>Inf-1: aí então é esse caso mesmo elas tavam contando mas num perguntei quem era...as velhinhas lá onde eu faço ginástica</p>	a	7	Y	/	AI 007
577.	<p>Inf-2: os médico o seguinte quando eles vê que o caso é grave (inint.)</p> <p>Inf-1: ahm</p> <p>Inf-2: eles já ⁸[corta e tira]</p>	s	8	/	2	AI 007
578.	<p>Inf-2: os médico o seguinte quando eles vê que o caso é grave (inint.)</p> <p>Inf-1: ahm</p> <p>Inf-2: eles já ⁸[corta e tira]</p> <p>Inf-1: ⁸[e já corta mais] ¹⁰[prá cima]</p>	c	7	Y	/	AI 007
579.	<p>Inf-2: os médico o seguinte quando eles vê que o caso é grave (inint.)</p> <p>Inf-1: ahm</p> <p>Inf-2: eles já ⁸[corta e tira]</p> <p>Inf-1: ⁸[e já corta mais] ¹⁰[prá cima]</p> <p>Inf-2: ¹⁰[certo?]</p> <p>Inf-1: aí que dó</p>	d	8	/	1	AI 007
580.	<p>Inf-2: a turma tava lá em São Paulo lá o cara tava com o pé (inint.) cê via tudo os ossos o médico cortou tudo</p>	a	7	Y	/	AI

	<p>Inf-1: o marido da Gina já cortou mais da metade do pé...o Oswaldo</p> <p>Inf-2: (ainda a mulher) – “doutor”- não falou – “se eu cortar aqui depois de amanhã tenho que cortar aqui depois tenho que cortar aqui já corta aqui em cima” -</p>					007
581.	<p>Inf-2: (ainda a mulher) – “doutor”- não falou – “se eu cortar aqui depois de amanhã tenho que cortar aqui depois tenho que cortar aqui já corta aqui em cima” -</p> <p>Inf-1: ai</p> <p>Inf-2: prá ver se pega uma irrigação BOA aqui em cima</p> <p>Inf-1: nossa senhora aparecida deve doer ¹¹[deve doer]</p> <p>Inf-2: ¹¹[ai quando eu] tava saindo me apareceu só com essa parte aqui óh ((aponta para o pé))</p>	a	7	Y	/	AI 007
582.	<p>Inf-2: caiu lá do lado da minha cama desmaiou...(inint.) não sentia nem dor quem diz o outro que eu vi ¹³[coisa do arco da velha]</p> <p>Inf-1: ¹³[vê coisa] coisa que a gente nem sonha que vê né</p> <p>Inf-2: então o problema da circuí/QUEM tem problema de circulação e é diabético...sabe que nem diz a gíria tá fudido</p>	p	8	/	1	AI 007
583.	<p>Inf-2: caiu lá do lado da minha cama desmaiou...(inint.) não sentia nem dor quem diz o outro que eu vi ¹³[coisa do arco da velha]</p> <p>Inf-1: ¹³[vê coisa] coisa que a gente nem sonha que vê né</p> <p>Inf-2: então o problema da circuí/QUEM tem problema de circulação e é diabético...sabe que nem diz a gíria tá fudido</p>	a	7	X	/	AI 007
584.	<p>Inf-2: caiu lá do lado da minha cama desmaiou...(inint.) não sentia nem dor quem diz o outro que eu vi ¹³[coisa do arco da velha]</p> <p>Inf-1: ¹³[vê coisa] coisa que a gente nem sonha que vê né</p> <p>Inf-2: então o problema da circuí/QUEM tem problema de circulação e é diabético...sabe? que nem diz a gíria tá fudido</p>	v	8	/	1	AI 007
585.	<p>Inf-1: diabete ataca de tudo</p> <p>Inf-2: ataca tudo ataca as vistas tem gente que fica ce::go ataca a::</p> <p>Inf-1: as pernas porque é a circulação</p> <p>Inf-2: éh:: ataca o coração ataca um monte de coisas ataca a pressão vai te pegando devagarinho</p> <p>Inf-1: óh! dá parada cardíaca que ela dá</p>	v	8	/	3	AI 007
586.	<p>Inf-2: minha mãe morreu disso</p> <p>Inf-1: lógico que foi deu uma parada lógico que dá</p>	g	7	Y	/	AI 007

	<p>eu e a dona Isabel tinha duas só na porta esperando e a/a professora num tinha chegado aí chega uma chega outra chega a outra vai chegando devagar as velhinhas né aí a professora chegou e falou – “óh! cês espera que eu num tenho chave desse portão nós vamo entrar po lado de lá tá bom então fomo aí ela ficou na porta Ataíde olha a professora né beijou UMA POR UMA das velhinhas</p>					007
597.	<p>Inf-1: ai meu Deus do céu...tem outro tempo do jogo agora Inf-2: tem... Inf-1: e tem baralho também hoje Inf-2: num sei</p>	c	7	Y	/	AI 007
598.	<p>Inf-1: ai meu Deus do céu...tem outro tempo do jogo agora Inf-2: tem... Inf-1: e tem baralho também hoje Inf-2: num sei Inf-1: ah! mas se tiver jogo num tem baralho</p>	c	7	Y	/	AI 007
599.	<p>Inf-1: ele demorou prá cortar hoje ((fala rindo)) Inf-2: uh:: (inint.) Inf-1: até contar a história do:: do irmão hein? Inf-2: mas ele é assim mesmo...é sessenta e oito anos que aquele cara tem nós jogamo bola junto lá em Bady</p>	s	8	/	/	AI 007
600.	<p>Inf-1: ele demorou prá cortar hoje ((fala rindo)) Inf-2: uh:: (inint.) Inf-1: até contar a história do:: do irmão hein Inf-2: mas ele é assim mesmo...é sessenta e oito anos que aquele cara tem nós jogamo bola junto lá em Bady</p>	c	7	Y	/	AI 007
601.	<p>Inf-2: (...) nós jogamo bola junto lá em Bady Inf-1: num ACHO Inf-2: ele o irmão dele esse esse chama:: (filha dele que veio) ele chama o:: Inf-1: Roque Inf-2: Roque tem o/tem o outro magrinho que jogava bola também Inf-1: ¹⁷[é]</p>	v	8	/	/	AI 007

	Inf-2: ¹⁷ [(bastante irmão)] cê sabe lá nos café lá em:: lá em Bady também dos (inint.)								
602.	Inf-2: ¹⁷ [(bastante irmão)] cê sabe lá nos café lá em:: lá em Bady também dos (inint.) Inf-1: ah! eu não conheci não Inf-2: eles foram colonos lá sabe? colono né? (tinha casa do/tinha cinco seis casa) óh! os colono chama eles de colono	v	8	/	1				AI 007
603.	Inf-2: ¹⁷ [(bastante irmão)] cê sabe lá nos café lá em:: lá em Bady também dos (inint.) Inf-1: ah! eu não conheci não Inf-2: eles foram colonos lá sabe? colono né? (tinha casa do/tinha cinco seis casa) óh! os colono chama eles de colono	p	8	/	1				AI 007
604.	Inf-2: eles foram colonos lá sabe? colono né (tinha casa do/tinha cinco seis casa) óh! os colono chama eles de colono Inf-1: é Inf-2: é é os colono mesmo (inint.) trabalhava na roça...(colhia café) (inint.) porcentagem mas eles jogava chamava eles morava na fazenda lá perto (do sitio lá)	c	7	Y	/				AI 007
605.	Inf-2: é é os colono mesmo (inint.) trabalhava na roça...(colhia café) (inint.) porcentagem mas eles jogava chamava eles morava na fazenda lá perto (do sitio lá) Inf-1: é Inf-2: (inint)	v	8	/	2				AI 007
606.	Inf-2: é é os colono mesmo (inint.) trabalhava na roça...(colhia café) (inint.) porcentagem mas eles jogava chamava eles morava na fazenda lá perto (do sitio lá) Inf-1: é Inf-2: (inint) Inf-1: uhm Inf-2: e nós fazia um rachinha ali no (inint.) lá no campo	s	8	/	2				AI 007
607.	Inf-2: e nós fazia um rachinha ali no (inint.) lá no campo Inf-1: mas no campo de Bady ou no campo	c	7	Y	/				AI 007

AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 25 de novembro de 2007

ALESSANDRA REGINA GUERRA